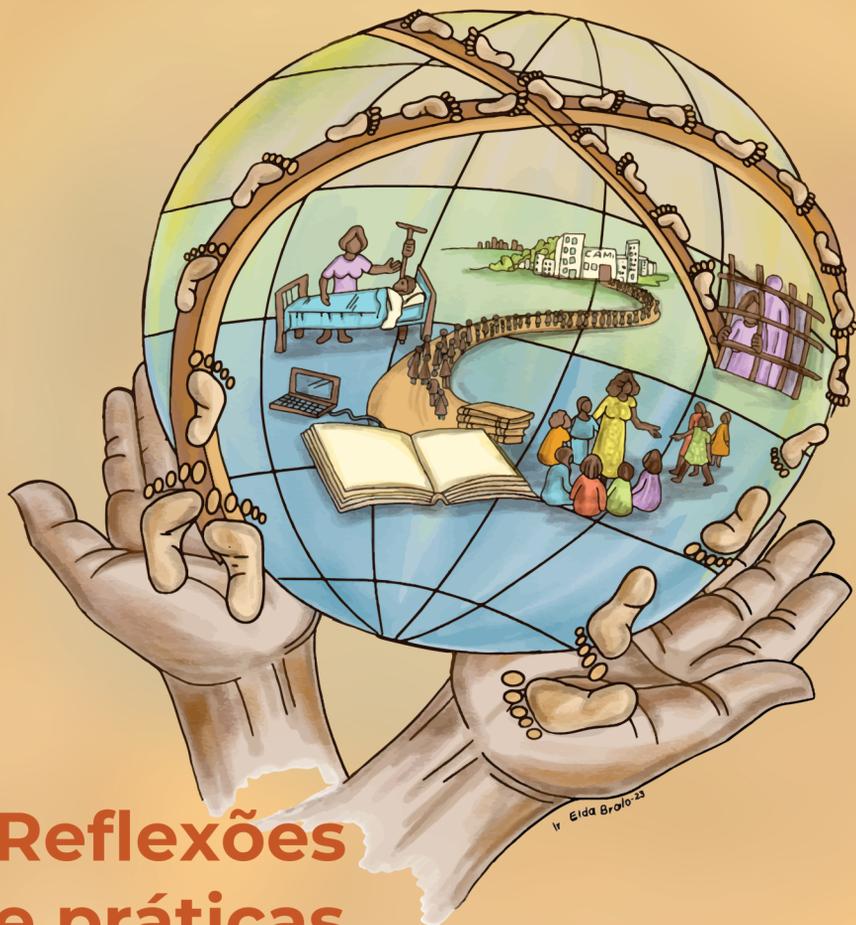


Pastoral dos Migrantes e dos Refugiados



**Reflexões
e práticas**
das Irmãs
Missionárias Scalabrinianas

Carmem Lussi
Organizadora

**Pastoral dos
migrantes e refugiados**
Reflexões e práticas das
Irmãs Missionárias Scalabrinianas

SÉRIE CAMINHOS DA EDITORA CSEM

8. Sergio Coutinho; Carmem Lussi. La chiesa brasiliana che viene a noi. Brasília: CSEM, 2020, 84 pp.
7. Carmem Lussi; Roberto Marinucci. Migrações, refúgio e comunidade cristã. Reflexões pastorais para a formação de agentes. Brasília/São Paulo: CSEM/Paulus, 2018, 175 pp.
6. Carmem Lussi. Migrações e alteridade na comunidade cristã: Ensaio de teologia da mobilidade humana. Brasília: CSEM, 2015, 301 pp.
5. CSEM (Org.). Mulher migrante: Agente de resistência e transformação, 2014, 112 pp. (e-book).
4. Analita Candaten; Marissônia Daltoé. Identidade da irmã scalabriniana. Aprofundar para testemunhar. Brasília, 2013, 105 pp. (e-book).
- 3.1. CSEM (Org.). Uma resposta ao carisma com dinamismo e profecia: IV Seminário Congregacional de Pastoral das Migrantes, 2012, 316 pp.
3. Irmãs Missionárias Scalabrinianas, Província Imaculada Conceição (Org.). Nas sendas do humano. Brasília: CSEM, 2006, 80 pp.
2. CSEM (Org.). Expressão de um Carisma a serviço dos Migrantes: III Seminário Congregacional da Pastoral das Migrações. Brasília: CSEM, 2006, 430 pp.
1. CSEM (Org.). A presença das Irmãs Missionárias Scalabrinianas na saúde: I Seminário Congregacional de Saúde Scalabriniana, 2005, 381 pp.

SÉRIE CAMINHOS - 9

CARMEM LUSSI

ORGANIZADORA

Pastoral dos migrantes e refugiados

Reflexões e práticas das Irmãs
Missionárias Scalabrinianas

V Seminário congregacional da Pastoral
dos migrantes e refugiados
Bogotá, 05 a 08/03/2024



CSEM


humilitas
SCALABRINIANE

BRASÍLIA

2024

O livro publica os textos produzidos para o V Seminário sobre a Pastoral dos Migrantes e Refugiados/as da Congregação das Irmãs Missionárias Scalabrinianas de São Carlos Borromeo, realizado em Bogotá de 5 a 8 de março de 2024.

Organização:

Animação Geral do Apostolado – Ir. Janete Aparecida Ferreira, mscs

Supervisão: Superiora Geral – Ir. Neusa de Fátima Mariano, mscs

Secretaria e logística: Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios – Ir. Marlene Elisabete Wildner

Comunicação: Ir. Luciana Pitol, mscs

Animação e mística:

Ir. Elda Broilo, mscs

Ir. Idalina Pelegrini, mscs

Ir. Isabel Escafuller Caminero, mscs

Colaboração: Equipe de Apoio e Reflexão da Missão Apostólica

Ir. Vicentina Roque, mscs – Província Maria Mãe dos Migrantes

Ir. Vijaya Stella John Joseph, mscs – Província São José

Ir. Nyzelle Juliana Dondé, mscs – Província Nossa Senhora de Fátima

Ir. Marcedita P. Saboga-a, mscs – Delegação Ásia

Ir. Lucilene Carolina de França, mscs

Ir. Marlene Wildner, mscs

Ir. María Eugenia Vázquez, mscs

Capa: Ir. Luciana Pitol, mscs

Diagramação: Traço Diferencial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Seminário congregacional de la Pastoral de los migrantes y de los refugiados
(5. : 5-8 mar. 2024 : Bogotá, Colômbia)

Pastoral dos migrantes e refugiados [livro eletrônico] : reflexões e práticas das
Irmãs Missionárias Scalabrinianas / organização Carmem Lussi – Brasília, DF :
Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios (CSEM), 2024. – (Série caminhos; 9)
PDF
368 p.; il.; 22 cm.

Vários colaboradores.
ISBN 978-65-85775-21-2

1. Direitos humanos (Direito internacional). 2. Migrações humanas. 3.
Mobilidade. 4. Organizações da sociedade civil. 5. Pastoral – Cristianismo. I.
Lussi, Carmem. II. Título. III. Série.

24-214848

CDD – 234.7

Índices para catálogo sistemático:

1. Pastoral : Cristianismo 253.7

Eliane de Freitas Leite – Bibliotecária – CRB 8/8415



SRTVN 702 – Conj. P – Ed. Brasília Rádio Center –
Sobrelojas 01/02
70719-900 – Brasília/DF – Brasil
Tel. +55 613327 0669
E-mail: csem@csem.org.br
www.csem.org.br



Irmãs Missionárias Scalabrinianas
Via Monte del Gallo, 68
00165 – Roma – Italia
Tel. +39 06 393 773 320
Email: segreteria generale@scalabriniane.org
www.scalabriniane.org

Todos os direitos reservados.

*Este trabalho pode ser reproduzido no todo ou em parte deste que a fonte seja citada.
Versão gratuita para download gratuito no site do CSEM – <https://www.csem.org.br/csem-livros/>.*

SUMÁRIO

- 13** APRESENTAÇÃO
- 16** PRIMEIRA PARTE:
ANÁLISE DA SITUAÇÃO MIGRATÓRIA E DAS RESPOSTAS DAS IRMÃS
MISSIONÁRIAS SCALABRINIANAS NA ATUALIDADE
- 17** A REALIDADE ONDE A CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS MISSIONÁRIAS DE
SÃO CARLOS, SCALABRINIANAS – MSCS ATUA
- 17** 1 Relatório sobre a realidade da migração no Brasil
Wellington da Silva de Barros
- 22** 2 Contextualização da realidade da migração nos países hispânicos da
América do Sul: Bolívia, Paraguai, Argentina, Colômbia e Equador
Ir. Juliana Rodrigues, mscs
- 27** 3 A realidade da mobilidade humana em Angola, Moçambique e África do
Sul
Ir. Carla Frey Bamberg, mscs
- 32** 4 A realidade da mobilidade humana na Europa
Ir. Eléia Scariot, mscs
- 40** 5 A realidade da migração nos EUA e no Canadá
Ir. Maria Arlina Barral, mscs
- 44** 6 A realidade da migração na região da América Central e no Caribe
Ir. Idalina Bordignon, mscs
- 47** 7 Experiência migratória na Ásia
Ir. Noemi E. Digo, mscs
- 51** 8 Análise de conjuntura da migração internacional
Ir. Carmen Elisa Bando

- 62** SEGUNDA PARTE: MACROESTRATÉGIAS DA AÇÃO MISSIONÁRIA DAS IRMÃS SCALABRINIANAS
- 63** RESPOSTAS DA CONGREGAÇÃO MSCS AOS DESAFIOS DA MOBILIDADE HUMANA
- 63** 1 Respostas da Congregação no Brasil
Ir. Idalina Pellegrini, mscs
Ir. Claudete Lodi Rissini, mscs
- 68** 2 Respostas MSCS à realidade migratória na Argentina, Paraguai, Bolívia, Equador e Colômbia
Ir. Juliana Rodrigues, mscs
- 73** 3 Respostas das Irmãs MSCS em África
Ir. Carla Frey Bamberg, mscs
- 79** 4 Principais macroestratégias adotadas pelas Irmãs MSCS na Europa
Ir. Leticia Gutierrez Valderrama, mscs
- 85** 5 Resposta pastoral da Província Nossa Senhora de Fátima nos EUA e Canadá
Ir. Maria Arlina Barral, mscs
- 88** 6 Respostas da Congregação MSCS na América Central e no Caribe
Ir. Idalina Bordignon, mscs
Ir. Lidia Mara Silva de Souza, mscs
- 90** 7 Respostas das Irmãs MSCS na Ásia
Ir. Noemi E. Digo, mscs
- 93** 8 Análise da ação estratégica da Congregação
Renata Dubini
- 100** 9 Democratizar o reencontro e promover o protagonismo
Hermel Mendoza Cedeño
- 108** 10 Análise da atuação estratégica da Congregação MSCS
Ir. Luiza Dal Moro, mscs
- 114** TERCEIRA PARTE: BOAS PRÁTICAS
- 115** BOAS PRÁTICAS DAS IRMÃS MISSIONÁRIAS SCALABRINIANAS
1 ACOLHIDA E PROTEÇÃO DA VIDA Missão Scalabriniana Pari – São Paulo/

- 115** Brasil: Acolhida, Promoção e Protagonismo
Ir. Shirley Anibale Guerra, mscs
- 123** 2 ACOLHIDA E PROTEÇÃO DA VIDA Instituto Madre Assunta de Tijuana
- México: A acolhida que favorece o encontro e o bem-estar de quem chega
Ir. Albertina Maria Pauletti, mscs
- 131** 3 ACOLHIDA E PROTEÇÃO DA VIDA Projeto LEGAME: Comunhão na diversidade para os cuidados de saúde mental
Ir. Odila Roman Ros, mscs
- 140** 4 ACOLHIDA E PROTEÇÃO DA VIDA Observações
Jaime Ruiz de Santiago
- 143** 5 ACOLHIDA E PROTEÇÃO DA VIDA Observações
Ir. Rosita Milesi, mscs
- 148** 6 PROMOÇÃO, INTEGRAÇÃO E PROTAGONISMO Migrantes retornados com deficiência para Honduras: integração e liderança
Ir. Ligia Ruiz Gamba, mscs
- 156** 7 PROMOÇÃO, INTEGRAÇÃO E PROTAGONISMO Meios de subsistência para a capacitação da economia social e solidária nas comunidades migrantes e de acolhimento
Ir. Leda Aparecida dos Reis, mscs
- 164** 8 PROMOÇÃO, INTEGRAÇÃO E PROTAGONISMO Centro Pastoral e de Formação (CEPCA) – (2022-2023)
Ir. Valdete Wilemann, mscs
- 171** 9 PROMOÇÃO, INTEGRAÇÃO E PROTAGONISMO DOS MIGRANTES E REFUGIADOS Observações
Ir. Valdiza Carvalho, mscs
- 174** 10 PROMOÇÃO, INTEGRAÇÃO E PROTAGONISMO Reflexões sobre a agência, a autonomia e a economia dos migrantes
Handerson Joseph
- 180** 11 ANIMAÇÃO PASTORAL E COORDENAÇÃO ESTRATÉGICA Experiência de Coordenação Nacional da Pastoral da Mobilidade Humana em Angola e São Tomé e Príncipe: Formação de líderes da pastoral dos migrantes e agentes da ordem pública
Ir. Carla Luisa Frey Bamberg, mscs
- 12 ANIMAÇÃO PASTORAL E COORDENAÇÃO ESTRATÉGICA Para

- 187** uma pastoral intercultural das migrações a nível diocesano – Formação e coordenação do pessoal em tempos de transição
Ir. Milva Caro, mscs
- 195** 13 ANIMAÇÃO PASTORAL E COORDENAÇÃO ESTRATÉGICA Pastoral intercultural nas dioceses de Messina e Siracusa, Itália
Ir. Vijaya Stella John Joseph, mscs
- 202** 14 ANIMAÇÃO PASTORAL E COORDENAÇÃO ESTRATÉGICA Observações
Ir. Marlene Wildner, mscs
- 208** 15 VIDA RELIGIOSA E PASTORAL DA MOBILIDADE HUMANA Observações
Israel Arévalo
- 214** 16 SENSIBILIZAÇÃO, TRABALHO EM REDE E INCIDÊNCIA Incidência e fraternidade social – Advocacy MSCS na defesa e ampliação dos direitos dos migrantes e refugiados
Adriano Pistorello
- 222** 17 SENSIBILIZAÇÃO, TRABALHO EM REDE E INCIDÊNCIA Criar, fomentar e reforçar as redes de colaboração através da promoção da educação internacional
Ir. Marcedita Placio Saboga-a, mscs
- 229** 18 SENSIBILIZAÇÃO, TRABALHO EM REDE E INCIDÊNCIA Identidade da Educação Scalabriniana
Ir. Sandra Maria Pinheiro, mscs
Tiago Ubinski
- 239** 19 SENSIBILIZAÇÃO, TRABALHO EM REDE E INCIDÊNCIA Observações
Ir. Leticia Gutierrez Valderrama, mscs
- 243** 20 SENSIBILIZAÇÃO, TRABALHO EM REDE E INCIDÊNCIA Observações
Jorge Durand
- 245** QUARTA PARTE: RAZÕES DAS ESCOLHAS ESTRATÉGICAS DA MISSÃO DAS IRMÃS MISSIONÁRIAS SCALABRINIANAS
I PERSPECTIVAS MISSIONÁRIAS DA FAMÍLIA SCALABRINIANA

-
- 246** 1 LEIGOS E LEIGAS MISSIONÁRIOS SCALABRINIANOS
Isaias Pablo Klin Carlotto
- 246** 2 MISSIONÁRIAS SECULARES SCALABRINIANAS
Luisa Deponti
- 254** 3 CONGREGAÇÃO DOS MISSIONÁRIOS DE SÃO CARLOS SCALABRINIANOS
Pe. Leonir Chiarello, cs
- 261** 4 IRMÃS MISSIONÁRIAS DE SÃO CARLOS BORROMEO, SCALABRINIANAS
Ir. Janete Ferreira, mscs
- 270** II CONSTRUIR UMA POLÍTICA MSCS DE VOLUNTARIADO
- 279** 1 Contribuição do CSEM para a elaboração de políticas congregacionais sobre voluntariado internacional
Igor Borges Cunha
Tuila Botega
- 279** 2 O voluntariado como opção política em defesa dos direitos humanos
Gaia Mormina
- 290** 3 Experiência de Voluntariado Internacional
Cristopher Montenegro
- 296** III CONSTRUINDO UM MODELO DE SERVIÇO ITINERANTE MSCS
- 299** 1 SERVIÇO ITINERANTE Reflexões sobre algumas experiências recentes
Roberto Marinucci
- 299** 2 SERVIÇO ITINERANTE Testemunho pessoal
Ir. Nyzelle Juliana Dondé, mscs
- 306** 3 COMUNIDADE INTERCONGREGACIONAL MISSIONÁRIA CIM – HAITI
Ir. María del Carmen Santoyo González
- 312**

- 316** IV INCIDÊNCIA PARA A DEFENSA E PROMOÇÃO DE DIREITOS
- 316** 1 ESTRATÉGIAS PARA PROTEGER OS MIGRANTES EM TRÂNSITO Lições da selva do Darén
Andreas E. Feldmann
- 323** 2 Defesa de causas relacionadas com a migração e os refugiados
Helena Olea
- 329** 3 TRABALHO EM REDE Experiência da Rede Clamor
Elvy Monzant
- 333** 4 TRABALH EM REDE PELA VIDA, A DIGNIDADE E OS DIREITOS HUMANOS A experiência de VIVAT Internacional
Ir. Clarice Barp, mscs
- 338** ANEXOS
- 339** 1 ASPECTO ECLESIAL Observações
Elvy Monzant
- 345** 2 ASPECTO MIGRATÓRIO Observações
Aimara Sanchez Martinez
- 349** 3 ELEMENTOS DE CONFIGURAÇÃO INSTITUCIONAL Observações
Anabela Belo
- 355** 4 PROGRAMA DO V SEMINÁRIO CONGREGACIONAL DA PASTORAL DOS MIGRANTES E REFUGIADOS/A Bogotá, 05-08 de março 2024
Irmãs Missionárias Scalabrinianas

APRESENTAÇÃO

Queridas Irmãs,

Prezadas senhoras e prezados senhores que nos honram com vossa presença nesse evento importante da Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo, Scalabrinianas

Que bom estarmos reunidos aqui! E, especialmente a vocês minhas coirmãs, eu digo: que bom estarmos juntas! Que bom nos encontramos como família Scalabriniana. É motivo de gratidão a Deus e de feliz esperança em nossa caminhada nos encontrarmos para um tempo intensivo de convivência e partilha neste local, no coração da Igreja latino-americana. Gratidão por esta oportunidade e por você estar aqui. Os sentimentos de alegria pelo encontro são fermento de vitalidade e missionariedade, e tudo isso é bênção para a Missão e para a vida que somos chamados a acolher, promover, proteger e integrar onde quer que o Senhor nos conduza. E, ao mesmo tempo, é uma honra e uma responsabilidade contar com todas e todos vocês neste compromisso.

Em nosso jeito de seremos Irmãs missionárias Scalabrinianas e de vivermos a vocação e a missão, de nos doarmos no serviço evangélico e missionário junto aos migrantes e refugiados, aprendemos – há muito tempo, diga-se de passagem – que a partilha da vida, na fé e no carisma scalabriniano, não é um princípio simplesmente, faz parte daquela vivência pela qual nos fazemos migrantes com os migrantes e, existencialmente, missionárias em nosso modo de viver, celebrar e testemunhar a vida e a fé.

A configuração do nosso jeito de construir relações fraternas e sororais nas comunidades e nos contextos em que atuamos a serviço da vida, com dignidade, sem discriminação nem exclusão, acontece através da partilha, escuta, diálogo, corresponsabilidade, compromisso, reciprocidade. Este evento faz parte desse tipo de processo que nos forma e nos motiva, por isso também nos orgulha e nos desafia e, por causa dessa relevância, nos encoraja a seguirmos convocando outras pessoas para a missão scalabriniana e retomando a caminhada fortalecidas e recarregadas de esperança e sabedoria.

Esse é o dinamismo que pulsa nas vias da migração e das pessoas e grupos humanos que partem em busca de refúgio para si e para os seus, não sem lutas, dores, sofrimentos, sonhos, esforços sem medida... e que abraçamos por vocação.

Nossa opção é por causa da fé em Jesus Cristo, do carisma que nos identifica e da Ruah de Deus, que conduz os humanos destinos e os guia, como aprendemos de Scalabrini, conduzindo-nos a viver e servir para que ninguém, entre migrantes e refugiados, duvidem do amor com o qual o Pai os ama e do amor ao qual são chamados. Essa mesma vocação é por nós vivida em tantos modos e diferentes nuances quantas são nossas histórias pessoais e comunitárias, nas igrejas locais que nos acolheram e nos itinerários da missão onde atuamos. Essa mesma Missão, tem também a diversidade da pluralidade de dons do Espírito nas culturas e nas trajetórias, comunidades, vivências e desafios interculturais que a mobilidade humana faz acontecer. Ao longo do caminho é o Espírito Santo que nos capacita a uma acolhida sempre nova, numa humilde disponibilidade à itinerância, ao serviço da comunhão entre as diversidades.

É uma riqueza sem par, que aqui trazemos pois reconhecemos, com gratidão e com responsabilidade, que a missionariedade scalabriniana que recebemos com a vocação só se multiplica doando-se no serviço e na partilha. Por isso aqui estamos, para partilhar o que temos, trazemos e somos; e igualmente para caminharmos juntos, acolher, refletir, e aprender, na busca de caminhos de comunhão e de solidariedade, escutando, pensando, rezando, sorrindo e sonhando, dando-nos as mãos e somando com quem tem algo a compartilhar.

Esse Seminário Congregacional da Pastoral dos Migrantes e Refugiados dá continuidade a esse tipo de evento, sendo esta já a quinta edição.

O primeiro Seminário Congregacional foi realizado no ano de 1995, celebrando o centenário da fundação da Congregação, com o tema: O rosto feminino do Carisma Scalabriniano;

O segundo, foi realizado no ano 2000, tendo como tema: Profetismo e identidade apostólico-missionária da Irmã Scalabriniana.

O terceiro Seminário, no ano de 2005, teve como tema: Expressão de um carisma a serviço dos migrantes.

E o quarto Seminário Congregacional, foi realizado no ano de 2011, também no Brasil, como os demais, e tratou o tema: Uma resposta ao Carisma com dinamismo e Profecia.

No sexênio 2013-2019, foram realizados encontros regionais, em vista da reorganização interna da Congregação.

E agora, eis-nos iniciando a etapa principal do V Seminário, que iniciou há cerca de um ano com um processo participativo, em movimentos circulares que envolveram em duas etapas todas as Irmãs e suas respectivas comunidades. A seguir, todas as Irmãs foram convidadas a participarem de 2 eventos, nos 4 idiomas da Congregação, todos realizados virtualmente, em 7 regiões diferentes, nas quais foram organizados encontros de partilha e aprofundamento sobre a realidade migratória nos contextos em que atuamos e, no segundo momento, a partilha e a análise das respostas que, como Congregação, estamos dando nos 26 países onde estamos presentes.

Todo o processo de envolvimento participativo e de preparação convergiu para este momento, do qual partiremos para seguir pensando nossa ação missionária e articulando as melhores estratégias para nossa atuação junto a migrantes e refugiados, de acordo com os protagonistas em mobilidade, as parcerias e o contexto eclesial e sociopolítico onde estamos inseridas.

Nosso tema **A caminho com os migrantes e refugiados com audácia e esperança**, a partir do lema **Peregrinas da esperança**, nos proporcionam o evento como uma oportunidade única **de vivência missionária MSCS do Carisma, pois esse é também o eixo estruturante de toda a programação**. A metodologia dialógica, interativa e dinâmica, visa o alcance do objetivo principal desse Seminário: **aprofundar a partilha, reflexão, análise e implicações das estratégias de atuação missionária MSCS, a partir da ação concreta que a Congregação desenvolve no contexto hodierno**.

Desejo à todas e todos um feliz Seminário, e que possamos sair enriquecidos em motivação e em competência para contribuir na formulação e na implementação de respostas aos desafios da mobilidade humana hoje! Confiamos este evento ao fundador, São João Batista Scalabrini, que a sua intercessão nos conceda a alegria e a esperança de caminharmos juntos rumo à nova Jerusalém, que é uma sinfonia de rostos e de povos, rumo ao Reino de justiça, de fraternidade e de paz!

Ir. Neusa de Fatima Mariano, Superiora Geral
Bogotá, 05 de março de 2024.

PRIMEIRA PARTE

ANÁLISE DA SITUAÇÃO
MIGRATÓRIA E DAS RESPOSTAS
DAS IRMÃS MISSIONÁRIAS
SCALABRINIANAS NA
ATUALIDADE

A REALIDADE ONDE A CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS MISSIONÁRIAS DE SÃO CARLOS, SCALABRINIANAS – MSCS ATUA

1. RELATÓRIO SOBRE A REALIDADE DA MIGRAÇÃO NO BRASIL

*Wellington da Silva de Barros**

Visão geral sobre os perfis migratórios

As missões scalabrinianas atestaram que o movimento migratório predominante no Brasil é o internacional, com a presença de numerosas famílias, com crianças e idosos. Presença significativa de mães solo, chefes de família e crianças. Mulheres grávidas que vêm para o Brasil para terem seus bebês. Também a presença significativa de crianças e adolescentes, assim como jovens migrantes. As nacionalidades mudam periodicamente, mas há algumas que prevalecem. Ainda sobre as rotas internacionais, há uma migração de trânsito, ou seja, de migrantes que usam o Brasil como rota para outros destinos ou ao menos sonhando com outros países do continente americano, sobretudo, Estados Unidos e Canadá.

A migração interna marca incipiente presença, devido, sobretudo, aos seus processos distintos no Brasil atualmente em relação ao passado. O atual é caracterizado por ausência de “trajetórias dominantes” e se tornou mais fluída e rotativa, gerando polos diversos além daqueles predominantes de décadas passadas como o do Nordeste para o Sudeste, especialmente para São Paulo. Além disso, faz parte da migração interna os fluxos as pessoas que buscam oportunidades de emprego em trabalhos sazonais, precários ou informais.

* Doutor em Ciências da Religião e em Teologia Pastoral da Mobilidade Humana. Professor de Teologia em São Paulo (ITESP) e colaborador das Irmãs Missionárias Scalabrinianas.

As migrações entre países latino-americanos também não são novas, se a Argentina foi durante anos receptora de migrantes paraguaios, bolivianos, peruanos e também chilenos, e foi por um tempo o país no continente que mais acolhia migrantes latino-americanos, o Brasil assistiu, desde a década de 1980, a sua inserção nesse cenário se tornando um dos principais destinos, sobretudo, de migrantes vindos de países fronteiriços como o aumento desde 2017 da chegada de venezuelanos, incluso indígenas da etnia Warao. Além da acentuada presença venezuelana, há também bolivianos, colombianos e peruanos.

Em relação à presença de migrantes de outros países, verificamos que a migração internacional africana no contexto Sul-Sul é um fenômeno que permitiu a intensificação da presença africana no Brasil em diferentes Estados onde as Scalabrinianas atuam. As migrações têm sido cada vez mais intensas, não somente entre países do Sul e do Norte, mas entre os do Sul. É o caso da presença crescente de migrantes africanos no Brasil, como também de latino-americanos que realizam migração ou solicitam refúgio para o território brasileiro. Por exemplo, podemos incluir nessa dinâmica a migração haitiana, também muito presente nas missões scalabrinianas, do mesmo continente e em número menor, migrantes da República Dominicana e Cuba. Ainda em relação aos migrantes africanos, as nacionalidades mais presentes são: Angola, Senegal, Gana, Nigéria, Guiné-Bissau e Moçambique. Do Oriente Médio, a presença no Brasil de árabes no século XIX, foi incrementada nas décadas do século atual motivada, sobretudo, pela deflagração de conflitos ou guerras em países como: Síria, Afeganistão, Paquistão, Irã etc.

Em relação ao reconhecimento da situação de refugiado no Brasil entre as nacionalidades acima citadas, as missões scalabrinianas acompanham as dinâmicas nacionais através da presença de venezuelanos, sírios, congolese e cubanos. Diferente da legislação internacional, o Brasil adota em sua legislação e reconhece a situação de grave e generalizada violação de Direitos Humanos em alguns países como Iraque, Síria e Venezuela. Assim, o reconhecimento da situação de refugiados se torna mais simples. Isso também fez com o que o Brasil aumentasse o número de refugiados reconhecidos, como é o caso dos venezuelanos.

O perfil de gênero dos migrantes presentes nas missões scalabrinianas varia por diversos fatores e se revela com relativa imprecisão nas informações oferecidas na etapa preparatória. Além da óbvia presença de homens e famílias, podemos afirmar que a “feminização da migração”, ou seja, aumento da participação de mulheres na migração, marca presença nas missões. A “feminização da migração” traz desafios e esperanças, como desafios, citamos: discriminação de gênero, exploração laboral e abusos diversos.

A mudança ocorrida nas últimas décadas no perfil de gênero através da presença das mulheres pode ser atribuída a uma variedade de fatores, como oportunidades de emprego, educação, reunificação familiar, escape de conflitos ou condições adversas em seus países de origem. E revela que a migração engloba também estratégias familiares nas quais homens e mulheres (famílias) estão inseridos, contribuindo para rearranjos das relações familiares e de gênero

Dramas/necessidades/desafios que as pessoas e grupos em mobilidade enfrentam como maiores apelos para a missão

Os migrantes no Brasil enfrentam uma série de desafios que podem variar dependendo de diversos fatores, como o motivo da migração, o status legal, a região de destino e as condições socioeconômicas. Abaixo citamos alguns desafios no geral, pois as informações não nos permitem especificar os desafios por nacionalidade:

- *Barreiras Linguísticas*: a comunicação pode ser um desafio inicial.
- *Integração Socioeconômica*: dificuldades para se integrar ao mercado de trabalho e à sociedade local, devido a diferenças culturais e outros fatores.
- *Discriminação e Preconceito*: discriminação ou preconceito com base em sua origem étnica, nacionalidade ou perfil migratório.
- *Questões Legais*: falta de acesso a serviços públicos, dificuldade para revalidação de diplomas.
- *Acesso a Serviços de Saúde e Educação*: acesso a serviços básicos, como saúde e educação, devido a barreiras linguísticas, falta de documentação ou desconhecimento dos sistemas locais.
- *Vulnerabilidade Social*: situações de vulnerabilidade social devido a experiências traumáticas em seus países de origem ou as dificuldades atuais no Brasil no âmbito da política e economia.
- *Moradia*: desafios relacionados à moradia, vivendo em condições precárias devido a limitações financeiras ou à cobrança abusiva nos valores dos aluguéis, motivadas pelo perfil migratório.

Aportes que esses fluxos e esses sujeitos trazem para as realidades envolvidas e as potencialidades que essa mobilidade representa para quem migra e para as sociedades implicadas nesses fluxos

De maneira indireta, percebemos nas informações da etapa preparatória que os migrantes trazem vários aspectos, como:

- *Diversidade Cultural*: enriquecendo as sociedades com novas perspectivas, tradições, culinárias e costumes.
- *Desenvolvimento Econômico*: crescimento econômico, ocupando posições em setores onde há escassez de mão de obra, pagando impostos e consumindo bens e serviços.
- *Inovação e Empreendedorismo*: habilidades e conhecimentos específicos dos migrantes, promovendo a inovação e contribuindo para o empreendedorismo nos países de destino.
- *Remessas*: envio de remessas para suas famílias nos países de origem, o que pode ter um impacto positivo no desenvolvimento econômico dessas regiões.
- *Diálogo Cultural e Educacional*: intercâmbio cultural e educacional, promovendo a compreensão mútua e fortalecendo os laços entre diferentes comunidades e nações.
- *Mercado de Trabalho*: inserção no mundo laboral como forma de autonomia, mas também como um importante instrumento de integração social.
- *Serviços Públicos*: impostos e contribuições de migrantes ajudam a financiar serviços públicos, como saúde e educação, nos países de destino.

Como a sociedade/políticos/mídia se posicionam sobre a temática

O Brasil passou também pelo enrijecimento de posturas hostis à migração em nome de uma chamada política de segurança nacional, com ares de teocracia. O desejo por segurança levou muitos países, inclusive o Brasil, a adotarem políticas de inimizades em relações a migrantes de alguns países, fazendo com que estes se tornassem ainda mais indesejáveis por considerável parcela da população brasileira. Esse estado de medo social foi ampliado pela pandemia.

A diplomacia do Brasil acentuou ainda mais a seletividade (desejáveis e indesejáveis), com ampla abertura e facilitação de migrantes de alguns países em detrimento dos mais pobres, vulneráveis ou pertencentes a países não alinhados ideologicamente com o governo do momento. Algumas decisões não consideravam, por exemplo, o princípio da reciprocidade de tratamento e colaboração, historicamente seguido pelo Brasil. A aplicação desse princípio é uma forma de revelar que os países envolvidos buscam a cooperação e o respeito às leis internacionais e aos Direitos Humanos. Logo, no caso do Brasil, revelou o descaso. Seguindo outros países como

EUA, o governo brasileiro retirou o país do Pacto Global para Migração Segura da ONU, e a migração foi vista como um espaço onde o país exerce sua soberania de maneira restritiva e até mesmo violenta. A implementação de políticas de segurança nacional e seletividade, fez com que no Brasil os migrantes indesejáveis estivessem em permanente condição de suspeita. Outras formas específicas de entrada no Brasil seguiram um fluxo semelhante aos períodos anteriores, tais como o Acordo de Residência do Mercosul e o visto humanitário aos haitianos.

Com o advento de um novo governo, atualmente a tentativa é da de construção de pontes e destruição de muros levantados anteriormente. O Brasil voltou a retomar essas conquistas, como, por exemplo, voltar a integrar o Pacto Global. Do ponto de vista humanitário, o Brasil segue a esperada tendência de promover políticas acolhedoras com os vistos humanitários e promovendo uma postura favorável ao acolhimento de refugiados, seja por situações de conflitos, perseguição política ou religiosa e por desastres naturais.

Como a igreja interpreta a mobilidade que vive em seus contextos

A igreja interpreta a migração à luz da justiça social e dos Direitos Humanos. Enfatizando o mandamento de amar e acolher e buscando demonstrar solidariedade com os migrantes e oferecer apoio prático e espiritual. A igreja vê os migrantes como membros valiosos da comunidade e busca fornecer cuidado pastoral, considerando as diversas necessidades espirituais e emocionais associadas à migração. Algumas igrejas locais ou congregações também se envolvem por mudanças estruturais nas políticas migratórias, buscando influenciar as decisões governamentais em linha com seus valores e princípios (advocacy). A diversidade de abordagens e interpretações refletem a riqueza das comunidades de fé que buscam respostas às complexidades da migração contemporânea a partir do seu contexto.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA REALIDADE DA MIGRAÇÃO NOS PAÍSES HISPÂNICOS DA AMÉRICA DO SUL: BOLÍVIA, PARAGUAI, ARGENTINA, COLÔMBIA E EQUADOR

*Ir. Juliana Rodrigues, mscs**

Perfis de migração

O aumento dos movimentos migratórios de pessoas altamente vulneráveis nas Américas tem sido claramente visível nos últimos anos. Diferentes nacionalidades são os protagonistas destes grandes movimentos.

As principais nacionalidades são: venezuelana (com a percentagem mais elevada), a segunda é a haitiana, seguida da boliviana, argentina, paraguaia, peruana, equatoriana, colombiana (principalmente vítimas do conflito armado), asiática (Vietnam e Filipinas) como população de trânsito, brasileira (neste caso para estudo e comércio no Paraguai e na Argentina) e, com uma percentagem menor, as nacionalidades cubana, dominicana e nicaraguense.

O corredor andino tem movimentos através da Colômbia, Equador, Peru em direção ao Chile e pessoas que se deslocam na direção oposta, inclusive para regressar à Venezuela ou em direção a outros países de origem ou para continuar o seu caminho para os Estados Unidos e/ou México.

Desafios, dramas e necessidades

Os fatores que impulsionam este crescimento incluem as crises econômicas na América Latina e os efeitos econômicos persistentes da pandemia, as mudanças políticas, a insegurança alimentar, a instabilidade política e a violência em alguns países de origem, bem como as vulnerabilidades relacionadas com a degradação ambiental e as catástrofes.

Para além das barreiras fronteiriças existentes que os migrantes têm de atravessar, existem outros fatores que são considerados desafios no processo

* Missionária Scalabriniana brasileira. Formada em serviço social. Atualmente desenvolve sua missão como coordenadora de gestão de projetos na Missão Scalabriniana do Equador.

de mobilidade humana e que, ao mesmo tempo, geram as necessidades e os dramas a enfrentar:

- O fechamento das fronteiras e o aumento da migração através de estradas irregulares (conhecidas como trochas ou estradas inseguras);
- A insegurança vivida durante a viagem (em que a maioria dos migrantes é obrigada a seguir a pé);
- Aumento das rotas de contrabando e tráfico de seres humanos (especialmente mulheres e menores);
- Dificuldade de acesso ao processo de regularização (documentação no país onde se encontram);
- Falta de acesso aos direitos fundamentais: saúde, educação, alimentação e habitação condigna;
- Aumento da discriminação, da xenofobia e da invisibilidade;
- Dificuldade de acesso a oportunidades de emprego formal;
- Barreiras à integração na nova realidade, neste caso a língua (no caso do Paraguai, devido ao guarani, ou àqueles que não são de uma região de língua espanhola);
- Vulnerabilidade de direitos e vários tipos de exploração (laboral, sexual, tráfico e outros).

A contribuição destes fluxos e destas pessoas

Construir o futuro com os migrantes e refugiados significa também reconhecer e valorizar o que cada um deles pode contribuir para o processo de construção. Gosto de ver esta abordagem do fenômeno migratório numa visão profética de Isaías, em que os estrangeiros não são vistos como invasores e destruidores, mas como trabalhadores voluntários que reconstróem os muros da Nova Jerusalém com o seu trabalho, a sua capacidade de sacrifício, a sua juventude e o seu entusiasmo. Enriquem as comunidades que os acolhem (Papa Francisco).

O reconhecimento dos migrantes e refugiados compreende que são sujeitos políticos capazes de se autodeterminarem; são sujeitos com direitos, com voz, com critérios, com os seus projetos de vida e de subsistência baseados na cultura do trabalho que gera movimento na economia local; são pessoas com grandes potencialidades, prontas a manifestarem-se sempre que lhes é oferecida a oportunidade.

Também o migrante e o refugiado são grandes protagonistas de redes, articuladores de ações que geram oportunidades de crescimento cultural e

espiritual, onde através deles se pode conhecer melhor o mundo e a beleza da sua diversidade.

Como a sociedade, as autoridades governamentais e os meios de comunicação social se posicionam sobre a questão da migração e dos refugiados

Por um lado, há falta de visibilidade para as questões da migração e dos refugiados, bem como xenofobia e discriminação por parte da sociedade de acolhimento e dos governos, muitas vezes provocadas pelas mensagens veiculadas pelos meios de comunicação social.

Em tempos de crise econômica e mesmo de violência, ou no meio dos vários problemas que afetam a sociedade, os migrantes e os refugiados são reconhecidos como culpados, marginalizados, em suma, são vistos como bodes expiatórios dos problemas já existentes nos países de destino.

Também se registram alguns progressos na abertura do processo de integração, com os governos a gerarem planos de intervenção baseados em quatro eixos: inclusão socioeconômica, assistência, proteção e acesso a serviços. Também estão a ser implementados planos de regularização, principalmente para a população venezuelana, apesar de estarem conscientes de que este é um processo muito lento e que, devido ao atraso, os migrantes acabam por ser multados e a sua identidade e processo de autossustentabilidade não são reconhecidos.

Reconhece-se que os governos e os meios de comunicação social retratam os migrantes na sua situação mais frágil como criminosos, pessoas da rua, que causam insegurança, que retiram empregos à comunidade local e que utilizam ilegalmente os espaços públicos. Os migrantes e refugiados não são reconhecidos como pessoas que estão privadas de outras possibilidades, de melhores oportunidades ou mesmo privadas dos seus direitos.

Perante toda a realidade já exposta, somos confrontados com a arbitrariedade das políticas atuais, que promovem uma cultura securitária e discriminatória, fazendo com que a sociedade civil se sinta legitimada e apoiada para assumir, por sua vez, uma atitude de rejeição para com a população migrante e refugiada.

Análises enviesadas que, em vez de tentarem manter-se dentro da complexidade, reconhecendo os problemas estruturais dos países, constroem um discurso baseado numa perspectiva de “preto ou branco”, onde não se aceitam as nuances da complexidade e, por isso, se procura

uma solução de fácil compreensão e gestão, que neste caso é procurar um culpado, os migrantes e refugiados.

Como a Igreja (instituição, líderes eclesiais e comunidades locais) interpreta a mobilidade humana que vive nos seus territórios

A igreja interpela a realidade dos migrantes e refugiados como um lugar teológico transformador que questiona a identidade da igreja no seu posicionamento sócio pastoral.

A composição da realidade migratória atual impõe também a necessidade de uma visão ecumênica deste fenômeno e do diálogo inter-religioso, o que gera uma exigência estritamente pastoral, ou seja, a igreja é chamada a promover ações abertas a novas perspectivas para garantir a comunhão com a comunidade de acolhimento e, ao mesmo tempo, com as hierarquias eclesiais.

Especifica-se e sublinha-se a configuração pastoral e jurídica dos sacerdotes missionários e seus coordenadores, sacerdotes diocesanos, religiosos e religiosas, leigos e movimentos eclesiais – cujo compromisso apostólico é visto e considerado na linha de uma pastoral de comunhão, formando redes de apoio para responder à realidade dos migrantes e refugiados, sobretudo mantendo viva a fé, a esperança e os valores. Neste ponto assinalamos a importância da ação da RED CLAMOR América Latina e Caribe.

Há uma preocupação da Igreja com os migrantes e refugiados, aqui referimos a centralidade da pessoa e a defesa dos direitos, a dimensão eclesial e missionária das pessoas em mobilidade humana, ao mesmo tempo a valorização das minorias, e a importância do diálogo intra e extra-eclesial, e finalmente a contribuição específica que as migrações podem oferecer para a paz universal.

Também como Igreja, a necessidade de “inculturação”, a visão de Igreja entendida como comunhão, missão e Povo de Deus, a importância sempre atual de uma pastoral específica para os migrantes e refugiados, a importância de uma ação que considere uma cultura do acolhimento e da solidariedade em relação às pessoas em mobilidade humana, e a importância de pensar em ações específicas para responder tanto no caso dos migrantes católicos, de rito latino ou oriental, como daqueles que pertencem a outras Igrejas e Comunidades.

Finalmente, como Igreja, somos chamados a viver fortemente a integração das estruturas pastorais e a integração dos migrantes e refugiados

no pleno respeito da sua diversidade e do seu patrimônio espiritual e cultural. Esta integração é uma condição essencial para que a pastoral dos e com os migrantes e refugiados possa ser uma expressão significativa da Igreja universal, um encontro fraterno e pacífico, uma casa para todos, uma escola de comunhão na acolhida e na partilha, de reconciliação pedida e concedida, de acolhimento mútuo e fraterno e de solidariedade, bem como de autêntica promoção humana e cristã.

3 A REALIDADE DA MOBILIDADE HUMANA EM ANGOLA, MOÇAMBIQUE E ÁFRICA DO SUL

*Ir. Carla Frey Bamberg, mscs**

Sobre os grupos/categorias de pessoas em movimento nos países onde as irmãs atuam no continente africano, pode-se afirmar que na África do Sul a migração é mista, por ser o destino de muitos países do continente africano. São pessoas fugindo de guerras, outras são migrantes econômicos, há os refugiados LGBTQ e albinos que fogem da perseguição, as vítimas do tráfico humano, especialmente mulheres e crianças. E há também uma migração interna, especialmente das áreas rurais para as grandes cidades.

O país de *Moçambique* é um local de trânsito e destino final de pessoas em movimento de diversas partes do mundo. Podemos dividir em três grandes grupos: estrangeiros que fazem de Moçambique um corredor para alcançar a África do Sul; estrangeiros que migram para Moçambique com o propósito de estabelecer residência; estrangeiros que chegam em Moçambique para pedir proteção internacional. Nos últimos anos cresceu a migração interna, principalmente das províncias do norte do país, e jovens e crianças oriundos das províncias do sul de Moçambique, que chegam em Ressano Garcia com o objetivo de cruzar a fronteira para a África do Sul.

Em *Angola* grande número são de refugiados e requerentes de asilo; retornados angolanos que fugiram do país e refugiaram-se no estrangeiro; migração interna, principalmente do sul para o centro do país; migrantes estrangeiros (grupos de investidores, comerciantes, empresários, religiosos, missionários); tráfico de seres humanos, principalmente de crianças e mulheres que na sua grande maioria, são comercializadas do interior do país para a capital Luanda e nas zonas fronteiriças. Há também um número expressivo de jovens que desejam sair do país rumo à Europa e América, para estudos e melhores condições de vida.

* Missionária Scalabriniana brasileira, nascida no Paraguai. É licenciada em Pedagogia e pós-graduada em Mobilidade Humana. Vive em Luanda (Angola) e trabalha como secretária executiva da Comissão Episcopal para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes de Angola e São Tomé (CEPAMI).

São muitos os desafios que estas pessoas enfrentam. Nos três países citados, o maior desafio é obter a documentação necessária, ou *status* de refugiado.

Na África do Sul alguns vivem com vistos de pedido de refúgio há mais de quinze anos, sem que seus pedidos sejam finalizados. É muito forte a xenofobia. Os estrangeiros enfrentam problemas relacionados ao racismo, violência e em muitos casos chegam à morte. Há também dificuldades relacionadas com a ausência de oportunidades de subsistência e com a reunificação familiar. O *Apartheid* continua entre os próprios negros da África do Sul e em outros países africanos, mais conhecida como a “Negrofobia”. Atualmente existe emigração em massa de jovens sul-africanos (brancos) para outros países de outros continentes. Por fim, existe uma crise institucional que abrange todas as estruturas: governo, sociedade civil, família, igreja, etc.

Em *Moçambique* o acesso ao trabalho é muito difícil, constata-se muitos abusos e exploração laboral e violação dos Direitos Humanos. A língua é uma das barreiras que dificulta a integração dos estrangeiros e o acesso a diversas oportunidades, principalmente para os refugiados. O acesso à terra para construção de habitação ou outras atividades, a abertura de contas bancárias e a aquisição de propriedades, são outros obstáculos que limitam a integração. As migrações internas têm favorecido o crescimento rápido e desordenado de centros urbanos, a formação de periferias urbanas, com precárias condições de vida, social e econômica, tornando-se presas fáceis do tráfico de pessoas, de órgãos e contrabando de migrantes para a África do Sul, e crianças e adolescentes vivendo nas ruas, como vendedores ambulantes, especialmente em Maputo.

Em *Angola* um dos grandes desafios é a falta de documentação e, conseqüentemente, o desemprego. Alguns repatriados ou quando um dos cônjuges é estrangeiro, pode ser preso e reenviado à República Democrática do Congo. A grande maioria vive de forma pobre, trabalha para a sobrevivência em lavras ou biscates. Faltam oportunidades na inserção do mundo laboral. Há também privação dos direitos (falta de emprego, estudos, educação, saúde); sofrem preconceitos, xenofobia; dificuldades de integrar-se na cultura local: diversas línguas, costumes, tradições, religiões diferentes; tornam-se vulneráveis ao tráfico de seres humanos.

Nos diversos lugares, há iniciativas na sociedade e na Igreja que procuram ajudar aos migrantes e refugiados nas suas necessidades

Na *África do Sul*, com xenofobia generalizada, instituições ligadas à Igreja e as ONGs, são as únicas instituições que prestam assistência e serviços humanitários aos estrangeiros. Essas instituições trabalham na perspectiva de empoderamento do migrante e refugiado, na promoção humana e na capacitação para adquirir habilidades no estabelecimento de pequenos negócios, e ajudar para a autonomia financeira. A Igreja católica incentiva todas as dioceses e paróquias a terem lideranças preparadas no serviço da Pastoral das Migrações e organiza cursos de formação de lideranças para as paróquias e dioceses na região da África austral.

Em *Moçambique*, há a presença de cidadãos estrangeiros oferecendo o seu conhecimento nos hospitais, como médicos e enfermeiros; na educação; na construção civil; na criação de indústrias; na importação e distribuição de grande quantidade de produtos alimentares. Os cidadãos chineses estão envolvidos em grandes obras públicas onde fornecem mão-de-obra e financiamento ao governo. Comunidades africanas constroem lojas nos bairros para venda de produtos alimentares, peças para carros, farmácias, escolas, creches, etc.

No âmbito eclesial, a Igreja sempre esteve preocupada no acolhimento integral de todas as pessoas, compromisso que se evidenciou no pós-guerra (1992), ano da origem da Comissão Episcopal para Migrantes, Refugiados e Deslocados, CEMIRDE. Junto com outras organizações, tinha a missão de acolher os que regressavam ao país, bem como, acolher outros migrantes que chegavam em Moçambique pedindo refúgio.

Muitos migrantes participam ativamente nos diferentes ministérios pastorais, contribuem na formação dos agentes de pastorais, são professores em instituições educativas no ensino do francês e inglês.

Em *Angola*, destaca-se: a Rede de Proteção ao Migrante e Refugiado, composta por 14 organizações civis e religiosas; a atuação da Pastoral das Migrações (CEPAMI) que se faz presente nas diversas pastorais da Igreja e, anualmente, na Universidade católica, promove a Feira do Migrante e Refugiado, onde participam 23 comunidades de migrantes e refugiados com todas as suas diversidades culturais; a divulgação nos meios de comunicação social da contribuição do migrante na sociedade angolana, durante o ano e principalmente nas datas comemorativas do dia do Migrante e Refugiado; os migrantes e refugiados com formação acadêmica e profissional contribuem no desenvolvimento do país em diversas áreas.

No trabalho junto aos migrantes e refugiados a Igreja mantém parcerias com outras Instituições: Secretaria do Estado e Provincial de Justiça e Direitos Humanos; Gabinete Provincial de educação; Gabinete da Família, Mulher e ação social; Gabinete Provincial da Agricultura.

Nos diferentes países os migrantes e refugiados, na sua grande maioria, são tratados com indiferença e hostilidade, mas há também iniciativas de acolhimento, aceitação e integração na sociedade

Na África do Sul a presença deles é vista com grande hostilidade pelos governantes e pela sociedade sul-africana. Os estrangeiros são submetidos a abusos verbais e físicos. Há surtos de violência, xenofobia, onde muitos de seus negócios são incendiados e saqueados, e muitos são mortos. O governo faz tudo o que pode para tornar a vida deles o mais difícil possível, tanto na solicitação de refúgio, como também para renovar os documentos na migração sul-africana. Outro aspecto é a falta de acesso à saúde e à educação. Os cuidados de saúde em estabelecimentos públicos são, frequentemente, negados aos estrangeiros, bem como o acesso às escolas para seus filhos. A mídia contribui em publicar conteúdos xenofóbicos e quase nunca relata a situação dos estrangeiros e refugiados.

Em *Moçambique*, os estrangeiros vivem junto com as demais pessoas na sociedade. Não há bairros reservados para estrangeiros, por isso muitos moçambicanos, nas zonas urbanas e periferias, conhecem e convivem com os estrangeiros/refugiados. No geral, há sinais positivos de convivência pacífica, onde as relações se dão na base do diálogo e na solidariedade, facilitando a integração social, eclesial e cultural dos migrantes. Na emissão de documentos para os estrangeiros/refugiados, na administração pública existe uma especialização para melhor servir estas pessoas.

No norte do país (Nampula), há o Centro de Acolhimento aos Refugiados, onde encontram-se milhares de solicitantes de refúgio, um espaço de circulação entre estrangeiros e nacionais. A Igreja por meio da CEMIRDE e do Centro Scalabrini, em Ressano Garcia e outras organizações, desenvolvem projetos específicos em âmbito sócio pastoral, na promoção humana, integração, documentação, educação, saúde, recreação, sempre com a participação da comunidade moçambicana.

A imprensa, por vezes, tem narrativas negativas em relação aos migrantes, vistos como traficantes de pessoas e de drogas, pessoas ligadas ao garimpo ilegal, comerciantes de produtos falsificados ou de baixa qualidade.

Em *Angola* o governo não cumpre com seus deveres em benefício do migrante (direito à documentação e aos meios de subsistência). O governo procura combater a imigração irregular e há prisões. Uíje é fronteira com o Congo e os congolezes não são bem-vistos pela população em geral. Ao que se observa, as demais nacionalidades, no convívio não apresentam discriminação.

Há indiferença em relação ao pobre em geral, e os repatriados se encontram nesta categoria. Existe a violação dos direitos humanos dos trabalhadores nacionais. E há também os migrantes econômicos, que exploram o país, devastando a natureza, para seu próprio benefício.

Em certas ocasiões a imprensa valoriza a presença do migrante no meio social, porém em outras situações dá ênfase ao lado negativo do migrante e refugiado, criminalizando-os.

4 A REALIDADE DA MOBILIDADE HUMANA NA EUROPA

*Ir. Eléia Scariot, mscs**

Introdução

De acordo com o 32º Relatório sobre as Migrações 2023 da Caritas Italiana e da Fondazione Migrantes, existem na Europa cerca de 23,7 milhões de cidadãos de países externos à Comunidade Europeia (5,3%). A guerra na Ucrânia também abriu uma nova frente de migração forçada na região, elevando o número total de refugiados e pessoas deslocadas (40% dos quais são menores) para 108,4 milhões. A Ucrânia contribui para um total de 108,4 milhões de refugiados e pessoas deslocadas na Europa. Até maio de 2023, 8,3 milhões de ucranianos tinham-se refugiado na Europa, dos quais mais de 5 milhões tinham recebido proteção temporária. Na Europa, os refugiados ucranianos são apoiados por uma rede de acolhimento descentralizada.

Itália

Atualmente, os migrantes que chegam à Itália provêm principalmente de Marrocos, da Tunísia, da Albânia, da China e da Ucrânia, os países de origem da maioria dos migrantes externos à Comunidade Europeia. Os outros países de origem são a Ásia e a África (Guiné, Costa do Marfim, Senegal, Gâmbia, Camarões, Mali, Sudão, Etiópia, Libéria e Síria), de onde provém um grande número de migrantes por via marítima.

No entanto, muitos migrantes não visam ficar na Itália, mas tentam chegar ao Norte da Europa, onde a percentagem de estrangeiros é mais elevada. Em média, os migrantes são mais jovens do que os italianos e a

* Irmã Missionária Scalabriniana brasileira em missão na Itália. É religiosa, jornalista e doutora em sociologia pela Universidade Gregoriana de Roma (Itália). É a primeira conselheira da Província de São José/Europa e responsável pela assessoria de comunicação da congregação das Irmãs MSCS.

maioria são menores de idade. Os chamados menores de segunda geração - nascidos na Itália ou que chegam através do reagrupamento familiar - são os mais proeminentes, uma vez que enfrentam condições perenes de deslocamento e, frequentemente, condições e estatutos muito diferentes.

Os principais perfis migratórios que existem no contexto em que operamos em Itália são muito variados. Há os cuidadores, uma categoria de mulheres e alguns homens que vivem com as famílias em que trabalham. Outra categoria é a dos migrantes sazonais, na sua maioria vendedores ambulantes, como africanos e bengaleses, que vendem sacos, pulseiras e água nas praias italianas. Uma outra categoria que seguimos, sobretudo no sul de Itália, é a dos jovens de segunda geração, pertencentes a comunidades étnicas do Sri Lanka, das Filipinas e da Índia, filhos de migrantes ou estudantes universitários; acompanhamo-los nos aspectos religioso-litúrgicos, sacramentais, de evangelização, de catequese e na escuta da sua vida.

Suíça

Na Suíça, a presença de estrangeiros ultrapassa os dois milhões, distribuídos pela Suíça italiana, francesa e germanófono. A distribuição demográfica varia muito de região para região, sendo a Suíça francófona a que regista a maior percentagem de estrangeiros, o que contrasta fortemente com a situação na Suíça central. A recente ativação do estatuto de proteção levou a que mais de 40.000 pessoas da Ucrânia procurassem refúgio. Para além dos ucranianos, a maioria dos solicitantes de refúgio provém do Afeganistão, do Médio Oriente, do Extremo Oriente, do Norte de África, da África Subsaariana e da América Latina.

Espanha

A Espanha, uma encruzilhada de diferentes fluxos migratórios, vive uma dinâmica complexa com a imigração de África, a emigração e o trânsito para o Norte da Europa e várias rotas migratórias. Os aeroportos são uma via menos visível, mas muito utilizada, sobretudo pelos latino-americanos que chegam como “turistas” antes de se tornarem imigrantes irregulares.

As estatísticas indicam que 17% da população total é de origem imigrante, sendo as principais nacionalidades os colombianos, os venezuelanos, os romenos e outros; a falta de oportunidades de emprego impede que os recém-chegados permaneçam por muito tempo e acabam por cair em situações irregulares.

Bélgica

A Bélgica atrai migrantes de todo o mundo, mas as desigualdades são consideráveis. Enquanto alguns com documentação regular recebem subsídios do Estado, os que não têm documentos no país, mesmo os que têm diplomas universitários, acabam muitas vezes sem subsídios e a trabalhar em profissões pouco qualificadas, e milhares vivem sem autorização de residência.

O país, com 199 nacionalidades, reflete uma realidade cosmopolita. A Igreja belga acolhe 26 comunidades étnicas e presta assistência espiritual através de religiosos e religiosas. Esta diversidade contribui para o complexo tecido social da Bélgica.

França

Na França, estamos presentes em Marselha, uma cidade portuária europeia no Mar Mediterrâneo com uma forte presença de migrantes. Há menores não acompanhados, mulheres sozinhas e com crianças, solicitantes de refúgio, migrantes sem documentos; a maior parte deles vem da Argélia, Marrocos e Tunísia. O Afeganistão é a primeira nacionalidade, seguido do Bangladesh, da Guiné, da Costa do Marfim, da Turquia e do Congo RDC.

A nível diocesano, temos comunidades católicas bem estabelecidas, como africanos, arménios, ucranianos, polacos, libaneses, iraquianos, sírio-greco-melquitas, albaneses, filipinos, vietnamitas, latinos de língua espanhola; depois vêm as comunidades ortodoxas: gregos, romenos, eritreus e etíopes, arménios apostólicos. Por outro lado, na realidade em que atuamos na diocese de Paris, há uma presença equilibrada de migrantes, homens e mulheres. Em termos percentuais, 56% das mulheres e 44% dos homens são migrantes em todo o mundo. A maioria dos migrantes são afegãos e africanos subsaarianos e são jovens.

Principais dramas/necessidades/desafios enfrentados por indivíduos e grupos em mobilidade na Missão MSCS na Europa

A nossa missão como Irmãs Missionárias Scalabrinianas é fazer todo o possível para que, ao chegarem ao país de destino onde estamos presentes, encontrem uma acolhida que faça a diferença e lhes proporcione uma vida digna, corajosa e esperançosa, sentindo que Deus não os abandonou durante esta árdua e difícil caminhada.

No contexto local em que atuamos, os principais desafios que todos os migrantes e nós, Irmãs MSCS, temos que enfrentar juntos são, em síntese, o problema da documentação, a falta de alojamento, a falta de trabalho e

a falta de conhecimento da língua local. Mais especificamente, os desafios que enfrentamos são:

- Alojamento e moradia: Encontrar alojamento seguro e a preços acessíveis pode ser um desafio para os migrantes, especialmente para aqueles que acabam de chegar. Encontram-se frequentemente em alojamentos sobrelotados ou temporários.
- Língua e cultura: A barreira linguística é um grande desafio à integração. Aprender a língua do país de acolhimento é essencial para a comunicação e o acesso a serviços e oportunidades.
- Trabalho e meios de subsistência: Encontrar trabalho pode ser difícil para os migrantes, devido à discriminação ou a diferenças nos requisitos de formação ou qualificação. Alguns podem ser forçados a trabalhar com baixos salários, em trabalhos não declarados regularmente ou não qualificados.
- Integração social: A integração na sociedade local pode exigir tempo e esforço. A discriminação e os preconceitos podem dificultar o processo de integração.
- Integração escolar e direito à educação: Os menores estrangeiros presentes no território estão sujeitos à escolaridade obrigatória; um dos desafios é a sua integração, tendo em conta o ponto de vista linguístico (em casa falam a língua de origem e os pais não dominam a língua do país de acolhimento para serem interlocutores diretos dos organismos educativos). Outro desafio é o reconhecimento das suas habilidades literárias e das suas qualificações e experiências profissionais em termos de competências adquiridas. Consideramos que o mundo escolar necessita de uma rede entre os atores da família, da escola e da igreja.
- Acesso aos serviços de saúde e educação O acesso aos serviços de saúde e educação pode ser problemático para os migrantes, especialmente para aqueles que não possuem documentação legal regular.
- Asilo e proteção internacional: Alguns migrantes podem ser requerentes de asilo ou refugiados, e a obtenção de proteção internacional é frequentemente um processo longo e complexo.
- Segurança pessoal: Alguns migrantes podem ser vulneráveis à exploração ou à violência. A segurança pessoal pode ser uma preocupação, especialmente para as mulheres e os menores não acompanhados.
- Documentação regular: A obtenção de documentação regular para trabalhar e aceder a serviços é complicada pela burocracia,

especialmente para aqueles que se encontram em situação irregular e não têm conhecimentos básicos da língua e da cultura do país de acolhimento.

- Sofrimento psíquico e migração: Todo o percurso migratório, considerando a separação, a partida, a viagem, a chegada e o desconhecido que o migrante encontra, cria situações de ansiedade e produz a rutura de equilíbrios estabelecidos, choques. Muitos migrantes podem sentir isolamento social devido à distância da sua terra natal e dificuldades de integração na sua nova comunidade.
- Alterações climáticas e segurança: Os riscos meteorológicos e climáticos podem constituir uma ameaça para os migrantes, especialmente para os que viajam em embarcações precárias. O desafio que enfrentamos atualmente é a migração relacionada com o clima, a degradação ambiental e as catástrofes naturais.

É importante notar que muitas organizações, instituições e grupos de voluntários estão trabalhando para enfrentar estes desafios e prestar apoio aos migrantes. No entanto, os desafios continuam a ser significativos e exigem uma abordagem holística, tendo em conta a pessoa no seu todo, respondendo aos diferentes níveis da pessoa e reunindo os aspectos materiais e espirituais. A colaboração com outras agências permite enfrentar os desafios de forma eficaz.

Na sua vida quotidiana, os menores estrangeiros vivem situações de conflito quer com os pais, que estão muitas vezes mais ligados aos valores culturais do seu país de origem, quer com a sociedade de acolhida, onde são vistos como estrangeiros, mesmo quando, por terem nascido em Itália ou chegado na primeira infância, não o são.

Um outro desafio diz respeito à integração das segundas gerações, questão crucial tanto para a compreensão dos processos migratórios em curso, como para a tomada de consciência das transformações que afetam as sociedades de acolhida, considerando que a integração das segundas gerações representa um verdadeiro desafio para a coesão social.

Nesta perspectiva, é central trabalhar as competências transversais dos migrantes e das Irmãs MSCS, migrantes por vocação, a capacidade de resiliência, os carismas individuais e a força do apostolado scalabriniano.

Principais contribuições que esses fluxos e indivíduos trazem para as sociedades envolvidas e o potencial que essa mobilidade representa

A mobilidade humana representa um grande contributo e um importante potencial para as sociedades envolvidas, especialmente a nível eclesial. Muitas comunidades paroquiais acolhem os migrantes como membros ativos, permitindo-lhes participar na vida litúrgica, na catequese e em outras atividades da igreja. Podem ser formados grupos de oração multiétnicos nas igrejas, onde imigrantes e nativos se encontram para rezar e partilhar as suas experiências espirituais. As instituições eclesásticas organizam frequentemente eventos culturais e celebrações que realçam a diversidade cultural dos imigrantes, como missas ou festivais multiétnicos.

Alguns imigrantes estão ativamente envolvidos em ministérios específicos ou obras sociais da Igreja, contribuindo para a solidariedade e a ajuda aos mais vulneráveis. Destacam-se, por vezes, não só pela sua disponibilidade generosa, mas também pela sua gratidão para com os nativos em resposta ao bem recebido.

Um aspeto que merece ser destacado é a religiosidade que estas comunidades manifestam abertamente, prestando um profundo culto a Deus Trindade, à Virgem e aos Santos. Outro aspeto a destacar é a correspondência, participação e resposta de uma presença massiva de famílias com crianças, jovens e, em particular, pré-adolescentes e adolescentes na vida da Igreja; frequentam e preparam-se para os sacramentos, Confissão, Comunhão e Confirmação.

Na sociedade, os imigrantes contribuem frequentemente para a economia local através do seu trabalho e do seu espírito empresarial. As suas iniciativas empresariais podem ser valorizadas e apoiadas. Muitos países oferecem aos imigrantes a oportunidade de participarem na vida política, votando ou candidatando-se a cargos políticos. Este facto promove o papel dos imigrantes na sociedade. A percentagem de jovens imigrantes de segunda geração que desejam participar na vida política é muito reduzida. Os eventos e festivais culturais organizados pelos imigrantes representam uma oportunidade para valorizar e partilhar a sua cultura com a sociedade local.

Os meios de comunicação social locais podem cobrir as iniciativas dos imigrantes, destacando histórias de sucesso, projetos culturais e contributos positivos para a comunidade. Além disso, as escolas e as instituições de ensino podem envolver os imigrantes como tutores ou oradores para partilharem as suas experiências e culturas com os alunos.

A valorização dos imigrantes é importante para reforçar a diversidade, a inclusão e a compreensão intercultural na Igreja e na sociedade. Este reconhecimento e apreciação podem contribuir para uma sociedade mais rica e inclusiva e para uma Igreja que é fruto do poder do Pentecostes.

Como é que a sociedade, os políticos e os meios de comunicação social se posicionam em relação à questão da migração?

Devido a uma narrativa mediática e política que tende a sublinhar quase exclusivamente os aspectos críticos da mobilidade, a migração na Europa não é bem acolhida por toda a comunidade, incluindo os cristãos. As formas de preconceito, discriminação e racismo são generalizadas, mas também o são as atitudes de paternalismo e utilitarismo. Claro que há quem se empenhe – individualmente ou em associações – em acolher, proteger, promover e integrar.

A presença de migrantes, embora controversa até à data, é, em grande medida, uma mais-valia para o país de acolhimento. Alguns empregos são-lhes atribuídos, mesmo que sejam criticados. O governo, por seu lado, tenta mediar, fazer avançar a causa e defender as pessoas, fazendo valer leis como a do trabalho.

Há muitas vezes uma tendência para realçar as condições de pobreza, de carência, de delinquência e de diversidade dos migrantes, subestimando o potencial, os talentos e a riqueza, mesmo espiritual, que eles trazem.

Os atuais governos são hostis ao acolhimento e à proteção dos migrantes, financiando sobretudo políticas de controlo e de segurança e dificultando as que favorecem a inclusão social e a integração. Preferem fazer acordos com os países vizinhos (por exemplo, a Tunísia e a Líbia) para bloquear as partidas, preferindo financiar a guarda costeira Líbia ou a Frontex em vez de investir no acolhimento destas pessoas. Um dos maiores desafios tem também a ver com a narrativa mistificadora que os governos têm feito nos últimos anos sobre a migração, apresentando-a como uma “emergência” e não como um fenómeno estrutural.

Informar e educar corretamente sobre a questão da migração pode ser um dos instrumentos políticos mais importantes, uma vez que a gestão da migração também depende da forma como os migrantes são vistos na sociedade. Em vez disso, nos últimos anos, a imprensa e o governo desencadearam a desinformação e a intolerância dos habitantes locais em relação aos migrantes.

No que diz respeito aos meios de comunicação social, podemos dizer que encontramos uma imprensa determinada a tornar visível a imigração,

especialmente a chegada de imigrantes em pequenas embarcações. Esta realidade é um exemplo típico de como na Europa a acolhida de migrantes é tolerada, mas não abordada de forma abrangente.

No entanto, existe também uma imprensa corporativa que é subtil ou explicitamente xenófoba e exagera a realidade de uma forma opressiva, utilizando expressões já racistas para tratar os imigrantes como criminosos ou como pessoas que vêm viver às custas do Estado. Os detentores do poder apelam a uma distribuição equitativa com todos os países europeus, inflacionando frequentemente os números. Continua a faltar um compromisso governamental para garantir uma acolhida digna.

A narrativa sobre a migração nos principais jornais é muitas vezes puramente “de emergência”, os migrantes são, de fato, descritos como números que invadem as nossas costas e não como pessoas com uma experiência de vida.

Uma parte da sociedade civil, felizmente, é sensível às causas do sofrimento dos migrantes, promovendo ações humanitárias. De fato, a maior parte das iniciativas de apoio aos migrantes surgem a partir de baixo, por associações, paróquias, pessoas e organizações religiosas e muitos voluntários que se colocam ao serviço dos excluídos pelo governo.

Para a Igreja, os migrantes são um sinal de Deus que lhe fala. A reflexão das Igrejas em que estamos presentes sobre a mobilidade humana e, em particular, sobre o fenómeno da migração, baseia-se na Palavra de Deus. Além disso, as Igrejas locais também consideram o fenómeno da migração como uma “questão ética” para a procura de uma nova ordem económica e ética internacional e para uma redistribuição mais justa dos bens da terra. Os documentos pontifícios falam da migração sob vários ângulos, reconhecendo-a sempre como um sinal dos tempos.

5 A REALIDADE DA MIGRAÇÃO NOS EUA E NO CANADÁ

*Ir. Maria Arlina Barral, mscs**

Os Estados Unidos e o Canadá estão entre os dez principais países de destino dos migrantes, sejam eles refugiados, solicitantes de refúgio ou migrantes sem documentos. Estes dois países atraem estas pessoas em movimento devido às suas oportunidades econômicas e sociais. Estas oportunidades socioeconômicas podem incluir melhores salários, alguns benefícios sociais, educação, liberdade política e religiosa, e talvez a ilusão de uma “melhor qualidade de vida” nos EUA ou no Canadá.

De acordo com o Relatório Mundial sobre as Migrações 2020 da Organização Internacional para as Migrações (OIM), os Estados Unidos têm 50,6 milhões de imigrantes, ou seja, 15,3% da sua população, incluindo 11,4 milhões de imigrantes não autorizados. O Canadá, por outro lado, tem 8,05 milhões de imigrantes, ou seja, 21,3% da sua população.

Os Estados Unidos, apesar de oferecerem uma variedade de canais de imigração, como as categorias patrocinadas pela família, baseadas no emprego e humanitárias, o sistema enfrenta frequentemente longos períodos de processamento. Conseqüentemente, o próprio sistema empurra o fluxo de imigração para a imigração irregular. Os nacionais de países com taxas historicamente baixas de imigração para os EUA são elegíveis para a Loteria de Vistos de Diversidade (DV). Além disso, programas como o Deferred Action for Childhood Arrivals (DACA) e o Temporary Protected Status (TPS) proporcionam alívio temporário a certos grupos de imigrantes que enfrentam desafios únicos. Os Estados Unidos também têm o seu programa de vistos H-1B para trabalhadores qualificados, embora as políticas de imigração possam variar de acordo com as mudanças na administração.

* Irmã Missionária Scalabriniana, missionária nos Estados Unidos da América como Especialista Sênior em Benefícios para o Projeto Southern Border Arrivals na Scalabrini Immigrant and Refugee Services, Inc. Possui um Bacharelato em Administração de Empresas pela Universidade de Santo Tomas e um Bacharelato em Serviço Social pela Univ. das Filipinas. Tem também uma especialização em Psicologia da Migração.

Por outro lado, o Canadá, por exemplo, tem o sistema Canadian Express Entry, que permite aos trabalhadores qualificados candidatarem-se para a residência permanente com base na sua educação, experiência profissional, proficiência linguística e outros fatores.

As políticas de imigração de ambos os países podem mudar em função de fatores políticos, econômicos e sociais. As mudanças na liderança podem levar a alterações nos regulamentos de imigração, nas categorias de vistos e nas prioridades de aplicação.

O quadro seguinte mostra as diferenças na forma como os EUA e o Canadá tratam os refugiados e os solicitantes de refúgio:

	Estados Unidos	Canadá
Refugiados	Nos EUA, os refugiados são pessoas que foram selecionadas e examinadas pelo governo dos EUA enquanto ainda se encontram fora do país. São submetidas a controles de antecedentes e entrevistas exaustivas para garantir que cumprem os critérios para o estatuto de refugiado. Uma vez admitidos, os refugiados são elegíveis para várias formas de assistência e apoio que os ajudam a integrarem-se na sociedade americana.	No Canadá, os refugiados podem ser patrocinados pelo Governo canadiano ou por indivíduos, organizações ou grupos comunitários. Os refugiados provenientes do estrangeiro são identificados e selecionados pelo Governo e submetidos a exames médicos e de segurança antes de serem reinstalados no Canadá. Este processo é frequentemente designado por "refugiados apoiados pelo governo".
Solicitantes de refúgio	Os solicitantes de refúgio são pessoas que já se encontram nos Estados Unidos ou nas suas fronteiras e que pedem proteção internacional devido a um receio bem fundamentado de perseguição no seu país de origem. Têm de provar que correspondem à definição de refugiado da Convenção das Nações Unidas relativa ao Estatuto dos Refugiados. Os solicitantes de refúgio passam por um processo legal que inclui entrevistas com oficiais de asilo ou juízes de imigração.	As pessoas que já se encontram no Canadá ou nas suas fronteiras podem pedir asilo se temerem serem perseguidas no seu país de origem. O sistema de refúgio canadiano permite-lhe apresentar um pedido de proteção num porto de entrada, num serviço de imigração ou mesmo se tiver entrado no país de forma irregular.
Processo de refúgio	Os solicitantes de refúgio devem pedir proteção no prazo de um ano após a sua chegada aos Estados Unidos, com algumas exceções para mudanças de circunstâncias ou circunstâncias extraordinárias. O processo inclui entrevistas, verificação de antecedentes e uma avaliação jurídica do pedido. Os solicitantes de refúgio são geralmente detidos durante o processo, embora alguns possam ser libertados em liberdade condicional ou sob caução.	Os solicitantes de refúgio no Canadá são submetidos a um processo rigoroso que inclui controles de segurança e médicos, bem como entrevistas com funcionários dos serviços de imigração. Aos que cumprem os critérios para o estatuto de refugiado é concedida a proteção, enquanto os outros podem ser sujeitos a processos de deportação.
Acordo sobre países terceiros seguros	O Canadá e os Estados Unidos têm um acordo de país terceiro seguro que exige que a maior parte dos solicitantes de refúgio apresentem os seus pedidos de proteção no primeiro país seguro que alcançarem. Este acordo tem implicações para as pessoas que tentam pedir refúgio na fronteira entre os Estados Unidos e o Canadá.	

Políticas de detenção	Os solicitantes de refúgio são detidos, libertados condicionalmente ou libertados sob fiança.	A detenção é utilizada como último recurso.
Prazos de tramitação	Os prazos de tratamento dos pedidos de refúgio podem variar de país para país. Os atrasos no tratamento podem causar problemas aos solicitantes que aguardam a avaliação dos seus pedidos.	

Novas chegadas em Illinois e New York

Desde agosto de 2022, o estado do Texas, liderado pelos republicanos, e os estados do Arizona e da Florida têm transportado os solicitantes de refúgio para estados democratas como Illinois e Nova Iorque. Aparentemente, esta tática visa pressionar os políticos democratas e a administração Biden a adotarem medidas fronteiriças mais rigorosas para desencorajar as travessias irregulares, o que, de certa forma, também afetará os solicitantes de refúgio.

Em Nova Iorque, mais de 110.000 migrantes chegaram à cidade e continuam a chegar. O Estado de Nova Iorque recebeu e cuidou de cerca de 60.000 pessoas nos seus abrigos temporários.

O Illinois é um estado-santuário para migrantes sem documentos e recém-chegados. Desde 31 de agosto de 2022, o Estado do Texas transporta regularmente os solicitantes de refúgio para Chicago, em ônibus fretados privados. Já para não falar dos que chegam ao aeroporto de O'Hare. Embora a maioria dos solicitantes venha da Venezuela, há também indivíduos e famílias de África, da Europa e do Médio Oriente.

A cidade de Chicago também registou um aumento do número de solicitantes de refúgio que chegam por outros meios de transporte, muitas vezes sem recursos. As organizações comunitárias ou religiosas e os governos locais na fronteira compram passagens de avião ou de ônibus para outras cidades, como Chicago, sem qualquer coordenação. A cidade de Chicago recebeu aproximadamente mais de 14.000 homens, mulheres e crianças e abriu 22 abrigos temporários e de repouso. A cidade de Chicago, em colaboração com diferentes organizações, proporciona acesso a abrigo, alimentação e cuidados médicos a todas as pessoas, independentemente do seu estatuto de imigração. Quando se encontram no Illinois e pretendem pedir proteção ou são vítimas de tráfico, tortura e outros crimes graves, podem beneficiar de assistência médica, alimentar e pecuniária.

Em ambos os Estados, o custo crescente da prestação de abrigo e de serviços humanitários tem sido um problema para as autoridades locais, os residentes e as organizações comunitárias.

Refugiados no Canadá

Na Arquidiocese de Toronto (Canadá), o departamento específico que serve os refugiados é o ORAT (Departamento para os Refugiados da Arquidiocese de Toronto). O ORAT desenvolveu uma estreita relação de trabalho com várias comunidades cristãs, incluindo igrejas católicas de rito oriental, ortodoxas e protestantes, cujos membros foram profundamente afetados pela crise global dos refugiados. Trabalham com os seus líderes para ajudar os seus membros a patrocinar familiares que necessitem de reacomodação de refugiados. Com o número crescente de pessoas para a reinstalação de refugiados, a ORAT procura alargar a lista de comunidades eclesiais com as quais estabelecer parcerias (setembro de 2023, Boletim Informativo, Número 5).

A ORAT tem um Acordo de Patrocínio (SAH) que trabalha com copatrocinadores e organizações paroquiais/religiosas/comunitárias para patrocinar refugiados para reassentamento no Canadá. Um copatrocinador pode ser um amigo ou familiar que esteja disposto e seja capaz de garantir toda a responsabilidade financeira necessária para ajudar um refugiado durante o seu primeiro ano de chegada ao Canadá. Os copatrocinadores também se comprometem a acolher e a viajar com os refugiados, ajudando-os na sua integração no Canadá.

Parte dos serviços do ORAT inclui o seguinte:

- Formar, equipar e orientar as pessoas que desejam patrocinar um refugiado: organizar sessões de informação para orientar os interessados nos vários aspectos da reinstalação e avaliar os pedidos de patrocínio antes de serem apresentados à Immigration Canada;
- Envolver e orientar membros de paróquias católicas, ordens religiosas e grupos comunitários que desejem desempenhar um papel ativo no reassentamento de refugiados;
- Supervisionar a instalação dos refugiados que foram apadrinhados, assegurando que lhes são prestados os cuidados e o apoio adequados;
- Efetuar viagens missionárias para identificar os refugiados que não têm esperança de reassentamento; e
- Defender o reforço do programa de Patrocínio Privado de Refugiados (sítio Web: archtoronto.org).

6 A REALIDADE DA MIGRAÇÃO NA REGIÃO DA AMÉRICA CENTRAL E NO CARIBE

*Ir. Idalina Bordignon, mscs**

Os países que constituem a América Central e que contam com a presença das Irmãs Missionárias Scalabrinianas (Costa Rica e Honduras) e o México, há mais de 50 anos, vivem a realidade de ver emigrar os seus familiares e amigos e, por sua vez, os países de acolhida, bem como o Caribe (República Dominicana). As causas mais frequentes desta emigração estão relacionadas com a violação sistemática dos direitos humanos expressa na pobreza, na insegurança, na corrupção e na impunidade.

A violência perpetrada por narcotraficantes, gangues e quadrilhas, somada ao desenvolvimento inconsequente de megaprojetos relacionados à mineração, geração de energia, monocultura e turismo, forçam milhares de pessoas a deixar seu local de origem e buscar segurança e uma vida melhor em outros países, principalmente Estados Unidos, Canadá e Espanha.

A novidade, sobretudo nos últimos dez anos, é que os países de expulsão já não são apenas países de origem, mas também países de trânsito, de destino e de regresso. Os países da América Central, juntamente com o México e os Estados Unidos, constituem um dos maiores e mais perigosos corredores migratórios do mundo.

Os fluxos migratórios são cada vez mais mistos. Mistos quanto aos motivos da migração, mistos quanto às diferentes nacionalidades, géneros e idades, mistos quanto às diferentes necessidades de atenção, bem como o aumento da migração com a presença de mulheres e crianças.

Adultos e menores não acompanhados, homens e mulheres, mães ou pais com os seus filhos, famílias inteiras, pessoas com necessidade de proteção internacional, vítimas de deslocação forçada devido à violência ou a catástrofes naturais ou refugiados, membros da comunidade LGTBI,

* Missionária Scalabriniana brasileira, formada em Serviço Social e Direito. Atualmente é diretora do Centro de Atenção ao Migrante Regressado em San Pedro Sula, Honduras.

vítimas de violência baseada no gênero, deportados, repatriados com deficiências físicas ou mentais e, infelizmente, muitos deles têm a rua como ponto de referência.

A migração forçada, provocada por diferentes fatores, é o resultado de um sistema de governos totalitários, muitas vezes militaristas, com tendência para novas formas de ditadura, que “administram” para o bem de poucos e são indiferentes às necessidades da maioria da população. Governos envolvidos e caracterizados pela corrupção e impunidade, que geram diferentes formas de violência e redes criminosas.

A falta de vontade política para elaborar e desenvolver estratégias para garantir os direitos humanos, lutar contra a pobreza e as injustiças sociais e econômicas tem sido o principal obstáculo que impede que a igualdade e a dignidade se tornem uma realidade.

Para as pessoas que migram, a insegurança, o medo e a incerteza fazem parte da mesma viagem, uma vez que não é apenas o seu país de origem que apresenta riscos, mas todas as rotas migratórias são marcadas pelas diferentes formas de violência e abuso sofridas por aqueles que as acolhem.

Desafios enfrentados pelos migrantes e riqueza das parilhas

A falta de garantia dos direitos humanos gera uma infinidade de situações vivenciadas: fome, trabalho forçado e mal remunerado, doenças físicas e problemas de saúde mental (stress, ansiedade, depressão, frustração), falta de acesso ao sistema público de saúde e educação, burocracia e altas taxas para regularização ou naturalização, insegurança (assaltos, roubos, sequestros e assassinatos), xenofobia, discriminação, preconceito e invisibilidade. Este conjunto de estereótipos de que são vítimas as pessoas que se deslocam, não é combatido pelas igrejas, pelos governos e pelos diferentes setores da sociedade. As migrações continuam a ser um grave problema social e não uma oportunidade de desenvolvimento social.

O fato de a grande maioria das pessoas que atravessam a região da América Central, do Caribe e do México estarem em trânsito, ou seja, não se fixam e apenas pretendem chegar o mais rapidamente possível à fronteira com os Estados Unidos, faz com que não haja tempo suficiente para conhecer as capacidades e os talentos destas pessoas e que estes países não tenham políticas de contenção adequadas.

É certo que a situação é bastante diferente no caso dos deportados ou repatriados, uma vez que o que aprenderam no país de migração é algo que rapidamente serve para começarem a trabalhar no país, ao regressar. Muitas vezes, os retornados aprenderam ofícios ou a operar máquinas

e equipamentos que poucas pessoas no país de regresso conhecem, aumentando assim as oportunidades de emprego.

Uma das contribuições mais evidentes oferecidas pela população migrante está relacionada com o seu carácter religioso e cultural. Muitas igrejas são reforçadas na sua vida comunitária pela participação dos migrantes e pelas suas diferentes formas de louvar a Deus. Da mesma forma, a partilha da sua cultura promove o conhecimento e fomenta o respeito e a integração. Outra dimensão importante da migração é a gastronomia. É encorajador ver que os pequenos negócios de comida típica dos diferentes países têm sempre muitos clientes e até pessoas nativas. Isto mostra que é possível estar aberto, conhecer e acolher os que são diferentes.

Na região da América Central, do México e dos Estados Unidos, nos últimos três anos, pessoas da Rússia, da Ucrânia e da Venezuela, que vivem nesses países há alguns anos, organizaram-se para receber e acompanhar os seus compatriotas.

O medo do desconhecido e a rejeição do diferente fazem com que muitas pessoas acreditem e queiram fazer acreditar que os migrantes são muito perigosos, que são criminosos que devem estar longe de toda a gente.

A criminalização dos migrantes é encorajada por alguns meios de comunicação social que falam contra eles. Mas há também meios de comunicação que procuram apresentar as difíceis realidades pelas quais os migrantes têm de passar.

Força dos coletivos e grupos organizados

Os coletivos organizados pelos migrantes têm sido fundamentais para fomentar a solidariedade e a fraternidade, mas também para defender os direitos humanos das pessoas em mobilidade.

A presença de crianças e adolescentes migrantes nos centros educativos tem dado aos alunos, professores e pais a oportunidade de conhecer e acolher pessoas de outras culturas. Em muitos casos, o fato de não falarem a língua do país de acolhida criou a oportunidade para as pessoas da escola aprenderem a língua dos migrantes.

É lamentável que países que historicamente foram a origem de migrantes apliquem agora políticas e práticas anti-imigração e se fechem a qualquer possibilidade de os acolher e integrar.

Mesmo com quase 30 anos de tentativa de organização da Pastoral de Movilidad Humana na região, ainda é um grande desafio, mas uma grande força. Acreditamos que grupos organizados ganham força, são protagonistas de sua própria história e podem gerar influência política na implementação de leis que favoreçam a população migrante.

7 EXPERIÊNCIA MIGRATÓRIA NA ÁSIA

*Ir. Noemi E. Digo, mscs**

Introdução

A migração sempre fez parte do modo de vida asiático. A mistura de raças e culturas na região asiática pode ser deduzida da história destes povos em mobilidade. Viajam por mar para explorar e negociar, atravessam as pontes terrestres que ligam o arquipélago para se estabelecerem, constroem comunidades ou partem. Atualmente, esta via de mobilidade asiática continua, embora sob uma forma mais sofisticada e complexa do que a dos antepassados.

Os grupos migratórios e os indivíduos de origem asiática continuam a deslocar-se incessantemente para dentro e para fora de vários países, trazendo consigo uma realidade globalizante de diversas culturas, crenças religiosas, práticas tradicionais e as suas consequências globalizantes. Estudos recentes mostram que os asiáticos se deslocam de norte a sul, de leste a oeste, através de vários continentes e mesmo dentro dos países deste vasto território de 650 milhões de pessoas (ASEAN, 2019). A tecnologia inovadora e de ponta, os sistemas de transporte global e de comunicação social amplamente melhorados, os mercados de trabalho altamente industrializados e as redes de oportunidades educativas e de emprego, para não falar do fator de impulso de muitos programas governamentais e agendas políticas, contribuem para esta mobilidade de trabalhadores, profissionais, mega investidores empresariais e viajantes.

Embarcar nesta verificação da realidade da migração a partir da perspectiva asiática foi facilitado pela mesma tecnologia que coloca reuniões on-line, conectando comunidades, irmãs, formandas em uma tentativa corajosa de trazer observações, experiências reais e encontros com a realidade migratória da Ásia, onde a Delegação tem sua presença.

* Missionária Scalabriniana filipina, bacharel em Comércio, Filosofia e Teologia. Atualmente é Coordenadora Diocesana da Comissão Pastoral dos Migrantes e Itinerantes, Diocese de Tagum, Davao del Norte, Filipinas.

Os encontros foram realizados de agosto a novembro de 2023 em duas fases, seguindo as orientações recebidas inicialmente.

O rosto asiático da migração

Nos cinco países onde as Irmãs MSCS estão presentes através da Delegação na Ásia (Filipinas, Índia, Indonésia, Vietnã e Taiwan), as pessoas que se deslocam podem ser classificadas como migrantes internos ou externos. Em todos os países mencionados, são comuns os movimentos de pessoas das zonas rurais para as metrópoles urbanas; jovens, na maioria estudantes, que aspiram a prosseguir estudos superiores ou que procuram oportunidades de emprego com pouco dinheiro para comer ou dormir; pequenos empresários que querem investir em negócios na cidade, muitas vezes mal preparados para os capitalistas extravagantes da cidade; aventureiros que fogem da falta de emprego nas suas cidades de origem, em condições de trabalho perigosas em fábricas, armazéns, restaurantes ou bares; multidões de pessoas ou famílias deslocadas internamente que vivem em casas improvisadas, em condições precárias e insalubres, com problemas de realojamento ou reinstalação em terrenos públicos, com poucas perspectivas de emprego ou de opções de geração de renda para a família; minorias tribais, algumas das quais foram despojadas das suas terras ancestrais, ou vítimas de catástrofes naturais (erupções vulcânicas, tsunamis, tremores de terra) que se deslocam para as cidades para mendigar ou exercer a sua atividade ou vender o seu artesanato, muitas das quais se tornam habitantes de rua ou mesmo a migração laboral, quer por terra quer por mar, constitui o maior fluxo migratório da Ásia.

Desde o início, os marítimos asiáticos, trabalhadores da pesca, navegavam nas águas internacionais em navios de cruzeiro ou em grandes embarcações petrolíferas ou de pesca, ou mesmo no comércio de galeões de Manila a Acapulco. Este tipo de trabalho afasta-os das suas famílias durante meses a fio, enquanto eles, os migrantes marítimos, lutam para levar uma vida normal em alto mar.

Na década de 1970, teve início o envio maciço de trabalhadores da construção civil, dos campos e das perfuradoras de petróleo da Ásia para o Médio Oriente, que não parou de aumentar. As remessas dos países do Golfo mantiveram muitas economias em funcionamento, à custa de separações familiares e de perseguições religiosas e culturais. Até hoje, o rosto feminino das enfermeiras, sanitaristas, esteticistas, costureiras, hoteleiras, empregadas domésticas, expatriadas e trabalhadoras de escritório asiáticas marca a paisagem destes países ricos em petróleo. A feminização das migrações nesta região do mundo trouxe à superfície os problemas

familiares dos cônjuges e dos filhos deixados para trás e a perigosa entrada das mulheres num mundo dominado pelos homens, que por vezes as faz perder a confiança. Podemos também considerar os missionários religiosos que são enviados da Europa, da América e do Caribe para os países asiáticos para realizarem o seu trabalho missionário. Também eles são migrantes que têm de lidar com a língua, a cultura, os regulamentos da igreja e do governo e os controversos requisitos de visto.

Os desafios e as tragédias da migração como desafio missionário

Os atuais fluxos migratórios põem em evidência uma miríade de desafios que têm de ser enfrentados. O movimento incessante de pessoas, para não mencionar a troca incessante de bens e serviços num mundo cada vez mais globalizado, são fatores que contribuem para estas situações. Enquanto a Doutrina Social da Igreja se exprime através do “desenvolvimento humano integral, da solidariedade social, da justiça e do bem comum”, o mundo globalizado, pelo contrário, centra-se na “maior acumulação de riqueza e controle dos recursos” e considera “o ser humano como mero produtor e consumidor de bens”, apesar da sua dignidade de pessoa formada à imagem e semelhança de Deus. Desta forma, a Igreja procura formas de mitigar o impacto negativo da globalização na vida dos migrantes e refugiados, cujo número continua a aumentar, uma vez que, segundo estimativas da ONU, uma em cada 35 pessoas está em situação de migração.

A decisão de migrar começa, em primeiro lugar e acima de tudo, na mente do migrante. É moldada num movimento deliberativo, através dos fatores de pressão e de atração que o rodeiam, alimentados por impulsos sociais, expectativas familiares, partes interessadas que beneficiam com a mudança e o desejo inato de explorar o desconhecido para se autorrealizar.

No contexto da migração asiática, os migrantes, desde os mais abastados até aos menos aptos, partilham os mesmos desafios de integração e reintegração em diferentes graus. Um migrante indonésio muçulmano terá mais facilidade em assimilar as práticas religiosas e as disposições culturais de um país muçulmano, enquanto um crente cristão filipino terá dificuldade em manter viva a sua fé e a sua atitude pessoal em relação às práticas locais. Uma preocupação acrescida é o problema permanente dos migrantes sem documentos que entram em territórios restritos, atravessam as fronteiras irregularmente sofrendos consequências negativas, de onde muitas vezes são levados para a prisão ou deixados sem assistência pelos governos. Na sua juventude, uma irmã aventureira atravessou a fronteira florestal entre Timor-Leste e a Malásia por curiosidade, conseguindo entrar

e sair sem problemas depois de um encontro próximo com um guarda fronteiriço.

O recrutamento ilegal no campo e nas aldeias rurais é frequente, vitimando famílias pobres com propostas financeiras supostamente destinadas a aliviar as suas condições de vida e aliciando jovens com empregos inexistentes na cidade ou no estrangeiro, na realidade uma cobertura para a prostituição ou o trabalho infantil. Num caso em que uma mãe pediu ao pároco que alterasse a data de nascimento de uma filha para que esta passasse a ter mais de 18 anos, o pároco teve a esperteza de interrogar a jovem, que estava a ser cortejada por um estrangeiro idoso que lhe oferecia construir uma bela casa cor-de-rosa para a família viver e levá-la para o estrangeiro. O mesmo teor de promessas ecoa nos ouvidos dos migrantes desesperados que são amontoados como empregados domésticos em Singapura, Tailândia, Malásia e Kuwait. Alguns têm sorte com os seus empregadores, outros são maltratados ou mesmo mortos. Um caso é o de uma trabalhadora doméstica que foi expulsa de casa pelo patrão por causa de um desentendimento conjugal e levada para o aeroporto ainda vestida como trabalhadora doméstica, apenas com um bilhete de avião na mão. Foi-lhe recusado o embarque por se pensar que era uma fugitiva. Os seus compatriotas viram-na e ajudaram-na a mudar de roupa. No avião, um casal simpático teve pena dela e ajudou-a até sua casa, na província. Outro caso é o de uma vítima de suicídio, uma trabalhadora doméstica filipina no Kuwait. O pai pediu à diocese que facilitasse a devolução do corpo da vítima o mais rapidamente possível. Graças aos contatos com as agências governamentais e à pressão exercida sobre os órgãos governamentais, no espaço de um mês, esta jovem infeliz, mãe de uma criança de três anos, teve um enterro católico decente, oferecido pelos seus entes queridos.

A resposta do governo e da sociedade aos fenómenos migratórios é parcialmente ambivalente, incluindo a dos meios de comunicação social. Não há falta de agências governamentais que respondam às necessidades dos migrantes e das suas famílias, embora as suas funções se sobreponham por vezes. Ao longo dos anos, especialmente nas Filipinas, os líderes mostraram-se conscientes das implicações negativas do distanciamento de migrantes que partem, e procuraram remediá-las, reestruturando as agências para melhorar os serviços e a assistência, mesmo a nível internacional, assinando memorandos de acordo com os países onde os migrantes filipinos se reúnem e adotando resoluções da ONU para proteger os migrantes, os expatriados, os imigrantes e as suas famílias. No entanto, há alturas em que a resposta é impulsionada apenas pelo burburinho das redes sociais ou em que as agências não governamentais de ajuda aos migrantes criam muito alarido a nível internacional.

8 ANÁLISE DE CONJUNTURA DA MIGRAÇÃO INTERNACIONAL

*Ir. Carmen Elisa Bando**

Linhas gerais da apresentação

- Dinâmica da apresentação
- Em grupos, criar um mapa do mundo com os principais marcos, problemas que afligem a humanidade atualmente (revistas, jornais, tesouras, cola, lápis e/ou marcadores coloridos) Tema dos migrantes reais e o que a mídia apresenta (10 minutos)
- Apresentação ao plenário - Diálogo (5 minutos)
- Nos mesmos grupos: Definir as seguintes palavras: conjuntura, encruzilhada, desafio, possibilidade. (5 minutos)
- Diálogo (5 minutos)
- Trocar os mapas e, ao lado de cada marco ou problema, escrever: O que podemos oferecer como mulheres consagradas? O que podemos oferecer a partir da particularidade do nosso carisma? (5 minutos)
- A minha contribuição (15 minutos)
- Partilha – Diálogo final sobre o que escreveram ao lado dos mapas (10-15 minutos)

Marcos históricos, problemas que atingem a humanidade de hoje

Fome – Guerras e tensões em muitas partes do mundo (bélicas e/ou econômicas) – Alterações climáticas – Envelhecimento da população – Inteligência artificial.

* Irmã da congregação das Irmãs Missionárias Servas do Espírito Santo, de nacionalidade argentina. Professora de Ciências da Educação. Coordenadora da Rede Internacional de Migrantes e Refugiados da UISG desde 2022 e Coordenadora da Região Espanha-Portugal de sua congregação, desde 2021.

- Olhemos para o nosso mundo atual. Algumas são consequências de outras, tudo está inter-relacionado. Vou passar rapidamente alguns mapas e gráficos que complementam o que disse, sem ser exaustivo.
- Alguns fatos: as pessoas sem cidadania do país onde vivem são cerca de 184 milhões de pessoas em todo o mundo, incluindo 37 milhões de refugiados, não tenho a certeza se os quase 6 milhões de refugiados palestinos estão incluídos.
- O Pacto Global para uma Migração Segura, Ordenada e Regular, um belo discurso que esconde nas suas entrelinhas políticas migratórias que desprotegem e retiram às pessoas os seus direitos básicos e na prática só vemos medidas que exteriorizam as fronteiras.
- A lista para as eleições gerais de 2024 inclui países de todos os continentes. Mais de metade da população mundial vai votar este ano. E muitos deles são grandes potências ou países que desempenham um papel decisivo em diferentes domínios.
- Estamos vendo um ressurgimento de líderes de ultradireita e um discurso nacional-populista em todo o mundo.
- A Inteligência Artificial entrou em nosso meio, nós a conhecemos, estamos cientes dos desafios de sua presença e de seu uso, especialmente nas mãos dos poderosos, e estaríamos dispostos a investir para conhecê-la e poder usá-la em benefício dos menos favorecidos?

Vocês sabem que os migrantes enfrentam os seguintes problemas (Este é um breve resumo de suas contribuições): Idioma, integração socioeconômica, moradia. Questões legais: principalmente DOCUMENTAÇÃO, acesso a serviços de saúde e educação. Discriminação e preconceito, Vulnerabilidade – precariedade.

Sem entrar em detalhes que vocês já conhecem e sobre os quais já refletiram, gostaria de lembrar a face feminina da mobilidade humana, a infância e a adolescência. O papel dos idosos, que muitas vezes ocupam o lugar dos pais. Tudo isso tem um impacto muito forte na dinâmica das relações familiares e, logicamente, influencia a construção do tecido social e o futuro da família humana.

Definir alguns conceitos

Gostaria de “brincar” com alguns conceitos e suas definições, pois talvez eles possam esclarecer a situação.

Conjuntura:

1. Uma articulação móvel ou intertravamento de um osso com outro: articulação, jogo, junção.
2. Uma oportunidade favorável para algo: oportunidade, ocasião, estação, momento.
3. Uma combinação de fatores e circunstâncias que ocorrem em um determinado momento: circunstância, situação, situação, condições, estado, paisagem.

Encruzilhada

1. Um local onde duas ou mais ruas ou estradas se cruzam. Cruzamento, junção, interseção, confluência, encruzilhada, pical.
2. Ocasião da qual se tira proveito para prejudicar alguém, emboscada, emboscada, emboscada.
3. Situação difícil em que não se sabe que atitude tomar. A situação em que não se sabe que atitude tomar.

Desafio

1. Ação e efeito de desafiar. Desafio, provocação, incitação, aposta.
2. Rivalidade, competição. Duelo, concurso, combate, confronto, competição, luta.
3. Carta ou mensagem verbal em que os reis de Aragão declaravam sua razão ou motivo para desafiar um homem rico ou cavaleiro.

Possibilidade

1. Aptidão, potência ou ocasião para que algo seja ou exista. Probabilidade, viabilidade, contingência, contingência, eventualidade, virtualidade, verossimilhança.
2. Expectativa, risco.
3. [opportune circumstance] ocasião, oportunidade, chance.
4. Aptidão ou faculdade de fazer ou deixar de fazer algo. Faculdade, aptidão, chance.
5. Meios disponíveis, propriedade própria.

6. Recursos, meios, bens, possível, fortuna, riqueza, riqueza, riqueza, renda.

Minha proposta é que, ao final de nosso diálogo, decidamos qual caminho escolheremos. A maneira como vemos as coisas depende do caminho que seguiremos...

A geopolítica da migração? Ou outra alternativa...?

Ao iniciar minha busca para responder ao seu convite, várias ideias rondavam minha cabeça, mas, acima de tudo, a certeza de que não sou eu quem tem que dar respostas, mas que a chave é fornecer elementos, pistas para que vocês possam buscar essas respostas. Além disso, na UISG temos a missão de ser profetas da comunhão, de tecer redes, de criar espaços para que o sinal visível da intercongregacionalidade seja mostrado ao mundo, a este mundo tão dividido e individualista.

Portanto, permitam-me compartilhar algumas ideias, sugestões nascidas desses anos de trabalho e da riqueza que tantas irmãs, tantos leigos e, acima de tudo, tantos solicitantes de refúgio, refugiados e migrantes me proporcionaram. Deus colocou em mim essa paixão pelo acompanhamento da mobilidade humana e todos eles a nutriram e a formaram.

A realidade do nosso mundo atual é caracterizada pelo imediatismo, tudo tem que ser no momento e é assim que tudo é esquecido rapidamente. Acho que foi Milan Kundera, em seu livro "Slowness" (Lentidão), que apontou que o grau de velocidade é diretamente proporcional ao grau de esquecimento... A pressa nos condena ao esquecimento.

Há cerca de 10 dias, em uma conferência da CONFER na Espanha, falamos sobre a crise do desenvolvimento lento: aquelas crises que se caracterizam por processos graduais e persistentes que têm um impacto negativo em vários aspectos da sociedade. Essas crises incluem as migrações em massa, as mudanças climáticas, a invisibilização das mulheres, os abusos institucionais (de poder, de consciência, sexuais) etc. O sociólogo convidado, para nos dar uma imagem gráfica, descreveu-as como a secadora de roupas que gira a toda velocidade, mas sempre fica no mesmo lugar. Em nossa sociedade, há um crescimento constante, uma aceleração progressiva e uma inovação constante. Mas a desigualdade e a injustiça permanecem.

No centro de tudo isso está um conceito de ser humano que é desviante, despótico, egocêntrico, esquecido da criação e que, de certa forma, endeusa a tecnologia. Há 40 anos estamos vivendo a globalização

neoliberal. O mercado se tornou o novo deus. Os governos se tornaram gerentes de grandes empresas nacionais e transnacionais. A terra e os recursos tinham de ser usados em seu próprio benefício. Todos nós fomos convocados a consumir. Migrações, mudanças climáticas, crime organizado global, violência generalizada, inteligência artificial... Bem, isso faz parte do nosso mundo.

Quero apenas compartilhar algumas ideias para iniciar a jornada, porque esse processo, dada a nossa realidade, deve ser constante: parar, ver, ouvir, refletir, orar, compartilhar, decidir, orar novamente, agir. E novamente para recomeçar o ciclo. Se quisermos responder, se quisermos ser fiéis ao chamado que Deus nos fez, esse caminho deve ser constante e temos de percorrê-lo juntos.

Como minha formação é em educação, sou professora de Ciências da Educação, estudei em uma universidade pública com uma orientação marcadamente esquerdista. Acostumei-me a dialogar com muitas correntes de pensamento diferentes. Há um ponto importante para construir nossa resposta: dialogar com todos os atores, independentemente de sua orientação. Leia o maior número possível de fontes e sempre verifique as informações. O bom senso deve ser nosso aliado.

Nós, mulheres, temos dons que podem ajudar a construir a paz. Procuremos sempre incluir todos na busca de soluções e, se elas não forem encontradas, aprendamos a conviver pacientemente com a incerteza até encontrarmos as respostas.

Nesse treinamento, fui ensinada a ser dinâmica, o processo de aprendizado é uma via de mão dupla e você precisa ser criativa. O mapa do mundo, o panorama que a realidade nos apresenta hoje, estava dando voltas em minha cabeça, então surgiu o assunto da geopolítica e pensei que talvez devesse entrar no mundo da geopolítica da migração. Mas nas palavras de convite da Janete e no convite por escrito que me foi enviado, havia uma sugestão velada de dar um salto ousado, de ir além. E isso só pode ser feito com um olhar crítico.

Portanto, eu não podia simplesmente repetir dados que podem ser encontrados após um clique, eu tinha que gerar outro tipo de pesquisa. E comecei a me perguntar se não havia uma geopolítica do amor social ou da esperança. Como você expressa em seu lema: *Pilgrims of Hope* (Peregrinos da esperança). Porque a ESPERANÇA é a única profecia viável que podemos e devemos oferecer às pessoas de hoje.

E, ao pesquisar, encontrei um documento do professor Juan Luis Hernández Avendaño, mexicano. Professor de sociologia, cientista político. Trabalhou em diferentes universidades no México, na América Latina e na Espanha, e atualmente é reitor da Universidad Ibero Torreón. O

documento intitula-se “Geopolitics of Hope” (Geopolítica da esperança), do qual gostaria de compartilhar algumas ideias com vocês:

- Não é fácil incentivar a esperança em meio ao desespero coletivo, não parece fácil organizar uma práxis sustentada pela esperança de um mundo ou de uma casa comum com maior bem-estar para todos, mas, felizmente, o Deus de Jesus, que ouve os clamores de seu povo, caminha ao nosso lado e, desse poço espiritual, alimenta-se nossa convicção de que precisamos construir uma Geopolítica da Esperança para um mundo quebrado, sem apoio e moralmente cego.
- Nesse sentido, proponho e incentivo cinco campos nos quais uma Geopolítica da Esperança poderia trabalhar: 1, epistemologia; 2, práxis; 3, espiritualidade; 4, ética e; 5, a própria geopolítica. Vejamos as características de cada campo.

1 A Epistemologia da Esperança: vendo, analisando e interpretando a realidade com uma perspectiva profética. Como e por que fazemos análise da realidade?

A análise profética da realidade. Isso nada mais é do que recuperar a práxis dos profetas de Israel. Por um lado, ser incisivo e corajoso ao denunciar o “mal comum”, as injustiças intoleráveis, o abuso dos mais vulneráveis, a banalidade do mal; mas também, e talvez com mais força, anunciar as boas novas de nosso tempo, descobrir a passagem de Deus em nossa história atual, identificar as pedagogias da esperança, os atores e os sujeitos que nos inspiram em nossa jornada, as resistências de indivíduos e povos, as vidas cegas pelo poder, mas recuperadas nas lutas que continuam. Eu acrescentaria que parte da missão de ser um profeta é convocar as pessoas para liturgias que acolham o mistério humano e as ajudem a se posicionar diante do sagrado, trazendo os seres humanos de volta ao centro de sua própria existência.

Com o objetivo de nutrir a esperança em um novo céu e uma nova terra, uma nova humanidade. Assim, a análise da realidade deve iluminar nossa jornada no século XXI, um século que já nos mostrou a pandemia da Covid-19, um século de incertezas, mas também de novas fissuras e conjunturas para continuar a ter um impacto; para incentivar nossos esforços de articulação e trabalho em rede, para inspirar opções e alternativas, para ver claramente o núcleo do qual emerge a injustiça estrutural a fim de atacá-la, confrontá-la e rompê-la.

Não se deve economizar na denúncia das injustiças, mas é preciso ter cuidado para não superestimar sua invencibilidade. Por outro lado, essa análise não deve subestimar as boas novas ao nosso redor, nem subestimar as capacidades transformadoras dos pobres e vulneráveis. Essa análise acompanha o olhar crítico e proativo de alguém que não lamenta os tempos em que vivemos, mas é grato pela oportunidade de testar nossas convicções e crenças.

Ela sugere olhar para os sinais dos tempos a partir de três posições epistemológicas:

- a. A realidade é uma condição de possibilidade, é uma construção social que admite sustentabilidade, mudanças e transformações.
- b. As injustiças de nossa realidade.
- c. As boas novas de nosso tempo. A análise e a sistematização de práticas que transformam a realidade em termos de vida digna, o que alimenta a esperança de que ainda hoje o reino de Deus está sendo construído sem plenitude, mas com vislumbres de humanidade.

Esse método nos encoraja a iluminar a esperança, não apenas a acreditar nela, mas a documentá-la, dar-lhe dados, sistematizá-la, vê-la com nossos próprios olhos. Esse método também nos chama a ser enfáticos na análise das injustiças estruturais, mas igualmente sólidos no reconhecimento das transformações da realidade de nosso tempo. Essa epistemologia da esperança deve reconhecer a “pedagogia do mal” e também a “pedagogia da esperança” (Freire, 2009).

Essa epistemologia é forjada de baixo para cima e emana de uma realidade real (Ellacuría) a ser transfigurada em uma realidade real para aqueles que apostam em novos mundos e lares acolhedores.

2 A práxis da esperança: A práxis da esperança assumiria a forma de resistência e a audácia da ação para transformar a realidade. Opor-se ao mal comum é um sinal de oposição à injustiça. Resistir é um sinal de esperança na transformação da realidade. Resistir. Fundamental em tempos de modernidade líquida

“Quem disse que tudo está perdido, eu venho oferecer meu coração”.

A práxis da esperança é tecida em um fogo lento, nas margens da história, na periferia da sociedade, nos invisíveis, nos perturbadores, nos criativos, naqueles que são sustentados por uma interioridade forte e sólida, que os representantes da injustiça não conseguem ver. Outro comentário

pessoal: não é esse o lugar da Vida Consagrada, não é ela que profetiza no silêncio dessa presença que traz a pessoa de volta ao centro?

A sociedade civil, as pessoas organizadas, os de baixo, sempre estarão lá, desafiando o poder, as hegemonias (capitalismo, racismo, patriarcado), tecendo alternativas, a partir do pequeno, do insignificante, da boa palavra, do testemunho, da solidariedade.

A chave para uma sociedade com maior bem-estar depende do crescimento da sociedade civil ou das comunidades organizadas e é aí que devemos concentrar nossos esforços formativos, práticos e esperançosos, é aí que nossa Praxis of Hope deve ter como objetivo ampliar e fortalecer a antítese ao poder hegemônico.

3. A Espiritualidade da Esperança: É a hora da esperança”, assim saudou o documento de Medellín em 1968. A jornada dos últimos 50 anos da igreja latino-americana não pode ser compreendida sem esse espírito, sem essa fé convertida em obras de libertação pessoal e social, sem essa fé que resultou na interseção de fé e justiça

Medellín trouxe consigo um antigo anseio, levantado por João XXIII quando ele convocou o Concílio Vaticano II e lembrou novamente em 1968 que “a separação entre fé e vida deve acabar”. E um dos aspectos centrais e concretos dessa Espiritualidade da Esperança é o discernimento.

O discernimento para descobrir a vontade de Deus em nossa realidade se torna uma necessidade de esperança. Em nossos processos comunitários, o treinamento em discernimento é essencial e nos prepara para as decisões e posições que mais tarde teremos de tomar na arena pública.

A Espiritualidade da Esperança tem sua fonte principal na espiritualidade da encarnação. A espiritualidade da esperança é nutrida por um estilo de vida que acolhe, cura, defende, ama e perdoa.

4 Ética da esperança: modelos de sociedades selvagens existem o tempo todo, ao longo da história

E o mais interessante é que, precisamente nos picos mais desumanos e cruéis dos tempos mais sombrios, surgiram lideranças éticas que desafiaram e desafiam, como Jesus, Luther King, Monsenhor Romero, Rosa Parks, Malala, Norma Laferte (Mon Laferte), lideranças éticas para criar, construir, revelar, examinar, alertar, defender, inspirar, mobilizar.

Cada uma dessas lideranças éticas viveu em sociedades fechadas por fortes hegemonias, ou seja, ideias dominantes que parecem inamovíveis (escravidão, capitalismo, patriarcado, racismo, ditaduras, violência) e, ainda assim, decidiram desafiar esse *status quo* como construtores da paz, do diálogo, da resistência ativa, da arte disruptiva, da voz corajosa em meio às armas; o mais deslumbrante sobre as lideranças éticas é que elas surgem exatamente quando são mais necessárias, quando a aventura do ser humano parece ir definitivamente para o precipício da história.

Uma Ética da Esperança que coloca sua práxis no modo de proceder com o cuidado. O cuidado, hoje mais visível pelos danos da Covid-19, tem três dimensões: o estabelecimento de uma economia do cuidado, a recuperação da cidadania como cuidado com a casa comum e o apelo a questões éticas nos principais processos que nos cercam, como migração, propriedade da terra, consumo, tecnologia, direitos humanos, política, economia social etc.

Pensar globalmente e agir localmente nos permite assumir o controle da realidade.

Cuidar do que é precioso para nós, cuidar da vida, cuidar da identidade que nos fortalece, cuidar da sacralidade que herdamos de nossos ancestrais, cuidar daqueles que precisam de nós. Essa ética do cuidado pode ser uma fonte de esperança, resistência, inspiração e consolo.

5 Geopolítica da esperança: “Geo” refere-se à terra. A palavra política vem do grego polis, que significa “cidade” ou “comunidade”. E isso era política, isso era fazer política, cuidar do bem-estar das cidades

Sim, somos convidadas à audácia do possível/impossível. E essa audácia é a audácia de uma liderança ética, cívica e política que confronta profeticamente a desesperança, o “mal comum” e as pedagogias desmoralizantes e imobilizadoras de consciências e ações.

Construindo uma Geopolítica da Esperança. Isso implica a formação da mentalidade: o que sempre moveu o mundo foram as ideias, são elas que mobilizam, inspiram, agitam, vinculam ou articulam. Queremos mobilizar um tipo de educação, mas não qualquer tipo de educação, e sim uma educação cujo primeiro tema seja os problemas da realidade. Aprender com a realidade, com a realidade e para a realidade.

Essa liderança ética, cívica e política não pode ser cega e muda diante da injustiça, mas, dessa forma, a partir de baixo, das regiões locais, da esperança dos fracos, ela adquire a força profética que, paciente mas

profundamente, transforma os territórios que habitamos. É preciso ter esperança.

Identifique aqueles que estão fazendo esse trabalho (global e local ao mesmo tempo). A Geopolítica da Esperança é tecida e entrelaçada no território com a política da presença. Estar presente, presente para se reunir, para fazer juntos, para resistir, para criar projetos, para formar e nos formar, para nos encorajar na alegria de ter uma fé esperançosa.

Na vida simples, nas margens da história, na periferia humana, uma pequena chama, uma centelha de esperança, uma palavra de incentivo, uma alegria compartilhada, uma coragem mobilizadora, uma bravura ousada é fomentada. Ali, no pequeno, o começo do fim de impérios, dinastias, reis, ditadores, panelinhas, caciques, patriarcados, racismo e modelos escravocratas que parecem sempre ter existido, que parecem nunca desaparecer, mas muitas dessas formas se foram, muitas delas ainda estão conosco. Portanto, o fogo que dá forma a uma sociedade mais justa e fraterna surge na auréola daqueles que abrigam dentro de si uma proposta, um projeto, uma agenda, uma palavra ou uma ação para detonar uma Geopolítica da Esperança para o exterior.

A proposta de Juan Luis é geral, mas ao mesmo tempo muito específica. Ela contém elementos que podem ser nossos para analisar a realidade de nosso serviço, para validar e defender a vida, para influenciar o momento em que estamos vivendo e para alimentá-lo com esperança. Fazendo isso com os elementos que nos permitem entrar em um diálogo de igual para igual com essa sociedade tão marcada pelo mercado e pelo desejo de poder, ao mesmo tempo em que colocamos a pessoa humana no centro e fazemos isso a partir de nosso ser feminino.

Uma música me vem à mente:

Você precisa acender uma luz, por menor que ela seja,
mesmo que tenha a noite em seus olhos e sua alma esteja em ruínas.
Sabe-se que a paz sempre vem depois da guerra,
e que é bom falar sua verdade, mesmo que ninguém acredite nela...

... se você quiser que, juntos, nos tornemos uma fogueira,
você deve acender sua luz, por menor que ela seja.

Devemos à humanidade fazer nossa parte, acender a luz de nossa esperança.

Porque aquele que sustenta nossa esperança é o Deus da História, cuja face humana é Jesus, irmão e migrante, como nós.

E agora nos resta decidir o título deste painel: a realidade da mobilidade humana hoje é uma conjuntura, uma encruzilhada, um desafio ou uma possibilidade?

SEGUNDA PARTE

MACROESTRATÉGIAS DA AÇÃO MISSIONÁRIA DAS IRMÃS SCALABRINIANAS

RESPOSTAS DA CONGREGAÇÃO MSCS AOS DESAFIOS DA MOBILIDADE HUMANA

1 RESPOSTAS DA CONGREGAÇÃO NO BRASIL

*Ir. Idalina Pellegrini, mscs**
*Ir. Claudete Lodi Rissini, mscs***

Atividades e programas por áreas estratégicas

Acolhida: essa é uma das principais atividades da Congregação no Brasil. O verbo acolher assume várias conjugações em diferentes formas de atuação: desde espaços que promovem a permanência de apátridas, migrantes, solicitantes de asilo e refugiados com suas necessidades pessoais e familiares, até espaços que promovem a escuta e a orientação. Nesse sentido, as conjugações revelam que as diversas ações são realizadas de alguma forma em prol do acolhimento. O acolhimento integral se dá sem desmerecer a identidade das pessoas ou famílias atendidas e busca promover a autonomia e o protagonismo por meio de vários programas de subsistência, que defendem que as pessoas alcancem a autossuficiência. As ações não são para, mas com os migrantes e refugiados, nesse sentido, a recepção é acompanhada da desejada autossuficiência ou autonomia, que também estão presentes em todas as formas de promoção, tais como: cursos profissionalizantes, atendimento psicossocial, escuta e orientação, promoção etc.

* Missionária Scalabriniana Brasileira. Tem estudos em mobilidade humana e terapias integrativas, além de Especialização em Teologia e Mobilidade Humana pelo Instituto São Paulo de Estudos Superiores – ITESP/SP. Coordenadora da Pastoral dos migrantes na Arquidiocese de Fortaleza – Ceará/Brasil.

** Missionária Scalabriniana brasileira, graduada em Serviço Social pela PUCRS. Membro do Conselho Ampliado da Província Maria Mãe dos Migrantes - Serviço Sócio Pastoral; Coordenadora de Projetos Sociais da Associação Educacional e Beneficente São Carlos - Porto Alegre RS; Assistente Social das escolas da Associação Educacional e Beneficente São Carlos; Membro do Fórum Permanente de Mobilidade Humana do Rio Grande do Sul; Membro do Comitê de Atenção aos Migrantes, Refugiados, Apátridas e Vítimas de Tráfico de Pessoas e da Rede Um Grito pela Vida.

Desenvolvimento integral: envolve ações que abordam não apenas um aspecto ou dimensão, como os relacionados à economia, mas também aspectos sociais, culturais, religiosos, recreativos e emocionais. Assim, as ações incluem a busca de garantias de acesso a oportunidades educacionais, serviços de saúde, apoio emocional e integração social nas comunidades anfitriãs.

Interação com a sociedade anfitriã: as atividades realizadas também envolvem a sociedade local, as comunidades e as igrejas. A dinâmica da integração só pode ser bem-sucedida se os migrantes, as pessoas e as instituições do país anfitrião forem considerados e engajados. Essa relação necessária, direta ou indiretamente, está presente nas atividades, especialmente naquelas relacionadas a treinamento, ensino do idioma local, educação, formação e conscientização, etc.

Apoio psicossocial: a saúde mental durante a migração é uma questão complexa. Os migrantes geralmente enfrentam desafios emocionais devido à integração, à separação da família e às mudanças culturais. O apoio psicossocial e a conscientização sobre questões de saúde mental são essenciais para promover o bem-estar dos migrantes. Cabe destacar também ações, presenciais ou virtuais, que visam promover a saúde mental.

Incidência: as ações de *advocacy* envolvem a defesa dos direitos e interesses dos migrantes. As atividades e os programas dentro desse escopo incluem a promoção de políticas justas, o combate à discriminação e a garantia de acesso a serviços essenciais. Além de buscar influenciar políticas

Elementos diferenciais	Descrição
Conhecimento da realidade	Considerar a realidade de forma crítica e inteligente antes de agir.
Transformação da realidade	Compromisso pessoal e institucional com a transformação de diferentes realidades de acordo com os valores do Reino de Deus inaugurado por Jesus.
Escuta	Atenção cuidadosa e ativa para compreender as complexidades e os desafios da vida cotidiana. Capacidade de ouvir experiências para ações que buscam promover mudanças significativas.
Respeito incondicional pela alteridade	Atividades desenvolvidas com e para migrantes e refugiados, incluindo suas vozes e experiências, superando posições colonialistas ou dominantes.

Educação para a interculturalidade	Ações voltadas para a promoção da convivência harmoniosa entre pessoas de diferentes origens. Reconhecimento das diferenças para construir pontes de diálogo e cooperação. Por meio de ambientes educacionais que celebram a diversidade e preparam os alunos para uma participação ativa e ética.
Planejamento, gestão e avaliação das ações	O planejamento visa a estabelecer direções e metas para analisar o ambiente interno e externo, identificar oportunidades e ameaças, definir pontos fortes e fracos e formular estratégias para atingir os objetivos.
Gratuidade	Ações e serviços que transcendem as transações econômicas, promovendo relacionamentos mais solidários.
Protagonismo feminino	Ação e valorização da presença feminina buscando promover a igualdade de gênero e valorizando as habilidades e perspectivas das mulheres em diferentes contextos.

para criar ambientes mais inclusivos e proteger os direitos humanos de migrantes e refugiados. Elas envolvem a promoção de mudanças em políticas, práticas ou percepções e visam melhorias em várias áreas, como direitos humanos, meio ambiente, justiça social e saúde. Assim, as ações visam influenciar decisões e criar um impacto positivo na sociedade de acolhida.

Redes: não é novidade que os migrantes e refugiados também dependem das redes sociais para obter informações, apoio abrangente, oportunidades de emprego etc. Portanto, as ações não são tomadas apenas internamente ou isoladamente, mas em conjunto com governos, organizações, comitês, universidades e agências que frequentemente abordam questões de migração e, assim, colaboram e trabalham em rede para fornecer assistência abrangente, promover direitos e enfrentar os desafios que os migrantes buscam superar. O trabalho em rede pode fortalecer a capacidade de lidar com os aspectos complexos da migração, promovendo a integração e o apoio efetivo.

Celebrações e lazer: As celebrações e as atividades de lazer desempenham um papel importante na promoção do equilíbrio e do bem-estar. As comemorações proporcionam momentos de alegria, conexão

social e reflexão, enquanto as atividades de lazer oferecem oportunidades de relaxamento e prazer. Ambos são elementos essenciais de uma vida equilibrada, contribuindo para a felicidade e a qualidade de vida. As comemorações ajudam a preservar a identidade cultural e a fortalecer os laços comunitários de migrantes e refugiados. Os eventos geralmente incluem festivais, cerimônias religiosas ou celebrações que refletem as tradições e os costumes de suas origens. Além de proporcionar um senso de pertencimento, as comemorações também oferecem uma oportunidade de compartilhar e promover a diversidade cultural, estimulando a compreensão e o apreço entre os diferentes grupos da sociedade anfitriã. O tempo de lazer também pode desempenhar um papel importante na integração dos imigrantes em novos ambientes. A participação em atividades de lazer ajuda a criar conexões sociais, facilita a integração cultural e oferece oportunidades de conhecer pessoas locais. Além disso, o lazer proporciona uma pausa nas pressões da migração, contribuindo para o bem-estar emocional e reduzindo o estresse associado à transição para a migração.

Elementos diferenciais de ação estratégica desenvolvidos pelas Irmãs Missionárias Scalabrinianas

Como se apresentam as prioridades para mulheres e crianças em situações de vulnerabilidade e o protagonismo dos migrantes/refugiados como sujeitos de suas trajetórias?

Na dinâmica da migração, mulheres e crianças estão entre os grupos mais vulneráveis, pois sofrem diversas formas de abuso e violência. No caso das mulheres, a feminização da migração desafia as unidades a desenvolver ações que visem oferecer a elas uma condição de vida mais digna e inclusiva. Muitas mulheres migram com suas famílias, o que implica a ampliação da atenção das unidades e dos serviços. Esses desafios são considerados pelas unidades e serviços onde há presença de mulheres e crianças.

Perspectivas

No compartilhamento das Irmãs, elementos do que elas esperam melhorar e ampliar no trabalho realizado pela Congregação na região surgiram na forma de perspectivas/desejos ou planos:

-
- Formação de irmãs por meio de cursos de pós-graduação;
 - Ter mais leigos e colaboradores;
 - Fortalecimento do trabalho em rede;
 - Conhecimento mais amplo das políticas de migração;
 - Inserção e qualificação de informações no Sistema Paroikos;
 - Aprofundamento das Diretrizes Gerais do Apostolado;
 - Adaptação de alguns espaços (estrutura física);
 - Qualificação da equipe (treinamento contínuo);
 - Melhorar o aprendizado em outros idiomas;
 - Expansão dos serviços;
 - Conscientização no combate à xenofobia;
 - Comunicação que apoie uma visão positiva da migração;
 - Aumentar o número de voluntários.

2 RESPOSTAS MSCS À REALIDADE MIGRATÓRIA NA ARGENTINA, PARAGUAI, BOLÍVIA, EQUADOR E COLÔMBIA

*Ir. Juliana Rodrigues, mscs**

Principais Macroestratégias adotadas

Em seu trabalho missionário presente nos 5 países, a Congregação desenvolveu uma ampla diversidade de respostas aos desafios apresentados pelos migrantes e refugiados, de modo que as irmãs exercitam a criatividade missionária para manter vivo o Carisma.

A diversidade de ações, a partir do contexto, da abordagem e da competência, ajuda a articular melhor a prática e a expressão da Congregação nos diferentes países, ao mesmo tempo em que avalia nossa presença e busca implementar projetos e programas que possam responder às necessidades das pessoas no contexto da mobilidade humana.

A presença scalabriniana nos cinco países hispânicos da América do Sul se baseia em quatro verbos: acolher, proteger, promover e integrar, que andam de mãos dadas com os eixos estratégicos da ação missionária mscs.

1 Acolhida, assistência e proteção em emergências e situações de vulnerabilidade

- Cinco centros de acolhida (1 na Bolívia, 2 na Colômbia e 2 no Equador), onde são fornecidas acomodações temporárias;
- Assistência humanitária de emergência por meio da entrega de alimentos, itens de higiene pessoal, suporte para moradia, transporte humanitário e atendimento médico;
- Refeitório comunitário para pessoas em trânsito;
- Atenção e acompanhamento psicossocial e jurídico;

* Missionária Scalabriniana brasileira. Formada em serviço social. Atualmente desenvolve sua missão como coordenadora de gestão de projetos na Missão Scalabriniana do Equador.

- Espaços ocupacionais para escuta e aconselhamento;
- Assistência para o restabelecimento de vínculos entre grupos familiares.

2 Promoção e integração

- Processo de meios de subsistência comunitários e sustentáveis;
- Treinamento e educação técnica;
- Orientação para inserção no mercado de trabalho formal;
- Apoio a iniciativas de empreendedorismo.

3 Animação e coordenação da pastoral junto a migrantes e refugiados

- Evangelização e catequese;
- Acompanhamento vocacional de jovens em seu projeto de vida;
- Trabalho de coordenação da Pastoral de Movilidade Humana na Conferência Episcopal;
- Coordenação diocesana do serviço da pastoral da migração;
- Experiência de celebrações ecumênicas com base na proposta de formação humana e espiritual;
- Celebração da integração cultural com base em diferentes culturas e religiões.

4 Atenção prioritária a mulheres e crianças

- Grupo de apoio às mulheres;
- Treinamento e acompanhamento da liderança feminina;
- Proteção para mulheres e crianças para evitar a violência;
- Projetos de integração para crianças e jovens a partir do acesso ao sistema educacional, atividades de resiliência e treinamento.

5 Formação e sensibilização

- Formação de novos agentes de pastoral das migrações;

- Acompanhamento e fortalecimento do Grupo de Leigos Scalabrinianos;
- Treinamento para a igreja diocesana para sensibilizar bispos e padres sobre a realidade da migração.

6 Incidência, Defesa e trabalho em redes

- Promoção de políticas públicas por meio do diálogo com autoridades governamentais e tomadores de decisão;
- Acompanhamento de atores sociais para gerar processos de reflexão, construção coletiva e ação conjunta;
- Construção de políticas públicas em nível nacional e local para garantir o acesso aos direitos: educação, saúde, moradia e regularização;
- Participação em espaços coletivos e diálogos que promovam alianças que gerem canais de diálogo e influência nas principais esferas decisórias;
- Elaboração de relatórios, posições e propostas que promovam a integração em nível comunitário;
- Participação em redes e/ou grupos de trabalho, tais como: Red Clamor; Red de Lucha Contra Trata y Tráfico de personas; GTRM - Grupo de Trabajo para Refugiados y Migrantes; Comisión de la Verdad; Red de Movimiento de niñas, niños y adolescentes; Redeprod - Red de Protección y Derechos.

Elementos que diferenciam a ação estratégica desenvolvida pelas Irmãs Missionárias Scalabrinianas em seus respectivos contextos:

- 1. Promoção e integração** – processo de subsistência comunitária e sustentável e apoio a iniciativas de empreendedorismo;
- 2. Atenção prioritária a mulheres e crianças** - formação para o empoderamento e a liderança das mulheres; atividades de resiliência e treinamento contínuo para crianças, adolescentes e jovens do carisma scalabriniano, como o Movimento Juvenil Scalabriniano.
- 3. Fortalecimento do protagonismo e da liderança** - fortalecimento a partir da economia social e solidária que permite a expressão e o exercício da ação coletiva de migrantes e refugiados, a partir da estratégia de intercâmbio, fortalecimento de iniciativas coletivas e proposta de visibilidade.

Prioridades para mulheres e crianças em situações de vulnerabilidade e o papel dos migrantes/refugiados como sujeitos de suas trajetórias

A atenção e o cuidado especial com as mulheres, os adolescentes, os meninos e as meninas que compõem o fluxo de migrantes e refugiados é uma contribuição fundamental baseada na capacidade de atender e responder às necessidades desse grupo prioritário, reconhecendo os riscos e as ameaças que enfrentam, bem como as oportunidades e o potencial a que não têm acesso.

Desde então, foram desenvolvidas ações para promover a proteção, a promoção, a ação e a integração, com o objetivo de garantir o direito à vida e o reconhecimento da dignidade.

- Grupos de apoio psicossocial para mulheres com base na escuta empática;
- Empoderamento das mulheres por meio de um processo de capacitação com a proposta de “mulheres que transformam comunidades”;
- Mecanismos de proteção baseados na atenção jurídica para garantir o acesso aos direitos (saúde e educação, moradia digna e regularização), também para a prevenção da violência;
- Promoção da migração segura, com base em informações sobre rotas alternativas para reduzir os riscos envolvidos no processo;
- Desenvolvimento de treinamento de habilidades para a vida;
- Espaço ocupacional e recreativo para crianças, adolescentes e jovens com atividades de resiliência e treinamento contínuo.
- Trabalho para construir uma rede de apoio às mulheres.

O que esperamos melhorar e expandir no trabalho realizado pela Congregação na região na forma de perspectivas/desejos ou planos?

Enquanto os migrantes e refugiados no mundo continuam com seu dinamismo e necessidades que mudam constantemente, como irmãs que estão nesse caminho, buscamos adotar novas práticas para continuar respondendo com fidelidade ao carisma scalabriniano, a partir dos novos tempos, dentro de suas possibilidades e com ações concretas.

Vemos que é necessário, a partir da dinâmica do contexto migratório nos 5 países da região hispânica da América do Sul, pensar em:

- Ampliar nossas ações com migrantes e refugiados, a partir de uma proposta de ampliação do trabalho missionário na Argentina e na Bolívia;
- Fortalecer nossas missões com base no trabalho articulado com leigos e voluntários;
- Priorizar os recursos humanos, por meio da presença das irmãs, e também os recursos econômicos em favor da missão;
- Ampliação da presença da Congregação em realidades fronteiriças como Peru e Chile;
- Criar uma Rede Scalabriniana para garantir uma rota segura para os migrantes que transitam entre esses 5 países.

3 RESPOSTAS DAS IRMÃS MSCS EM ÁFRICA

*Ir. Carla Frey Bamberg, mscs**

A canonização de S. João Batista Scalabrini, Pai dos Migrantes, e a divulgação de sua vida, obra e carisma, fortaleceu a visão da igreja local e incentivou a criação de uma nova Paróquia dedicada a ele, em Johannesburg, África do Sul.

Para todas nós irmãs, S. João Batista Scalabrini, é um modelo que nos inspira na defesa dos migrantes e na incidência nas questões políticas e sociais. Em todos os serviços procuramos ser fiéis ao carisma que herdamos, promovendo a comunhão na diversidade na Igreja onde atuamos. Estes serviços envolvem todos os migrantes/refugiados e comunidades de acolhida.

As principais estratégias da ação das irmãs mscs no continente africano, são diversificadas e respondem às necessidades locais onde atuam

Nos países onde as irmãs atuam, África do Sul, Moçambique e Angola, elas coordenam a Pastoral das Migrações nas três Conferências episcopais, na arquidiocese de Johannesburg, África do Sul, na diocese de Uije, Angola, bem como a Caritas nacional na África do Sul e Caritas diocesana em Uije, Angola.

Está sob a direção das irmãs o Bienvenu Shelter e o Centro de treinamento Madre Assunta em Johannesburg, África do Sul e o Centro Scalabrini, em Ressano Garcia, Moçambique.

Há um empenho de conscientização da Igreja local para acolher e assumir a Pastoral das Migrações nas Dioceses, Paróquias e comunidades, bem como a integração da Pastoral das Migrações com outras Pastorais Sociais.

* Missionária Scalabriniana brasileira, nascida no Paraguai. É licenciada em Pedagogia e pós-graduada em Mobilidade Humana. Vive em Luanda (Angola) e trabalha como secretária executiva da Comissão Episcopal para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes de Angola e São Tomé (CEPAMI).

Trabalha-se em rede e em parcerias com outras organizações, inclusive com instituições públicas, com escolhas operacionais que respondem também às necessidades básicas das pessoas migrantes e refugiadas, em vista de sua integração na comunidade local: saúde, documentação, educação, habitação, acolhida temporária, profissionalização, cuidado pastoral, etc.

O atendimento aos migrantes segue o critério de maior vulnerabilidade, priorizando uma atenção especial às mulheres e crianças. É constante a atenção às fronteiras, migração interna, centros de refugiados e deslocados internos. Há uma relação de proximidade, acolhimento, escuta, compaixão, empatia, amor desinteressado com as diferentes pessoas ou grupos que vivem situações de mobilidade.

São constantes as visitas e acompanhamento nos centros de detenção de migrantes e estrangeiros em situação irregular; visitas domiciliares às famílias ou encarregados da educação das crianças migrantes e outros grupos em situação de vulnerabilidade.

Nas diversas igrejas locais, bem como através das Conferências episcopais, procura-se capacitar as equipes de leigos, lideranças que colaboram com a Pastoral das Migrações e que contribuem na formação da consciência e empoderamento dos migrantes. Em vários âmbitos eclesiais, as irmãs são muito solicitadas para a formação das lideranças.

A coordenação da Pastoral das Migrações nas Dioceses permite o acesso a todas as paróquias, bem como aos meios de Comunicação Social e aos órgãos públicos. Assim, mais facilmente se faz um trabalho de conscientização sobre a situação das pessoas em mobilidade e a urgência de atender suas necessidades básicas.

Em todas as ações procuram incentivar o protagonismo dos migrantes, refugiados, deslocados, repatriados, mulheres, crianças e vítimas de tráfico humano. Quando possível, junto a estes grupos e com os colaboradores da missão, são promovidas atividades religiosas, sociais, educativas, culturais. Através de todas as atividades a missão scalabriniana torna-se conhecida nas comunidades, centros, redes sociais, ONGs, etc.

As irmãs também têm um grande envolvimento no acompanhamento vocacional aos jovens em geral e na formação de futuras missionárias scalabrinianas.

A Congregação está dando respostas às demandas das pessoas em mobilidade nas realidades que vivem, sempre na defesa da vida e dignidade das pessoas em mobilidade

Nas várias coordenações que as irmãs exercem, procuram implementar as resoluções estabelecidas pelos bispos para a Pastoral das Migrações, nas dioceses e paróquias. Empenham-se na elaboração e distribuição de material e realização de cursos de formação e treinamento de agentes da Pastoral Migratória a nível nacional, diocesano e paroquial. Às dioceses e paróquias que desejam criar ou organizar a Pastoral das Migrações dão suporte e acompanhamento.

Há programas específicos de ajuda humanitária a migrantes e refugiados em situação de vulnerabilidade, bem como um programa educacional e de proteção para crianças migrantes e refugiadas. No atendimento emergencial oferecem alimento, material escolar, abrigo, insumos agrícolas, transporte, saúde, hospedagem, higiene. Há um apoio nutricional para crianças em situação de vulnerabilidade (no Centro de refugiados em Nampula e no Centro Scalabrini, em Ressano Garcia), reforço escolar e acolhida residencial para mulheres refugiadas e seus filhos no centro Bienvenu Shelter em Johannesburg. A estas mulheres também é oferecido sessões de terapia de grupo e individual, para ajudá-las na superação de seus traumas e dificuldades.

Além dos cursos de inglês e português, para a integração de migrantes nas comunidades locais, são oferecidos cursos profissionalizantes, para empoderamento de mulheres migrantes e refugiadas. São cursos de informática, corte de cabelo, corte e costura, artesanato, contabilidade, gestão de negócios. No final dos cursos há distribuição de *kits* de ferramentas para iniciarem pequenos negócios.

Há também treinamento de migrantes, refugiados, deslocados, em gestão de pequenos negócios e auxílio para financiar atividades que gerem renda para o sustento familiar, numa perspectiva de inclusão e autonomia destas pessoas.

Em Angola, houve a criação da comunidade dos repatriados, que promovem a solidariedade, a promoção humana e o desenvolvimento econômico e financeiro, ajudando as pessoas a se organizarem para a auto sustentabilidade e se apoiarem mutuamente na própria comunidade. Tais ações são: microcrédito, alfabetização de adultos, criação de cooperativas, ensino da língua portuguesa, curso de corte e costura, medicina natural, ajuda na aquisição da documentação pessoal e/ou comunitária.

Em todos os países as ações de *advocacy* visam a defesa dos direitos e proteção dos migrantes e refugiados, bem como a assistência jurídica

para obtenção de documentos vários. Há uma rede de pontos focais de prevenção ao tráfico de pessoas e partes do corpo humano, em todas as Províncias de Moçambique, em parceria com Instituições governamentais e civis.

Também se trabalha em rede com diversos parceiros religiosos e civis e são realizadas campanhas junto às comunidades, promovendo a migração segura, partilha de material informativo, formações nas escolas e outros locais estratégicos de maior movimento.

Há projetos e atividades que respeitam a cultura local dos migrantes e preparação e organização de celebrações, favorecendo a integração e encontro: dia mundial das migrações e refugiados, dia do padroeiro, dia das mulheres e natal das crianças.

As contribuições da Congregação aos desafios que a Igreja e a sociedade enfrentam são muitas, entre elas destaca-se:

- A disponibilidade de várias irmãs nos serviços de coordenação da Pastoral dos Migrantes e da Caritas, em nível diocesano e nas Conferências episcopais.
- Diálogo com a Igreja sobre a importância da Pastoral das Migrações onde ela não existe, exercendo uma incidência positiva na vida da Igreja e sociedade civil, em relação à vida do migrante e dos refugiados, seus desafios, suas lutas e contribuições para a sociedade.
- No aspecto formativo, cria-se consciência da necessidade de maior organização para crescer e avançar como Igreja e como sociedade civil, para sanar as situações sociais críticas das pessoas mais vulneráveis.
- Realização e publicação de estudos científicos e reportagens televisivas sobre tráfico de pessoas, de órgãos e prevenção da migração irregular.
- Trabalho em rede de articulação e em parceria com importantes organizações nacionais e internacionais; A Congregação se faz presente em organismos que faz incidência sobre o trabalho local (VIVAT, Fundação Scalabriniana e CSEM).
- Captação de recursos financeiros para as ações desenvolvidas em nossa missão com vistas à sustentabilidade e busca de doadores para responder aos projetos da missão.
- Os serviços prestados pelo Bienvenu Shelter e pelo Centro de treinamento Madre Assunta, em Johannesburg, oferecem serviços

de acolhida, residência temporária, formação profissionalizante às mulheres, sendo um lugar de referência em Johannesburgo e nos arredores.

- A formação de agentes da Pastoral das Migrações com metodologia própria, em todos os países, de acordo com as exigências e os tempos atuais no contexto das migrações.
- Constante busca de atualização e formação profissional das irmãs e suas equipes para responder às exigências da missão.
- Colaboração e parceria entre as irmãs que atuam em países diversos, região de fronteira, para responder aos desafios emergentes da missão.
- Abertura e disponibilidade em responder às necessidades e solicitações da diocese e dos migrantes e carentes nos aspectos religioso, social e formativo.

Podemos ampliar/qualificar nossa atuação como mulheres, religiosas, Scalabrinianas através de várias ações, tais como:

- Construção do plano estratégico apostólico para o Continente Africano.
- O diálogo com as autoridades da Igreja local sobre a importância da especificidade do nosso Carisma e assumir o trabalho de acordo com a missão da Congregação.
- Fortalecer a Pastoral da Mobilidade Humana em todas as dioceses, paróquias e comunidades, criando condições e mecanismos de auto sustentabilidade, priorizando o acolhimento, valorização da cultura, experiências pastorais e profissionais dos que chegam na comunidade de acolhimento.
- Zelar por uma pastoral de conjunto com outras organizações que atuam junto às pessoas em mobilidade. Ampliar parcerias, trabalho em redes na promoção de políticas públicas, em defesa dos migrantes e refugiados, criando impacto na sociedade em geral com a nossa atuação social e pastoral.
- Promover e efetivar estudos científicos sobre as dinâmicas migratórias no país e oferecer às Conferências episcopais informações sobre desafios e problemas que enfrentam as pessoas em mobilidade, para dar respostas ajustadas a cada contexto.
- Continuar a investir na formação apostólico-missionária das irmãs, para melhor responder as exigências da missão.

- Captação de recursos financeiros em vista da sustentabilidade da missão na Região África (que haja uma pessoa encarregada para os projetos comuns).
- Divulgar os documentos da Doutrina Social da Igreja sobre as questões migratórias.
- É necessário também um número maior de irmãs atuando nas comunidades, para reforçar a missão e possibilitar períodos de formação e de atualização das irmãs que se encontram nestas missões.
- Garantir a realização dos encontros regionais presenciais, com a presença de todas as irmãs, com tempo de partilha, reflexão e avaliação para qualificar nossa ação missionária.
- Investimento, acompanhamento das novas vocações que surgem em terras africanas, para no futuro poder ampliar a presença da Congregação.

4 PRINCIPAIS MACROESTRATÉGIAS ADOTADAS PELAS IRMÃS MSCS NA EUROPA

*Ir. Leticia Gutierrez Valderrama, mscs**

Macroestratégia 1: Acolhida e emergência

- Acolhimento, assistência e proteção em “emergências”, como saber se comunicar no idioma dos imigrantes e intervir em situações de vulnerabilidade na “primeira” emergência de recepção nos centros onde trabalhamos.
- Ajuda em situações de risco e necessidade urgente de medicamentos hospitalares, roupas para gestantes, material de higiene pessoal, alimentos, material de higiene, passagens para o transporte local.
- Visitas a famílias de migrantes e refugiados em casa, centros de detenção (prisões), local de trabalho, hospital, escolas de migrantes e de crianças.

Macroestratégia 2: Promoção e integração

- Assistência e apoio financeiro para documentação, acompanhamento na prefeitura, para advogados para resolver procedimentos de permissão de residência.
- Celebração com imigrantes em comunidades étnica.
- Cursos para cuidadores, atendentes de bares e restaurantes, entre outros, com o objetivo de integrá-los e ajudá-los a ganhar um salário justo e evitar a exploração.

* Missionária Scalabriniana, mexicana, é licenciada em Comércio Internacional pela Universidade de Guadalajara-México e em Filosofia Social, com especialização em Mobilidade Humana, pela Universidade Urbaniana, Roma-Itália, bem como um Mestrado em Migrações Internacionais, pela Pontifícia Universidade de Comillas, Madrid, Espanha. Atua como Delegada Diocesana para as Migrações, Diocese de Sigüenza-Guadalajara, Espanha, de 2018 a 2024.

- Escuta, encaminhamento e acompanhamento personalizado.
- Integração de imigrantes no mundo do trabalho.

Macroestratégia 3: Evangelização e coordenação estratégica

- Catequese, catecumenato, grupo de jovens. Preparação litúrgica, celebrações litúrgicas para famílias, em paróquias interculturais, reflexão sobre o Evangelho, escuta e acolhimento.
- Participação em reuniões dos diversos órgãos pastorais da Igreja.
- Animação e coordenação pastoral entre migrantes e refugiados por meio da evangelização e da formação.

Macroestratégia 4: Prioridade a mulheres e crianças migrantes

- Reuniões semanais com mulheres e crianças migrantes.
- Colaboração com serviços sociais, com atenção especial a crianças e mulheres, para ajudá-las a obter seus direitos no país anfitrião.

Macroestratégia 5: Capacitação de migrantes e refugiados

- Compromisso contínuo de promover a integração e proteger os direitos dos migrantes.
- Uso de uma abordagem participativa, buscando incluir o migrante na tomada de decisões; incentivo a todas as formas de aprendizado, mantendo os migrantes em alta estima; ouvir as histórias e experiências dos migrantes.
- Treinamento e conscientização sobre o papel dos “líderes” migrantes e refugiados para que eles tenham um ponto de referência.

Macroestratégia 6: Formação e sensibilização

- Treinamento e conscientização sobre o tema da migração no contexto eclesial e sociocultural e também por meio da comunicação na mídia social.
- Assistência a organizações eclesiais e civis que lidam com questões de migração.

Aumento da conscientização na Igreja e na sociedade sobre a presença de migrantes como um enriquecimento para o país de chegada.

Promoção da interculturalidade na Igreja e na sociedade, promovendo a dignidade sem discriminação.

Macroestratégia 7: Promoção e criação de redes

- Abordagem abrangente da migração e esforço para levar em conta tanto as oportunidades quanto os desafios que ela apresenta.
- Presença que promove a colaboração na forma de parceria entre diferentes atores; trabalhamos em estreita colaboração com outras agências para promover a interação em colaboração com instituições importantes.
- Trabalho em estreita colaboração com voluntários e em rede com várias associações voluntárias e familiares.
- Redes *ad intra* eclesiais e *ad extra*, com organizações civis locais, nacionais ou intercontinentais. Promoção da construção de redes sociais por meio de defesa: conscientização dos migrantes para sua integração e inclusão na vida sociocultural e religiosa da cidade e da igreja, participação na rede VIVAT, conscientização por meio da publicação de artigos de opinião sobre migrantes na igreja.

Elementos que caracterizam o trabalho estratégico realizado pelas Irmãs Missionárias Scalabrinianas na Europa

Entre os elementos que caracterizam nosso trabalho estratégico, enfatizamos a acolhida e a escuta dos migrantes que se confiam a nós e o acompanhamento humano e espiritual, ajudando-os a viver sua fé. Somos uma ponte entre a Igreja local e as pessoas que estão se deslocando. Também somos uma ponte para apoiá-los na documentação, no aprendizado do idioma e no emprego, oferecendo e promovendo treinamento profissional e informações claras e objetivas sobre o sistema e a organização da sociedade em que se encontram. Promovemos sua integração por meio de cursos de idiomas e apoio escolar para crianças.

No contexto em que trabalhamos, estamos ao lado de imigrantes, refugiados e famílias que buscam asilo, acompanhando-os em suas diferentes necessidades de escuta, ajuda, orientação e procedimentos administrativos. Ao mesmo tempo, nós os ajudamos a entender seus direitos

e deveres legais e a enfrentar os desafios de sua situação migratória. Nós os ajudamos a recuperar sua autoconfiança e a restaurar sua dignidade em um nível holístico e a se sentirem valorizados.

Vivemos e compartilhamos nossa consagração religiosa e nossa fé com migrantes e refugiados, oferecendo-lhes apoio espiritual e contribuindo para seu bem-estar emocional e psicológico por meio da oração, da reflexão e do compartilhamento da fé. Ajudamos os migrantes a manter sua fé e vida espiritual vivas por meio de evangelização, catequese, escuta, festivais e celebrações, pois a educação espiritual reflete nosso desejo de promover uma conexão profunda com a fé católica em contextos multiculturais. Somos migrantes com os migrantes, porque a migração nos ajuda a entender a vida como ela é, a crescer como pessoas, a reconhecer os sentimentos, os encontros com o diferente e a olhar para a essência do ser humano.

Nós, as Irmãs Missionárias Scalabrinianas, nos distinguimos por nosso trabalho estratégico por meio de nossa abordagem humanitária e pastoral com migrantes e refugiados. Nossa especificidade está em nossa dedicação ao cuidado holístico, abrangendo aspectos sociais, culturais e espirituais, ajudando assim a construir comunidades acolhedoras e solidárias nas igrejas locais e a aumentar a conscientização na sociedade onde estamos presentes.

Prioridades para mulheres e crianças em situações de vulnerabilidade e o papel dos migrantes/refugiados como atores de suas histórias de vida

Na Europa, damos atenção especial a mulheres e crianças migrantes e refugiadas e situação de vulnerabilidade por meio de programas específicos nos locais onde estamos presentes e em nossos centros de acolhida, oferecendo-lhes apoio psicológico e serviços educacionais. Trabalhamos para garantir um ambiente seguro e inclusivo, ajudando a mitigar os riscos específicos que mulheres e crianças podem enfrentar durante o processo de migração.

Somos migrantes com migrantes, trabalhando tanto em nível eclesial quanto em associações e órgãos estatais, contribuindo assim para a unidade e a fraternidade, participando ativamente da Igreja local na realização de uma jornada sinodal significativa. A participação ativa no conselho pastoral das paróquias locais e o envolvimento em projetos e atividades diocesanos voltados para os migrantes representam nosso compromisso constante com a integração e a cooperação com a Igreja local.

Damos atenção especial às mulheres ucranianas com filhos desde o início da guerra entre a Rússia e a Ucrânia. Além disso, trabalhamos para conscientizar e proteger os migrantes, por exemplo, por meio de trabalho no mundo acadêmico, participação na vida de comunidades étnicas, participação na rede de associações ou instituições que lidam com migrantes e também por meio de campanhas específicas de comunicação social.

Apoio personalizado a migrantes de várias nacionalidades que vêm às nossas comunidades e centros para aprender o idioma do país de acolhida.

Testemunhar a proclamação do Evangelho (aspecto interconfessional com uma equipe composta de irmãs e leigos em vários idiomas) e a nossa vida, a espiritualidade scalabriniana, a nossa itinerância e a abertura de coração. Aumentar a conscientização sobre a realidade da migração e formar as comunidades pastorais, especialmente as responsáveis. Adotar uma abordagem tripla para a integração: aprendizado do idioma, acesso à formação e acolhida.

Elementos que emergiram da partilha das Irmãs sobre o que elas esperam melhorar e expandir no trabalho da Congregação na região, na forma de perspectivas/desejos ou planos

Nós, as Irmãs Missionárias Scalabrinianas, esperamos aprimorar e expandir nossa missão junto aos migrantes e refugiados na Europa, concentrando nossos esforços em diversas áreas-chave por meio da expansão dos serviços de acolhida e inclusão social, da implementação de programas educacionais específicos, do desenvolvimento de redes de apoio comunitário e da promoção de políticas mais inclusivas em nível local e nacional. O objetivo é continuar a responder de forma eficaz às necessidades em constante mudança das pessoas em situação de vulnerabilidade, contribuindo assim para promover uma migração mais segura e digna.

Na Europa, temos perspectivas, desejos e planos para melhorar o apoio às mulheres refugiadas com filhos, desenvolvendo programas de aconselhamento, melhorando o acesso das crianças à educação, criando comunidades de apoio e defendendo os direitos das mulheres refugiadas. Queremos intensificar nossa colaboração com organizações e autoridades locais para garantir um ambiente de apoio e inclusão que atenda às necessidades das mulheres refugiadas e de seus filhos.

Queremos melhorar nossa assistência e serviços aos migrantes e refugiados e chamar a atenção para a dimensão real da migração e sua contribuição para a construção de uma sociedade inclusiva e universal.

Esperamos reativar o nosso Centro de Estudos (CEDOMIS) na Casa Mãe de Piacenza para promover, produzir e difundir conhecimentos científicos e interdisciplinares sobre as migrações internacionais e locais em uma perspectiva de respeito e promoção da dignidade humana e do protagonismo dos migrantes e refugiados, dando assim a nossa contribuição para a construção de um mundo mais justo e fraterno.

5 RESPOSTA PASTORAL DA PROVÍNCIA NOSSA SENHORA DE FÁTIMA NOS EUA E CANADÁ

*Ir. Maria Arlina Barral, mscs**

A Província Nossa Senhora de Fátima tem sua presença missionária em três arquidioceses de língua inglesa, a saber, a Arquidiocese de Toronto, Canadá; a Arquidiocese de Chicago, EUA e a Arquidiocese de Nova York, EUA; e uma presença na Conferência dos Bispos Católicos dos Estados Unidos, no Secretariado da Ásia e das Ilhas do Pacífico:

- Escritório para Refugiados da Arquidiocese de Toronto (ORAT);
- Gerenciamento de casos para recém-chegados no Scalabrini Services for Immigrants and Refugees (Sirs);
- Catequese em Our Lady of Mount Carmel e na Arquidiocese de Nova York;
- Capelania hospitalar;
- USCCB – Secretaria para Diversidade Cultural na Igreja.

Principais estratégias de nossa ação

1 Acolhida, assistência e proteção em situações de emergência e vulnerabilidade

- Nossa presença missionária nos EUA atua em serviços diretos com imigrantes recém-chegados.
- Fornecemos gerenciamento direto de casos para solicitantes de refúgio recém-chegados, incluindo: cuidados em situações de risco, atendimento a necessidades urgentes, escuta e aconselhamento e serviços de bem-estar social.

* Irmã Missionária Scalabriniana, missionária nos Estados Unidos da América como Especialista Sênior em Benefícios para o Projeto Southern Border Arrivals na Scalabrini Immigrant and Refugee Services, Inc. Possui um Bacharelato em Administração de Empresas pela Univ. de Santo Tomas e um Bacharelato em Serviço Social pela Univ. das Filipinas. Tem também uma especialização em Psicologia da Migração.

2 Promoção e integração

- Como suporte profissional, resolvemos a barreira do idioma com os imigrantes recém-chegados. A maioria das nossas irmãs é trilingue e bilíngue. Contribuímos com habilidades de comunicação com uma abordagem sem julgamentos para dar as boas-vindas e integrar novos imigrantes em nossa comunidade.
- Trazemos nossa experiência e melhores práticas na administração de centros de acolhida para imigrantes e refugiados.

3 Animação e coordenação pastoral junto a migrantes e refugiados

- Promoção da solidariedade e da sensibilidade cultural entre a comunidade local de acolhida e os migrantes recém-chegados.
- Acompanhamento pastoral dos migrantes e de suas famílias na paróquia, no hospital e na organização comunitária da igreja/comunidade local à qual pertencemos. O acompanhamento pastoral inclui assistência humanitária, orientação sociocultural, orientação emocional e espiritual, trabalho em rede e encaminhamento a diferentes organizações onde os migrantes podem obter benefícios e recursos sociais.

4 Formação e sensibilização

- Continuamos a preparar irmãs profissionalmente alinhadas com as demandas da missão com migrantes e refugiados. Por exemplo, ter irmãs que possam se tornar defensoras de imigrantes, ou que se especializem em advocacy e defesa de imigrantes.
- Fazer parte de uma equipe para oferecer treinamento a grupos regionais e nacionais com relação a recursos desenvolvidos pela USCCB, seus comitês e forças-tarefa; ser um recurso e defensor dos comitês e escritórios da USCCB em questões relacionadas à diversidade cultural e a pessoas com necessidades pastorais especiais.

5 Incidência e trabalho em rede

- Reconectar-se com as diferentes organizações que realizam eventos/propostas de advocacy e defesa em favor de migrantes e refugiados. Convocar e apoiar os projetos de lei de vereadores e senadores em favor de políticas e leis de imigração humanas.
- No âmbito da USCCB, defenda e coordene os esforços dos subcomitês permanentes para tratar da diversidade cultural na

Igreja; colabora de forma intencional e sistemática com todos os comitês e escritórios da USCCB em questões e iniciativas que afetam a diversidade cultural na Igreja e as pessoas com necessidades pastorais especiais.

6 RESPOSTAS DA CONGREGAÇÃO MSCS NA AMÉRICA CENTRAL E NO CARIBE

*Ir. Idalina Bordignon, mscs**
*Ir. Lidia Mara Silva de Souza, mscs***

Em relação às Macroestratégias de Ação Missionária MSCS, na região constituída pelos países da América Central, México e Caribe, foram identificadas as seguintes:

1 Acolhida, assistência e proteção em emergências e situações de vulnerabilidade

Todas as missões nos países da América Central, México e Caribe implementam essa estratégia e buscam melhorar seus mecanismos de coordenação para responder com maior qualidade e eficácia às necessidades das pessoas em mobilidade. Essa é a principal estratégia para todas as missões.

2 Promoção e integração

Todas as missões oferecem contribuições para a inserção socio laboral, incluindo a formação profissional, mas em algumas missões, como

* Missionária Scalabriniana brasileira, formada em Serviço Social e em Direito. Atualmente é diretora do Centro de Atenção ao Migrante Regressado em San Pedro Sula, Honduras.

** Brasileira, religiosa da Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo Scalabrinianas, é licenciada em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Curitiba, Paraná, Brasil. Mestrado em Migrações: políticas e recursos para a coesão social, pela Universidade LUMSA, Faculdade de Ciências Sociais da formação de Roma – Itália; Especialização em Teologia Espiritual, no Pontifício Instituto Teresianum, Roma – Itália. Atualmente trabalha na Direção Geral da Missão Scalabriniana com Migrantes e Refugiados – SMR, México; é colaboradora no Diploma em Pastoral Migratória no México e América Central; é delegada congregacional da Rede CLAMOR – Rede Latino-Americana e Caribenha de Migração, Deslocamento, Refúgio e Tráfico de Pessoas.

o perfil principal é o de migrantes em trânsito, ainda não se conseguiu uma estratégia para melhorar essa área de inserção laboral.

Em todas as missões, em diferentes níveis, há coordenação com a Pastoral da Mobilidade Humana ou espaços de Vida Consagrada a serviço das pessoas em mobilidade. As irmãs das missões dessa região concordam que é necessário fortalecer a coordenação com as diferentes áreas pastorais e, igualmente, com os espaços de Vida Consagrada.

4 Atenção prioritária a mulheres e crianças

Em todas as missões, é prestado atendimento a mulheres e crianças, mas somente em Tijuana esse atendimento é prioritário, como um abrigo. Em algumas presenças, as mulheres são acompanhadas com a metodologia oferecida pela Catholic Relief Services com o Grupo de Apoio à Mulher.

5 Fortalecimento do protagonismo e da liderança de migrantes e refugiadas/os

O objetivo é formar os migrantes para serem protagonistas da sua própria história, mas também para reconhecerem todos os processos organizativos que promovem.

De forma especial, em algumas missões, com o acompanhamento próximo e assessoria técnica das irmãs e colaboradores, foram organizadas comissões de migrantes retornados com deficiência, comissões de familiares de migrantes desaparecidos na rota migratória, grupos de migrantes retornados para projetos produtivos, entre outros.

6 Incidência, defesa de direitos e redes

Nas presenças missionárias, o objetivo é desenvolver processos de *advocacy* a partir das redes a que pertencem (Igreja e sociedade civil) e através da coordenação interinstitucional.

7 RESPOSTAS DAS IRMÃS MSCS NA ÁSIA

*Ir. Noemi E. Digo, mscs**

Introdução

Nos vários serviços em que as Irmãs Scalabrinianas da Ásia estão envolvidas, seja nas Dioceses, Paróquias ou em relação ao governo, agências não governamentais, instituições ou grupos religiosos, casos como o mencionado na narrativa sobre a realidade da migração se tornaram uma ocorrência comum. Como herdeiros do dom carismático de São João Batista Scalabrini, os MSCS foram chamados a assumir o compromisso apostólico e os ministérios que atendem às necessidades dos migrantes e de suas famílias, envolvendo os leigos nesse trabalho dinâmico.

Pesquisas e atividades de mapeamento por meio de Comunidades Eclesiais de Base - BECS para identificar os migrantes e ajudar os paroquianos pobres fazem parte do programa em andamento nas dioceses. Os pontos focais são as BECs, formadas por famílias registradas que vivem dentro dos limites de uma determinada paróquia e que se reúnem em determinados dias da semana para rezar, compartilhar a Palavra de Deus ou celebrar a missa, como uma comunidade de fiéis autossuficiente, autossustentável e autogovernada.

Os migrantes internos, inclusive os repatriados, recebem apoio espiritual, programas de subsistência, encaminhamentos e assistência psicológica disponíveis em agências governamentais e programas da igreja. Reuniões individuais e visitas domiciliares também são organizadas para oferecer apoio espiritual ou para ouvir aqueles que estão muito sobrecarregados. A formação de lideranças entre os coordenadores paroquiais de migrantes e as jovens irmãs em formação, por meio de

* Missionário Scalabriniano das Filipinas. Bacharel em Comércio, Filosofia e Teologia. Atualmente é Coordenadora Diocesana da Comissão para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes, Diocese de Tagum, Davao del Norte, Filipinas. Texto preparado em colaboração com Elizabeth V. Pedernal, Superiora Delegada para a Ásia; Marcedita P. Saboga-a, Conselheira, Responsável pelo Apostolado e Ma. Teresa V. Mercado, Conselheira, Responsável pela Formação.

seminários de orientação e módulos de treinamento, é vigorosamente buscada para equipá-los com uma compreensão mais profunda das questões dos migrantes e uma disposição adequada em relação às pessoas a quem servem.

Há conscientização e trabalho em rede contínuos sobre várias questões de migração, incluindo tráfico de pessoas, bem como participação presencial e on-line em vários fóruns, séries de palestras acadêmicas, reuniões e encontros sobre tópicos relacionados à migração. O acompanhamento pessoal dos estudantes internacionais filipinos em Taiwan está dando muitos frutos na vida desses jovens e de suas famílias. As dores do crescimento, a separação das famílias que deixaram para trás, as dificuldades acadêmicas, o acompanhamento espiritual e moral são apenas algumas das ajudas que nossa irmã oferece a esses jovens adultos sob seus cuidados. Dessa forma, eles podem ter um futuro garantido em termos de excelência acadêmica e colocação no mercado de trabalho, sem mencionar a melhoria financeira da família deixada para trás, graças à ajuda de uma instituição de microfinanças sediada na igreja. Também se tornou um campo de formação para os valores de hospitalidade e acolhida para os estudantes, em sua maioria migrantes também da Indonésia, que estendem sua assistência e presença a esses bolsistas antes de seu voo para o exterior. A possibilidade de formar um grupo de leigos também está sendo estudada.

Elementos convergentes do debate na região

As reuniões comunitárias realizadas pela Delegação entre as seis comunidades presentes em cinco países demonstraram uma coisa importante: as Irmãs Scalabrinianas estão vivendo plenamente sua identidade carismática. Desde o importante trabalho de ouvir as tristes histórias dos migrantes locais ou dos retornados, até a acolhida dos migrantes de acordo com suas possibilidades, até a formação de líderes leigos por meio de conscientização ou orientações básicas sobre migração, as Irmãs Scalabrinianas, juntamente com as que estão em formação, estão totalmente envolvidas no trabalho em favor dos migrantes, algumas mais do que outras. A necessidade de mais treinamento ou preparação formal entre as irmãs e as restrições financeiras habituais dificultam ou impedem o progresso esperado na expansão do trabalho em andamento.

Algumas são apoiadas pelas dioceses, embora ainda limitadas em termos de recursos humanos e financeiros; outras, nas casas de formação, têm de enfrentar as limitações de recursos humanos capazes e preparados para o trabalho. Alguns colaboradores leigos estão dispostos a colaborar,

mas não como trabalhadores em tempo integral na vinha da migração devido a restrições familiares. Enquanto isso, continuamos o trabalho com a grande esperança de cuidar plenamente dos migrantes, especialmente das mulheres, das crianças e dos mais vulneráveis ao abuso, à violação de sua dignidade e dos direitos humanos.

Conclusão

A dupla missão da Igreja, a de “defensora das nações e das minorias étnicas (protegendo seus direitos fundamentais) e a de “evangelizadora dos povos” (integrando todas as culturas ao catolicismo), afeta a própria questão da migração. Com a riqueza cultural multifacetada de grupos de migrantes majoritários ou minoritários competindo por espaço e lugares de expressão em igrejas específicas, as igrejas locais devem ser capazes de criar unidade e solidariedade reconhecendo essa riqueza cultural, colocando-a a serviço da comunidade local.

Permitir que os migrantes vivenciem a unidade em um nível mais elevado, mais universal e mais católico significa permitir que eles tenham “uma experiência autêntica de igreja”. Nesse sentido, a comunhão e a solidariedade, a unidade e a unicidade de propósito podem ser alcançadas quando os migrantes começarem a ter a consciência de ser uma “igreja sinodal” onde quer que estejam.

8 ANÁLISE DA AÇÃO ESTRATÉGICA DA CONGREGAÇÃO

*Renata Dubini**

Gostaria de começar minha intervenção parabenizando as irmãs por seu trabalho e pela análise de seus respectivos países, considerando os desafios e as oportunidades. O carisma de São João Batista Scalabrini acompanha todas as suas ações, promovendo a comunhão na diversidade nas diferentes Igrejas onde cada uma de vocês e suas irmãs servem. Os eixos estratégicos do trabalho que vocês nos apresentaram giram em torno dos 5 verbos que caracterizam o trabalho dos operadores humanitários: PROTEGER, RESPONDER, INCLUIR, EMPODERAR e RESOLVER. Gostaria de destacar o trabalho que vocês estão fazendo em favor das mulheres e crianças, reconhecendo assim a feminização da mobilidade humana e o trabalho em rede que está ocorrendo nos diferentes países para responder às demandas de proteção e soluções com vistas à integração da população na comunidade local. Entendo que as diferentes associações estão seriamente interessadas em expandir as redes existentes nos diferentes países.

O momento histórico atual é extremamente desafiador, marcado por divisões entre Estados, conflitos, violência, desigualdade social e os efeitos das mudanças climáticas. Tudo isso contribui para o aumento do deslocamento em várias direções. Recentemente, as Nações Unidas lançaram uma estrutura de cooperação entre agências com foco em soluções e respeito aos direitos humanos das pessoas em contextos de mobilidade humana.

A complexidade da mobilidade humana na realidade atual aumenta a necessidade de uma abordagem holística ao longo da rota. Essa abordagem abrangente ou “baseada em rotas” – como é chamada atualmente – exige

* Italiana, licenciada em Direito pela Universidade Estatal de Milão, com um mestrado em Direitos Humanos pela Universidade de Essex (Inglaterra). Trabalhou durante 30 anos para a agência das Nações Unidas para os refugiados, o ACNUR, na América Central e do Sul, no Médio Oriente, em África, na Europa do Sul e em Genebra, tendo terminado a sua carreira em 2020 como Diretora para as Américas.

a necessidade de abordar a mobilidade humana por meio de intervenções em países de origem, trânsito, destino e, eventualmente, retorno. Essa abordagem é composta por seis elementos interconectados, cujo sucesso depende dos esforços simultâneos de várias partes interessadas, incluindo Estados, agências internacionais e de desenvolvimento, sociedade civil, organizações religiosas e comunidades, entre outros.

Os vários processos e plataformas regionais existentes que visam abordar a mobilidade humana podem ajudar a avançar nessa abordagem:

1. Fortalecer os sistemas de refúgio e os mecanismos alternativos de proteção, como regimes de proteção temporária ou vistos humanitários que ofereçam respostas rápidas, garantindo acesso à permanência legal, documentação e oportunidades de inclusão. Entretanto, para atingir esse objetivo, é fundamental que eles sejam combinados com investimentos suficientes nas comunidades receptoras.

Para alcançar esse resultado, é fundamental melhorar a capacidade dos governos de receber e processar pedidos de refúgio. Isso pode ser alcançado por meio de investimentos direcionados em plataformas de compartilhamento de informações do país de origem, digitalização dos sistemas de refúgio e gerenciamento de casos, maior acesso à assistência jurídica e descentralização dos procedimentos de refúgio para as áreas de fronteira. Além disso, é necessário implementar modalidades diferenciadas de processamento de casos que possam tornar a tomada de decisões mais rápida e eficiente.

Ao mesmo tempo, é importante promover mecanismos de proteção temporária ou mecanismos de permanência legal sensíveis à proteção para populações em movimento em larga escala. Esses mecanismos devem complementar, e não substituir, o direito de buscar e receber refúgio, dentro da gama de medidas de proteção internacional disponíveis.

2. Investir na integração e na inclusão. Acordos legais de permanência, documentação, acesso a serviços básicos de saúde, educação e meios de subsistência ajudam a garantir que as pessoas possam ter uma vida digna nas comunidades anfitriãs e que possam contribuir para o desenvolvimento de suas comunidades. Apesar do progresso em algumas regiões, ainda há muitos desafios a serem enfrentados. Os serviços nacionais de educação e saúde, bem como os mercados de trabalho, estão sobrecarregados e exigem maiores investimentos para atender às necessidades das

comunidades de acolhida e das populações em mobilidade. Além disso, as condições de inclusão nas comunidades de acolhida são afetadas por fatores como crises econômicas, políticas ou de segurança.

Ao mesmo tempo, questões como racismo, discriminação, xenofobia e outras formas de intolerância precisam ser abordadas de forma proativa e em parceria com as comunidades anfitriãs e outros atores importantes.

O investimento de instituições financeiras internacionais e regionais e de bancos multilaterais em países que hospedam pessoas que precisam de proteção tem sido crucial para o desenvolvimento de infraestrutura e serviços que promovam ambientes seguros e oportunidades para a integração e a inclusão de pessoas deslocadas.

3. O setor privado também desempenhou um papel fundamental, não apenas por meio de contribuições filantrópicas, mas também por meio de sua experiência e recursos para apoiar a integração de pessoas em movimento por meio de iniciativas que promovem seu treinamento e incorporação ao mundo do trabalho. Nesse sentido, é necessário promover uma perspectiva de soluções de longo prazo nas respostas aos movimentos mistos, aproveitando as ferramentas e a abordagem dos agentes de desenvolvimento e as contribuições do setor privado para a inclusão socioeconômica, o emprego e o bem-estar das comunidades anfitriãs.
4. Expandir o reassentamento e outros canais complementares de admissão segura para refugiados e migrantes, como vistos para educação, emprego e reunificação familiar, bem como patrocínio privado por comunidades, universidades ou empregadores.

Os canais de admissão legal em países terceiros poderiam ajudar a reduzir os movimentos secundários e as viagens perigosas de refugiados e migrantes, além de representar um mecanismo de compartilhamento de responsabilidades entre os Estados.

A expansão de outros caminhos seguros, incluindo educação, trabalho e reunificação familiar, poderia, em parte, reduzir o impacto de movimentos mistos no gerenciamento de fronteiras e a pressão sobre os sistemas de asilo.

O reassentamento continua a desempenhar um papel central como ferramenta de proteção e soluções para os casos mais vulneráveis que não conseguem obter uma resposta em suas comunidades anfitriãs. A flexibilização das exigências e dos critérios de seleção

nos casos de reassentamento, a simplificação e a aceleração dos processos contribuiriam para sua expansão como uma alternativa às viagens inseguras e irregulares.

5. Sistemas de proteção que respeitem o princípio de não devolução e mecanismos de retorno sensíveis à proteção. Garantir o princípio da não devolução deve continuar sendo uma prioridade. Os esforços para identificar e encaminhar as pessoas que precisam de proteção aos procedimentos de refúgio precisam ser fortalecidos na estrutura dos movimentos mistos. O retorno de pessoas que não precisam de proteção internacional tornou-se um componente fundamental do debate relacionado à interface entre refúgio e migração, e é cada vez mais visto como parte integrante das políticas e estratégias de migração dos países de destino.
6. Os procedimentos de refúgio são o principal mecanismo para garantir que as pessoas não sejam devolvidas a situações em que correm risco de perseguição ou outros danos irreparáveis. Entretanto, algumas pessoas no processo de retorno podem não ter tido acesso aos procedimentos de refúgio ou, se tiveram acesso, novos riscos podem ter surgido, inclusive aqueles no país de origem. Portanto, é importante que os processos de retorno incluam mecanismos para garantir o respeito ao princípio da não devolução.

Com relação ao retorno de pessoas que não precisam de proteção internacional, o retorno voluntário deve ser promovido por meio do aumento do apoio aos programas de acolhida e reintegração nos países de origem para garantir a segurança, os direitos e a dignidade dos retornados. Também seria desejável promover modelos de incentivo econômico para os países receptores como parte dos acordos de readmissão.

7. Expandir a assistência humanitária e combater a desinformação. Os riscos no caminho para as pessoas que se deslocam são múltiplos e incluem assaltos, roubos, assassinatos, violência de gênero, separação familiar, recrutamento forçado, tráfico, doenças e outros desafios. Informações imprecisas ou desinformação intencional, inclusive por parte de traficantes (“coiotes”), contribuem para facilitar movimentos de alto risco. Em áreas importantes, como fronteiras, pontos de travessia e estações de migração e grandes cidades, os serviços geralmente ficam sobrecarregados, deixando as pessoas em movimento sozinhas, lutando para atender às suas necessidades básicas. Essa situação também gera um sentimento anti-refugiado-migrante. Todos

os agentes que estão fornecendo assistência humanitária vital, consultoria jurídica e apoio psicossocial precisariam de mais recursos para atender às necessidades imediatas das pessoas que estão se deslocando, além de maior coordenação de seus esforços para combater a desinformação e garantir o fornecimento de informações confiáveis ao longo da rota.

8. Conforme observado no início desta intervenção, o aumento da mobilidade humana entre os continentes se deve a fatores complexos e sobrepostos que persistiram e se intensificaram nos últimos anos (conflito, violência por grupos criminosos, violência de gênero, perseguição por agentes estatais, mudanças climáticas, falta de oportunidades, pobreza, oportunidades em outros países e outros elementos). Os países de origem precisam lidar com esses fatores, fortalecendo a governança, o acesso a serviços, a prevenção e a resolução de conflitos e as redes e os mecanismos de proteção baseados na comunidade. Ao mesmo tempo, os países de trânsito e de destino devem levar em conta a persistência das causas fundamentais dos movimentos populacionais e adotar políticas e práticas relacionadas à proteção e ao retorno. Um elemento fundamental nesse sentido é a coleta de dados sobre deslocamento e comunidades de origem e comunidades de acolhida para melhorar a tomada de decisões políticas e direcionar ações de desenvolvimento.

Como as irmãs poderiam apoiar essa abordagem?

Recomendações

1. Promover um enfoque de proteção na narrativa dos movimentos mistos - Embora os Estados tendam a se referir a todas as pessoas em mobilidade como “migrantes”, porque isso gera menos responsabilidade para eles, é crucial apoiar os esforços para coletar e analisar dados que mostrem que muitas dessas pessoas são vítimas de perseguição, violência, maus-tratos e discriminação, o que afeta significativamente suas vidas e liberdade. Nas Américas, dois estudos muito relevantes foram desenvolvidos para coletar testemunhos que ecoaram a dimensão de proteção presente em movimentos mistos na região. O primeiro estudo (*Pies para que te tengo*) enfocou a realidade humana dos migrantes venezuelanos, enquanto o segundo (*Dejarlo todo atrás*) enfocou as experiências, as trajetórias e os desafios das pessoas que cruzam a rota pelos

países do norte da América Central. Ambos os estudos foram desenvolvidos com a participação ativa da Rede Clamor. A participação de associações no monitoramento de tendências e desafios de proteção e em avaliações conjuntas de necessidades também é uma ação muito relevante para garantir respostas e programas de proteção baseados em evidências e adaptados às necessidades e realidades das pessoas em mobilidade humana.

2. *Advocacy* para evitar retrocessos em relação ao refúgio, combater a legislação que tende a restringir ou limitar os direitos dos solicitantes de refúgio, refugiados e pessoas que precisam de proteção. Em vários países, está sendo promovida legislação ou mudanças na legislação existente com o objetivo de limitar o acesso ao refúgio ou reduzir a estrutura de proteção e os direitos que beneficiam os refugiados. Por exemplo, na Costa Rica, foram introduzidas restrições no acesso ao trabalho para os solicitantes de refúgio e limitações para os refugiados. No Chile, foi adotado recentemente um regulamento que estabelece um novo procedimento de admissibilidade que limita o acesso ao refúgio para pessoas que transitaram por um terceiro país seguro. Em muitos países, as organizações religiosas têm desempenhado um papel fundamental na promoção de estruturas normativas para a proteção de refugiados e migrantes. No contexto atual do discurso xenófobo e das tentativas de reformar essas leis e restringir os direitos, é importante que as organizações assumam sua voz na defesa dos direitos das pessoas que estão se deslocando.
3. Monitorar o uso da assistência humanitária - Em um contexto marcado pelo aumento de movimentos mistos e irregulares e pela ampla operação de redes criminosas ligadas ao contrabando de migrantes, é fundamental garantir que os serviços oferecidos pelas agências e organizações humanitárias não sejam instrumentalizados por essas redes criminosas. O estabelecimento de critérios claros e mecanismos de monitoramento para a prestação de assistência, inclusive abrigo, transporte e intervenções monetárias, é essencial para garantir que esses serviços não sejam instrumentalizados por redes que se enriquecem promovendo a mobilidade irregular em várias regiões do mundo. Garantir que a assistência chegue aos mais vulneráveis de forma transparente é agora uma prioridade.
4. Combater a desinformação. As redes de tráfico aumentaram sua presença em vários países e estão usando novos métodos de comunicação para promover a mobilidade irregular e oferecer seus serviços. Os traficantes relatam dificuldades no acesso a

- informações confiáveis. Portanto, é fundamental estabelecer ou participar de plataformas regionais que conectem várias ferramentas de informação às quais as associações possam se associar (por exemplo, nas Américas Central e do Sul há várias plataformas, como El Jaguar, El Tucan, Movilidad segura, várias “canais de bate-papo” e outros pontos de assistência e orientação). Seria benéfico mapear todas as infraestruturas das irmãs ao longo da rota e nas comunidades que elas atendem. Os pontos de assistência e orientação poderiam ser criados usando os canais existentes das associações e do ACNUR, com o objetivo de produzir material audiovisual que possa ser compartilhado e apresentado aos indivíduos que recebem serviços nesses espaços.
5. *Advocacy* para melhorar as oportunidades de inclusão, especialmente com o objetivo de influenciar as políticas sociais de governos com tendências políticas restritivas, que estão fechando as oportunidades de emprego. Apoiar os esforços entre agências para promover a inclusão por meio do acesso à documentação ou aos direitos e serviços básicos, como saúde, educação, seguridade social ou emprego, é outra área fundamental de intervenção das organizações religiosas. Os esforços para envolver o setor privado no apoio à resposta aos refugiados e migrantes, especialmente por meio da inclusão laboral, também são fundamentais.

Há muitas histórias de sucesso de programas de integração local que beneficiam os refugiados. No México e no Brasil, mais de 30.000 e 100.000 pessoas, respectivamente, puderam acessar e se beneficiar dos programas de reassentamento interno destinados a promover sua integração local. O Programa de Integração Local (México) e a Operação Acolhida (Brasil) são exemplos de como os estados nacionais, os municípios, o setor empresarial/privado e a sociedade civil podem se unir para trabalhar em prol da integração.

Também é importante destacar o impacto positivo da incorporação de novas tecnologias no gerenciamento de casos. A digitalização dos sistemas nacionais de refúgio tem demonstrado um impacto favorável nos esforços voltados para a inclusão, melhorando o gerenciamento de casos, favorecendo os tempos de tomada de decisão e a qualidade e o acesso à documentação pessoal dos solicitantes de refúgio e refugiados.

9 DEMOCRATIZAR O ENCONTRO E PROMOVER O PROTAGONISMO

*Hermel Mendoza Cedeño**

“Não basta se indignar e denunciar;
É necessário abrir espaços para a ousadia».

“Precisamos de uma revolução espiritual
e sabedoria para sermos mais felizes com menos”.
José Arregui, teólogo basco

“Franciscano de coração e sem papéis,
que alimenta a mística da resistência ativa”.

A modo de introdução

A incidência política é um patrimônio que a Congregação das Irmãs Scalabrinianas pode muito bem reivindicar, porque seu fundador, São João Batista Scalabrini, a praticou com diligência incomum no final do século XIX, embora a tenha combinado com várias ações de assistência para “ajudar” os migrantes em Piacenza, na Itália.

Essas duas abordagens continuaram historicamente e para sempre a marcar a vida do “serviço” da Missão Scalabriniana, embora não necessariamente como contrapesos. Exemplo disso são as ações que vêm sendo desenvolvidas, pelo menos nas últimas décadas, pela Missão Scalabriniana, onde um acentuado assistencialismo vem ganhando espaço como resposta imediata, e que se revelam claramente ao reler e comparar muitas das propostas compartilhadas neste seminário. E, por outro lado, encontramos as diretrizes que a mesma Congregação aprovou

* Equatoriano. Membro da assembleia e do conselho de administração da MSC - Missão Scalabriniana do Equador. Coordenador nacional dos programas MSC durante 15 anos. Consultor em migração e outras questões sociais. Ativista dos direitos humanos e dos processos sociais; e, como tal, migrante sem documentos na América Central. Diretor de várias ONGs.

recentemente, embora seu conteúdo não tenha sido integrado durante o desenvolvimento do seminário acima mencionado, apesar do enfoque enfático que as diretrizes incluem no que corresponde a promover e fomentar nos demandantes de direitos (migrantes), seu papel como atores, exercendo agência para o exercício e a aplicabilidade de seus direitos.

Para ilustrar essa dicotomia e construir pontes entre essas duas posições que estão marcando a vida cotidiana da Congregação nos 27 países onde atua, vale a pena usar a seguinte metáfora de dois personagens:

Um, ... O escritor/pintor de paisagens que, atônito, assiste ao deslocamento de muitos corpos de pessoas ao longo do leito do rio; e, o segundo, um esportista que está praticando natação e se dá conta da situação e age com graça por várias vezes retirando os corpos do rio e reanimando-os até salvar suas vidas. Em meio a essa ação, que não dá sinais de parar, a esportista abandona essa “ação salvadora” e decide investigar as causas de quem, o que e por que tantas pessoas são jogadas no rio torrencial [...].

Surge então a pergunta: de onde estamos agindo, dos efeitos ou das causas?

Embora seja um trabalho em que predominam as ações caritativas, ou com laivos delas, de formas caritativas bastante comuns nas igrejas, embora não só nelas porque também está na moda nas diferentes expressões de cooperação para o desenvolvimento e nas instâncias estatais, que embora possam ter alguma razão para as praticar para aliviar as vicissitudes dos sectores sujeitos a um profundo empobrecimento como os migrantes, por exemplo, não devem ser necessariamente essas ações assistenciais, nem permanentes, nem ponto de partida; ou, pelo contrário, poderiam ser abandonadas e seguir o caminho percorrido pelo desportista da parábola para o fazer. Estas ações de assistência não devem ser necessariamente permanentes ou um ponto de partida, ou, pelo contrário, podem ser abandonadas e seguir o caminho percorrido pelo desportista da parábola, que decide ir descobrir as causas e promover a ação articulada dos atores correspondentes.

A reflexão certamente nos desafia, porque o evento realizado em março de 2024 em Bogotá, com a presença de mais de cinquenta representantes da Congregação de todos os continentes, foi para compartilhar e projetar nossas ações para pelo menos a próxima década. Nesse contexto e com compromisso e honestidade, hoje mais do que nunca, estamos empenhados em fazer uma leitura permanente da realidade para agir com base nas abordagens claramente estabelecidas nas “Diretrizes Gerais da Missão Apostólica” da Congregação.

Gostaria de aproveitar esta oportunidade para reiterar minhas saudações a todos e a cada um dos participantes e estou encantado por reencontrar muitos dos presentes com os quais fizemos nosso caminho, avançando nos processos sociais, autocriticando nossas práticas e também as de nossos companheiros de base que estão trabalhando dia a dia em seu trabalho sociopolítico.

Nesse contexto, gostaria de compartilhar meu modesto contingente com muito carinho e a partir de três pontos de vista:

1. As Diretrizes Gerais como focos guarda-chuva nos quais elas se baseiam;
2. A prática sistematizada em sete áreas de ação em vários países;
3. Perspectivas e possíveis linhas de ação.

As diretrizes

Início minha intervenção a partir das Diretrizes Gerais da Missão Apostólica das Irmãs Scalabrinianas, uma vez que estas constituem o guarda-chuva imperativo que marca, orienta e define o caminho a ser seguido em nossas ações. Destaco pelo menos três eixos fundamentais das diretrizes que devem ser implementados em qualquer processo que a Missão empreenda com os migrantes, que são atores em vias de se tornarem atores da exigibilidade dos direitos: abordagens, metodologias e sistematização da prática.

1 Enfoques

- a. **Procurar garantir que os atores estejam envolvidos na defesa e na implementação de seus direitos** (o protagonismo aparece 67 vezes nas diretrizes).

Essa abordagem enfatiza a importância de promover a participação ativa dos migrantes e de outras partes interessadas na defesa e promoção de seus direitos. Ela enfatiza que esse processo deve se basear em: – Organizações com práticas democráticas e participativas, buscando comunidades inclusivas. – Gestão da informação por meio da sistematização de práticas e realidades. – Capacidade de elaborar propostas com base em experiências cotidianas. – Práticas de negociação horizontais e transparentes. - Capacidade de mobilização e reivindicação de direitos.

- b. **Acompanhamento horizontal e de apoio (caminhar junto, nem atrás nem na frente).** Essa abordagem enfatiza a importância

do acompanhamento, que se caracteriza pela horizontalidade e solidariedade. O processo de acompanhamento deve ajudar a entender o caminho, as necessidades, os sentimentos, as atitudes, as capacidades, as possibilidades, os obstáculos e os desafios.

- c. **Teologizar nossa prática.** Essa abordagem destaca a necessidade de integrar a reflexão teológica e a ação na prática da Congregação, especialmente em relação aos mais pobres e aos invisíveis. Ela destaca a opção pelos pobres na mobilidade, contra a pobreza e por sua libertação.

2 Processos metodológicos

- a. Construir de dentro para fora e de baixo para cima (começando pela vida cotidiana): Esse processo metodológico envolve iniciar a construção a partir das realidades cotidianas das pessoas envolvidas, a partir de seu contexto mais próximo e de suas próprias experiências. É enfatizada a importância de envolver as comunidades na criação de soluções e na tomada de decisões que afetam suas vidas.
- b. Ler a realidade, agir sobre ela e ler e agir novamente (aprender e desaprender para aprender com eles e a partir deles): Esse processo metodológico implica iniciar a construção a partir das realidades cotidianas das pessoas envolvidas, partindo de seu contexto mais próximo e de suas próprias experiências. A importância de envolver as comunidades na criação de soluções e na tomada de decisões que afetam suas vidas é enfatizada.

3 Sistematização

As Diretrizes da Congregação determinam implicitamente que a sistematização é um processo de produção coletiva de conhecimento e um produto de nossas ações. Portanto, ela deve ser:

- Um processo contínuo: a sistematização deve ser um processo realizado de forma constante e contínua, permitindo a atualização e o aprimoramento contínuos de práticas e abordagens.
- Um processo global integrado: deve abranger todas as dimensões de nossas ações e experiências, integrando tanto os aspectos positivos quanto os desafios encontrados ao longo do caminho.
- Um exercício participativo: todas as partes interessadas devem ser incentivadas a participar do processo de sistematização, inclusive as comunidades afetadas e os parceiros externos.

- Uma ferramenta de planejamento: A sistematização deve servir de base para o planejamento estratégico futuro, ajudando a identificar áreas de melhoria e oportunidades de crescimento.
- Uma ferramenta para monitoramento e avaliação contínuos: ela nos permite avaliar os efeitos e impactos de nossas ações e verificar se estamos atingindo nossos objetivos, bem como identificar possíveis ajustes necessários ao longo do caminho.
- Uma ferramenta para avançar: a sistematização deve fornecer lições aprendidas e boas práticas que impulsionem o progresso e a melhoria em nossas intervenções futuras.

O que dizemos sobre o que dizemos,

É sempre mais do que sabemos

Sobre o que dizemos.

A crítica pressupõe

Prática concreta

Uma breve olhada em sete compêndios de experiências desenvolvidas no território onde a congregação MSCS atua.

Uma prática de autocrítica terá sempre o objetivo de ser transformadora, em direção a um novo senso comum, um senso comum emancipatório na familiaridade com a vida.

Nesse contexto, é fundamental destacar a dedicação e o empenho de cada membro da Missão Scalabriniana (MSC) no desenvolvimento de ações nos diversos territórios, como pôde ser observado nas sínteses escritas compartilhadas e nas apresentações durante o seminário.

Uma primeira aproximação quase conclusiva revela que a Congregação (MSCS) interage regularmente com cerca de 66.000 pessoas a cada ano, dedicando uma média de 80 a 200 horas a cada indivíduo. É importante observar que a maioria dessas pessoas são mulheres, e pelo menos um terço delas são crianças, adolescentes e jovens.

Essa estreita “inter-relação” nos coloca em uma posição privilegiada para avançar em direção a processos de defesa e desconstrução a fim de forjar um novo homem e uma nova mulher, bem como uma nova igreja.

Um exemplo claro desse “cativeiro” pode ser visto nos alunos do subsistema educacional gerenciado pela Missão MSC, muitos dos quais passam vários anos nesses centros educacionais. No entanto, o impacto alcançado, a contribuição do ponto de vista pedagógico e o grau de envolvimento de todos os atores da comunidade educacional durante e

após a permanência nesses centros em termos de promoção e exercício de direitos, tanto em seu ambiente cotidiano quanto em nível comunitário, não foram adequadamente documentados.

Nesse sentido, é fundamental sistematizar essas práticas para entender suas contribuições e seu alcance. Essas reflexões e a produção de conhecimento por parte dos membros das comunidades educacionais estão sendo aproveitadas? É necessário fomentar e compartilhar essas reflexões para fortalecer ainda mais nosso compromisso com a promoção dos direitos e do desenvolvimento integral das pessoas que acompanhamos.

Uma segunda abordagem, derivada das informações fornecidas e do meu conhecimento próximo da Missão Scalabriniana (MSC), revela que grande parte das ações é desenvolvida a partir de uma concepção ativista marcada por práticas assistencialistas. Essa abordagem indicaria uma discordância com a abordagem central delineada nas diretrizes, que enfatiza a importância de capacitar os migrantes e promover sua participação como atores na defesa e na aplicação de seus direitos. Esse aspecto foi destacado nas diretrizes em até 67 ocasiões.

Talvez essa discrepância se deva em parte ao foco das perguntas usadas para coletar as informações, ou talvez se deva às limitações inerentes ao trabalho em colaboração com diferentes entidades, como dioceses, arquidioceses e outras, onde as abordagens podem variar.

É fundamental abordar essa discrepância e trabalhar para obter maior coerência entre as práticas implementadas e os princípios estabelecidos nas diretrizes. Isso poderia envolver a revisão e o ajuste das abordagens e metodologias usadas nas ações MSC para garantir que estejam alinhadas com o objetivo de promover o empoderamento e a participação ativa dos migrantes na defesa de seus direitos.

O eixo dos meios de subsistência, considerado como parte do sistema de Economia Social Solidária (ESS), ainda não foi concebido como uma alternativa ao sistema de acumulação. Parece que a Missão Scalabriniana (MSC) no Equador e seus colaboradores não reconhecem nem evidenciam a abordagem integral da Economia Social Solidária (ESS), que se baseia em formas de produzir, distribuir e consumir fundamentadas em relações de solidariedade e cooperação mútua. Essa abordagem busca promover o fortalecimento dos circuitos de organização e distribuição econômica, gerar consciência, vontade e sentimentos, bem como fomentar a solidariedade e a realização de objetivos comuns. Além disso, enfatiza o trabalho humano como um valor central, a colaboração solidária e as práticas de democracia ativa e autogestão como modos de relações sociais, deixando de lado o dinheiro e o lucro como principais motivações.

Nesse sentido, abrem-se espaços para multiplicar as experiências e as “boas práticas” desenvolvidas dentro e fora da Missão Scalabriniana sobre esse tema. É fundamental que a Missão Scalabriniana MSC e seus parceiros reconheçam e promovam essa abordagem integral da ESS em suas ações relacionadas aos meios de vida, buscando assim contribuir para a construção de um modelo econômico mais justo, solidário e sustentável.

No campo da defesa de direitos, a crescente construção de barreiras, tanto materiais quanto imateriais, seguida de legislação, políticas públicas e discursos cada vez mais restritivos, nos obriga a repensar nossa estratégia de defesa de direitos. A antiga estratégia promovida e adotada pela cooperação internacional, pelas ONGs locais e por certas áreas das igrejas, que não produziu resultados positivos para a população em mobilidade ou para outros processos sociais, exige que mudemos nossa abordagem e avancemos em direção à participação plena e democrática dos requerentes de direitos como autênticos protagonistas. Isso também implica a necessidade de modificar as políticas internas das organizações de base locais; e, por parte das ONGs e de seus ativistas, esclarecer a abordagem de acompanhamento e ceder seu controle/liderança históricos nesse campo aos atores sociais.

Vamos construir a partir da vida cotidiana,
Poder, recuperar território.
Anônimo, não tão anônimo

Análise, perspectivas e possíveis linhas de ação

- **Ressignificar a acolhida** implica transformá-la em um lugar teológico privilegiado, uma manifestação divina onde se desenvolvem novas formas de conceber a vida, a mediação cultural e a promoção do diálogo permanente. A prioridade é dada a uma pedagogia de questionamento em vez de resposta, incentivando a escuta, o aprendizado e o desaprendizado.
- **Desenvolver metodologias para o direito à alteridade.** Promover a alteridade de cada pessoa e da comunidade que leva ao respeito pela diversidade de cada pessoa e comunidade. Isso implica fomentar uma prática de macro ecumenismo, em que se tornem atores de ação em prol dos direitos das pessoas em mobilidade humana a partir de uma perspectiva de alteridade.
- **Promover um processo de formação permanente**, voltado para a equipe, fornecendo as ferramentas para encontrar caminhos eficazes que levem ao empoderamento. Isso implica

um compromisso militante com o outro, desburocratizando e desvinculando para atender às necessidades de forma mais eficaz.

- **Aprofundar o uso de mecanismos tecnológicos e comunicacionais**, aproveitando a representação em diversas organizações multilaterais para posicionar, pressionar, denunciar e anunciar continuamente as diversas expressões de restrição de direitos que afetam as pessoas em mobilidade humana em todo o mundo.
- **Também é fundamental o acompanhamento ativo**, o que implica estar presente em manifestações de massa como as dos Estados Unidos, as caravanas na América Central e outras expressões em diferentes partes do mundo, onde se evidencia uma resistência civil pacífica e generalizada em defesa dos direitos das pessoas em mobilidade humana. Essas experiências são congruentes com nossa abordagem de agir com autenticidade e comprometimento. Em última análise, buscamos redefinir o conceito de incorporação, colocando em prática os valores e princípios que defendemos.
- **Ressignificar a relação com a cooperação é fundamental no contexto atual**. Há uma oportunidade propícia para orientar as ações, preferencialmente em alianças, para o cumprimento dos objetivos estabelecidos nas diretrizes, entendendo que essas diretrizes são o instrumento da política da Congregação. É importante concentrar-se nos conteúdos e nas abordagens como processos, e não em projetos individuais.

Para isso, é necessário participar ativamente das jornadas de harmonização da cooperação e, em particular, dos diferentes espaços e grupos de trabalho sobre migração. Nesses espaços, as agendas, os objetivos, as estratégias e as prioridades são compartilhados de forma que os esforços, os recursos e a assistência técnica e financeira sejam reunidos para atingir os objetivos estabelecidos. Isso pode contribuir para a otimização de recursos que, muitas vezes, não conseguem atingir impactos reais devido à dispersão e à duplicação de esforços. Nesse sentido, a recém-criada Fundação da Congregação poderia desempenhar um papel fundamental.

Por fim, é essencial que cada membro da congregação, como parte da igreja peregrina, assuma o papel de um acompanhante solidário, atuando como fermento na sociedade. Por meio de uma presença silenciosa, mas persistente, procuramos construir com os migrantes, em suas vidas e lutas diárias, espaços de articulação que os tornem atores que exigem seus direitos para uma vida digna e um futuro sustentável para o nosso planeta.

NADA SOBRE MIGRANTES, SEM MIGRANTES.

10 ANÁLISE DA ATUAÇÃO ESTRATÉGICA DA CONGREGAÇÃO MSCS

*Ir. Luiza Dal Moro, mscs**

Algumas considerações

Em sua centenária trajetória missionária, ao longo do tempo e na diversidade de espaços eclesiais e sociais, a Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo Scalabrinianas tem contribuído com uma ampla gama de respostas às mais diversas demandas da mobilidade humana. O conjunto de elementos compartilhados no painel 3 - “Respostas da Congregação aos desafios da Mobilidade Humana”, resultante das contribuições dadas por mais de 200 irmãs e colaboradores durante a fase preparatória do V Seminário, é expressão da fecundidade criativa do Carisma Scalabriniano.

A diversidade de perfis e contextos migratórios (origem, destino, trajetória, fatores precipitantes, etc.) é evidente, assim como a singularidade da história, da cultura das Igrejas locais e dos espaços sociopolíticos onde a Congregação MSCS está presente e concretiza sua ação apostólica. A diversidade e a singularidade, por sua vez, estão entrelaçadas com a identidade, as competências e as habilidades de cada um dos atores envolvidos na missão. Esse conjunto de elementos e fatores foram instrumentos que favoreceram o desenvolvimento de estratégias de ação no mundo da mobilidade humana, que, de acordo com o livro recentemente publicado sobre as Diretrizes Gerais da Missão Apostólica MSCS, são identificadas como “Macroestratégias da Ação Missionária MSCS”.

As Macroestratégias de Ação, que representam enfoques específicos e especializados da atividade missionária mscs, são muito claramente

* Missionária scalabriniana brasileira, é licenciada em Filosofia e em Psicologia Clínica, especialista em Análise Institucional. Atualmente é Superiora Provincial da Província de Nossa Senhora de Fátima, responsável pelas missões na América do Norte, América Central e Caribe.

visíveis nos vários relatórios. Os projetos e programas que concretizam as ações apostólicas que estão na base de nossa inserção convergem e estão incluídos nas Macroestratégias escolhidas e sistematizadas como marco de referência. Visualizamos também as estruturas físicas e simbólicas, e as atividades que são realizadas em conjunto, na atenção às diferentes categorias de pessoas e grupos em situação de mobilidade nos “espaços e tempos” onde a Congregação MSCS está presente.

As histórias apresentadas hoje, assim como muitas outras que ainda não foram “traduzidas em palavras”, mostram que a Epifania das macroestratégias que se estruturam em diferentes eixos estratégicos para o planejamento e a prática, valorizam a diversidade do contexto, da abordagem e das competências. Deve-se notar que, deliberadamente e de acordo com o carisma, a escolha da abordagem (definições capitulares/gerais/provinciais/delegações) e o investimento na estruturação da práxis acrescentaram qualificação e visibilidade ao serviço missionário mscs.

As macroestratégias e seus respectivos eixos estratégicos delineados no texto das Diretrizes (Diretrizes Gerais da Missão Apostólica MSCS) tornam-se visíveis em todos os relatos, na medida em que dão visibilidade ao conjunto da operacionalização da missão e de sua atividade intelectual. Nesse contexto, gostaria de destacar, a partir dos relatos, de outras audiências e de percepções pessoais, como pontos relevantes da atividade apostólica MSCS como um todo:

1 Acolhida, assistência e proteção em emergências e situações de vulnerabilidade

Atendimento em situações de risco e necessidade urgente; acolhimento residencial/institucional; escuta e orientação; serviços de assistência social como forma de oferecer ferramentas para soluções às necessidades emergenciais que apresentam.

Vale destacar o empenho na implementação de iniciativas destinadas a responder aos desafios enfrentados pelas pessoas em situação de mobilidade em suas jornadas migratórias, os projetos e as iniciativas que priorizam o acolhimento, a escuta, a proteção e a orientação àqueles que se encontram em situação de vulnerabilidade. Houve um progresso significativo na atenção dada às pessoas que sofrem violações de direitos e, conseqüentemente, vivem em situações de vulnerabilidade.

2 ATENDIMENTO PRIORITÁRIO A MULHERES E CRIANÇAS

Esse atendimento inclui a proteção por meio de abrigo, que é resguardado pela escuta e orientação, acolhimento residencial, apoio multidisciplinar que, entre outros aspectos, promove o acesso à educação, saúde física/mental/emocional e serviços sociais básicos, assistência jurídica. Nessa prioridade, merecem destaque as iniciativas que promovem e sustentam o empoderamento das mulheres, por meio da capacitação profissional/trabalhista que afeta a capacidade de sustentabilidade econômica e financeira, e as ações de recuperação/ desenvolvimento e fortalecimento da autoestima, como sentimento e vivência de valor e capacidade pessoal. Como/onde estivermos no cuidado de crianças desacompanhadas, bem como medidas de prevenção contra o contrabando e o tráfico de pessoas/mulheres e crianças para fins de exploração sexual e comércio de órgãos.

3 Animação e coordenação do cuidado pastoral com migrantes e refugiados

A estratégia “centrada na dimensão especificamente pastoral inclui toda a ação mscs no âmbito do anúncio, do acompanhamento da fé e da formação cristã e da experiência eclesial, bem como os diversos serviços desenvolvidos nas Igrejas locais, nas Conferências Episcopais e nas organizações eclesiais que aconselham, encorajam, sensibilizam, coordenam e capacitam os atores eclesiais sobre os fenômenos e os desafios das diversas categorias de pessoas e grupos de mobilidade”¹.

A atuação em funções de coordenação institucional favorece a colaboração e a articulação eficazes com as lideranças e as estruturas da igreja em diferentes níveis, otimizando os esforços para a formação eficaz de redes e parcerias, com foco nos níveis bilateral e multilateral.

Dessa forma, também potencializam os resultados das ações por meio da articulação com a sociedade civil, órgãos públicos nacionais e internacionais, tanto nos países de origem, trânsito e destino de migrantes e refugiados.

4 Incidência e redes

É possível observar avanços significativos nas iniciativas de articulação e participação em redes de serviços, mas é um grande desafio contribuir para a definição de políticas públicas favoráveis à proteção jurídica e

¹ Diretrizes Gerais da Missão Apostólica das Irmãs Missionárias Scalabrinianas. CSEM, Brasília, 2023.

social das pessoas em mobilidade, nos processos políticos e nas atitudes sociais inclusivas (fortalecimento dos direitos dos migrantes). Apesar do caminho já percorrido, esse é um desafio para nossa ação apostólica e somos chamados a seguir em frente. A *advocacy* me parece ser um ponto nevrálgico de atenção e, ao mesmo tempo, uma oportunidade.

5 Formação e conscientização

Além de trabalhar diretamente com migrantes e refugiados, bem como com outras categorias de pessoas e grupos em situações de mobilidade, há também um compromisso em termos de formação e conscientização, contribuindo para que a Igreja e a sociedade em geral tenham uma visão mais justa e realista da migração e do refúgio. A educação e a conscientização são fatores fundamentais para “eliminar todas as formas de criminalização da migração e promover um discurso público baseado em evidências para desafiar preconceitos sobre questões de migração e refugiados” (menção aos objetivos do Pacto Global sobre Migração), assim como a criminalização/politização da migração como bandeira política em eleições recentes em vários países. Avanço de partidos e políticos antimigração.

Gostaria de mencionar aqui, mais particularmente, o trabalho das escolas e hospitais com a gestão MSCS como protagonistas na formação e na conscientização para a promoção da vida e da dignidade dos migrantes e refugiados, para a conscientização contra a xenofobia e para a promoção da coexistência intercultural construtiva.

6 Advocacy e integração

Apresenta-se como uma força motriz no apoio e acompanhamento de pessoas em situação de mobilidade e suas famílias, protegendo serviços e oportunidades para consolidar processos de autonomia e inclusão.

Em termos concretos, isso pode ser visto nas inúmeras atividades, programas, projetos e iniciativas de apoio e serviços para a vida e projetos existenciais, migratórios e profissionais que ajudam a enfrentar os desafios relacionados à (re)construção da vida para si e para suas famílias. As histórias foram particularmente ricas nesse sentido. Quantas ações e recursos, especialmente competências e apoios, que dão suporte aos migrantes e refugiados nos processos de integração sociocultural nas realidades locais que são novas para eles. Há uma diversidade de atividades que buscam criar e/ou fortalecer formas de consolidar novos projetos de vida após as experiências migratórias, com foco na possibilidade de

consolidar a capacidade de autonomia por meio da educação/formação e inserção laboral, incluindo a formação profissional, bem como ações que possibilitem ou promovam emprego e renda.

7 Fortalecimento do protagonismo e da liderança dos migrantes/refugiados

O protagonismo dos migrantes e refugiados é uma opção presente na missão desde os primeiros passos da Congregação MSCS. É como a força motriz no coração de São João Batista Scalabrini. É uma opção e uma prioridade que valoriza sua existência, sua capacidade, seu potencial de ação como um ator inegociável na transformação dos processos e contextos dos quais fazem parte.²²

Por meio de diversas formas de apoio a iniciativas de autonomia e integração, as Irmãs MSCS estão a serviço da vida e do sucesso de projetos migratórios, familiares ou profissionais de migrantes e refugiados, favorecendo o empoderamento de mulheres e homens protagonistas de sua própria história, mesmo diante de uma migração forçada por fatores adversos à sua vontade (mudanças climáticas, violência/crime organizado, etc.). “As Irmãs Missionárias Scalabrinianas, atentas e interagindo com as mais diferentes realidades migratórias e eclesiais, socioculturais ou políticas onde vivem e trabalham, ao longo dos anos foram moldando sua cultura organizacional com a diversidade que determina a pluralidade e a complexidade da mobilidade humana”².

A atenção à fidelidade criativa ao Carisma resultou em escolhas que contribuíram para a construção e a consolidação de traços característicos de sua ação apostólica, uma expressão de sua identidade.

No entrelinhamento do relatório “Respostas da Congregação aos desafios dos Movimentos Migratórios”, para além das estratégias de ação já mencionadas, é possível perceber elementos paradigmáticos, axiológicos e metodológicos que estão e se encontram na base, no “fôlego” e na dinâmica da Ação Apostólica do MSCS. Entre eles, destaco:

Ser presença de esperança e alimentar a esperança; Compartilhar o caminho, acompanhando os migrantes e refugiados em suas buscas e lutas (Lc 24,13ss - mística de Jesus e os Discípulos de Emaús); acolher e criar espaço dialógico como condição de possibilidade para provocar flexibilidade e potencial transformação das estruturas pessoais e

² Diretrizes Gerais da Missão Apostólica das Irmãs Missionárias Scalabrinianas. CSEM, Brasília, 2023.

institucionais (eclesiais, políticas, sociais, etc.); valorizar a alteridade como condição de possibilidade para provocar flexibilidade e potencial transformação das estruturas pessoais e institucionais (eclesiais, políticas, sociais, etc.); valorizar a alteridade - seiva para promover a interculturalidade; cuidar da vida, proteger/defender na condição de vulnerabilidade, integrar e promover. “Motivados pelo desejo de viver a consagração em uma perspectiva ecológica e sinodal, com a certeza de que a alegria do Evangelho enche o coração e a vida daqueles que encontram Jesus (Gozoso 1), somos desafiados a revitalizar a fertilidade espiritual e o caráter missionário da Congregação (...). O Papa Francisco nos convida a ser realistas, sem perder a alegria e a audácia, porque existem desafios a serem superados (A Alegria do Evangelho, 109)³.

³ Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo – Scalabrinianas. Roma, 06.01.2020. Documento final XIV Capítulo Geral.

TERCEIRA PARTE

BOAS PRÁTICAS

BOAS PRÁTICAS DAS IRMÃS MISSIONÁRIAS SCALABRINIANAS

1 ACOLHIDA E PROTEÇÃO DA VIDA MISSÃO SCALABRINIANA PARI – SÃO PAULO/BRASIL: ACOLHIDA, PROMOÇÃO E PROTAGONISMO

*Ir. Shirley Anibale Guerra, mscs**

Identificação

O Centro de Acolhida para Imigrantes e refugiados – Missão Scalabriniana Pari, foi fundado em 27 de outubro de 2015, no bairro do Pari em São Paulo -SP, em parceria com a prefeitura Municipal de São Paulo, através da SMADS – Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social.

O Centro de Acolhida tem como público-alvo imigrantes e refugiados que se encontram em vulnerabilidade social, necessitando de acolhimento temporário, onde são atendidos e acolhidos por uma equipe de profissionais capacitados para atendê-los dentro das suas especificidades. Conta com uma equipe de profissionais composta por: 1 gerente, 1 administrador, 1 psicóloga, 4 assistentes sociais, 26 orientadores socioeducativos, 16 agentes operacionais da Limpeza e 12 agentes operacionais da cozinha. Visa a acolhida de mais de 200 migrantes, em 24 horas, tem presente 28 crianças, 70 mulheres e 120 homens.

A Missão Scalabriniana do Pari, para realizar as atividades para os imigrantes e refugiados, conta com diversas parcerias, além de doações espontâneas de materiais, tanto de pessoas físicas como jurídicas. Tem

* É missionária scalabriniana brasileira. Formada em Pedagogia e tem especialização em Psicopedagogia e Neuropsicopedagogia. Trabalhou como professora, diretora e missionária na Colômbia, Honduras e Bélgica. Atualmente é administradora da Missão Scalabriniana do Pari, SP.

como objetivo acolher imigrantes de várias nacionalidades, oferecendo a regularização migratória, promovendo o acesso a direitos, inclusão social, cultural e econômica, bem como a promoção da autonomia, efetivação da cidadania, capacitação profissional e inserção no mercado formal de trabalho, independente da raça, etnia ou credo religioso.

Introdução

No cotidiano a Missão Scalabriniana prima pela boa prática do acolhimento. Entende-se que cuidar da vida é proteger na vulnerabilidade e apoiar com solidariedade para além de reconhecer e tutelar o direito de ir e vir, assim como o direito de não ter que migrar, em suas escolhas, bem como, em defesa e promoção da vida, se empenhando para prover, junto às parcerias, respostas aos desafios enfrentados por imigrantes e refugiados/as, com orientações, serviços e assistência que acolhem, protegem, promovem e integram, especialmente em favor de quem mais necessita.

O serviço adota uma metodologia participativa que possibilita o envolvimento ativo dos usuários, com encaminhamento e acompanhamentos para rede local de acordo com as demandas identificadas: psicoterapia, tratamento de usuários, abuso ou dependência de álcool e outras drogas, bem como outros tratamentos na área da saúde, mercado de trabalho, renda, educação e etc.

Os profissionais fazem entrevista personalizada com cada migrante que chega. A pessoa é tratada com dignidade e constroem-se, com cada pessoa, a sua história de vida. Para isso, põem-se a documentação em ordem, legalmente constituída, resgatando a sua cidadania conforme seu status de migrante ou de refugiado

Preza-se por uma acolhida qualificada e humanizada, sendo que durante o período de acolhimento são observadas as necessidades, promovendo cursos de idiomas com o objetivo de capacitar, encaminhando para acesso aos serviços sociais dentro do território ou fora, de acordo o caso. Sempre há um acompanhamento sistêmico, com articulação para assegurar o acompanhamento dos usuários, com subsídio técnico para os cuidados frequentes, incluindo suporte de material como: fraldas, material de higiene, alimentação, vestuário, transporte, dentre outros. Desta forma, destaca-se a importância do trabalho colaborativo e articulado entre o SUAS – Sistema Único de Assistência social, Sistema de Justiça e o SUS – Sistema Único de Saúde.

O Serviço de Proteção Especial Centro de Acolhida Imigrantes II – Missão Scalabriniana implantado em outubro/2015 em parceria com a SMADS e Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania (SMDH),

tem um papel fundamental no contexto atual das migrações, o qual, através das ações de acolhida e hospedagem, vem dando respostas às necessidades e demandas apresentadas pelos imigrantes na cidade de São Paulo. Destaca-se que desde o período de implantação do serviço até 2023 foram atendidos cerca de 3.450 imigrantes procedentes de aproximadamente 85 países. Um dado relevante a ser considerado na continuidade do convênio e manutenção do serviço é que a maioria dos imigrantes atendidos (85%) conseguiram se inserir no mundo do trabalho e adquiriram autonomia financeira.

Aos colaboradores salienta-se a importância de os dirigentes adotarem medidas para promover a qualidade de vida, criar mecanismos com ações voltadas para o desenvolvimento intelectual, bem como, suporte técnico dentro das suas particularidades dentro do serviço.

Contexto

Em outubro de 2019 foi realizado o último Censo da população em situação de rua na cidade de São Paulo. Segundo os dados apresentados, havia naquele momento 24.344 pessoas em situação de rua, sendo que 11.693 acolhidas e 12.651 em logradouros públicos ou nas ruas. Então, buscou-se investigar para o detalhamento do perfil da população em situação de rua na cidade de São Paulo. As perguntas relacionadas a este tópico buscavam identificar primeiro a nacionalidade, depois a naturalidade dessas pessoas. No caso de São Paulo, verificou-se primeiramente em relação à nacionalidade que a maioria absoluta da população em situação de rua é brasileira representada por 96,7% e que apenas 3,4% da população em situação de rua na cidade é composta por imigrantes.

Quando se investiga o país de origem dos imigrantes na composição da população em situação de rua em São Paulo, verifica-se que, mais de um terço destes, 38,8%, são oriundos de um único país, a Venezuela. Esta presença pode estar relacionada a instabilidades econômicas e políticas vivenciadas por aquele país nos últimos anos.

O segundo país com maior percentual de pessoas vivendo em situação de rua em São Paulo é a África do Sul, com 9%, em terceiro lugar estão empatados Angola, Argentina e Portugal com 6% cada. A soma dos imigrantes oriundos de países da América Latina equivale a 56,8%, dos originários do continente africano é de 25%. A entrada dessas pessoas em território nacional, ocorreu principalmente através dos estados de Roraima 34,3%, que faz divisa com a Venezuela, e através de São Paulo 29,9%, que tem o maior aeroporto internacional do país.

Em relação ao Brasil, o total acumulado de imigrantes é de 1,1 milhão e de 1.9 de brasileiros no mundo (emigrantes). Segundo dados divulgados pelo Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE) na 6ª edição do relatório “Refúgio em Números”, ao final de 2020 havia 57.099 pessoas refugiadas reconhecidas pelo Brasil.

Em 2020, 75,5% das solicitações apreciadas pelo CONARE foram registradas nas Unidades da Federação (UF) que compõem a região norte do Brasil. O estado de Roraima concentrou o maior volume de solicitações de refúgio apreciadas pelo CONARE (60%), seguida pelo Amazonas (10%) e São Paulo (9%).

É neste contexto cada vez mais complexo da mobilidade humana, que a Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo - Scalabrinianas desenvolve sua missão há 126 anos desempenhando o serviço evangélico e missionário de acompanhamento as pessoas em situação de mobilidade e vulnerabilidade social.

Em diversos contextos de nosso país e cidade, as Irmãs Scalabrinianas buscam proporcionar acolhida e desenvolver outros serviços que respondam às necessidades e demandas apresentadas pelas pessoas em mobilidade, objetivando que estas sejam acolhidas, protegidas, promovidas e integradas (Papa Francisco). É, então, especificamente no Bairro do Pari em São Paulo, que as Irmãs Scalabrinianas, juntamente com a Prefeitura Municipal de São Paulo a través da Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS), firmaram o convênio de serviço de acolhimento para desenvolver ações voltadas para o público imigrante e refugiados, respondendo a uma demanda existente e urgente, realizando dessa maneira, o desejo da congregação de ter uma missão específica, mostrando dessa maneira o rosto feminino scalabriniano na cidade de São Paulo.

Muitas pessoas de diversas nacionalidades foram atendidas nesses nove anos de fundação, dentre elas citamos alguns países como: Afeganistão, Marrocos, Venezuela, Tunísia, Hungria, Congo, Equador, Burkina Faso, Guinéu-equatoriano, Guiné Bissau, Haiti, Moçambique, Irã, Bolívia, Paraguai, Colômbia, Mali, Coreia do sul, Nigéria, Cuba, Líbano, Egito, Argentina, Peru, Malásia, Palestina, Iêmen, Holanda, Estados Unidos, Paquistão, África do sul, Síria, República do Congo, Jordânia, Argélia, Cazaquistão, Sudão, Angolana.

Descrição da boa prática

A nossa experiência é motivada pelo desejo de viver a consagração dentro da perspectiva cristã e do carisma Scalabriniano, na certeza de que a alegria do evangelho enche o coração e a vida daqueles que se encontram necessitando do amparo, visto que os desafios existem para serem superados.

O cerne da missão Scalabriniana no Pari, SP, é o cuidado com a vida, enfatizando a proteção e o apoio solidário aos mais vulneráveis. Esta missão transcende o simples reconhecimento do direito de migrar ou de escolher não migrar; ela se dedica à defesa e promoção da vida. Através de parcerias estratégicas, a missão se esforça para oferecer respostas efetivas aos desafios enfrentados por imigrantes e refugiados, fornecendo orientações, serviços e assistência que não apenas acolhem, mas também protegem, promovem e integram, com especial atenção àqueles em maior necessidade.

Acolher e garantir proteção integral às pessoas imigrantes e refugiadas em condições de vulnerabilidade, contribuindo para sua inserção social e cultural, esse é o objetivo da Missão Scalabriniana do Pari.

As atividades desenvolvidas pela Instituição para se manter as boas relações entre os “diferentes”, incluem roda de conversas com atendimento individual e grupal, momentos de lazer, integração e partilha, orientações gerais relativas a trabalho, higiene e organização com divulgações de cursos e eventos afins; momentos de convivência, fortalecimento de vínculos, jogos recreativos, música com partilha de comidas típicas, incentivos e encaminhamentos para cursos profissionalizantes, realização de dinâmicas diversificadas e incentivo à participação dos cursos e formação continuada ofertados pelos parceiros, tais como SMADS – Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social, Centro CREAS – Centro de referência especializada em assistência social Pop, Cruz Vermelha, Mesa Brasil, Instituto São José, entre outros. Possibilitar condições de acesso à rede de serviços e a benefícios assistenciais e demais políticas públicas.

A cidade de São Paulo atualmente é modelo para o Brasil e para muitos países do mundo, no sentido da acolhida aos imigrantes, refugiados e população vulnerável, adotando o sistema de centros de acolhida, segundo depoimento do Secretário da Secretaria Municipal de assistência e Desenvolvimento Social, Carlos Bezerra.

Para o fortalecimento das articulações realizamos reuniões com as equipes das instituições parceiras como Mesa Brasil, Cruz Vermelha, com igrejas de diferentes denominações, dentre outras. Também há formação e capacitação das equipes, realizadas em encontros mensais, visitas

institucionais aos equipamentos de atendimento, focado na atenção aos imigrantes e refugiados.

O serviço possibilita a participação ativa dos usuários, com encaminhamentos e acompanhamentos para a rede local de acordo com as demandas identificadas: psicoterapia, tratamento de usuários, abuso ou dependência de álcool e outras drogas, bem como outros tratamentos na área da saúde, mercado de trabalho, renda, educação e etc.

Os resultados dessas atividades, englobam o acompanhamento para a acolhida da família, a compreensão de sua dinâmica de funcionamento, valores e cultura e a conscientização e sua importância dentro do contexto, promovendo a autonomia dos migrantes e refugiados.

Destaca-se a importância do protagonismo dos migrantes e refugiados na missão. Esta abordagem, alinhada com a visão do fundador, prioriza o empoderamento e a autonomia desses indivíduos. Valorizando suas capacidades e potencial de influência, a missão Scalabriniana incentiva-os a atuar ativamente na transformação dos ambientes e contextos nos quais se inserem. Assim, eles não apenas contribuem para, mas também podem determinar, suas próprias trajetórias de vida.

Dentro deste contexto, conseguimos encaminhar a empresas de várias áreas para inserção no trabalho formal e outros partem para o trabalho informal, seguindo as habilidades que já possuem ou mesmo adquirindo outras.

Para melhor atender aos imigrantes e refugiados acolhidos na Missão desenvolvemos também ações com o objetivo de contribuir para:

- Restaurar e preservar a integridade, autonomia e o protagonismo;
- Favorecer o convívio grupal, comunitário, social e cultural, o desenvolvimento de relações de afetividade, solidariedade, respeito mútuo, formação para a participação, autonomia e protagonismo social;
- Estimular o desenvolvimento de potencialidades para novos projetos de vida, propiciar formação cidadã e vivências para o alcance de autonomia e protagonismo social;
- Incentivar o desenvolvimento de potencialidades para novos projetos de vida, propiciando a formação cidadã e vivências para o alcance de autonomia e protagonismo social.

Destaca-se a importância do protagonismo dos migrantes e refugiados na missão. Esta abordagem, alinhada com a visão do fundador, prioriza o empoderamento e a autonomia desses indivíduos. Através desse

acolhimento, os migrantes têm o apoio para reconstruir sua própria identidade, para reconhecer-se como pessoa, inserir-se na sua nova realidade a partir de sua história e do seu protagonismo, defendendo e concretizando os direitos humanos no fenômeno das migrações.

Muitos desses migrantes e refugiados têm formação profissional de nível superior nas seguintes áreas: técnico em biomedicina, direito, engenharia civil, engenheiro agrícola, engenheiro químico, bioquímico, técnico em mecânica, mecânico, serralheiro, pedagogo, professor de matemática, vendedor, enfermeiro, construção civil, eletricitista, pintor, economia, estatística, informática, cozinheiro, nutricionista, hotelaria, cabeleireiro, turismo, contabilidade, técnico em enfermagem, modelagem técnico em secretariado, cozinheiro, enfermagem, entre outros.

Também é ofertada aos trabalhadores, cursos e capacitações de forma continuada por via de parcerias com instituições públicas e privadas. Essas capacitações que acontecem dentro e fora do espaço de trabalho, realizando atividades e dinâmicas para garantir a qualidade de vida no espaço de trabalho e também para o seu processo de autonomia econômica e a qualidade de vida nesse espaço.

A Missão Scalabriniana tem o reconhecimento pelo seu trabalho desenvolvido em favor da população imigrante e refugiada, tanto a nível de Igreja Local, da sociedade civil e do Poder Público.

Perspectivas

Dentro do cotidiano do acolhimento a nossa perspectiva de maior impacto é podermos dentro da nossa ação contribuir no protagonismo dos imigrantes, impactando no seu crescimento pessoal e material com a finalidade de empoderar o ser, independente das suas origens, mas, uma transformação que o torna um ser humano realizado naquilo que almeja. O ensinamento que fica é o prazer pela oportunidade de partilhar os ensinamentos, bem como, de aprender também com várias culturas, ficando um legado de aprendizados.

Desta forma, espera-se que todos os imigrantes acolhidos na instituição, conquistem sua autonomia financeira, integração social, inserção no mundo do trabalho, moradia autônoma e, sobretudo, o desenvolvimento do seu protagonismo social a partir da atenção, escuta, acolhida e acompanhamento recebido no serviço.

Conclusão

Compartilhamos as experiências com todos aqueles que ajudam nessa edificação e vivência do carisma no mundo das migrações.

Nesse cenário, procura-se ser referência na promoção da vida, atuando sempre na garantia dos direitos dos imigrantes, com atuação em rede, boas práticas de liderança, gestão e sustentabilidade. As irmãs MSCS, juntamente com os colaboradores, migrantes e refugiados, assumem a abrangência que o carisma proporciona otimizando as ações de acolhida, promovendo o protagonismo dos imigrantes através das políticas públicas, do fortalecimento de parcerias, da defesa dos direitos humanos e do acesso à justiça.

As irmãs com disponibilidade, assistência, sensibilização, seu jeito de ser humano, sensível e pleno de amor à causa e aos que dedicaram e dedicam suas vidas marcando presença, vem vivenciar as palavras do Papa Francisco: “na acolhida, no proteger, no promover e no integrar os migrantes e refugiados.”

Agradecemos as inúmeras pessoas que durante esses anos contribuíram para a vivência do carisma, fortalecimento e concretização do serviço de acolhimento, que fizeram parte e marcaram com sua presença e doação de vida, s colaboradores, as formadas, os leigos, os agentes, os voluntários, os benfeitores, os migrantes, os refugiados, os imigrantes, os parceiros, enfim, todos que colaboraram e colaboram para que pudéssemos acolher quem veio realizar seus sonhos em busca de melhores condições de vida.

2 ACOLHIDA E PROTEÇÃO DA VIDA INSTITUTO MADRE ASSUNTA DE TIJUANA – MÉXICO: A ACOLHIDA QUE FAVORECE O ENCONTRO E O BEM-ESTAR DE QUEM CHEGA

*Ir. Albertina Maria Pauletti, mscs**

O Instituto Madre Assunta – IMA é uma Associação Civil sem fins lucrativos A.C. a serviço de mulheres migrantes e refugiadas, em situação de vulnerabilidade, sozinhas ou com filhos.

Está localizada na Rua Galileo, 2305 – Colonia Empleado Postal – CP 22416 – Tijuana – Baja California – México e está diretamente ligada à Fundação Scalabriniana das Irmãs Missionárias Scalabrinianas, com sede em Roma.

O Instituto realiza ações de incidência, trabalha em rede no território e, como sua principal expressão de atividade missionária, tem um abrigo com capacidade para acolher até 90 pessoas ao mesmo tempo, incluindo mulheres, com ou sem filhos, que estão de passagem e que fogem de situações graves ou que estão retornando de um projeto migratório fracassado devido à deportação e não têm redes familiares para recebê-las. A maioria das mulheres acolhidas chega com situações muito difíceis e delicadas: vítimas de violência, pobreza ou desintegração familiar, entre muitos outros motivos.

Introdução

O Instituto Madre Assunta é uma iniciativa da congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo Scalabrinianas, MSCS que, sempre atentas à realidade, detectaram o início de um número significativo de

* Missionária Scalabriniana brasileira com 53 anos de vida consagrada. Formou-se como Assistente Social. Há 4 anos é diretora do Instituto Madre Assunta, em Tijuana, México, uma casa de acolhida e atenção integral para mulheres migrantes em situação de vulnerabilidade, sozinhas ou com filhos.

deportações de mulheres dos Estados Unidos nos primeiros anos de sua presença em Tijuana e nasceu como uma resposta pastoral ao desafio identificado. O processo de resposta começou com a criação da instituição civil e a construção do edifício e, em seguida, no dia 4 de abril de 1994, para acolher as primeiras mulheres migrantes deportadas, celebrando assim seu 30º aniversário de serviço neste ano de 2024 com o atendimento integral de aproximadamente 39.500 pessoas.

Atualmente, conta com uma equipe profissional interdisciplinar composta por 13 pessoas ligadas à instituição. Entre elas, 4 religiosas com diferentes responsabilidades e com foco especial na espiritualidade, 1 assistente social e estagiários universitários, 2 psicólogas infantis, 1 psicóloga para adultas, 1 contadora, 1 recepcionista, 2 auxiliares de manutenção, 1 cozinheira e voluntários/as locais e internacionais. Trabalha em uma rede com instituições nacionais e internacionais afins que complementam os serviços profissionais, especialmente nas áreas jurídica e de saúde, com o objetivo de oferecer atendimento integral à população atendida.

Contexto

Tijuana está localizada no estado de Baja California, no norte do México. Faz fronteira, com uma extensão de 41 quilômetros lineares, com o condado de San Diego, Califórnia, nos Estados Unidos da América. É considerada uma das fronteiras mais movimentadas do mundo, com uma média de 25 milhões de travessias por ano e uma população de cerca de 1.611.439 habitantes (homens 804.124 e mulheres 807.315).

Tijuana surgiu como um ponto-chave na complexa realidade migratória que afeta a região. Essa cidade fronteiriça se tornou um epicentro da dinâmica migratória que reflete tanto a esperança quanto o desafio que ela enfrenta. Por um lado, a cidade experimentou um aumento significativo na chegada de migrantes em busca de asilo político e oportunidades econômicas. Esse fluxo constante de pessoas criou uma dinâmica demográfica diversificada, com comunidades de diferentes nacionalidades convergindo para a região. À medida que essas pessoas buscam novas oportunidades, elas também enfrentam obstáculos consideráveis, desde a discriminação até as dificuldades de acesso a serviços básicos. As tensões e os desafios associados à espera na fronteira para solicitar asilo político são palpáveis na vida cotidiana, com famílias notoriamente estressadas pelos cerca de quatro meses que têm de esperar pela sua nomeação para atravessar e iniciar o processo de refúgio que pode durar anos. A aprovação das solicitações pode chegar a um máximo de 35%.

As políticas de migração em constante mudança, tanto no México quanto nos Estados Unidos, influenciam diretamente a experiência dos migrantes em Tijuana. Reconhece-se que a distribuição de agendamentos de pedidos de refúgio não está sendo equitativa para todas as nacionalidades, pois foi detectado que, de cada 100 pessoas que conseguem obter um agendamento para entrar nos Estados Unidos, apenas um deles é para mexicanos. A prioridade é dada a cubanos, venezuelanos e haitianos, colocando os mexicanos que estão fugindo de seus locais de origem em desvantagem devido a assédio, ameaças e tentativas de recrutamento forçado por grupos que o governo não consegue ou não quer controlar.

Organizações locais e internacionais, a equipe do Instituto Madre Asunta (IMA) e voluntários privados e corporativos desempenham um papel decisivo no fornecimento de apoio humanitário, assistência jurídica, atendimento psicológico e médico e, em alguns casos, atendimento altamente especializado. No entanto, apesar desses esforços, eles não conseguem cobrir totalmente as necessidades e vulnerabilidades de cada caso.

Em conclusão, a realidade da migração em Tijuana reflete a complexidade dos movimentos migratórios contemporâneos. Em suas ruas e comunidades, histórias de esperança, desafio e resiliência são entrelaçadas, formando uma tapeçaria humana que enfatiza a necessidade de abordar as questões de migração a partir de uma perspectiva global e compassiva.

Descrição

A IMA se caracteriza por sua missão de “proclamar a alegria do Evangelho e compartilhar essa alegria do anúncio, acolhendo, protegendo, promovendo e integrando a população migrante e refugiada, coabitantes da casa comum, fortalecendo suas capacidades e possibilidades”. Adota como visão: Ser uma instituição reconhecida no atendimento integral a mulheres migrantes e refugiadas, sozinhas ou com filhos, em situação de vulnerabilidade como resultado da realidade da migração.

A IMA prioriza a “acolhida como um processo”, empregando toda a equipe profissional e os recursos materiais e financeiros em favor do encontro e do bem-estar da população migrante/refugiada acolhida.

Quando batem à porta ou são encaminhadas por outras instituições, elas são entrevistadas brevemente. Se corresponderem ao perfil institucional pré-estabelecido: mulheres solteiras ou com filhos menores de 10 anos e crianças do sexo feminino de todas as idades, migrantes ou refugiadas

em situação de vulnerabilidade, recém-chegadas a Tijuana de diferentes estados do México ou de outros países, elas são aceitas no Instituto.

Uma vez aprovada a admissão, eles são entrevistados pela Assistente Social, que os informa que não precisam pagar pela estadia, informa-os sobre os regulamentos institucionais, garante-lhes uma estadia segura por 15 dias e, após serem avaliadas e acompanhadas, pode ter a estadia prorrogada até um máximo de 4 meses. Elas também são solicitadas a colaborar com a arrumação e a limpeza da casa. Posteriormente, é designado o local onde guardarão seus pertences, recebem os materiais de limpeza, as roupas necessárias e a cama que ocuparão. No primeiro momento comunitário, geralmente a primeira reunião na sala de jantar, elas são apresentadas à população anfitriã, que as recebe cantando em coro. É sempre muito emocionante e, a partir desse momento, cria-se um espaço de confiança e as crianças são integradas às atividades recreativas.

Nos dias seguintes, elas são entrevistadas pelas profissionais de saúde física e mental. Uma vez cientes de sua realidade, são atendidas de acordo com suas diferentes necessidades.

As mulheres encarregadas da manutenção são responsáveis por acompanhá-las na execução das diferentes tarefas domésticas, garantindo a integração e a conclusão eficiente das tarefas diárias que lhes são atribuídas. Muitas das mulheres precisam de um acompanhamento mais próximo porque vêm de ambientes rurais e tomaram a firme decisão de se integrar a ambientes urbanos nos Estados Unidos. Outras estão em condições de apoiar algumas que precisam de mais suporte para entender o modo de vida fora do núcleo familiar e facilitar um clima de convivência.

Elas são orientadas e, ao mesmo tempo, solicitadas a observar os regulamentos institucionais, que surgem das demandas e da experiência e, assim, facilitam as relações de convivência, especialmente entre elas, levando em conta que todas trazem, de uma forma ou de outra, situações de violência.

A realidade é muito dolorosa quando se trata de relacionamentos rompidos, abuso doméstico e quase nunca falta a violência sofrida pelas gangues criminosas. O IMA busca oferecer a elas atendimento integral: alimentação, alojamento, limpeza, vestuário, atendimento psicológico, atendimento à saúde, fortalecimento espiritual, atividades socioeducativas, atendimento social e orientação e treinamento, entre outros.

A população de migrantes e refugiadas aprendeu que tem uma missão a cumprir na humanidade, confiada a elas por Deus, e é necessário acompanhá-las para descobri-la durante o tempo em que permanecerem na instituição.

Entre as grandes lições, podemos citar algumas:

- As pessoas recebidas não são pessoas vulneráveis, mas estão vivendo em situações de vulnerabilidade, agravadas pela migração ou busca por refúgio.
- Elas podem ser economicamente pobres e ricas em experiências de vida e ter um potencial não totalmente explorado ou conhecido por elas mesmas.
- Cada pessoa é única e deve ser tratada como tal. Elas não se tornam iguais pelo fato de se enquadrarem na categoria de migrantes ou refugiadas.
- Há muitas expressões pelas quais elas são tratadas com um denominador comum, por exemplo: mulheres haitianas, mulheres hondurenhas, mulheres indígenas etc., mas cada pessoa tem o direito e a oportunidade de ser ela mesma, de conhecer seu potencial e, acima de tudo, de receber reconhecimento e respeito por quem é e pela história que vive.
- Para entender o que significa deixar tudo e partir, apenas com o desejo de superar ou fugir da realidade de violência em que vivem, em busca de algo melhor, e para sentir empatia, é preciso se colocar no lugar delas.
- A pessoa se afasta fisicamente de sua realidade, mas a mantém presente no novo espaço geográfico e em sua vida de forma muito particular, pois a grande maioria das mulheres dá sustentabilidade emocional e econômica à família que permanece no local de origem ou que já migrou anteriormente.

As pessoas migrantes em situação de vulnerabilidade, além de requererem atenção às necessidades básicas, precisam se sentir “acolhidas, protegidas, promovidas e progressivamente integradas”, e essa é a principal tarefa da instituição ao recebê-las e, de certa forma, compartilhar com elas uma parte do caminho de sua jornada. Fazê-las sentir que são tratadas com dignidade faz a diferença, pois evita tratá-las como pobres, ignorantes, vulneráveis e diferentes por causa de seus costumes. Para isso, há treinamento para toda a equipe e monitoramento constante para que o atendimento nunca seja contaminado por preconceitos culturais ou outras resistências. O objetivo é fazê-las sentir que são pessoas com dignidade e com capacidade de realizar o sonho que desejam no que depender delas.

Elas são acolhidas e acompanhadas na releitura de suas histórias. Essa dinâmica aumenta sua resiliência, especialmente no caso de mulheres que migram sozinhas com filhos pequenos. Profissionais de serviço social e

psicólogas as acompanham nos processos existenciais e migratórios que vivenciam ou desejam vivenciar. Muitas delas se descobrem como mulheres e não apenas como mães. As Irmãs MSCS, além de suas responsabilidades, oferecem apoio espiritual, acompanhando-as para fortalecer sua proximidade com Deus e, em muitos casos, para reler a passagem de Deus em suas vidas e a missão que Deus confia a elas, principalmente como mulheres e mães.

Também senti a necessidade de aprender mais sobre a vocação das Irmãs porque gostaria de ajudar as pessoas como elas fazem, cada oração, cada música toca meu coração e me dá forças para continuar sendo forte e nunca desistir, sei que tenho uma vida pela frente, mas definitivamente sei o que quero fazer no futuro (Vanessa, 20).

Sustentabilidade

O IMA é mantido por doações de pessoas físicas nacionais e norte-americanas, muitas delas são pessoas que reconhecem com gratidão os serviços recebidos em seu processo migratório no México. A principal renda provém de projetos desenvolvidos, apresentados e financiados por instituições internacionais, diferentes instituições privadas e organizações internacionais afins. Muito raramente recebe recursos governamentais.

Todo o esforço de sustentabilidade institucional consiste em dar uma resposta abrangente às pessoas acolhidas na instituição e às famílias migrantes integradas à comunidade local em situação de vulnerabilidade, com orientação, aconselhamento e apoio com despensas de alimentos, cobertores no tempo frio, bens domésticos e outros. Os indivíduos e as famílias que não atravessam para os Estados Unidos e permanecem em Tijuana continuam pertencendo, de certa forma, ao IMA e sua integração é facilitada, desde que superem suas dificuldades iniciais, principalmente relacionadas a moradia, trabalho, alimentação e educação. Muitos retornam como amigos, voluntários e outros são contratados como trabalhadores da casa. Um número significativo de pessoas que atravessam para os Estados Unidos continua a se comunicar e a informar como estão se saindo. Outros enviam pequenas doações e muitos outros, depois de chegarem à sua residência regular, retornam com grande nostalgia, independentemente dos anos de espera. Em outubro de 2023, uma mulher retornou e disse que um de seus objetivos era voltar ao IMA quando conseguisse sua residência para visitar a casa que a acolheu quando ela mais precisou. Isso lhe custou 27 anos de espera!

Perspectivas

O Instituto Madre Assunta, embora não tenha espaço físico para ampliar o prédio, continua buscando formas de aumentar e otimizar a equipe profissional e os serviços para responder melhor às diferentes demandas que surgem devido à grande mudança no perfil da população. As políticas de migração dos Estados Unidos, o crime organizado e as gangues nos países de origem são os principais fatores que estão mudando constantemente os movimentos migratórios.

É necessário expandir e inovar constantemente as estratégias de intervenção por meio do trabalho em rede com instituições afins e da expansão de recursos. O plano é expandir e redefinir os diferentes níveis de defesa social, governamental e eclesiástica, especialmente nas congregações religiosas que trabalham com migrantes em suas escolas em Tijuana, centros comunitários e de formação, catequese e saúde. Trabalhar em rede possibilita que o trabalho receba mais recursos, fortalece a sustentabilidade a médio e longo prazo e favorece o desenvolvimento de estratégias de acompanhamento para evitar que velhas ou novas vulnerabilidades destruam os passos que foram conquistados na assistência à acolhida. Em rede, há mais possibilidades de trabalhar por uma cultura de encontro que some forças, ideias, recursos, pessoas e articulações sociais e culturais em prol de uma vida mais digna e de um futuro compartilhado por todos, do qual também fazem parte crianças, adolescentes e mulheres migrantes.

Ao longo dos 30 anos de serviço, ficou comprovado que o mais importante é dar respostas precisas e adequadas a cada momento, oferecer um espaço saudável para as pessoas que chegam carregadas de sofrimento misturado com sonhos às vezes inatingíveis, onde possam recuperar suas forças, curar feridas, se recuperar e se capacitar fazendo uso dos diferentes serviços oferecidos.

Conclusão

A migração não é apenas dramática, como é de conhecimento geral. Mais do que qualquer outra coisa, ela é um fator de integração dos povos, de crescimento econômico, provoca mudanças importantes, enriquece e enriquece outras culturas e estimula mudanças na convivência humana, entre tantos outros elementos. Os movimentos humanos enfraquecem as “fronteiras” físicas, culturais, econômicas, políticas e geográficas, mesmo que os governos tentem reforçá-las.

Os 30 anos de dedicação das Irmãs, MSCS, profissionais, colaboradores, voluntários e doadores, entre outros, foram instrumentos de Deus na vida de mais de 39.500 pessoas. Ao serem acompanhadas e empoderadas de diversas formas, a grande maioria das mulheres conseguiu sentir, antes de tudo, que tinha o direito de ser uma pessoa graciosa, com uma atenção especial que as fez se sentirem capazes, responsáveis e protagonistas de sua história. Conseguiram descobrir um sentido para seu sofrimento, reconhecer a força de sua resiliência e continuar a perseguir o sonho de ter uma melhor qualidade de vida e se afastar dos motivos que as fizeram desistir do que viveram até então.

Obrigado às Irmãs que me deram um espaço em sua casa e me ensinaram muitas coisas bonitas e obrigado do fundo do meu coração por me permitirem entrar em sua casa com meu filho e obrigado por me darem seu tempo (Anônimo).

As pessoas que apoiaram essa missão ao longo dos 30 anos foram e são as mais recompensadas, pois dia a dia crescem como pessoas e como profissionais, encontrando um significado valioso para sua profissão. Para os voluntários e doadores, é reconhecer a graça de compartilhar seu tempo e seus bens. Para as Irmãs Missionárias Scalabrinianas, é fortalecer sua vida consagrada e não há fardo pesado quando se trata de reconhecer, amar e servir a Deus no migrante ou refugiado em uma situação de vulnerabilidade.

Pessoalmente, posso testemunhar que conheci o IMA em uma visita à missão e sempre quis participar, pois senti que poderia contribuir para a missão, se um dia me pedissem. Deus tem sido bom para mim e me deu a graça de assumir a liderança em março de 2020, bem no início da pandemia. Viver com e para os migrantes me fez e continua a me fazer MSCS, grata por ter entendido o que é ser scalabriniana e desejo que, de uma forma ou de outra, todas as MSCS se deixem formar e capacitar pelos migrantes, instrumentos de Deus em nossa história e missão congregacional.

Obrigado, Irmãs, por seu trabalho conosco. É a primeira vez que lido com Irmãs e sempre pensei que talvez elas fossem renegadas, mas vocês me surpreenderam com seu amor. Estou encantada com vocês, obrigada por nos amarem, porque é isso que vocês fazem, nos amam sem nos conhecer, nos deram um teto e comida, obrigada porque achei que não tinha alternativa no meu caso. Obrigada do fundo do meu coração, Deus a abençoe (Diana).

Obrigada e bênçãos!

3 ACOLHIDA E PROTEÇÃO DA VIDA PROJETO LEGAME: COMUNHÃO NA DIVERSIDADE PARA OS CUIDADOS DE SAÚDE MENTAL

*Ir. Odila Roman Ros, mscs**

A Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo – Scalabrinianas, por meio da Associação Educadora São Carlos (AESC), desenvolve ações de acolhida, cuidado e promoção de valores humanistas e cristãos, por meio de seus estabelecimentos de saúde e da educação, no Rio Grande do Sul.

Entre as centenas de ações de saúde que alcançam pessoas em diferentes níveis de vulnerabilidade e fragilidade, opta-se pela apresentação do Serviço de Teleatendimento em Saúde Mental, o LEGAME, derivado de uma experiência consolidada de 14 anos de atuação nesse tipo de cuidado.

Introdução

No ano de 2020, por conta da pandemia da COVID-19, que colocou o distanciamento e o isolamento social como recursos da manutenção da vida, ao mesmo tempo em que os profissionais de saúde, que atuavam na linha de frente do atendimento aos doentes, lidavam com sentimentos como medo, ansiedade, luto e estresse, a AESC tomou a iniciativa da organização de um serviço remoto, capaz de lidar com aquelas circunstâncias.

A iniciativa surgiu com o nome de **LEGAME**, que desde o nome carrega o fundamento da atuação em saúde mental, com a garantia da continuidade do laço social em situações de crise, a experiência de conexão com o outro, e a abertura de uma janela para o fora, um outro lugar no mundo, cuja palavra de origem italiana, traz de espírito: ligação, relação, vínculo, aliança, laço, conexão, elo, união.

* Missionária Scalabriniana Brasileira, enfermeira, tem MBA em gestão de saúde pela Unisinos, é vice-presidente do Hospital Mãe de Deus e membro do Conselho de Administração da Associação Educadora São Carlos.

Ao longo do tempo, o LEGAME teve sua área de alcance expandida, deixando de ser um serviço exclusivo a funcionários da saúde, para cobrir todos os vinculados à AESC, incluindo familiares, funcionários da educação e do projeto de responsabilidade social, alunos e seus pais.

Por fim, ainda no ano de 2021, identificou-se que os migrantes e refugiados, acolhidos no Centro de Atendimento ao Migrante, inicialmente, viviam no contexto da mobilidade, principalmente dos deslocamentos forçados, as mesmas dinâmicas de medo, ansiedade, luto e estresse, tornando-se elegíveis aos benefícios do cuidado pelo LEGAME.

Aprendidos os mecanismos de criação, implantação e expansão do Serviço de Teletendimento em Saúde Mental, o LEGAME, foi dado alcance do acesso a outras presenças missionárias da Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo – Scalabrinianas, tanto no Rio Grande do Sul, quanto em outras unidades da federação do Brasil, e alguns países da Congregação onde atua a Província Maria Mãe dos Migrantes.

O Estado do Rio Grande do Sul é ambiente de intensos movimentos migratórios, principalmente por deslocamentos forçados. No Século XIX e XX, período em que a Congregação se fixou em Caxias, havia intenso movimento de imigrantes italianos, alemães, poloneses e japoneses. Atualmente, chegam pessoas da América Latina, especialmente da Venezuela e do Haiti, do Oriente Médio, e da África, vindos de Angola e Senegal, em sua maioria.

Enquanto organização civil, vinculada ao terceiro setor, a AESC complementa o Sistema Único de Saúde (SUS) do Brasil, lidando com as necessidades do Poder Público, em direção às vulnerabilidades e demandas das pessoas, com a prestação de serviços que alcancem de forma indistinta, universal, e possibilitem acesso e inclusão.

Contexto

Ao longo dos 62 anos de atuação da AESC, 45 deles dedicados ao cuidado em saúde, a Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo – Scalabrinianas se tornou referência no atendimento às pessoas em situação de vulnerabilidade e risco pessoal e social, incluído por barreiras e violação de acesso aos direitos.

A AESC complementa o Sistema Único de Saúde (SUS) do Brasil, com serviços no Estado do Rio Grande do Sul, em 6 municípios, que alcançam mais de 2 milhões de pessoas referenciadas, além do Serviço LEGAME, organizado integralmente na modalidade remota.

Os serviços têm equipe multiprofissional e interdisciplinar, composta por profissionais das mais diferentes áreas, da medicina e dos serviços de gestão e manutenção. Entre os profissionais, atuam 35 imigrantes internacionais nas equipes, especialmente originários da América Latina.

Os serviços de Saúde Mental estão localizados em zonas de uso de substâncias psicoativas da capital gaúcha. São regiões que tem como característica a presença do tráfico de drogas, de violência doméstica, prostituição, trabalho precarizado e população em situação de rua. Os demais serviços que compõem a estrutura do Hospital Santa Ana, estão situados em um contexto de demandas reprimidas e filas de espera, tais como a dificuldade de acesso à atenção especializada de crianças com deficiência intelectual e auditivas, a desintoxicação química hospitalar, e o cuidado prolongado, paliativo, e a terminalidade humanizada.

Já o Serviço de Teleatendimento em Saúde Mental, o LEGAME, tem como premissa o acolhimento e o humanismo, expresso pelo cuidado centrado nas pessoas, com a acolhida interhumanitária, em ambiente institucional promotor de afeto, dignidade, resultado e segurança.

Nascido da percepção que seus funcionários precisavam de espaço de escuta e apoio, é produto disso. Os atendimentos começaram pelo cuidado psicológico e psiquiátrico dos funcionários das instituições mantidas pela AESC, que além dos CAPS, envolvia o Hospital Mãe de Deus e Hospital Santa Ana, em Porto Alegre, os hospitais Santa Luzia e Nossa Senhora dos Navegantes, no Litoral, e os três colégios na Serra e Região Sul.

O serviço teve de imediato grande adesão, estendido também aos familiares dos funcionários. A partir de setembro de 2021, passou a atender os imigrantes cadastrados no Centro de Atendimento ao Migrante (CAM) em Caxias do Sul, serviço de responsabilidade social que se conecta intimamente ao carisma da Congregação. Como um grupo fragilizado pela pandemia, essas pessoas encontraram no LEGAME espaço de escuta sensível, para falar sobre sofrimento emocional, em condições terapêuticas de cuidado.

Atualmente, o LEGAME é uma das poucas estruturas implantadas na pandemia da COVID-19 que continua a ofertar às pessoas, sejam elas funcionários, familiares, alunos, ou imigrantes, cuidado em saúde mental de modo remoto, com prioridade aos eventos de sofrimento emocional agudo.

Descrição da Boa Prática

O Serviço de Teleatendimento em Saúde Mental, o LEGAME é uma escolha significativa para um serviço de saúde mental fundamentado na importância do vínculo terapêutico como processo de cuidado.

O vínculo é um elemento essencial para o estabelecimento de uma relação de confiança e segurança, na qual a pessoa se sinta acolhida, em condições de expressar seus sofrimentos, e construir recursos de proteção, resiliência e manejo terapêutico.

O vínculo terapêutico é um processo dinâmico e evolutivo, que se constrói ao longo do tempo, influenciado por fatores como a personalidade da pessoa, do terapeuta e da relação entre eles, como a cultura frente ao sofrimento emocional, como o curso de vida, e as adversidades vividas.

No LEGAME, o vínculo é construído a partir da escuta psicológica, uma abordagem centrada na pessoa, que permite ao terapeuta compreender a singularidade da pessoa e estabelecer uma relação de empatia e aceitação, pela conexão entre as pessoas.

O LEGAME tem como objetivo oferecer cuidado pelo apoio psicológico e psiquiátrico a funcionários, familiares e imigrantes, construindo vínculos de acolhimento e escuta.

A metodologia de intervenção psicológica do LEGAME é baseada na escuta psicológica a partir de referenciais da psicologia clínica. Cada atendimento é realizado considerando a pessoa como um sujeito singular, único, com a sua história de vida e estrutura psíquica. Desta forma, a relação que cada sujeito vai produzir com o sintoma é específica da sua subjetividade, assim como a busca de uma melhora no bem-estar vai ser acompanhada da compreensão destes aspectos.

Além da escuta psicológica, o LEGAME também oferece atendimento psiquiátrico. Conforme gravidade dos sintomas e com a indicação do psicólogo, a pessoa poderá ser encaminhada para avaliação psiquiátrica, que prosseguirá com acompanhamento pelo tempo necessário.

O LEGAME é um serviço inovador que oferece um espaço de acolhimento e escuta para pessoas que estão vivenciando dificuldades no âmbito da saúde mental. O serviço é realizado por uma equipe multidisciplinar de profissionais qualificados, que estão comprometidos com o bem-estar dos pacientes.

Uma vez que o vínculo é a base do cuidado, é importante que as pessoas que acessam o LEGAME estejam ligadas a um estabelecimento ou serviço da Congregação, possibilitando um melhor ajuste do plano terapêutico singular, o manejo de contingências, e a organização do acesso

aos recursos da Rede de Atenção à Saúde local, no qual o cuidado terá seguimento para toda a vida.

O acesso ao LEGAME ocorre por telefone e redes sociais (WhatsApp®), a partir da identificação da necessidade pela pessoa vinculada à AESC, ou pela identificação de situação de sofrimento emocional em migrante ou refugiado vinculado às obras e presenças missionárias da Congregação.

Os atendimentos são realizados por chamada de vídeo ou telefonema, disponíveis atendimentos psicológicos e psiquiátricos em português, língua brasileira de sinais (LIBRAS), espanhol, inglês e francês.

Para o funcionamento do serviço, tem-se a seguinte composição profissional:

Composição do serviço: 1 Gestor do serviço e 1 Engenheiro de Produção;

Composição da equipe: 1 Psicólogo Clínico e Supervisor; 3 Psicólogas Clínicas, proficientes em espanhol, inglês e francês, além da Linguagem Brasileira de Sinais (LIBRAS); 2 Psiquiatras; 1 Atendente – Auxiliar Administrativo.

O programa de cuidados compreende uma escuta inicial e avaliação de riscos, com psicólogo, e o seguimento de 1 a 12 consultas, de manejo terapêutico dos eventos de sofrimento emocional, distribuídos entre o psicólogo e o psiquiatra, conforme a necessidade de cada pessoa.

Por fim, no processo de expansão do serviço, e avaliação das condições de implantação em cada localidade, são realizadas as seguintes atividades:

- a. Avaliação da dinâmica de funcionamento da obra ou presença missionária, principalmente em relação à perenidade das relações e vínculos;
- b. Apresentação dos recursos e funcionalidades do LEGAME;
- c. Apresentação dos limites terapêuticos da modalidade de teleatendimento, e da equipe de saúde mental;
- d. Avaliação e mapeamento da Rede de Atenção à Saúde local, como mecanismo de vínculo no território e seguimento de cuidados;
- e. Sistematização da seleção de pessoas elegíveis ao serviço, e partilha dos canais de acesso;
- f. Início das ações de cuidado;
- g. Avaliação contínua da característica dos acessos, perfil de sofrimento trazido pelas pessoas, demandas de aprimoramento terapêutico, e aprendizado.

Desde o lançamento do LEGAME, foram realizados 5.627 atendimentos entre funcionários, familiares e imigrantes, com psicólogos e psiquiatras. Especificamente ao grupo de migrantes e refugiados, teve-se 437 pessoas atendidas.

A boa prática aqui trazida expressa a presença do carisma e dos valores da Congregação no cuidado em saúde, aberto à acolhida, itinerância, solidariedade, esperança e comunhão na diversidade, a partir da qual os profissionais representam a materialidade da presença da igreja junto às pessoas.

Perspectivas

Porto seguro aos que se defrontam com o sofrimento emocional, inclusive nos contextos migratórios e dos deslocamentos forçados, se apresentam como perspectivas aos serviços do LEGAME, as seguintes:

1. Ampliação do acesso com a promoção do cuidado em saúde mental estendido a novas comunidades, nas quais a presença missionária da Congregação se vincula a pessoas com demandas de cuidados em saúde mental;
2. Qualidade e inovação para a adaptação às tecnologias emergentes, novas práticas de cuidado, de tal modo que continuamente o serviço se aprimore, com foco em abordagens terapêuticas que pautem o humanismo e as relações interpessoais como centro da organização;
3. Sustentabilidade da atividade, atualmente custeada integralmente pelos recursos gerados nas atividades da AESC, de tal modo que a viabilidade financeira e a gestão eficiente do LEGAME sejam alcançadas, com oportunidade de expansão e alcance a maior público beneficiado;
4. Engajamento e impacto social, com o fortalecimento da participação da comunidade, articulação com Políticas Públicas locais, e geração de impacto positivo nas comunidades e sociedade, estimuladas as relações solidárias de apoio e trocas.

Esses direcionadores possibilitam projetar para os próximos 2 anos (2024-2025) ações de consolidação, fortalecimento e parcerias estratégicas, assim organizadas:

- a. Ampliar a capilaridade do serviço, com a articulação do atendimento em áreas de baixa disponibilidade de profissionais, carência de serviços de saúde mental, ou remotos;
- b. Assegurar a continuidade da oferta e dos vínculos construídos entre 2021 e 2023;
- c. Aprimorar a plataforma tecnológica, com recursos atualizados de virtualização da presença e interações, incluídos os agendamentos de consultas, a realização de atendimentos e a gestão do serviço;
- d. Ampliar a divulgação do LEGAME para a comunidade em geral, através de campanhas de sensibilização e ações de marketing social;
- e. Realizar pesquisas e estudos de avaliação da efetividade do serviço, teste de intervenções, e oportunidades de aprimoramento;
- f. Firmar parcerias com instituições públicas e privadas, de modo a ampliar a rede de apoio e oferecer um cuidado integral às pessoas;
- g. Prosseguir a articulação com a de redes de atenção à saúde mental, focado na integração do LEGAME com a rede de serviços de saúde.

No mesmo sentido, como projeção para os próximos 5 anos (2024-2030) se pensa a expansão em esfera Nacional, com a plena incorporação de tecnologias emergentes, em ações assim organizadas:

- a. Implementar o LEGAME em outros estados brasileiros nos quais haja a presença missionária da Congregação, ou nos sítios onde se identifiquem oportunidades de alcance aos migrantes e refugiados;
- b. Manter educação permanente para os profissionais do LEGAME, incluída a formação de rede, a qualificação em abordagens terapêuticas, e o teste de ferramentas assistenciais;
- c. Desenvolver aplicativos e plataformas digitais para facilitar o acesso ao serviço e oferecer novas ferramentas terapêuticas, incluídas as de tradução simultânea e reconhecimento de riscos emocionais e comportamentais;
- d. Utilizar inteligência artificial para aprimorar a triagem, personalizar o acompanhamento terapêutico, e mapear riscos emocionais e comportamentais.

Por fim, em longo prazo, e com sucesso alcançadas as ações anteriores, nos próximos 10 Anos (2024-2035) será constante a dinâmica de internacionalização, combinada com ações de pesquisa e desenvolvimento, estruturadas da seguinte forma:

- a. Expandir o LEGAME para outros países onde haja a presença missionária da Congregação, ou nas quais se veja oportuna a expansão do modelo de atendimento inovador para a comunidade internacional, destacadamente a de migrantes e refugiados;
- b. Adaptar o serviço às diferentes culturas, ponderadas as especificidades de cada país, para oferecer um atendimento adequado, principalmente na compreensão locorregional do sofrimento emocional;
- c. Promover a colaboração internacional pela partilha de conhecimentos e experiências com outras instituições que atuam em saúde mental, assim como órgãos internacionais de ajuda humanitária e de direitos humanos, e na relação com a Igreja;
- d. Adaptar os instrumentos do LEGAME para atuação em situações de crise humanitária extrema, como conflitos, guerras, pandemias e desastres naturais;
- e. Consolidar o LEGAME como centro de referência em pesquisa em saúde mental, realizando estudos inovadores sobre teleatendimento e suas aplicações em grupos humanos;
- f. Disseminar conhecimento científico pela publicação de artigos, livros e outros materiais sobre o LEGAME; e
- g. Formar novos profissionais pela oferta de cursos e treinamentos em teleatendimento em saúde mental.

Conclusão

Em síntese, a Boa Prática do Serviço de Teleatendimento em Saúde Mental, o LEGAME é evidência da expressão dos valores congregacionais nos atendimentos realizados na complementação do Sistema Único de Saúde (SUS), na atuação em Saúde Mental, e acima de tudo, no envolvimento e no compromisso dos profissionais que compõem as equipes com a produção do cuidado acolhedor, humanizado e cristão.

O cuidar é mais que um ato, é uma atitude frente ao outro (BOFF, 2008)¹, percebe-se que na acolhida às pessoas em sofrimento emocional se tem um momento de atenção, de zelo e de desvelo com a figura humana, de tal modo que a escuta terapêutica se apresenta como uma atitude de ocupação, preocupação, responsabilização e envolvimento afetivo com a humanidade.

¹ BOFF, Leonardo. A busca de um ethos planetário. *Perspectiva Teológica*, v. 40, n. 111, p. 165-165, 2008.

Trata-se de um serviço itinerante, fluído, ligado aos recursos de comunicação que o nosso tempo oferece.

A partir disso, emerge a convicção de que o caminho para vivenciar os valores e o carisma, é o de assumir uma atitude a partir do cuidado com o outro, na materialidade da comunhão na diversidade, do respeito à singularidade, da sacralidade da existência do outro, da reciprocidade e de complementaridade, em ações que atendem necessidades humanas, promovem resolutividade terapêutica, e se conectam às pessoas, na forma como estão vivendo.

4 ACOLHIDA E PROTEÇÃO DA VIDA OBSERVAÇÕES

*Jaime Ruiz de Santiago**

As práticas dos grupos que foram apresentados giram em torno de 4 eixos estratégicos:

- a) Atendimento em situações de risco e vulnerabilidade
- b) Acolhimento institucional
- c) Escuta e aconselhamento
- d) Serviços socioassistenciais

A primeira observação que parece importante fazer é que os grupos atendidos têm características muito diversas, o que se acentua nos serviços prestados nas áreas de fronteira (especialmente no caso de Tijuana), onde converge um grande número de pessoas com as mais variadas necessidades. Isso determina em grande parte os serviços que podem ser prestados (Tijuana tem hoje uma população fronteiriça em situação crítica). Outro grupo – o do Rio Grande do Sul - relata que presta seus serviços remotamente e que estes são apenas para ajuda psicológica e/ou psiquiátrica.

Entretanto, apesar da diversidade dos grupos atendidos, em todos eles há necessidade de atenção especial às mulheres solteiras ou com filhos pequenos, que se caracterizam por uma situação de vulnerabilidade.

Deve-se observar que, e isso é muito importante no caso de Tijuana, a situação legal das pessoas atendidas tende a ser muito variada. Há, por exemplo, pessoas que são migrantes por motivos econômicos, ou pessoas que desejam solicitar o reconhecimento como refugiadas (no México) para garantir que não sejam devolvidas ao seu país de origem, ou pessoas que foram devolvidas ao México para que possam solicitar a condição de

* Advogado, filósofo e teólogo mexicano. Realizou estudos acadêmicos no México, França, Espanha, Itália, Estados Unidos, Holanda e Costa Rica. Atualmente, é professor pesquisador no Departamento Acadêmico de Estudos Gerais do ITAM.

refugiado (nos Estados Unidos), ou pessoas que estão no México porque foram devolvidas dos Estados Unidos depois de terem a condição de refugiado negada naquele país, ou que estão em situações semelhantes. Há também a situação de migrantes que, embora não tenham as características de refugiados, não podem ser devolvidos ao seu país de origem devido a condições que colocam sua vida ou liberdade em risco: eles recebem um status legal especial conhecido como “proteção complementar”.

Essa diversidade de situações legais deve ser bem conhecida para que se possa entender as necessidades que as pessoas apresentam e que se busca atender. Isso implica que, nos centros de atendimento, existam pessoas com boa formação jurídica e/ou que tenham colaboradores com essa formação.

O que eu disse se aplica não apenas ao caso de Tijuana (que está localizada em um ponto de fronteira), mas também aos centros de acolhida em geral. Isso nos permite entender o que a missão scalabriniana Pari – São Paulo afirma quando diz que “o contexto [no qual realiza seu trabalho] é cada vez mais complexo”.

É interessante notar que a mesma missão no Pari destaca que um de seus objetivos é acolher os migrantes “oferecendo a regularização migratória, promovendo o acesso aos direitos [facilitando assim] a inclusão social, cultural e econômica” desses migrantes. Isso destaca a necessidade de que as pessoas que oferecem esses serviços tenham treinamento jurídico adequado.

Um aspecto que é destacado nos diferentes grupos é o fato de que o trabalho realizado nos centros das Irmãs Scalabrinianas é feito por meio da criação de uma rede de colaboração com instituições governamentais, com diferentes ONGs e com grupos de voluntários. Essa rede de colaboração é essencial para atingir os objetivos almejados. Essa rede de colaboração permite a organização de esforços, evita a duplicação de esforços e garante resultados mais sustentáveis.

Isso também se aplica ao trabalho apresentado pelo grupo do Rio Grande do Sul, que tem características especiais, pois se trata de um Serviço de Telecuidado em Saúde Mental, que é prestado remotamente e tem uma dimensão fundamental de atendimento psicológico e psiquiátrico para pessoas em situação de vulnerabilidade.

Esse serviço, que também é realizado em uma rede de parceiros, apresenta características inovadoras, que, acertadamente, almeja se expandir para outros países, adaptando-se a diferentes culturas e promovendo a colaboração internacional. Vale ressaltar que o serviço prestado pelo LEGAME pode facilmente se tornar um centro de referência em pesquisa

de saúde mental, realizando estudos inovadores sobre telecuidados e suas aplicações em grupos humanos.

Uma última observação que gostaria de fazer é o fato de que os diferentes grupos são sensíveis ao fato de que os migrantes e refugiados são sempre considerados não como objetos, mas como sujeitos dos eventos do Reino que ocorrem na história.

5 ACOLHIDA E PROTEÇÃO DA VIDA OBSERVAÇÕES

*Ir. Rosita Milesi, mscs**

O painel nos proporcionou a apresentação de três boas práticas:

- “Serviço de Teleatendimento em saúde mental LEGAME”, desenvolvido pela Associação Educadora São Carlos (AESC)/ Hospital Mãe de Deus, situada em Porto Alegre, Rio Grande do Sul; a exposição foi feita por Ir. Odila Roman Ross.
- “Acolher e promover o protagonismo dos Imigrantes e Refugiados na cidade de São Paulo”, prática apresentada pela Missão Scalabriniana, Pari, São Paulo; a exposição foi feita por Ir. Shirley Anibale Guerra.
- “A acolhida que favorece o encontro e o bem-estar de quem chega”, apresentada pelo Instituto Madre Assunta de Tijuana - México, pela Irmã Albertina Pauletti.

Uma rica reflexão sobre hospitalidade nos foi proporcionada por Jaime Santiago, comentarista neste Painel 5 do V Seminário congregacional. É oportuno ainda sublinhar que não existe um único padrão de hospitalidade. Agregam os estudiosos que esta hospitalidade pode ser turística, migratória, nosocomial, geriátrica, infantil, entre outras especificidades. A reflexão de Santiago nos dá o foco – hospitalidade migratória.

Esta inspiradora introdução sobre hospitalidade nos situa como ponto de partida as Diretrizes Gerais da Missão Apostólica da nossa Congregação e, como aspectos de análise, a primeira macroestratégia na qual estão situadas prioritariamente as práticas apresentadas neste painel: acolhida,

* Missionária de São Carlos (Scalabriniana), brasileira, advogada. Mestre em Migrações pela Pontifícia Universidade Comillas (Espanha), é fundadora e atual diretora do Instituto de Migrações e Direitos Humanos (IMDH), membro do Conselho de Administração da Fundação Scalabriniana e membro observador do Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE) do Brasil. É membro da Rede CLAMOR Brasil.

assistência e proteção a migrantes e refugiados em situação de emergência e de alta vulnerabilidade.

Com especificidade, a macroestratégia nos propõe quatro eixos:

1. Atendimento em situação de risco e de vulnerabilidade
2. Acolhida institucional
3. Escuta e orientação
4. Serviços socioassistenciais

As boas práticas apresentadas evidenciam elementos que enriquecem nossa reflexão e apontam sintonia com a quarta macroestratégia “Atenção prioritária a mulheres e crianças”, de fundamental importância na missão congregacional. Vejamos alguns elementos:

Eixo 1 – Atendimento em situação de risco e vulnerabilidade

- “Cuidado da vida” com ênfase na proteção dos mais vulneráveis;
- Acolhida a mulheres e crianças, especialmente mulheres sozinhas com filhos;
- Cogestão da casa, com envolvimento das pessoas acolhidas na gestão, valorizando sua capacitação, experiências e talentos;
- Projeto LEGAME, de saúde mental, com um serviço inovador, implementado pelo Hospital Mãe de Deus, coordenado por uma equipe multidisciplinar.

Eixo 2 – Acolhida institucional

- A acolhida institucional é um aspecto específico que se faz necessário em determinadas circunstâncias e tempos. Não deve ser permanente porque a pessoa migrante ou refugiada deve ser apoiada para reconstruir sua vida como sujeito de sua história, com condições de autonomia e de cidadania plena. Por isso, a importância da acolhida institucional ser temporária ou transitória, durante a qual lhe são oferecidas oportunidades de acesso a soluções duradouras e a políticas públicas no país em que se encontra.
- No mundo migratório, a atenção e acolhida às pessoas não é algo estático e final. É o tempo de propiciar condições e oportunidades

para que refugiados e migrantes se fortaleçam e preparem com vistas à sua integração na sociedade local.

Eixo 3 – Escuta e orientação

A escuta empática das pessoas migrantes e refugiadas é um aspecto fundamental da missão das Irmãs Scalabrinianas, ou seja, atitude vital para um atendimento humanizado. Vale sublinhar que este é um grande desafio porque frequentemente são muitas as pessoas que buscam os serviços de orientação e assistência e devido às infinitas demandas e a priorização técnica do trabalho, acabamos por fazer o que é imediato e urgente. Ocorre, então, que a escuta ativa, serena, humana, pode facilmente não ocorrer. O espaço de uma acolhida humanizada acaba sufocado pelas emergências burocráticas.

Eixo 4 – Serviços socioassistenciais

Ocorre-me comentar aqui dois aspectos:

- Distinguir que na primeira acolhida prestar serviços socioassistenciais não é assistencialismo. É a efetiva prestação de serviços sociais, necessários e indispensáveis num momento crucial, difícil, carente, na vida dos migrantes e refugiados, particularmente das mulheres e crianças que, em geral, sofrem profundamente as carências da jornada migratória.
- Um segundo ponto é que estes serviços não devem estender-se indefinidamente, pois as pessoas precisam ser orientadas e apoiadas para a inclusão em políticas públicas e em espaços de trabalho, de modo que alcancem desenvolverem-se no contexto local, e sentirem-se vivendo a cidadania em igualdade de condições com os nacionais. Parece algo utópico. Porém, é justamente isto: Qual é nossa utopia no trabalho com migrantes e refugiados?

Sinalizações das boas práticas

A metodologia participativa é um ponto fundamental, destacado pelas práticas apresentadas, voltadas à atenção direta a migrantes e refugiados. Este aspecto é parte significativa na perspectiva do “protagonismo dos migrantes e refugiados”, recordando que o protagonismo é vital se queremos que esta população alcance autonomia, com condições de

integração e possibilidade de estabelecerem-se com dignas condições de vida. É, igualmente, ponto destacado nas Diretrizes Gerais da Missão Apostólica das Irmãs MSCS.

A articulação com outras instituições, com outras forças da comunidade se revela com clareza nos textos das práticas apresentadas. Confirma-se que, quanto mais consolidamos as redes de apoio, sejam apoios financeiros, sejam de colaborações voluntárias, sejam de envolvimento da comunidade local, e quanto mais atuamos em incidência em favor da causa dos migrantes e refugiados, mais e melhor se estará realizando um trabalho pastoral estruturalmente sólido, com possibilidade de continuação, que vai avançando e se mantendo ao longo do tempo.

A apresentação das boas práticas neste seminário é também ocasião para sublinhar alguns pontos das macroestratégias das Diretrizes Gerais da Missão Apostólica que suscitam nossa atenção específica.

A diretrizes, em seu conjunto e de modo particular a macroestratégia número 1: acolhida, assistência e proteção em emergência e situação de vulnerabilidade, contemplam e recomendam atenção à macroestratégia número IV: atenção prioritária a mulheres e crianças. Além de ser um aspecto fundamental nas Constituições da Congregação, é um dos pontos muito sensíveis e que na prática pastoral mais toca nosso coração, nossa alma. Ver uma mãe, que passou por um caminho migratório de sofrimento, de exploração, de carências, muitas vezes uma mãe traumatizada... e isto ocorre frequentemente nos movimentos migratórios. A mobilidade feminina está aumentando nos fluxos migratórios atuais e cada vez mais vemos mães responsáveis sozinhas pelo cuidado e sustento dos filhos, pela manutenção do lar.

E quando falamos em crianças refugiadas e migrantes, me permito referir dois dados coletados nos espaços de atuação do IMDH: Em 2022, do total de 11.018 pessoas atendidas, 36% eram crianças e adolescentes. E, no Centro de Acolhida Casa Bom Samaritano, obra conjunta entre IMDH, AVSI Brasil e CNBB, de um total de 672 pessoas acolhidas, 279 eram crianças.

Para finalizar, com apreço e grande reconhecimento pelo trabalho das obras congregacionais que se apresentaram neste painel e outras que nos brindaram sua animadora prática pastoral, vale sublinhar: diretrizes, realidade, Evangelho, fundadores e cofundadores da Congregação MSCS, o Papa Francisco, enfim, onde seja que busquemos motivação e luzes para orientar nossa missão, sempre encontraremos um ponto de ânimo e de inspiração para iluminar e nutrir nosso caminhar, estando lado a lado com os migrantes e refugiados e – me permitam sublinhar – mulheres e

crianças são o foco central de nossa missão. “A prioridade não é exclusiva nem excludente, mas um alerta para o fato de que a proteção da vida e o reconhecimento da dignidade sejam imprescindíveis e efetivas também para mulheres, crianças e adolescentes”, preveem as Diretrizes (p. 63).

6 PROMOÇÃO, INTEGRAÇÃO E PROTAGONISMO

MIGRANTES RETORNADOS COM DEFICIÊNCIA PARA HONDURAS: INTEGRAÇÃO E LIDERANÇA

*Ir. Ligia Ruiz Gamba, mscs**

A Pastoral da Mobilidade Humana (PMH) da Conferência Episcopal das Honduras, desde a sua criação em 1991 e mais tarde na Arquidiocese de Tegucigalpa, foi confiada à Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo – Scalabrinianas (MSCS), que legalmente no país tem o nome de Asociación Hermanas Scalabrinianas (AHS).¹ Formação, Atenção Psicossocial e Saúde Mental, Organização, Incidência para a garantia dos Direitos Humanos, Empreendedorismo, Assessoria Jurídica, Articulação com outras entidades e, claro, Atendimento Direto e Acompanhamento de Pessoas em Mobilidade são as estratégias de ação ratificadas no atual Planeamento Estratégico.

Partilhar esta experiência sócio pastoral que engloba tanto o despertar da solidariedade da sociedade e das entidades governamentais para com os Migrantes Retornados com Deficiência (MRD), como a auto-organização destes no exercício de desenvolver gradualmente o seu protagonismo, é uma boa paragem no caminho porque este ano se completam 15 anos dessa Missão. Tem havido um trabalho estreito entre o Centro de Atenção ao Migrante Retornado (CAMR) e a Casa do Migrante San José, em Ocotepeque, na fronteira com a Guatemala, por serem pontos de retorno ao país e de reencontro entre migrantes. Profissionais de áreas sócio administrativas, saúde física, saúde mental e, mais recentemente, também do Programa de Meios de Subsistência (empreendedorismo, geração de

* É Missionária Scalabriniana de nacionalidade colombiana. É licenciada em Ciências Sociais e tem um Mestrado em Gestão de Projectos pela Universidad de Nuestra Señora de Suyapa, Honduras. Desde março de 2023, é a Coordenadora Nacional da Pastoral da Mobilidade Humana em Honduras.

¹ Plano Estratégico PMH AHS Honduras, 2020-2026.

renda) têm acompanhado e garantido o serviço, embora em número muito limitado.

A Pastoral da Mobilidade Humana e os Migrantes retornados com deficiência. Construindo caminhos para a reintegração², é uma publicação recente do Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios (CSEM) e da AHS/PMH, da qual extraio o perfil e os principais fatores de risco enfrentados pelos MRDs na rota migratória.

Introdução

Promover e organizar os Migrantes Retornados com Deficiência (RMD) para que contribuam para a melhoria da qualidade de vida, através do autossustento, do conhecimento e da defesa dos seus direitos, sendo protagonistas da sua própria integração social, tem sido o objetivo geral inicial desde 2009, desdobrado num meio decálogo de objetivos específicos:

- Identificação dos migrantes com deficiência em todas as dioceses, a fim de os organizar.
- Formação em desenvolvimento humano para promover a qualidade de vida dos homens e mulheres migrantes com deficiência através de formação e apoio abrangente.
- Estabelecer ligações de coordenação com diferentes instituições, organizações públicas e privadas interessadas no tema, através de acordos de cooperação.
- Promover a gestão de projetos produtivos inovadores para melhorar as condições de vida dos migrantes com deficiência, conduzindo ao desenvolvimento e formação das suas capacidades e competências.
- Informar a população hondurenha sobre o trabalho realizado com os MRD por diferentes meios (ar, terra) através da promoção e divulgação do projeto nos diferentes meios de comunicação (escrito, oral, televisão), a fim de sensibilizar e obter a sua solidariedade.

Observa-se que a **Promoção e Integração dos migrantes**, bem como o **Fortalecimento do protagonismo e liderança dos migrantes** (macroestratégias 2 e 5 Missão Scalabriniana) enquadram o processo que vem se consolidando.

² A Pastoral da Mobilidade Humana e os Migrantes retornados com deficiência. Construindo caminhos para a reintegração. Brasília: CSEM, 2023.

Contexto

Em Honduras, outrora conhecido como o centro agrícola da América Central, país de origem e de trânsito de migrantes, continuam a debater-se com a resolução de problemas estruturais históricos que tiveram um impacto desproporcionado em determinadas comunidades e setores, o que se reflete na expulsão do seu próprio povo.

No Centro de Atención al Migrante Retornado (CAMR La Lima/SPS), em uma base de dados – uma consultoria entre a Avina e a AHS/PMH para um programa interinstitucional de reinserção laboral - no final de 2022, os migrantes citaram a violência (53%), a falta de emprego (26%), a falta de educação (13%) e a falta de saúde (9%) como motivos para emigrar. Nesse ano, foram assistidos 35 476 migrantes deportados dos EUA e do México, todos adultos e uma média de 35% de mulheres.³ Em 2023, foi deportado um total de 26 769 migrantes, 14 dos quais com deficiências físicas.

O perfil dos retornados com deficiência acompanhados por AHS/PMH em saúde física é de 93% homens e 7% mulheres. Também 7% têm mais de 50 anos de idade e 43% têm entre 30 e 39 anos. Entre os doentes de saúde mental, 42% têm entre 20 e 29 anos. Mais de metade são solteiros. São predominantemente de zonas rurais dos departamentos de Francisco Morazán, Cortés, Yoro e Comayagua. 45% dos homens e das mulheres concluíram o ensino primário e 28% têm o ensino incompleto. Os analfabetos representam 9%. Em conclusão, coincidem com as mesmas características traçadas para a região centro-americana: homens, jovens, de origem camponesa, com um baixo nível de escolaridade. Têm uma elevada taxa de desemprego e muitos trabalham em empregos temporários, pouco qualificados e mal pagos, reforçando o peso da pobreza e da falta de oportunidades que os levou a fugir.

O percurso migratório constitui frequentemente um fator de risco para a aquisição de uma deficiência, uma vez que as pessoas têm de enfrentar situações como entrar ou sair de um trem em movimento, esconder-se das autoridades ou da criminalidade por se encontrarem em condições de irregularidade migratória, serem vítimas de assaltos a automóveis ou de outros atos violentos.

Tipos de lesão/doença dos migrantes regressados tratados entre 2010 e 2020: Prevalência de amputação de membros inferiores ou superiores/parcial ou total (87%), lesão do sistema nervoso central superior e inferior (5%), lesão de vértebras (1%), fratura de membros superiores ou inferiores (5%) e outros (2%).

³ No ano passado, 567 migrantes (159 mulheres, 408 homens, 6 da comunidade LGTBIQ+ e 14 com uma deficiência física) receberam cuidados de saúde mental.

Em 21 de dezembro de 2022, o Congresso Nacional das Honduras aprovou a Lei para a Prevenção, Atenção e Proteção das Pessoas Deslocadas Internamente e promulgou-a no Diário Oficial “La Gaceta” em 20 de março de 2023. Encontra-se ainda na fase de regulamentação e de previsão orçamental.

Descrição da experiência

Wilson Alvarenga, um camponês hondurenho, casado e com vários filhos, do município de La Libertad, departamento de Comayagua, regressa ao país pelo mesmo caminho por onde partiu. No seu regresso, ficou alojado na Casa del Migrante da paróquia de San José de Ocotepeque (na fronteira ocidental entre Honduras e Guatemala), uma paragem que o encorajou a continuar a sua vida quotidiana em casa e o seu compromisso de fé e social. Na sua paróquia, em outubro de 2007, durante uma jornada de sensibilização sobre a realidade da rota migratória, partilha a sua experiência do acidente de trem que sofreu no México quando estava prestes a chegar à fronteira dos Estados Unidos da América. E conclui: “Na Casa del Migrante de Ocotepeque fui muito bem tratado. Como Igreja, devemos também ter um olhar mais alargado porque muitos hondurenhos como eu caíram na estrada e precisamos de ajuda”.

Desde então, foram recolhidas informações sobre a CRM num primeiro diagnóstico com 19 casos publicados no Boletim Institucional El Peregrino (segundo semestre de 2008). Este foi o ponto de partida.⁴ Na primeira reunião com eles (Tegucigalpa, 7 de fevereiro de 2009), os resultados foram socializados e foi acordada a formação de uma Comissão de apoio solidário às pessoas com deficiência, criada com uma diretiva e um roteiro de ação com os 5 objetivos acima mencionados (8 de maio de 2009).

A Comissão Nacional para os Migrantes Retornados com Deficiência (CONAMIREDIS), em Honduras, um sonho materializado nesta visão a médio prazo: O CONAMIREDIS é o meio que favorece a reintegração familiar e social dos migrantes retornados com deficiência resultante de um acidente na rota migratória, para que eles próprios possam ser os protagonistas do seu desenvolvimento, descobrindo as suas novas capacidades físicas e intelectuais, inspirando segurança, valorização, solidariedade e defesa dos seus direitos através das leis que os protegem.

⁴ Elaboração do plano de trabalho para o acompanhamento: Objetivo do grupo / Dia, local e hora das reuniões / Responsáveis do grupo / Nome dos conselheiros da PMH e da Rede de Familiares de Migrantes (Rede COMIFAH).

Os primeiros atores são os agentes da pastoral de solidariedade, em particular o coordenador nacional e arquiocesano da Pastoral da Mobilidade Humana – PMH (Irmãs Scalabrinianas), a Rádio Católica com quem a PMH da Arquidiocese de Tegucigalpa partilhava o espaço físico, a Fundação Cristo del Picacho e agentes da PMH de várias paróquias, bem como alguns párocos. E, claro, migrantes retornados com deficiência e também representantes da organização de familiares de migrantes desaparecidos, que era a Rede de Associações existente na altura e que nos últimos anos tem tentado reconfigurar-se na União Nacional de Comitês de Familiares de Migrantes Desaparecidos de Honduras (UNCOMIDEH). A partir daí, foi acordado produzir material de divulgação, gerir recursos e estar sempre com os migrantes.

Principais desenvolvimentos, resultados e lições aprendidas

Ao reconstruir a experiência numa linha cronológica, são reveladas as seguintes questões: de que forma os migrantes retornados com deficiência perceberam que a Comissão os estava a acompanhar? Em que momento é que os migrantes se tornaram os principais protagonistas efetivos da organização?

As reuniões regulares com ordens de trabalho e registros de memória têm sido fundamentais. Os Encontros Nacionais (2014, 2017, 2018, 2019 e 2022), as Assembleias Representativas (2022 e 2023). Os serviços gerados e relatados em comunicados de imprensa, na web e na mídia de rádio e televisão em entrevistas e outros programas que são constantemente solicitados. De maior relevância é a participação em espaços de incidência.

A oração de confiança permanente em Deus corroborada nos pontos da agenda e nas memórias arquivadas.

A interinstitucionalidade⁵ assegurou o processo e o reconhecimento, principalmente a nível nacional, regional e internacional.

Em tempos de pandemia da Covid-19, anos (2020 e 2021), a ajuda humanitária prevaleceu com visitas domiciliárias e entrega de alimentos

⁵ Conferência Episcopal dos Estados Unidos e de Itália, Fundación Vida Nueva, Foro Nacional para las Migraciones (FONAMIH), Centro de Atención al Migrante (CAMR), Cordaid, Cruz Vermelha Internacional (CICV), Cruz Vermelha das Honduras (CRH), Médicos del Mundo (MdM), Teletón, Hospital San Felipe, Pão para o Mundo, Ministério dos Negócios Estrangeiros das Honduras (Cancillería) através do Fundo Hondurenho de Solidariedade para os Migrantes (FOSMIH), Fondo Centroamericano de Mujeres (FCAM), Catholic Relief Service (CRS), Cámara de Comercio e Industria de Tegucigalpa (CCIT), Organización Internacional para as Migrações (OIM), Organización Internacional do Trabalho (OIT), SWISSCONTACT, ACCION JOVEN, Secretaría de Desarrollo Social (SEDESOL) e Fundación Avina, entre outros.

a nível nacional. Neste mesmo âmbito, foi dada especial atenção aos cuidadores de pessoas com deficiência, na sua maioria mães ou esposas. Realizou-se o 1º Encontro de Mulheres Migrantes e Cuidadoras, que significou um avanço no empoderamento pessoal e coletivo através da metodologia dos Grupos de Auto apoio de Mulheres (GAM) com a participação de cerca de 120 mulheres formadas por elas e em conjunto com Mulheres Retornadas com Deficiência (uma experiência já validada no Equador, na República Dominicana e noutros países, incluindo Honduras).

Reforçou-se a área de geração de renda, e ainda sob os efeitos da pandemia (2021 e 2022 em diante) combinando a modalidade virtual e presencial, superando a centena de empreendimentos implementados pelo MRD. A saúde mental é fundamental para o sucesso de qualquer projeto na vida de uma pessoa e a AHS/PMH tem priorizado a garantia desta componente desde meados de 2018. Sem saúde mental não se pode ter saúde física.⁶ Sem saúde mental, as relações interpessoais, familiares e sociais são negligenciadas. Os repatriados com deficiência que receberam cuidados em termos de saúde física e mental, incluindo os seus prestadores de cuidados, relatam uma melhor qualidade de vida.

A CONAMIREDIS⁷ está coeso (ver documentos do V Encuentro (2022) e da III Assembleia de Representantes em novembro de 2003), reorganizado com uma Direção Geral, um Conselho de Administração empenhado e comissões de serviço compostas por migrantes e a assessoria constante da PMH / AHS; um plano estratégico e estatutos em processo de obtenção de estatuto legal. O objetivo atual da CONAMIREDIS é: Coordenar os serviços de apoio para dar uma resposta integral à população migrante e às suas famílias, influenciando a nível local, nacional e regional com as instituições do Estado hondurenho e as agências de cooperação nacionais e internacionais para conseguir a inclusão socioeconômica e laboral, capacitando a população migrante para garantir os seus direitos humanos.

A CONAMIREDIS atende casos a nível nacional nos 18 departamentos das Honduras; tem uma base de dados com mais de 400 casos (80% das pessoas vivem em zonas rurais, com pelo menos 5% de mulheres, em zonas vulneráveis e chefes de família). São acompanhados com reabilitação física com próteses, cirurgias, medicamentos. Estamos a começar a colher alguns dos nossos próprios recursos geridos por este grupo.

⁶ A importância da saúde mental no sucesso do empreendedorismo. Guia Prático sobre Empreendedorismo para Migrantes e suas Famílias, AHS/PMH, 2003-2004.

⁷ Desde a formação da diretoria da CONAMIREDIS, dois membros da diretoria passaram a fazer visitas de monitoramento da saúde a outros MRDs. Participação ampliada no planeamento e execução do plano e na gestão dos recursos e ações.

Os MRDs encontram na CONAMIREDIS o seu espaço, o seu autossuporte. Aos poucos, superam as fases de dor, encontram forças para retomar seus projetos de vida. Testemunham que encontram dentro de si, entre si e com a confiança redobrada em Deus, uma nova oportunidade em suas vidas.

Perspectivas

Percorremos este caminho de aprendizagem, o exercício do Bom Samaritano: olhares, abordagens, fórmulas-medidas que ajudam a curar as feridas físicas e mentais, a estar com eles e com as famílias. Não para os perder de vista, mas para os motivar nos processos coletivos, da viagem em conjunto com outros que, quando se encontram, se identificam uns com os outros e resultam no nivelamento da dignidade humana.

Para retomar alguns dos ideais que estão pendentes desde 2009 e mais além: um centro de reabilitação, alojamento e local de encontro próprios, oportunidades de crédito acessíveis, uma loja nacional do consumidor e, acima de tudo, políticas públicas implementadas onde as pessoas não se sintam expulsas. O Fundo Hondurenho de Solidariedade para os Migrantes - FOSOMIH (2008) e o que se lhe seguiu, o FOSMIH (de acordo com a Lei para a Proteção dos Migrantes Hondurenhos e das suas Famílias, Decreto Legislativo 266-2013; e o seu Acordo de Regulamentação n.º OOI-DGACPM-2015) teve muito pouco ou quase nada em conta. Esta dívida pendente deve ser concedida como um direito atual!

Há três linhas de ação que nós, scalabrinianas, devemos sublinhar: 1) a continuação dos Grupos de Auto Apoio de Mulheres (GAM), em linha com a prioridade da Congregação; 2) a assistência e o acompanhamento em saúde mental, que está intimamente ligada à primeira linha e é também parte integrante do programa de subsistência; e 3) a manutenção da filiação como um serviço de aconselhamento contínuo, mas sempre tendo em vista o processo de autonomia do CONAMIREDIS, que é a força do coletivo.

Considerações finais

O sofrimento de um irmão ou de uma irmã torna-se uma resposta ao sofrimento coletivo quando o sofrimento e o indivíduo o partilham.

A procura de outras oportunidades é de todos. Os MRDs, embora temporariamente arrastados pelas circunstâncias, são um exemplo de que são capazes de resiliência, de colocar o coração não só nas coisas que são vistas como sucesso e sucesso rápido, mas também que a vida é o mais

importante e que a nova situação física lhes abre outras possibilidades: valorizar a família, iniciar um negócio no país com atitudes positivas.

Continuar, unir, a vida continua... são frases fortes que ainda hoje são válidas, tal como os primeiros 19 migrantes identificados em 2007.

7 PROMOÇÃO, INTEGRAÇÃO E PROTAGONISMO MEIOS DE SUBSISTÊNCIA PARA A CAPACITAÇÃO DA ECONOMIA SOCIAL E SOLIDÁRIA NAS COMUNIDADES MIGRANTES E DE ACOLHIMENTO

*Ir. Leda Aparecida dos Reis, mscs**

Os meios de subsistência desempenham um papel crucial na capacitação econômica das comunidades migrantes e de acolhida. No contexto atual, em que a mobilidade humana é uma realidade constante, a promoção da economia social e solidária torna-se uma abordagem fundamental para reforçar a estabilidade financeira e a integração social.

Entre as principais boas práticas de subsistência que apoiamos contam-se os grupos de poupança e empréstimo de autoajuda (SHG), as microempresas, o empreendedorismo coletivo e o reforço organizacional, que são essenciais para o tecido econômico destas comunidades.

Os migrantes enfrentam desafios significativos quando se instalam em novos locais. A falta de redes de apoio, as barreiras linguísticas, os condicionalismos legais e culturais, entre outros obstáculos, podem dificultar o seu acesso ao mercado de trabalho normal. Neste sentido, a promoção dos meios de subsistência constitui uma alternativa inclusiva e sustentável.

No contexto de países em desenvolvimento como Angola, Brasil, Equador, Honduras e República Dominicana, estas práticas surgem como pilares fundamentais para o fortalecimento do tecido social baseado na fraternidade e na igualdade. Tais contextos apresentam um cenário diverso e dinâmico em que estas práticas procuram não só mecanismos de

* Missionária Scalabriniana, brasileira, pedagoga, licenciada em Administração. Diplomada em normas jurídicas, civis e canônicas para a criação de protocolos institucionais para a prevenção do abuso sexual de crianças, jovens e pessoas vulneráveis. Atualmente é Diretora Executiva da Missão Scalabriniana – Equador. Colaboraram com as Irmãs MSCS: Leda Aparecida dos Reis – Equador; Maria Eugenia Vázquez – República Dominicana; Edi Eidt – Uíge, Angola; Joana Silva – Brasil e Ligia Ruiz Gamba– Honduras.

estabilidade financeira e de *empowerment* dos participantes, mas também de ação social nas comunidades de acolhimento através da apropriação de metodologias de trabalho horizontais e equitativas.

O apoio das Irmãs Scalabrinianas a estas iniciativas facilita o acesso a financiamento, formação e acompanhamento, promove o crescimento econômico destes projetos e a identificação do outro como irmão, participando e apoiando projetos de vida e esforços de resiliência.

Introdução

As boas práticas na criação de meios de subsistência promovem o acompanhamento, a igualdade de participação e a solidariedade, criando novos atores entre as pessoas em mobilidade. Ao unir esforços e recursos através de metodologias participativas, reforça-se a participação ativa, que é fundamental para a promoção dos direitos humanos. Isto facilita um desenvolvimento equilibrado com uma distribuição horizontal e equitativa, potenciando as pequenas empresas, a produção artesanal e a agricultura familiar.

O objetivo é facilitar meios de subsistência sustentáveis e resilientes para as comunidades em mobilidade humana, promovendo a sua autonomia econômica e integração nos contextos de acolhida. O objetivo é fornecer às pessoas em mobilidade as ferramentas necessárias para estabelecer e gerir os seus próprios meios de subsistência, com formação em competências empresariais, acesso a financiamento justo e apoio técnico. Esta abordagem não só reforça as iniciativas econômicas individuais, como também promove a solidariedade e a colaboração entre diversas comunidades, quebrando barreiras e estigmas. A longo prazo, pretende-se estabelecer uma forte rede de meios de subsistência liderada por pessoas em mobilidade humana, centrada na autossuficiência econômica, na geração de emprego local e na promoção de uma economia inclusiva e sustentável, contribuindo para o crescimento harmonioso e colaborativo das sociedades latino-americanas.

Objetivos específicos:

1. Estabelecer programas de formação abrangentes que incluam formação em competências empresariais, gestão financeira e adaptação cultural, para reforçar as capacidades empresariais das comunidades constituídas por pessoas em situação de mobilidade.
2. Fomentar alianças estratégicas com aliados estratégicos, instituições financeiras e instituições governamentais e não governamentais de promoção e defesa dos direitos humanos para facilitar o

acesso a microcréditos, recursos técnicos e aconselhamento jurídico, promovendo assim a criação e consolidação de empresas sustentáveis entre as comunidades migrantes.

3. Promover processos de articulação com metodologias participativas que fomentem a ação das comunidades em mobilidade humana nos seus espaços de participação local e com as comunidades de acolhimento.

Contexto

Em nossos países, o contexto migratório é moldado por uma amálgama de fatores socioeconômicos, políticos e ambientais. Nos países latino-americanos Brasil, Equador, Honduras e República Dominicana, a migração, tanto interna como para outros continentes, é comum devido à procura por oportunidades de emprego, devido a conflitos políticos, desastres naturais e instabilidade econômica em alguns países. Angola, por seu lado, tem registado fluxos migratórios internos e externos devido a décadas de conflito civil e, mais recentemente, devido ao seu crescimento econômico, atraindo trabalhadores estrangeiros para setores como a exploração mineira e a construção civil.

A criação de meios de subsistência baseados na economia social e solidária é fundamental para responder aos desafios enfrentados pelos migrantes em ambos os contextos. Esta abordagem proporciona uma plataforma inclusiva que permite aos migrantes participarem na economia local, criar as suas próprias empresas e cooperativas e contribuir para o desenvolvimento da comunidade.

As Irmãs Scalabrinianas, com a sua orientação para a assistência e acompanhamento de migrantes em condições de mobilidade humana e refúgio, estão numa posição estratégica para liderar processos de geração de meios de subsistência em Angola, Brasil, Equador, Honduras ou República Dominicana, e outros países, devido à sua experiência e empenho na proteção e bem-estar dos migrantes.

A participação das Irmãs Scalabrinianas, a partir de cada um dos seus locais de intervenção, tem um profundo conhecimento das necessidades e desafios enfrentados pelos migrantes em situação de mobilidade e refúgio, o que lhes dá a capacidade de conceber estratégias e programas mais específicos e adaptados às realidades locais, de acordo com as orientações da congregação. O seu trabalho tem sido fundamental para a assistência humanitária através de acompanhamento, orientação, formação e apoio à

integração socioeconômica destes migrantes e à defesa dos seus direitos humanos.

O seu trabalho pastoral e social permite-lhes estabelecer pontes entre as pessoas que se deslocam e as instituições locais, os governos e as organizações não governamentais, facilitando alianças estratégicas para o acesso a uma vasta gama de recursos.

Ao promover a colaboração e a participação equitativa, a economia social e solidária gera alternativas ao emprego tradicional e às barreiras de acesso aos recursos financeiros que os migrantes frequentemente enfrentam.

Descrição das boas práticas

O programa Meios de Subsistência é desenvolvido através de três linhas de ação:

- Grupos de poupança e crédito para trabalhadores independentes (GAAP)
- Apoio a iniciativas de empreendedorismo
- Reforço da organização

Este processo de subsistência para as pessoas em mobilidade humana envolve uma série de estratégias que se entrelaçam sob a forma de redes comunitárias horizontais para fomentar a integração socioeconômica e as ligações com as comunidades de acolhida, criando assim uma simbiose que permite o crescimento equitativo de ambas as práticas, tais como o desenvolvimento comunitário da agricultura local, a criação de microempresas ou empreendimentos, a geração de grupos de auto poupança e de empréstimos e o reforço organizacional.

Estas formas de organização econômica promovem a colaboração, a equidade e a sustentabilidade enquanto atores, proporcionando oportunidades de desenvolvimento aos grupos em situação de vulnerabilidade.

Grupos de poupança e empréstimo autofinanciados – GAAP

As BPAA são um modelo associativo em que os indivíduos se juntam voluntariamente para atingir objetivos econômicos, sociais e culturais comuns. Podem abranger vários setores, desde a agricultura e a produção até aos serviços e ao consumo. No contexto da mobilidade humana, permitem que as pessoas em mobilidade se juntem para potenciar os seus

recursos, partilhar competências e gerar renda coletivamente, promovendo a solidariedade e a integração.

Ao mesmo tempo, os GAAP representam alternativas ao sistema financeiro que se enquadram em espaços próximos e solidários, permitindo a criação de relações de confiança, solidariedade e acolhimento através do acompanhamento, o que não só afeta a apropriação social, cultural e política, mas também uma formação permanente e transversal que visa a transformação integral e permite uma melhor promoção e defesa dos direitos humanos em contexto quotidiano.

Apoio a iniciativas de empreendedorismo

Trata-se de pequenas empresas ou iniciativas individuais que surgem com recursos limitados e se centram na satisfação das necessidades locais. Podem variar entre pequenas empresas familiares, associativas e comunitárias, tais como empresas agrícolas, artesanato, cobertura de serviços, criação de animais para comércio, artesanato, alimentação, etc.

Para as pessoas em situação de mobilidade humana, as microempresas representam uma oportunidade de utilizar as suas competências e conhecimentos, gerando rendimentos de forma autónoma e contribuindo para o desenvolvimento económico local através de processos de envolvimento ativo, integrados em metodologias participativas.

Reforço organizacional dos grupos de poupança e da economia social e solidária

O processo visa capacitar os Grupos de Poupança Popular e Grupos de Poupança (GSP) para desempenharem um papel fundamental na construção da Economia Social e Solidária nas suas comunidades. Inicialmente, eles se concentram na auto poupança e, em seguida, avançam para a implementação de experiências que melhoram as condições materiais e imateriais de suas comunidades, estendendo-se para o nível regional e nacional.

Os membros do GAAP e os atores comunitários apropriam-se da abordagem social, cultural e política do processo, apoiados por uma formação contínua e transversal. Os atores comunitários são encorajados a participar na conceção e implementação de experiências de Economia Social e Solidária para transformar positivamente os seus ambientes.

Promovem-se as inter-relações entre atores, consolidando os intercâmbios econômicos e socio pedagógicos através de redes de cooperação, e desenham-se linhas de ação territoriais para exigir que as instituições públicas desempenhem o seu papel na construção de condições sociais, materiais e culturais. Este processo, baseado no Fortalecimento Organizativo, é uma forma alternativa de gerar novas formas econômicas baseadas na solidariedade, na reciprocidade e no bem comum, com o objetivo de melhorar a vida quotidiana, entendida como a inter-relação dinâmica de diversas pessoas que constroem relações, discursos sobre diferentes aspectos, aprendizagens e espaços de construção de significados, que devem ser transformados favoravelmente pelos atores intervenientes como um exercício de ação política, o que implica uma leitura permanente da realidade, conceção e acompanhamento.

O processo de Reforço Organizacional (RE) é descrito em várias fases:

- a. São identificados Grupos de Poupança Popular e Grupos de Poupança (PSGs) com características pré-determinadas.
- b. A formação e a transferência pedagógica com pessoas selecionadas pelo GAAP, que desenvolvem a abordagem através de encontros de formação sobre a vida quotidiana, a ação política e a Economia Social e Solidária. Estes indivíduos transferem depois os seus conhecimentos aos seus pares para alargar a abordagem quantitativa e qualitativamente.
- c. Leitura da realidade, conceção e implementação de experiências de Economia Social e Solidária, com um mapeamento dos contextos comunitários. Duas componentes inter-relacionadas e interdependentes: a componente económica, baseada em critérios de Economia Social e Solidária, ou seja, alternativa; e a componente pedagógica ou social, onde se reflete sobre aspectos da vida quotidiana para a sua melhoria ou transformação.
- d. Encontros locais, provinciais e nacionais para intercâmbios econômicos e sócio pedagógicos, dinamizando a Economia Social e Solidária a nível local e nacional.

Lições aprendidas:

- Aprendizagem ao longo da vida transversal
- Capacidade criativa dos atores para conceber experiências.
- Integração de pessoas de outras nacionalidades na vida da comunidade.
- Geração de relações entre experiências territoriais.

Perspectivas

A implementação de meios de subsistência baseados na economia social e solidária proporcionou lições valiosas e desencadeou mudanças significativas. Estas abordagens têm ajudado a promover a colaboração e a inclusão, reforçando a autonomia econômica das comunidades migrantes e de acolhida. As principais lições aprendidas incluem a importância da formação empresarial contínua, do acesso a recursos financeiros justos e do apoio técnico para garantir a viabilidade a longo prazo destas iniciativas.

As mudanças provocadas pela criação de meios de subsistência neste modelo incluem uma maior coesão social, a diversificação das fontes de renda e o reforço da economia local. A médio prazo, é fundamental consolidar e alargar estes esforços. É necessária uma maior colaboração entre governos, organizações e sociedade civil para garantir políticas inclusivas que apoiem estas práticas econômicas. Além disso, é necessário reforçar as redes de apoio e promover a educação financeira para garantir a sustentabilidade das empresas.

As recomendações a médio prazo incluem a promoção de parcerias estratégicas entre instituições financeiras e cooperativas, a implementação de programas de formação contínua e o desenvolvimento de quadros jurídicos que facilitem e protejam estas formas de economia inclusiva. A abordagem, sendo uma conceção holística, deve ser continuamente reforçada, tendo em conta as necessidades específicas dos migrantes e a participação ativa das comunidades de migrantes e as de acolhida, a fim de promover um desenvolvimento equitativo e sustentável, de acordo com os cuidados da casa comum.

Considerações finais

Os meios de subsistência promovem a inserção equitativa e justa das comunidades numa situação de mobilidade humana, capacitando os caminantes e reforçando o seu papel nos processos sociais de mudança.

No caso de Angola, o desenvolvimento comunitário agrícola envolve vários atores, na sua maioria camponeses pobres, incluindo mulheres e homens angolanos retornados de todas as idades, que foram despertados para novos desafios, técnicas e metodologias de trabalho em comunidade, despertando o protagonismo do grupo para a busca do crescimento socioeconômico e cultural com base na autossuficiência para uma vida segura, o que resultou em possibilidades de expansão do projeto, mudanças positivas nas condições de vida, redução da fome, melhoria da qualidade e quantidade da produção e processos seguros de fortalecimento das relações humanas.

No Brasil, o GAAP permitiu desenvolver modelos de acompanhamento e de promoção de microempresas produtivas que permitem às pessoas em mobilidade satisfazer necessidades como habitação, serviços básicos, educação, saúde e trabalho, melhorando substancialmente as suas condições de vida, autonomia e confiança face a desafios como a flexibilização das leis para garantir o acesso aos direitos.

No Equador, os processos de fortalecimento organizacional permitiram a criação de espaços próximos de contenção, relações de confiança, solidariedade e aceitação, ao mesmo tempo que geraram alternativas ao sistema financeiro através do apoio institucional. Isto reforça a agência dos seus participantes, os modelos de apropriação social, cultural e política através de uma formação permanente e transversal.

Em Honduras, foram desenvolvidos modelos de formação teórica e prática em torno de planos de negócios baseados em capital semente e acompanhamento institucional através de metodologias participativas de envolvimento ativo. O papel da igreja na participação e apoio a projetos de vida e esforços de resiliência tem sido fundamental.

No caso da República Dominicana, foram desenvolvidos meios de subsistência centrados no desenvolvimento local e em ações destinadas a melhorar a economia familiar em ambientes participativos para promover o desenvolvimento humano, social e econômico das famílias e comunidades mais vulneráveis. O resultado foi a melhoria das condições em termos de segurança alimentar, capacitação local e proteção do ambiente.

Todos estes processos são reforçados pela criação de redes internacionais de apoio promovidas pelas Irmãs Scalabrinianas através de programas específicos para cada contexto, mas que se retroalimentam mutuamente para aproveitar as lições aprendidas em cada experiência partilhada, replicando as boas práticas e melhorando os processos nos seus pontos mais fracos.

8 PROMOÇÃO, INTEGRAÇÃO E PROTAGONISMO CENTRO PASTORAL E DE FORMAÇÃO (CEPCA) – (2022-2023)

*Ir. Valdete Wilemann, mscs**

Tendo em conta a realidade nacional e local da cidade de Bogotá, o Centro Pastoral e de Formação (CEPCA) foi fundado em 2000. Este centro de formação desenvolveu uma vasta gama de cursos destinados à formação profissional. No início, o foco principal era nas vítimas do conflito armado interno que, devido às condições sociais e políticas, foram forçadas a deixar seus territórios.

Ao longo da sua história, o CEPCA tem oferecido cursos que vão desde a restauração rápida, padaria e pastelaria, até barbearia, cabeleireiro, corte e costura, alfaiataria e modelação, contabilidade, recursos humanos, entre outros. Mais recentemente, em resposta à evolução das dinâmicas laborais e dos atuais perfis profissionais, foram implementados processos de formação nas áreas do empreendedorismo e da empregabilidade.

É de salientar que, desde o seu início, a CEPCA tem áreas integrais de acompanhamento e formação humano-cristã, através das Irmãs Scalabrinianas. Estas, para além de promoverem o conhecimento técnico em diversas áreas, pautam a sua ação por uma perspectiva pastoral.

O CEPCA está situado no bairro Camilo Torres de Kennedy, na cidade de Bogotá. A equipe de colaboradores que compõem este centro inclui profissionais-chave, tais como profissionais psicossociais (serviço social e/ou psicologia), professores especialistas na formação dos cursos acima mencionados e auxiliares de serviços gerais responsáveis pela limpeza, manutenção e cozinha.

* Missionária Scalabriniana brasileira, tem 39 anos de vida religiosa, com experiência migratória em missão com migrantes e retornados na Colômbia, Equador e Honduras. Atualmente é secretária executiva da Fundação para o Cuidado dos Migrantes da Arquidiocese de Bogotá.

É relevante referir que a CEPCA acolhe projetos de Cooperação Internacional, o que reforça continuamente a missão do centro com os processos de intervenção aí desenvolvidos.

Introdução

Atualmente, Bogotá, a capital da Colômbia, destaca-se como uma das principais cidades de acolhida de fenômenos de mobilidade humana, tanto interna como externa. De acordo com os últimos dados apresentados pela Migração Colômbia até outubro de 2022, a cidade acolhe 428.416 migrantes e refugiados com intenção de ficar, representando aproximadamente 20% do total da população que entrou no país. Além disso, a ligação socioeconômica com o município de Soacha, onde residem cerca de 26.689 migrantes, contribui para a complexidade da situação. É de salientar que 89.187 migrantes e refugiados venezuelanos estão registados no Sisben, o que equivale a 20,8% da população, maioritariamente localizada nos grupos A e B de pobreza extrema e moderada.

Neste contexto, desde a chegada das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo (MSCS) Scalabrinianas em Bogotá, nos anos 90, elas têm sido um farol de esperança. As MSCS visualizaram os processos de acompanhamento e cuidado dos mais necessitados como um serviço impregnado de amor e misericórdia, seguindo o Evangelho de Mt 25-35: “Tive fome e me destes de comer, tive sede e me destes de beber, era estrangeiro e me acolhestes”. Esta abordagem não só define a sua missão como assistencial e imediata, mas também procura reforçar as capacidades individuais, familiares e comunitárias daqueles que procuram apoio na Fundação para a Assistência aos Migrantes (FAMIG) e, especificamente, no Centro Pastoral e de Formação (CEPCA).

As MSCS têm alicerçado o seu carisma e sabedoria na gestão de estratégias de formação da população mais vulnerável, oferecendo oportunidades de desenvolvimento de conhecimentos e competências laborais, e dignificando vidas através da sua dedicação desinteressada aos mais necessitados. Proporcionam espaços de apoio espiritual e de formação humano-cristã, não apenas como um serviço superficial, mas como um compromisso profundo com a transformação integral das pessoas.

Atualmente, tendo em conta as realidades locais acima referidas, as Irmãs MSCS projetam a sua missão no CEPCA numa perspectiva moderna e adaptada à dinâmica da população. Cada curso desenvolvido e cada pessoa atendida no CEPCA é concebido como uma oportunidade para um futuro promissor. As Irmãs MSCS não buscam apenas transmitir conhecimentos

operacionais, mas também baseiam suas ações na importância do uso das novas tecnologias como eixo central para o desenvolvimento da formação.

Esta abordagem não só responde a uma necessidade atual do mercado de trabalho, mas também se projeta como uma área a partir da qual as Irmãs MSCS promovem processos de evangelização dirigidos a vários grupos etários, incluindo crianças e adolescentes. Promove também a saúde mental, emocional e espiritual de adultos e idosos que, por diversas razões, não tiveram acesso a uma adequada literacia digital. Este contexto é fundamental para um autêntico e significativo acompanhamento humano-cristão na era digital.

Contexto

Em resposta às complexas condições sociais e políticas da época e mantendo estratégias contemporâneas de atenção de acordo com as necessidades da capital, o CEPCA evoluiu na sua missão de apoiar as vítimas do conflito armado interno que foram obrigadas a abandonar os seus territórios e conseguiu estruturar metodologias de integração que promovem ações de acolhida para qualquer pessoa em situação de mobilidade humana.

Inicialmente centrado na oferta de formação profissional básica, o CEPCA registou uma evolução significativa na sua oferta educativa. Desde os cursos tradicionais, como os de padaria e pastelaria, até às áreas mais contemporâneas, como o empreendedorismo e a empregabilidade, o centro adaptou-se à dinâmica laboral e às necessidades do mercado atual. Esta abordagem multifacetada realça a capacidade do CEPCA não só de fornecer competências técnicas, mas também de preparar os alunos para as complexidades do mundo do trabalho moderno.

Um aspeto distintivo do CEPCA é a sua abordagem holística, que vai para além da mera formação técnica, orientada pelos MSCS, o centro oferece acompanhamento e formação humano-cristã, proporcionando um apoio espiritual aprofundado. Esta componente é essencial para a missão do CEPCA, não só de proporcionar competências práticas, mas também de promover a transformação integral das pessoas.

Situada no bairro Camilo Torres, no distrito Kennedy de Bogotá, o CEPCA opera num ambiente onde a presença de migrantes e refugiados é significativa. Bogotá, sendo um importante centro de acolhida da mobilidade humana, enfrenta desafios únicos em termos de integração e apoio a esta população diversificada. É relevante notar que, em Bogotá, 54% da população migrante trabalha por conta própria em condições informais

(unidades produtivas) ou não tem um contrato de trabalho formal como meio de subsistência (DANE, 2022). Este fato não só evidencia problemas sociais, como também contribui para o aumento das desigualdades e afeta a dignidade de cada indivíduo.

Tendo em conta o que precede, foi salientada a importância de proporcionar às comunidades beneficiárias formação contínua em matéria de inclusão econômica e processos de proteção. Isto traduz-se no desenvolvimento de competências para promover a renda pessoal e familiar. Além disso, esta iniciativa contribui significativamente para a promoção da igualdade de gênero. É de salientar que, embora as mulheres sejam as mais ativas na procura por educação e formação, paradoxalmente, são as que têm menos acesso ao emprego formal e ao empreendedorismo.

Descrição das boas práticas

Considerando o contexto marcado pela pandemia da COVID-19, durante os anos de 2022 e 2023, a CEPCA reconheceu a necessidade imperiosa de promover processos de formação que vão para além dos cursos tradicionais. É urgente reforçar os fatores de proteção da saúde mental, sobretudo numa perspectiva humano-cristã.

Neste cenário, as Irmãs MSCS tem desempenhado um papel fundamental na prestação de apoio contínuo às pessoas com formação em várias áreas técnicas. Este fato tem resultado numa diminuição notável da taxa de abandono em relação à taxa de conclusão dos alunos. Para além desta conquista, têm sido implementadas estratégias de acompanhamento dos formandos, procurando a sua integração através de planos, programas e projetos que promovam a estabilidade econômica das famílias ou facilitem a sua inserção laboral, contribuindo assim para a dignificação destas pessoas.

Durante 2022 e 2023, foi alcançado um marco significativo ao certificar e formar mais de 120 pessoas em vários cursos. Em particular, 80% destes resultados foram obtidos por mulheres com idades compreendidas entre os 18 e os 39 anos, que, por sua vez, assumem a responsabilidade crucial de cuidar de um ou mais filhos. Essa conquista é notável não apenas pela magnitude da certificação, mas também pela relevância de seu impacto em um segmento específico da população. A concentração em mulheres em idade produtiva, que enfrentam as responsabilidades de cuidar da família, destaca a importância de superar as limitadas oportunidades de educação e formação em que historicamente estiveram envolvidas. Essas limitações não estão ligadas apenas a condições estruturais, como a falta de acesso a

recursos educacionais, mas também a pressões sociais e comunitárias que impõem a essas mulheres a difícil tarefa de conciliar os papéis estudantis e domésticos, com jornadas de trabalho que muitas vezes se estendem a turnos duplos ou triplos.

Este enfoque nas mulheres com papéis multifacetados sublinhou a necessidade de abordar não só as barreiras estruturais, mas também os desafios sociais e comunitários que afetam seu acesso à educação. A superação dessas barreiras implicou um reconhecimento mais profundo das complexidades enfrentadas por essas mulheres, bem como a implementação de estratégias que abordem de forma abrangente as condições que limitam sua plena participação nas oportunidades educacionais.

Quanto aos processos de formação, estes estiveram intimamente ligados às iniciativas de colocação profissional e de apoio ao empreendedorismo. Durante o período mencionado, o CEPCA, através das Irmãs MSCS, conseguiu impactar 35 pessoas através de contratos formais e apoiou mais de 50 unidades empresariais com insumos para o empreendedorismo. Estes sucessos foram possíveis graças ao apoio direto do Fundo Global de Solidariedade através do Projeto Intercongregacional, bem como ao apoio do Gabinete para a População, Refugiados e Migrantes da Embaixada dos EUA e através da Migrant Care Foundation, sendo a participação destacada das Irmãs Missionárias Scalabrinianas de São Carlos Borromeo crucial para a sua implementação.

A metodologia desenhada foi baseada na realidade comunitária, promovendo a tecelagem de redes sociais e institucionais. O foco central foi colocado em Jesus Cristo como exemplo, orientando cada ação. A colaboração com a Arquidiocese de Bogotá, dioceses vizinhas, fundações e organizações humanitárias permitiu a disseminação de workshops, palestras e processos de triagem, identificando potenciais beneficiários de programas de desenvolvimento humano integral.

O acompanhamento pastoral e profissional foi transversal a toda a formação inicial, favorecendo a integração e reforçando laços de fraternidade, irmandade e empatia. A participação crucial da comunidade local, das vítimas do conflito armado interno e de pessoas de boa vontade, através do voluntariado, facilitou a assistência constante aos formandos. Foram promovidas ativações de percursos adaptados às realidades individuais, procurando entrelaçar a formação com a visão integral da pessoa como filho de Deus, transcendendo a mera atenção numérica para envolver ações pastorais significativas.

O acompanhamento pós-conclusão dos processos de assistência aos projetos revelou-se uma fase crítica para consolidar os resultados e garantir

a sustentabilidade dos impactos. Este acompanhamento contínuo permitiu avaliar a eficácia das competências adquiridas e proporcionou oportunidades para enfrentar os desafios emergentes. Além disso, a atenção personalizada durante esta fase fomentou a confiança e a apropriação, proporcionando aos indivíduos um apoio valioso para aplicarem os seus conhecimentos em situações do mundo real. Os laços estabelecidos durante as formações tornaram-se uma rede de apoio fundamental para ultrapassar obstáculos e tirar partido de novas oportunidades de crescimento e desenvolvimento.

No contexto local, a importância da experiência manifesta-se em vários aspectos. Em primeiro lugar, a compreensão aprofundada da dinâmica comunitária e das realidades específicas permitiu a conceção de estratégias e programas eficazes para responder às necessidades locais. Este conhecimento contextual facilitou a identificação de soluções adequadas e a adaptação das abordagens de acordo com as particularidades da comunidade. Além disso, a experiência local contribuiu para a criação de relações de confiança com os beneficiários, facilitando a comunicação e o envolvimento nos programas de desenvolvimento. Do mesmo modo, a experiência no contexto local favoreceu a construção de parcerias estratégicas com atores-chave, como as autoridades locais, as organizações e os líderes comunitários, reforçando assim a colaboração para a implementação bem sucedida de iniciativas de desenvolvimento sustentável.

Perspectivas

As estratégias implementadas pelo CEPCA revelaram lições fundamentais e geraram mudanças significativas. Destaca-se como lição fundamental a adaptabilidade para atender às demandas contemporâneas, como a saúde mental e pastoral, com uma abordagem humano-cristã.

A atenção dada às mulheres jovens, o apoio abrangente das Irmãs MSCS e a expansão de cursos que promovem a ligação ao trabalho e o empreendedorismo apontam para uma visão progressista.

A médio prazo, é essencial reforçar a inclusão digital, alargar as parcerias e manter a tónica na diversidade das necessidades das pessoas no contexto da mobilidade humana.

É fundamental ter em conta que o mercado de trabalho atual baseia os processos de formação na reputação, pelo que, embora existam parcerias diretas com a Fundação Universidade Monserrate (instituição de ensino superior pertencente à Arquidiocese de Bogotá); é importante continuar com a gestão estratégica destes atores, tendo sempre em vista as pessoas que mais necessitam dos serviços das Irmãs MSCS e do CEPCA.

Ao longo do ano de 2022 - 2023, foram alcançados maiores processos de integração entre as comunidades locais e os migrantes, reduzindo assim a xenofobia latente na cidade de Bogotá.

Conclusão

Em suma, a experiência das Irmãs Scalabrinianas de São Carlos Borromeo em Bogotá não só representou um modelo eficaz para abordar a mobilidade humana, mas também destaca a própria essência do carisma da misericórdia e do amor pelas pessoas no contexto da mobilidade humana.

O sucesso do CEPCA não se limita à mera transmissão de competências técnicas, mas é enriquecido por uma abordagem holística que engloba a saúde mental e a capacitação das mulheres. Ao reconhecer e abordar as complexidades individuais, familiares e comunitárias das pessoas afetadas pela mobilidade humana, o CEPCA estabelece-se como um farol de esperança e um agente transformador na sociedade.

É fundamental e continuará a ser fundamental a perspectiva de uma formação e capacitação de acordo com as dinâmicas do mercado de trabalho, mas também, a partir das experiências, necessidades e paixões dos beneficiários, pois é para eles que o Centro Pastoral e de Formação, das Irmãs Scalabrinianas de S. Carlos Borromeo serve, assiste e trabalha.

9 PROMOÇÃO, INTEGRAÇÃO E PROTAGONISMO DOS MIGRANTES E REFUGIADOS OBSERVAÇÕES

*Ir. Valdiza Carvalho, mscs**

A partir de uma leitura dos três textos destas excelentes experiências de missão das Irmãs Scalabrinianas e mais com a apresentação de cada uma, o que dizer? Em primeiro lugar parabenizá-las. Em nosso Documento Final do XIV Capítulo Geral, afirma que: “o cuidado da criação transforma a relação com os migrantes e refugiados, comprometendo-nos com mais responsabilidade em todas as áreas de atuação da pastoral dos migrantes, e também intensificar as incidências em políticas públicas, ações em rede e parcerias em favor de todas as pessoas em mobilidade”. Creio que vossa partilha nos mostra concretamente este horizonte da nossa missão como Congregação. Compartilho alguns destaques que me pareceram importantes:

Quanto ao painel, falar de promoção dos migrantes, o termo mais acertado seria o “reconhecimento do migrante como sujeito de direitos” porque as ações que as irmãs compartilharam estão todas nessa direção e também a palavra integração, apesar de ter sido usada pelo Papa Francisco em 2018, está sendo muito usada por outras organizações que veem a migração como um negócio, cifras, e que não tem uma visão de inclusão dos migrantes e refugiados. A inclusão é um movimento de abertura tanto de quem chega, quanto dos que acolhem. Implica uma colegialidade, interculturalidade, abertura de espaço para que a outra/o outro entre e se sinta pertencente ao grupo e à comunidade. Como afirma Vicente Junqueira Moragas’ do NUICS Núcleo de inclusão, acessibilidade e

* Brasileira, é missionária scalabriniana há 21 anos. É formada em Teologia, com especialização em Iniciação Teológica, e também em Letras, com especialização em Literatura Brasileira. Tem mestrado em Educação. Durante 12 anos trabalhou no acolhimento de migrantes e refugiados em Manaus-AM e Boa Vista Roraima-Brasil. Está iniciando uma nova missão em Honduras.

sustentabilidade, a integração equivale a simples inserção na sociedade das pessoas que conseguem adaptar-se a ela. Enquanto a inclusão propõe um reconhecimento e valorização da diversidade, esta exige uma transformação da sociedade, para que a pessoa seja incluída.

A diversidade de ações com migrantes internos, *desplazados*, deportados e migrantes internacionais, todos estejam no processo de (inclusão) em cada realidade destes 3 países; creio que o protagonismo, seja de fato as portas que abrimos juntos aos migrantes e refugiados, seja em nossas organizações, seja como agentes de Pastoral da Mobilidade Humana, nos meios de vida e centro de capacitação, entre outros;

Atenção prioritária a mulheres e crianças, como sendo uma das estratégias que nossa Congregação vem assumindo, (como vimos ontem em quase todas as apresentações) e vem sendo reforçada em nossos últimos capítulos gerais. Nestes textos ficam bem destacadas estas práticas nas experiências. Diante disto, cabe nos perguntarmos: precisamos aprofundar um pouco mais sobre o Rosto feminino do Carisma Scalabriniano, como bem já fizemos no passado? Pesquisarmos mais sobre feminização das migrações que colocam as mulheres como protagonista do processo migratório, quem sabe escrevermos mais sobre isto, quem sabe retomarmos um pouco mais sobre isto, gostei muito daquilo que falou ontem o Roberto Marinucci sobre as mulheres escritoras de artigos da REMHU.

Quando as nossas práticas têm apoio dos governos diretamente, entre outras organizações, penso que temos que ter as antenas bem ligadas, para não entrarmos no mesmo esquema de contribuir com a migração como um negócio que rende lucros absurdos aos governos, e nós estamos ali, recebendo as migalhas, mas sem poder falar das injustiças cometidas aos migrantes.

As três experiências destacam práticas de saúde mental, atendimento psicológico e acompanhamento às famílias migrantes, pois sabemos que as situações de violência, xenofobia, negação dos direitos, seja no trânsito, ou no local de acolhida, é duro para tantas famílias, principalmente as mulheres, os adolescentes e as crianças, creio que este é um grande avanço para nossa missão como Irmãs Scalabrinianas, porque há bastante tempo viemos realizando estas práticas, não eram muito ressaltadas, talvez pelas urgências, estávamos sempre mais preocupadas com a subsistências econômicas dos migrantes. Hoje, em nossos documentos se destaca bem claramente estas ações como está citada no mesmo documento do XIV Capítulo Geral: “promover junto ao poder público, universidades, sociedade civil e igreja local, a saúde integral para migrante e refugiados.”

As três experiências destacam fortemente o trabalho em rede que tem sido a tônica do CELAM e da CLAR nos últimos tempos. As redes se fortalecem a partir das iniciativas que vão se somando para atender e acompanhar os migrantes. As inúmeras parcerias, entre migrantes, várias entidades de fomento das ações, igrejas locais, governos, empresas privadas, entre tantas outras.

Agradecimento

Minha gratidão às irmãs organizadoras deste Seminário que me deram esta oportunidade de estar aqui compartilhando com vocês... quanta alegria, para mim, foi muito profundo ler vossos textos. Percebi que são experiências bem diferentes das que vivi no Brasil, pois minha maior experiência sempre foi com a regularização migratória, a inclusão linguística-cultural e o ensino do idioma. As experiências narradas aqui me mostraram que esta parte está bem consolidada, até porque a maioria dos migrantes nestes países, possuem o mesmo idioma (espanhol), isso já facilita bastante. Outra alegria é compartilhar junto com Professor Joseph Handerson, que já conheço há muitos anos, desde 2013, em Manaus... e em vários lugares pelo Brasil, para mim é um exemplo de dedicação aos estudos migratórios na Academia, desde Amapá e agora no Rio Grande do Sul-Brasil. Muito obrigada!

Referências bibliográficas

Documento Final XIV CAPITULO GERAL. p. 11

MORAGAS, Vicente Junquera. Disponível em: <<https://www.tjdft.jus.br/acessibilidade/publicacoes/sementes-da-inclusao/inclusao-ou-integracao#:~:text=Existe%20uma%20diferen%C3%A7a%20b%C3%A1>>.

10 PROMOÇÃO, INTEGRAÇÃO E PROTAGONISMO REFLEXÕES SOBRE A AGÊNCIA, A AUTONOMIA E A ECONOMIA DOS MIGRANTES

*Handerson Joseph**

Gostaria de começar agradecendo às Irmãs Scalabrinianas pela oportunidade de participar no **V Seminário Congregacional da Pastoral dos Migrantes e Refugiados – MSCS**, realizado em Bogotá, entre os dias 5 a 8 de março de 2024. Graças ao convite para ser debatedor do Painel 6 – “Promoção, Integração e Protagonismo”. Tive o privilégio de ler e ouvir as Irmãs apresentando as práticas desenvolvidas junto às pessoas migrantes e em situação de refúgio em diversos países da América Central e do Sul, do Caribe, além da África, cuja experiência iluminou muitas das questões com que já venho trabalhando (Ver Joseph, 2016, 2021)¹, principalmente a problematização do foco apenas nas vulnerabilidades das pessoas migrantes e refugiadas para colocar a ênfase também nas potencialidades, na autonomia, no protagonismo e nas lutas migrantes, caracterizando a “interpenetração de sujeição e subjetivação”, nos termos de Sandro Mezzadra².

Essa mudança de paradigma e de abordagem permite novos olhares sobre as experiências e as trajetórias migrantes e provoca um novo giro

* Doutora em Antropologia Social pelo Museu Nacional (UFRJ), professora do Departamento de Antropologia, professora e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia, ambas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Coordenadora do Grupo de Trabalho do Clasco “Migrações e Fronteiras Sul-Sul”, vice-coordenadora do Comitê de Migrações e Deslocamentos da Associação Brasileira de Antropologia.

¹ Joseph, Handerson. 2016. “Criando associações: Migrantes Haitianos na Guiana Francesa e no Brasil”. In: Cadernos de Debates Refúgio, Migrações e Cidadania, v. 11, n. 11. Brasília: Instituto Migrações e Direitos Humanos. _____. 2021. “La negrificación de las migraciones”. In: Joseph, Handerson y Miranda, Bruno. (Trans) Fronteriza: movilidades y diásporas negras en las Américas. 1ª ed. Buenos Aires: CLACSO, p. 76-85.

² Mezzadra, Sandro. 2015. “Multiplicação das fronteiras e práticas de mobilidade”. REMHU, Brasília, Ano XXIII, n. 44, p. 11-30.

teórico e metodológico, tendo um papel crucial na compreensão das dinâmicas migratórias contemporâneas que é decisivo na formulação de novas políticas migratórias que sejam capazes de forjar outras formas de governança migratória e de Pastoral da Mobilidade Humana. Ademais, os projetos práticos apresentados pelas Irmãs me inspiraram a pensar na possibilidade de atuar em novos Projetos de Extensão na Universidade, reafirmando o papel sociopolítico e humanizador da educação para com as vidas migrantes, para além das fronteiras nacionais.

Foram realizadas três apresentações, a primeira da Irmã Ligia Ruiz Gamba sobre “Migrantes Retornados com Deficiência em Honduras: Integração e liderança”, a segunda da Irmã Leda dos Reis em co-autoria sobre “Meios de vida para o empoderamento da economia social e solidária em comunidades migrantes em condições de mobilidade e de acolhida” em Angola, no Equador, na República Dominicana e no Brasil, e a terceira da Irmã Valdete Willeman sobre o “Centro Pastoral e de Capacitación (CEPCA)” na Colômbia³.

O trabalho apresentado pela Irmã Ligia Ruiz permite delinear cinco dimensões da experiência socio pastoral desenvolvida em Honduras: atender, capacitar, organizar, integrar e empreender. O trabalho se articula junto às pessoas Migrantes Retornadas com Deficiência (MRD), levando a sério a auto-organização destes através de sua autonomia e liderança. Tanto o Centro de Atenção a Migrante Retornado (CAMR) quanto a Casa do Migrante São José na cidade de Ocotepeque, fronteira com Guatemala, têm um papel fundamental na promoção de qualidade de vida das pessoas migrantes retornadas com deficiência, principalmente no que diz respeito às novas oportunidades de vida.

Este trabalho possui uma singularidade na medida em que toma como foco não apenas as pessoas migrantes retornadas, mas sobretudo aquelas que foram submetidas a situações drásticas (acidente) nos trajetos e nos percursos migratórios – principalmente entre México e Estados Unidos –, tendo causado uma deficiência, notadamente física. As experiências dessas pessoas provocam uma dupla frustração, por não terem conseguido alcançar seus sonhos de ingressar e permanecer nos Estados Unidos, e por terem sido impactadas violentamente na viagem, tendo suas vidas transformadas emocional e fisicamente.

Se, por um lado, essa experiência é capaz de provocar sentimentos de vergonha e de humilhação quando retornam, podendo causar sua morte moral e social, principalmente pela dificuldade de sua inserção familiar, social e no mercado de trabalho, por outro lado, elas se auto-organizam

³ Ver os três textos comentados pelo autor neste mesmo volume.

individual e coletivamente no empreendimento de novos projetos de vida que permitem a reintegração familiar e social. Nesse sentido, os sentimentos iniciais de violência submetida, de frustração e de vergonha transformam-se, através da solidariedade, em forças vitais para reintegrarem-se na sociedade de residência, sendo protagonistas de sua reviravolta, mobilizando novas capacidades físicas e intelectuais, inspirando segurança, valorização, solidariedade e defesa de seus direitos por meio das leis que as amparam.

As experiências das pessoas migrantes retornadas com deficiência mostram como a decisão de migrar para buscar uma vida melhor no estrangeiro pode também transformar-se na destruição física e mental da própria vida. Nesse sentido, o sonho migrante costuma transformar-se no espetáculo da violência física e emocional. No entanto, interessa destacar também, que as relações de solidariedade, de ajuda e de humanitarismo permitem estabelecer uma ligação entre a saúde mental, psicológica, física e a economia moral, nos termos de Didier Fassin. Há uma relação constitutiva entre a atenção da saúde física, mental e o bem-estar moral e social que se articulam através das áreas socio administrativa, saúde física e mental, bem como os empreendimentos e a gestão de projetos produtivos inovadores que contribuem para melhores condições de vida das pessoas migrantes retornadas com deficiência.

As Irmãs Leda Aparecida dos Reis (Ecuador), Maria Eugenia Vasquez (República Dominicana), Edi Eidt – Uige (Angola), Joana Silva (Brasil) e Ligia Ruiz Gamba (Honduras), por sua vez, destacam também cinco dimensões: fomentar, fortalecer, capacitar, integrar e empreender. Nas práticas desenvolvidas em países como Angola, Honduras, Equador, República Dominicana e Brasil, a economia social e solidária se torna crucial para o fortalecimento da estabilidade financeira e a integração social das pessoas migrantes. Essas práticas solidárias têm sido possíveis graças às relações de confiança e de solidariedade estabelecidas através do Programa Meios de Vida e dos Grupos de Auto Ahorro y Préstamo (GAAP), como, por exemplo as microempresas, os empreendimentos coletivos e o fortalecimento organizativo. Os GAAP dizem respeito a um modelo associativo através do qual as pessoas se reúnem voluntariamente para alcançar metas e objetivos econômicos, sociais, culturais em comum.

Com essas formas associativas migrantes contribuem para potencializar seus recursos humanos e econômicos, colocando suas habilidades a serviço das comunidades. Tais experiências da economia migrante têm um duplo nível, ao mesmo tempo em que contribuem na integração social e comunitária da pessoa migrante, também a integra no processo de empreendedorismo migrante, fortalecendo os laços de solidariedade transnacional. Aqui as categorias de frustração, vergonha e

humilhação cedem espaço para os sentimentos de orgulho e de superação, caracterizando o sucesso da viagem.

Para promover sistemas (auto)sustentáveis, autonomia econômica, geração de empregos locais e (trans)nacionais e a (auto)gestão dos meios de subsistência entre as pessoas migrantes, desenvolvem-se metodologias participativas, distribuição horizontal e equitativa que potencializam pequenos negócios, produção artesanal e agricultura familiar.

Alguns programas e cursos de formação e capacitação são fomentados para o desenvolvimento das habilidades empresariais e o acesso a financiamento para as pessoas migrantes, fortalecendo as iniciativas econômicas individuais e coletivas através das redes de solidariedade entre diferentes comunidades migrantes, entre estas e as instituições públicas e privadas, incluindo a sociedade civil e a Igreja Católica, caracterizando parcerias estratégicas em prol das comunidades migrantes.

Essas experiências de autonomia e de solidariedade das comunidades migrantes forjam novas formas alternativas caracterizadas pela economia migrante em escalas locais, regionais, (trans)nacionais e transfronteiriças. Essas práticas econômicas também contribuem para a integração das pessoas migrantes nos locais de residência, bem como na reintegração daquelas retornadas com deficiência, como já vimos no caso hondurenho. Os microempreendimentos emergem a partir das necessidades específicas das pessoas migrantes como formas de (auto)gestão para geração de emprego, e como modo de empregar os conhecimentos a partir da autonomia migrante e de uma perspectiva econômica alternativa e inclusiva.

A partir da experiência socio pastoral em Bogotá, Colômbia, a Irmã Valdete Willeman destaca cinco dimensões: capacitar, promover, fortalecer, integrar e administrar. Ao tomar como foco o Centro Pastoral e de Capacitação (CEPCA) e a Fundação de Atenção ao Migrante (FAMIG), trata de um conjunto de cursos de capacitação promovidos para a formação do mercado laboral de pessoas em situação de mobilidade, principalmente no que diz respeito à comida, padaria, barbearia, contabilidade, aos recursos humanos, ao empreendimento e à empregabilidade, além da assistência à saúde mental a partir de uma perspectiva humano-cristã com foco nas mulheres jovens.

O cuidado familiar e a formação educacional se tornam chaves para que as mulheres tenham ferramentas para enfrentar os desafios sociais e comunitários, fomentando a integração e o fortalecimento dos laços de irmandade, sororidade e empatia. As tecnologias de informação e de comunicação (TICs), assim como as redes sociais e institucionais têm tido um papel fundamental no desenho das estratégias para atender às

necessidades locais e à implementação de iniciativas sustentáveis que levam em conta as particularidades das comunidades.

Como tentativa de sistematização, os três textos apresentados se situam a partir da lógica de (auto)apoio, (auto)organização, (auto)gestão, autonomia, participação equitativa e solidariedade através das dimensões individuais, familiares, coletivas e comunitárias, contribuindo para o desenvolvimento de novas capacidades com dignidade humana e social, promovendo a (re)integração das pessoas migrantes, bem como o fortalecimento da liderança, do protagonismo e da economia migrante como alternativa inclusiva e (auto)sustentável.

Quero encerrar esta reflexão com algumas palavras que escrevi em fevereiro do ano de 2020, que expressam alguns dos meus sentimentos e percepções acerca da fronteira, principalmente entre Estados Unidos e México. Elas foram escritas durante a minha viagem à Califórnia, quando cruzei a fronteira para visitar a cidade de Tijuana, um lugar que as pessoas migrantes almejam alcançar para ingressar nos Estados Unidos.

Realizei um sonho, um sonho histórico, emocionante, impactante, talvez seja também um dos sonhos de boa parte das pessoas migrantes do mundo.

Cruzei a fronteira entre os Estados Unidos e o México via terrestre, passando por San Diego para ir a Tijuana, aliás, concretizei o sonho ao contrário, pois fiz o caminho inverso, saí do Norte em direção ao Sul.

Na medida em que chegava a um dos maiores muros que dividem o Norte do Sul, comecei a sentir uma dor no peito, uma tristeza profunda, era o inexplicável.

Já cruzei muitas fronteiras na/da vida, fronteiras geográficas, culturais, linguísticas, étnico-raciais, religiosas, profissionais, entre outras, mas nunca me senti tão afetado pela fronteira, nunca me senti tão enfeitado pela fronteira.

A fronteira do orgulho de poder-cruzar e da mágoa, da frustração por não poder-cruzar

A fronteira do sucesso e do fracasso

A fronteira do sonho, do imaginário e do mundo vivido

A fronteira do obstáculo, da guerra

A fronteira do (des)encontro com o outro

A fronteira da discórdia com o outro, da misericórdia pelo outro

A fronteira da (com)paixão diante do outro

A fronteira onde a carne da pessoa migrante é a mais barata do mercado

A fronteira da caverna platônica, onde a luz é para poucos

A fronteira onde muitos são os decididos, os aventureiros, mas poucos os convidados, poucos os acolhidos

A fronteira mais vigiada do mundo, onde as pessoas migrantes se encontram no panóptico

De que adianta dizer que a fronteira não existe, se poucos conseguem cruzá-la?

De que adianta dizer que somos modernos, se nem o *homo sapiens* construiu esses muros e essas cercas?

De que adianta rezar pelos mortos, se nem as almas dos vivos estão salvas na/pela fronteira?

Talvez na história da humanidade nunca tenha havido tantas mortes em nome da fronteira e tantas lutas pelas fronteiras

Talvez na história da humanidade nunca tenha havido tantos corpos mortos nas fronteiras, tanta degradação do outro pelo outro na fronteira

Vivemos tempos da fronteira da desumanização do humano

Qual é o sentido da fronteira, se a fronteira tira o sentido da vida das pessoas migrantes, tira o seu direito de migrar, de circular, de ser-no-mundo e para o mundo?

Se pudesse, em vez de falar em fronteira, falaria de outra coisa

Para nunca mais lembrar as vidas desaparecidas, torturadas nas fronteiras

Para nunca mais lembrar que em Tijuana deixei pessoas que simplesmente querem cruzar a fronteira, mas não podem e talvez morram sem cruzá-la um dia

Para nunca mais lembrar que conheci pessoas em Tijuana que doaram suas vidas para que outras pessoas pudessem chegar à fronteira

Para nunca mais lembrar que a fronteira é um lugar também de zumbificação, nela as pessoas estão ao mesmo tempo mortas e vivas.

11 ANIMAÇÃO PASTORAL E COORDENAÇÃO ESTRATÉGICA

EXPERIÊNCIA DE COORDENAÇÃO NACIONAL DA PASTORAL DA MOBILIDADE HUMANA EM ANGOLA E SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE: FORMAÇÃO DE LÍDERES DA PASTORAL DOS MIGRANTES E AGENTES DA ORDEM PÚBLICA

*Ir. Carla Luisa Frey Bamberg, mscs**

Introdução

A Pastoral para os Migrantes e Itinerantes é um dos serviços proféticos da Igreja Católica em Angola, estando espalhada por todas as Dioceses do país. Muitos agentes dedicam-se gratuitamente à pastoral das migrações, acolhendo e acompanhando os migrantes, procurando formar na sociedade uma consciência nova com relação a esta temática. É fundamental que as comunidades estejam abertas para acolher, proteger, promover e integrar migrantes e refugiados. Todavia, é preciso também garantir o direito de não migrar, tal como diz o Papa Francisco, na mensagem pelo 109º Dia Mundial do Migrante e Refugiado, ou seja: “é necessário um esforço conjunto de cada país e da Comunidade Internacional para assegurar a todos o direito de não ter que emigrar, ou seja, a possibilidade de viver em paz e com dignidade na própria terra.”

A Comissão Episcopal da Pastoral para os Migrantes e Itinerantes de Angola e São Tomé – CEPAMI, existe há 14 anos e foi fundada em 31 de Outubro de 2006 pela Conferência Episcopal de Angola e São Tomé – CEAST, com a finalidade de organizar e dinamizar os diversos serviços pastorais em favor dos migrantes e itinerantes. Atua nas comunidades através dos setores específicos da Pastoral para os refugiados, nomeadamente, Apostolado do Mar, Pastoral da Aviação Civil, Pastoral da Estrada e Pastoral

* Missionária Scalabriniana brasileira, nascida no Paraguai. É licenciada em Pedagogia e pós-graduada em Mobilidade Humana. Vive em Luanda (Angola) e trabalha como secretária executiva da Comissão Episcopal para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes de Angola e São Tomé a CEPAMI).

das Comunidades de Migrantes e Refugiados. Esta Comissão, além de preocupar-se em oferecer um acompanhamento pastoral mais específico, zela pela implementação de ações de acolhimento e reintegração nas comunidades locais e na sociedade de milhares de repatriados que regressaram para Angola, oriundos de República Democrática do Congo, Zâmbia e Namíbia. Outrossim, esta pastoral ocupa-se dos refugiados, requerentes de asilo, migrantes estrangeiros de diferentes nacionalidades e deslocados internos.

Contexto

Angola tem fronteiras comuns com a República do Congo, a República Democrática do Congo (RDC), a Zâmbia e a Namíbia. Administrativamente, está dividida em 18 províncias, 164 municípios e 518 comunas. A população atingiu 33 milhões de habitantes em 2022¹. Em Angola, os migrantes representam uma parcela significativa da população ativa residente: aproximadamente 2% eram migrantes em 2019² e 56.359 (0,2% da população) são refugiados e requerentes de asilo, espalhados pelo país. Angola conta ainda com 525 mil repatriados, o que representava 2% de sua população, em 2016³. O programa de repatriamento voluntário e organizado, aprovado em 2010 pelo executivo angolano e implementado em parceria com o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) ficou concluído em 2016 contabilizando 525 mil repatriados. No entanto, mais de 60 mil cidadãos optaram por ficar nos países de acolhimento: 20 mil permaneceram na República Democrática do Congo, igual número na Zâmbia e os outros 20 mil entre a África do Sul e a Namíbia. Neste momento, Angola tem 6.700 deslocados internos que abandonaram as suas terras devido aos problemas ambientais, sobretudo a seca no sul do país (IDMC, 2020). Esse fenômeno tem afetado as províncias de Namibe, Cunene, Cuando Cubango e Huila. Entretanto, também há o registo de mais de 20.000 PDI (Plano de Desenvolvimento Individual) (Soares, 2015) desalojados do seu habitat, com frequência com recurso à arma de fogo. Na realidade, depois da guerra, as demolições têm sido uma constante.⁴

¹ Instituto Nacional de Estatística de Angola. (<https://www.ine.gov.ao/inicio/estatisticas>).

² UN Population Division, Department of Economic and Social Affairs. Disponível em: <https://www.un.org/development/desa/pd/>.

³ Dados do UNHCR apresentados na Conferência em alusão ao Dia Mundial do Refugiado no dia 20.06.2023.

⁴ Pe. Avelino Chico, sj. Coordenador Regional para África da Secção Migrantes e Refugiados do Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral- 18 de Maio de 2020. Formação nacional dos agentes da Pastoral das Migrações

As mulheres migrantes são as mais vulneráveis. Para além de não saberem comunicar-se com segurança, sentem-se discriminadas, excluídas e um grande número abandonadas (com os filhos) pelos seus maridos. Assim, elas vivem às margens da sociedade, sem chances e nem oportunidades de uma vida digna. Vítimas da violação dos seus direitos humanos, na maior parte das vezes iletradas, sentem sua baixa autoestima e isso eleva os índices de suicídio e violência doméstica. Elas passam a vida a mendigar, “zungar” (vender) pelas ruas da cidade, a tentar vender alguma coisa. Por outro lado, em muitos casos os migrantes de uma forma geral dependem de organizações que os ajudam a solucionar alguns dos seus problemas e necessidades. Um número elevado de crianças e jovens fica nas ruas sem acesso à educação e com isso são vítimas de todo tipo de violência, tráfico de pessoas, alimentam a marginalidade, drogas e até engrossam as estatísticas das crianças de rua, do índice de mortalidade infantil e dos portadores de HIV SIDA.

A forte migração em Angola permitiu igualmente que pessoas se dediquem às práticas ilícitas como o tráfico de pessoas⁵. Este fenómeno envolve sobretudo mulheres e crianças; implica formas graves de exploração, fraudes, coação e violência.

As vítimas de tráfico são particularmente vulneráveis a situações de exploração no trabalho, devido à sua impossibilidade de falar a língua local e ao estatuto irregular que têm no país. A integração dos migrantes na sociedade é um processo complexo que requer uma profunda articulação entre os diversos intervenientes nesta questão: os próprios migrantes, o governo, outras instituições governamentais e não governamentais e as comunidades locais. Também exige um esforço de adaptação e um ajustamento recíproco entre estas populações e a própria sociedade receptora. No caso de Angola, são inúmeros os obstáculos que os refugiados e os migrantes enfrentam, sobretudo nas questões relacionadas com a sua situação jurídica e as dificuldades de inserção no mercado de trabalho, sendo as questões que mais constroem o processo de integração.

São milhares de migrantes que vivem em uma situação de extrema vulnerabilidade, sem documentação válida, esquecidos pelo governo e autoridades administrativas angolanas. Há refugiados há mais de 20 anos em Angola e não possuem sequer um documento, não falam bem a língua e são analfabetos. Outros, mesmo com cursos superiores, profissionais e

⁵ Em Angola, de 2015 até 08.10.20 foram registrados 110 casos de possível Tráfico humano, envolvendo 220 vítimas, e destes, 27 casos foram julgados. Muitos outros casos estão sob investigação. Conforme informação da Secretária de Estado do Ministério da Justiça e Direitos Humanos, Dra. Ana Celeste Cândido Januário, em 08.10.2020.

com condições de exercer uma profissão, não podem trabalhar porque não há autorização ou não têm documentos. As mulheres são as principais vítimas, mas também os jovens, que passam fome, sem acesso aos serviços públicos de saúde, educação e trabalho formal. Muitas vezes, a situação de precariedade obriga as mulheres a prostituírem-se para garantir algum dinheiro para compra de alimentos. Esta realidade impede uma melhor inserção na sociedade angolana.

Descrição da boa prática

A missão da CEPAMI a nível nacional visa sensibilizar a todos da importância do acolhimento aos migrantes e refugiados no solo angolano, que seja um espaço de abertura para o diferente e de crescimento no intercâmbio das culturas. A estratégia que adotamos para levar a cabo a missão junto aos migrantes e refugiados através da CEAST passa pelo seguinte:

- **Formação dos Animadores da Pastoral das Migrações.** Tem sido o momento por excelência para introduzir os líderes das Arquidioceses nas diferentes temáticas e metodologias da pastoral do migrante por formas a dar uma melhor resposta aos desafios da missão. Nessas formações são trabalhados temas tais como: organização e estrutura da CEPAMI; setores específicos da CEPAMI; metodologia: trabalho de rede e parcerias; pessoa em situação de mobilidade; magistério da Igreja e pastoral da mobilidade humana – documentos pontifícios; livres de escolher se migrar ou ficar; a espiritualidade e fundamentos bíblicos da pastoral da mobilidade humana: antigo e novo testamento; leis de proteção dos direitos humanos no contexto migratório de Angola; tráfico de seres humanos; orientações para um secretariado diocesano/nacional da pastoral da mobilidade humana/planificação/avaliação e as orientações sobre a pastoral migratória intercultural; realidade migratória em Angola (migrantes e refugiados, migração contemporânea); serviço social da igreja e o perfil de líder do animador da pastoral das migrações.
- **Trabalhamos com um público bem diversificado** nas Arquidioceses: Padres, religiosas em grande escalão e, principalmente com leigos comprometidos com a causa dos migrantes e refugiados.
- **Formação para as lideranças das comunidades de migrantes e refugiados.** Estas formações aconteceram essencialmente em Luanda, com a participação dos líderes de cada nacionalidade dos migrantes e refugiados. As formações ministradas nestes encontros

têm um carácter humano, cujo objetivo principal é oferecer uma luz de esperança às pessoas. Deste modo, organizamos partilhas, com rodas de conversas, formações com os líderes dos migrantes e refugiados com temas pertinentes ligados ao contexto de suas vivências, com auxílio de profissionais na área da saúde, direito (advogados), psicologia (orientação profissional), entre outros. É por meio destes encontros que se promovem atividades como a Feira do migrante e refugiado, peregrinação do migrante e refugiado à Muxima, entre outras, pois temos uma variedade de nacionalidades e crenças religiosas. Nestes espaços, aproveita-se para falar do positivo da migração e das necessidades que eles estão a passar, chamando a atenção das autoridades competentes a fim de que os olhem com cuidado e proteção. Afinal, com os migrantes também se pode construir uma sociedade melhor. Adverte-se igualmente sobre os perigos do tráfico de Seres Humanos a que podem ser submetidos, sobretudo as crianças e mulheres quando estão expostas nas ruas para a venda ambulante dos produtos ou mesmo quando se dedicam à prostituição.

- **Damos enfoque à formação das mulheres refugiadas** trabalhando mensalmente temas como: prevenção de doenças, questões de gênero, liderança, violência doméstica, gestão de conflitos, tráfico de seres humanos, empoderamento feminino, empreendedorismo, geração de renda, entre outros. Também se dá atenção particular para as crianças fora do sistema de ensino, devido à falta de documentação dos pais (migrantes ou refugiados) e falta de condições financeiras para suportar os estudos. No entanto, criou-se turmas de reforço escolar, propiciando para muitas o contato com um sistema de escolaridade. Para as formações, aproveitamos pessoas especialistas no assunto e para os cursos, os próprios refugiados que já trabalham na área de costura e salões de beleza. Assim, falando a mesma língua, facilitam o aprendizado.
- **Realizamos celebrações do dia do migrante e refugiado**, que incluem celebrações eucarísticas, feiras artísticas com danças e comidas típicas de cada cultura representada e momentos de convivência para a partilha das diferentes experiências vivenciadas na caminhada como migrantes. A comunicação das principais atividades gozam de uma atenção especial, pois, são sempre divulgadas em prol das pessoas em situação de mobilidade, sem nos esquecermos das autoridades do país que têm uma grande influência no processo de integração dos migrantes e refugiados.

- **Para a execução dos trabalhos contamos com financiadoras internacionais** e também embaixadas com sede em Angola que, sensibilizadas com a realidade em que estas pessoas vivem, acabam por ser solidários e ajudam para que estas pessoas possam sair desta situação e ter uma vida melhor.

A Rede Angolana de Proteção ao Migrante e Refugiado, criada pela CEPAMI em 2016 é uma grande parceira na implementação dos trabalhos e ajudas nos projetos. Para melhor interagir com as autoridades, órgãos decisórios e afins a CEPAMI continua a trabalhar com diversas organizações que lidam com migrantes e refugiado, especificamente: Caritas de Angola, Justiça e Paz, Universidade Católica de Angola, Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados - ACNUR, Organização Internacional para as Migrações – OIM, Rádio Eclésia, Organização Omunga, Irmãs Missionárias Scalabrinianas, Serviço Jesuíta aos Refugiados – JRS, Sociedade do Verbo Divino, Salesianos de Dom Bosco, Voluntariado Internacional para o Desenvolvimento. Isto faz com que haja realmente uma advocacia em favor dos migrantes e refugiados.

Perspectivas

Queremos continuar a trabalhar em prol da pessoa em situação de mobilidade, prestando a devida assistência pastoral aos migrantes e refugiados. Pretendemos ainda garantir um leque de formações humanas para o bem-estar das comunidades de migrantes e refugiados. Consideramos fundamental continuar a trabalhar em Rede para que juntos reflitamos sobre as situações que afligem os nossos assistidos e se possível pressionar os órgãos decisores. Por fim, perspectiva-se acolher, proteger, promover e integrar migrantes e refugiados.

É preciso continuar a desenvolver ações, programas e redes articuladas de parceiros empenhados na efetiva integração destas populações, o que passa, necessariamente, pela criação de condições que permitam aos imigrantes e refugiados conseguir, com um mínimo de dignidade, assistência para as suas famílias, aceder ao mercado de trabalho e participar ativamente da vida social.

Hoje, percebe-se cada vez mais que é preciso criar mecanismos para que as pessoas em situação de mobilidade não estejam numa posição de assistencialismo total, no entanto, programas que elevam a sua autoestima, saúde e os profissionaliza, ajuda-os a caminhar melhor para a realização pessoal. Com o auxílio da CEAST e principalmente com ajuda externa, com

financiadores que se sensibilizam com a situação de vulnerabilidade dos migrantes e refugiados podemos dinamizar uma ampla pastoral com muita incidência e visibilidade.

Conclusão

Após esses 17 anos de missão da CEPAMI, percebemos que há um árduo trabalho para dar seguimento, estar nessa pastoral dos migrantes e refugiados nos interpela e coloca a caminho... na busca de soluções inovadoras e criativas em prol da vida com dignidade dos migrantes.

Fazemos um trabalho muito visível pela Igreja angolana e apreciado pelas autoridades civis. Temos estreita comunicação com o Dicastério do Desenvolvimento Humano e Integral.

Por fim, continuaremos a desenvolver ações em favor da pessoa em situação de mobilidade, fazendo com que a sua dignidade seja valorizada em meio a muitas dificuldades. É pelos migrantes e refugiados que nós existimos, por isso a nossa missão é e sempre será procurar proporcionar ferramentas para que o migrante e refugiado consigam caminhar por si, rumo à sua realização e à dos seus próximos.

12 ANIMAÇÃO PASTORAL E COORDENAÇÃO ESTRATÉGICA

PARA UMA PASTORAL INTERCULTURAL DAS MIGRAÇÕES A NÍVEL DIOCESANO – FORMAÇÃO E COORDENAÇÃO DO PESSOAL EM TEMPOS DE TRANSIÇÃO

*Ir. Milva Caro, mscs**

O trabalho da pastoral migratória na diocese de Rottenburg-Stuttgart, localizada no sul da Alemanha, abrange mais de 100 comunidades de imigrantes católicos de primeira, segunda e terceira geração. Para esses cristãos, a diocese contratou mais de 70 agentes pastorais entre profissionais leigos e clérigos. Fui nomeada há um ano como coordenadora desse pessoal, que é um dos dois eixos da estrutura de coordenação diocesana para esse trabalho pastoral: o departamento de “Pessoal”, onde trabalho, que cuida de todo o pessoal pastoral que trabalha na diocese, quase 1.500 trabalhadores, e o departamento de “Pastoral”, que cuida dos guias da linha pastoral diocesana, com os quais trabalho em contato próximo.

Faço parte da Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Scalabrinianas, que há quase 50 anos trabalham no serviço aos migrantes, nesta diocese, especialmente nas comunidades católicas de migrantes italianos, no serviço pastoral, social e humano, trabalhando ao mesmo tempo como uma ponte para a comunidade e a sociedade alemãs. Eu mesma sou fruto desse trabalho feminino scalabriniano. Tendo crescido em um ambiente ítalo-alemão, aos 18 anos comecei a frequentar mais ativamente a paróquia alemã, onde também fazia parte do conselho pastoral. Mais tarde, enquanto frequentava a comunidade italiana, assumi a

* Missionária Scalabriniana, filha de imigrantes italianos, nascida na Alemanha. Estudou teologia em Bonn, Alemanha, e fez um mestrado na Universidade Salesiana de Roma, Itália, com especialização em Pastoral Juvenil Intercultural. Atualmente é coordenadora da Pastoral das Migrações Interculturais na diocese de Rottenburg-Stuttgart, Alemanha, onde também trabalha como agente pastoral ao serviço das comunidades de migrantes italianos.

animação do grupo de jovens e participei do coral da comunidade italiana. Sempre fui apoiada e incentivada pelas Irmãs Scalabrinianas nessa jornada comunitária de dupla pertença.

A escolha das Irmãs Scalabrinianas de permanecer a serviço da diocese de Rottenburg-Stuttgart, tendo que fechar três comunidades na Alemanha ao longo dos anos, deve-se ao mandato missionário do fundador São João Batista Scalabrini de “manter viva a fé e a pátria para os migrantes em terras estrangeiras”; e, também, ao apreço da diocese pelo trabalho missionário das Irmãs MSCS. A diocese sempre apreciou e apoiou a presença da vida religiosa scalabriniana em comunidades de língua não alemã.

A jornada das Irmãs foi e é sempre com a igreja local e a serviço da igreja local, cumprindo o que elas foram chamadas a fazer: serviço missionário entre os migrantes.

Introdução

Como Irmãs Missionárias Scalabrinianas, nessa missão, pretendemos fazer parte da estrutura e do caminho diocesano, um objetivo que também se reflete em meu trabalho, que é organizado de tal forma que passo metade do meu tempo coordenando a equipe diocesana para as comunidades migrantes e a outra metade do tempo servindo diretamente em uma comunidade católica italiana, como agente de pastoral.

No ano passado, a atualização da pastoral migratória entrou em vigor em nossa diocese. Essa é a terceira vez, desde o início da criação da pastoral migratória diocesana, que esse passo foi dado, com o objetivo de ir além da longa história da igreja local, adotando o modelo de cuidado pastoral étnico. Atualmente, o objetivo da pastoral migratória é reorganizar o cuidado pastoral dos cristãos católicos de outras línguas maternas com uma abordagem colaborativa e intercultural, acompanhando as comunidades migrantes para que sejam integradas e articuladas com a igreja local, nas paróquias territoriais. Portanto, o objetivo hoje da coordenação diocesana do pessoal que atende os fiéis de outras origens culturais e linguísticas é dar continuidade à nova prática adotada e às estratégias escolhidas, de acordo com o novo documento emitido pela liderança diocesana: *Auf dem Weg zu einem immer größeren wir* Leit und Richtlinien zur Interkulturellen Pastoral in der Diözese Rottenburg-Stuttgart - “Rumo a um nós cada vez maior”. Pastoral Intercultural na Diocese de Rottenburg-Stuttgart (Orientações e diretrizes). Concretamente, trata-se de disseminar as novas diretrizes para os agentes pastorais e comunidades locais e estrangeiras, e de orientar e apoiar os diferentes atores nas estratégias de implementação do novo modelo. Nesse

esforço, o foco na promoção e na continuidade do trabalho em equipe praticado na diocese é fundamental.

Os objetivos que, como scalabriniana, estabeleço para mim pessoalmente e proponho para a diocese, ou seja, para meus colegas e agentes de pastoral, são pelo menos três, a serem destacados.

Em primeiro lugar, conscientizá-los de que o serviço pastoral migratório que realizam permite à Igreja local exercer uma pastoral plural, que interage e se consolida interculturalmente. Portanto, é um itinerário que favorece a construção da única família cristã com e em sua diversidade. Uma Igreja Universal, ou seja, uma Igreja Católica.

O segundo objetivo é dar força a uma das principais estratégias da diocese: TRABALHAR JUNTOS, trabalhando com a equipe pastoral. Assim, a colaboração direta e frequente entre o clero e os trabalhadores locais torna-se vital para a continuidade da comunidade de língua materna.

E, como terceiro objetivo, manter o foco no cuidado pastoral dos migrantes e nas necessidades dos migrantes de diferentes gerações e ajudar a igreja local a olhar para uma igreja sempre nova, que está sendo construída com, e não sem, os migrantes.

Contexto

Territorialmente, a diocese, que é quase idêntica ao Land (região) Baden-Württemberg, tem cerca de 5 milhões de habitantes, dos quais cerca de 1,7 milhão são católicos¹. A região é um dos maiores centros industriais da Alemanha e um dos mais importantes da Europa,² atraindo, portanto, migrantes de todo o mundo e de muitas religiões diferentes. Os migrantes católicos mais numerosos são os italianos, seguidos pelos croatas, portugueses, poloneses e comunidades menos numerosas, como espanhóis, eslovenos, húngaros, ucranianos e caldeus, para citar apenas alguns.

Começo meu trabalho juntando-me a uma estrutura já estabelecida e praticada e em processo de implementação. Assim, contribuo com minha formação recebida ao longo dos anos (teológica, religiosa e intercultural), com minha experiência em várias atividades missionárias em diferentes contextos migratórios e com o fato de ser um migrante de segunda geração, embora nunca tenha realmente migrado, exceto por vocação.

¹ Cf. Disponível em: <https://www.drs.de/fileadmin/user_upload/Service/Dioezese_in_Zahlen/Fakten_Teil_2_2022_1212.pdf>.

² Cf. Disponível em: <<https://wm.baden-wuerttemberg.de/de/wirtschaft/wirtschaftsstandort/wirtschaftsstruktur>>.

Descrição da boa prática

Minha principal responsabilidade é cuidar dos agentes pastorais e padres que ajudam as comunidades cristãs migrantes em várias áreas. Por um lado, garanto o apoio da diocese em suas necessidades administrativas muito práticas, como autorizações de residência, transferências, aposentadorias, férias, substituições durante feriados ou doenças. Por outro lado, muito mais amplo e complexo, é a responsabilidade de acompanhar e coordenar os recursos humanos que atendem a dezenas de grupos e comunidades: Gerenciar conflitos e problemas de vários tipos; contato semirregular e regular com eles por meio de telefonemas, visitas às paróquias e reuniões pessoais; organizar e realizar reuniões, pelo menos três vezes por ano, para idiomas com várias comunidades, italianas, croatas e mistas, o chamado “resto de Israel”, onde são trocadas informações relativamente à diocese e são tratados assuntos atuais, preparadas reuniões diocesanas e outras atividades diversas.

Essas reuniões das comunidades de cada idioma são preparadas por dois líderes diocesanos, ou seja, meu colega e eu, juntamente com uma equipe escolhida pela própria comunidade. Meu colega e eu estamos sempre presentes nas reuniões e ajudamos na coordenação, mas a responsabilidade organizacional é da equipe, justamente para incentivar e promover a corresponsabilidade. Uma vez por ano, é organizada uma conferência de 2,5 dias para a qual todos os agentes pastorais são convidados. Aproximadamente três quartos dos funcionários normalmente participam. A cada vez é tratado um diferente tema de interesse comum. Essa conferência anual é organizada em cooperação com o departamento de formação diocesano e alguns agentes pastorais. Os padres alemães que têm comunidades de língua materna em seu território também são sempre convidados para a reunião. Essas estão entre as principais atividades para e com a assistência direta aos colaboradores pastorais que trabalham na pastoral migratória da diocese.

Outra responsabilidade importante para a realização de nosso trabalho é a articulação com pessoas designadas para cada uma das principais comunidades étnico-linguísticas da Alemanha, chamadas de Delegados Nacionais. O contato regular com eles permite a troca de ideias e estratégias pastorais e o planejamento de longo e médio prazo para a substituição de padres e o futuro das outras comunidades de língua materna na Alemanha. Permite o intercâmbio do caminho nacional e a comparação do caminho com a experiência de outras dioceses na Alemanha. Nem em toda a Alemanha a pastoral migratória é a mesma. Embora a responsabilidade de recrutar padres e manter as comunidades permaneça com a diocese,

o contato próximo e frequente com o Delegado é de grande ajuda para o acompanhamento pastoral das comunidades individuais na diocese.

Outro campo de atuação muito amplo e exigente é a estreita colaboração com meus colegas do departamento, no trabalho administrativo regular; neste momento, especificamente na reestruturação do departamento. Nessa reestruturação do departamento, o setor de “Comunidades Estrangeiras” deve se tornar cada vez mais uma parte “igual” aos outros setores de pessoal que são contratados na diocese, no que diz respeito à administração. Esse trabalho não tem uma visibilidade imediata no território ou no nível pastoral, mas determina fortemente uma estratégia administrativa e linhas operacionais com a equipe, o que, por sua vez, tem repercussões na qualidade do trabalho, no bem-estar dos trabalhadores e na satisfação geral com o emprego. As exigências regulatórias trabalhistas e sindicais na diocese são muito altas e devem ser cumpridas com muito cuidado.

A publicação das Diretrizes e Orientações a Pastoral Intercultural foi concebida com uma disseminação estratégica e direcionada em toda a diocese. Com a minha chegada, iniciou-se a fase ativa da disseminação, e atualmente estamos na fase final. Um ano após sua publicação, foram realizadas quatro reuniões em quatro regiões da diocese, para as quais foram convidados todos os agentes comunitários estrangeiros, decanos, padres responsáveis pelas comunidades alemãs e representantes de conselhos pastorais alemães e estrangeiros. Com uma equipe de 6 pessoas, duas da liderança diocesana, meu colega e eu, um colega do departamento de formação, dois conselheiros pastorais (croata e alemão) e um padre (polonês), elaboramos um programa para apresentar o documento. A carta-convite para esse treinamento de meio dia foi assinada pelo bispo auxiliar para enfatizar a importância dessa atividade. É um sinal de que o trabalho pastoral intercultural na diocese não quer mais ser um trabalho pastoral paralelo. A estratégia visa a um “nós cada vez maior”.

O estudo científico anterior, que levou à elaboração do documento, evidenciou não apenas a grande necessidade de manter as comunidades de língua materna não alemã, mas também o grande desejo dos leigos migrantes de se organizarem entre si para serem uma parte ativa, responsável e envolvida do trabalho pastoral dos migrantes na diocese. Por parte dos leigos alemães, isso está muito presente e organizado tanto em nível diocesano quanto nacional. Como resposta a essa solicitação, a diocese organizou quatro encontros regionais chamados “Fóruns”, para os quais foram convidados apenas os migrantes leigos das comunidades cristãs locais. Já foram realizadas 4 edições do Fórum, nas 4 áreas da diocese. No momento, estão sendo realizadas reuniões on-line nas várias zonas para preparar os próximos encontros. Em abril próximo, haverá a

grande reunião diocesana, na qual participarão representantes leigos de cada zona e poderão apresentar os resultados das reuniões anteriores à liderança diocesana, pois estarão presentes o bispo auxiliar responsável pelas diretrizes pastorais e o chefe do departamento de pessoal, ou seja, meu chefe. De nossa parte, a coordenação diocesana da pastoral da migração, estamos apoiando e acompanhando esse caminho por causa da força intercultural que promove e representa.

As diretrizes enfatizam fortemente a estratégia da própria diocese, chamada de “Modelo Rottenburger”. Um modelo de ação e gestão pastoral baseado no todo, na equipe e na responsabilidade e prestação de contas compartilhadas. Esse modelo deve ser apresentado, refletido e aprendido pelos padres em particular, bem como pelos membros do conselho pastoral.

Todo o nosso trabalho na coordenação diocesana é desenvolvido com muita reflexão, avaliação e replanejamento, incluindo estratégias de longo prazo, por exemplo: quais critérios devem ser adotados para decidir sobre os novos padres a serem contratados para o trabalho pastoral na migração? Qual nível de idioma se torna a norma? Como lidamos com os regulamentos diocesanos de prevenção de abusos com padres estrangeiros que querem vir e não têm toda a documentação? Deixamos a comunidade sem um padre ou ele pode vir mesmo assim? Como uma comunidade sem padre pode continuar ou como pode ser fechada? Outro aspecto importante para planejar o futuro é manter atualizados os números e fluxos de migrantes na diocese. O departamento de estatísticas da diocese nos ajuda muito nisso e fornece dados atualizados.

Os resultados esperados para este ano são:

- Equipes pastorais cada vez mais eficientes e produtivas, que garantem a continuidade das comunidades locais e de outros falantes nativos.
- Uma pluralidade de comunidades e centros espirituais com uma diversidade de respostas às diferentes necessidades espirituais dos cristãos.
- Maior respeito mútuo e apreço pela diversidade da vida cristã.
- Reestruturação da estrutura diocesana, portanto, também em nosso setor, respondendo aos sinais dos tempos que a diocese está vivenciando com a queda acentuada no número de agentes pastorais e nos recursos econômicos.
- Continuidade ao mandato missionário único e fundador da evangelização (Mc 16:15-20).

Por último, mas não menos importante, é o meu trabalho direto em uma comunidade católica italiana. Na responsabilidade litúrgica e catequética,

em encontros formais e informais com antigos e novos migrantes italianos, na promoção de atividades culturais e religiosas tradicionais. Aqui, na base, podemos sentir concretamente a importância dessas comunidades, que garantem uma identidade pessoal para nossa própria história migratória.

Perspectivas

A diocese, agora sede vacante, está vivendo um momento histórico muito especial e único. Os principais desafios são: a grande mudança demográfica, a vertiginosa escassez de agentes pastorais e padres, o ônus econômico dos imóveis, os altíssimos custos com pessoal, diante de uma renda econômica cada vez menor. Em última análise, é o sonho de uma “igreja” que não existe mais.

Em toda a diocese e em todos os setores, a grande questão é: como queremos que seja a igreja de amanhã? Grupos de estudo, reflexões, propostas e estratégias estão caracterizando o trabalho, tanto pastoral quanto administrativo, destes tempos para apresentar ao novo bispo propostas concretas de uma igreja que ainda quer ser fiel ao seu mandato missionário.

Em minha área, o maior desafio é: como levar as comunidades de língua não alemã a um nível de igualdade em direitos e deveres, mantendo a diversidade?

Conclusão

Com quase 400.000 católicos que não falam alemão, a igreja local está passando por uma mudança importante. O documento recente, os dois trabalhadores diocesanos (meu colega e eu), a educação contínua, o investimento econômico e a atenção em tantas áreas confirmam que os migrantes têm seu lugar na igreja e são uma parte fundamental e integral da igreja local, com sua espiritualidade e necessidades.

A igreja universal é realizada na igreja local, na unidade pastoral, entre paróquias vizinhas, pequenas ou grandes, onde alemães, croatas e poloneses se sentem em casa, etc. Para a liderança diocesana, a realidade dos católicos não alemães é verificada, mas às vezes falta esse reconhecimento, nas bases, que permite o encontro na mesma frequência de onda, pois ainda existem muitas diferenças e pontos de vista. O estrangeiro é uma entidade e continua sendo um estrangeiro, embora na igreja o estrangeiro não exista, como nos diz São Paulo. Os mal-entendidos, e não os mal-entendidos de idioma, permanecem, especialmente em relação a valores, tradições e na

área de direitos e deveres. A chave para eliminar as barreiras é o diálogo aberto, fraterno, franco e respeitoso e a apreciação mútua.

As diferentes atividades e estratégias apresentadas são, em minha opinião, o caminho certo para construir uma nova igreja de pessoas. Por causa do luto, sobre o qual tanto se fala na diocese, por causa das muitas perdas (padres, igrejas, jovens, costumava ser assim, etc.), às vezes perdemos de vista que algo novo está nascendo. O caminho para um “Nós” cada vez maior” depende do indivíduo que deseja caminhar junto. Se o indivíduo quiser caminhar, trabalhar e decidir sozinho, o “Nós” não será construído.

O “Modelo Rottenburger” é “caminhar juntos”. Uma união que não significa que eu estou no comando de todos e que recebo ajuda daqueles que fazem o que eu digo, mas uma união que compartilha responsabilidades, decisões e fardos. O único requisito desse modelo é a vontade. Quando esse modelo funciona, e muito depende dos colaboradores e sacerdotes, a comunidade estrangeira tem força e estrutura para continuar; quando isso não acontece, a comunidade estrangeira corre o risco de ser extinta. As novas diretrizes oferecem estratégia e direção. Esse é um lembrete para todos, especialmente para nós, MSCS. Nessa realidade missionária, não somos os protagonistas e não queremos ser, mas humildemente estamos ao lado de uma igreja com uma história, um presente e um caminho junto com os migrantes, com o nosso carisma sendo aprimorado, em direção a um futuro intercultural para todos.

13 ANIMAÇÃO PASTORAL E COORDENAÇÃO ESTRATÉGICA PASTORAL INTERCULTURAL NAS DIOCESES DE MESSINA E SIRACUSA, ITÁLIA

*Ir. Vijaya Stella John Joseph, mscs**

A iniciativa pastoral intercultural nas dioceses de Messina e Siracusa tem o compromisso de promover a inclusão e o apoio a migrantes, refugiados e estudantes internacionais. As Irmãs Missionárias Scalabrinianas estão trabalhando em conjunto com a comunidade local, voluntários e leigos em ambas as dioceses há 3 anos e 5 anos em Messina, enquanto em Siracusa há 10 anos. Essa iniciativa aborda o fenômeno da migração de uma forma única em cada diocese.

Messina: Assistência a comunidades étnicas estabelecidas e estudantes universitários. Em Messina, o foco está no apoio a comunidades étnicas estabelecidas, ativas nos últimos três anos. A pandemia da COVID-19 afetou dois desses cinco anos. As Irmãs Missionárias Scalabrinianas oferecem serviços personalizados para promover a integração, a assistência social e a convivência harmoniosa. Além disso, elas oferecem serviços a estudantes universitários internacionais, contribuindo para a assistência, o apoio psicológico e a integração social.

Siracusa: assistência a refugiados. Na diocese de Siracusa, onde há presença ativa das Irmãs MSCS há 10 anos, a iniciativa é dedicada à recepção e à integração dos refugiados que chegam pelo Mar Mediterrâneo. Em ambas as dioceses, as iniciativas respondem às necessidades práticas e se adaptam às nuances únicas de cada contexto, incorporando um compromisso pastoral transcultural na região.

* Missionária Scalabriniana de nacionalidade indiana, com formação acadêmica em psicologia e ciências cognitivas. Atualmente, trabalha na diocese de Messina, Itália, e assume a função de Conselheira Provincial para o Apostolado.

Introdução

A atenção pastoral intercultural nas Dioceses de Messina e Siracusa, na Itália, configura-se como uma estratégia de implementação das Irmãs MSCS (Missionárias Scalabrinianas), delineando quatro macroestratégias fundamentais.

A primeira macroestratégia, focada na Acolhida e Emergência, tem como objetivo oferecer apoio imediato e específico às pessoas em situação de vulnerabilidade migratória. No contexto de Siracusa, temos o compromisso de ir diretamente às primeiras instalações de acolhida para oferecer nossos serviços. Nossa intervenção visa garantir o apoio essencial às pessoas em situação de vulnerabilidade migratória, contribuindo assim para o bem-estar da comunidade local.

No contexto de Messina, concentramos nossos esforços na prestação de assistência a estudantes universitários de todo o mundo durante a fase de acolhida e na busca de acomodação. Além disso, oferecemos suporte na chegada com gerenciamento de documentos e outros serviços relacionados. Essas ações são projetadas para facilitar o processo de integração e aprimorar a experiência daqueles que escolhem Messina como local para estudar e viver, contribuindo assim para o bem-estar da comunidade local.

A segunda macroestratégia, focada em Promoção e Integração, tem o compromisso de construir pontes culturais e promover a integração harmoniosa nas comunidades anfitriãs. Nesse contexto, oferecemos cursos de italiano e assistência educacional dedicada às crianças do Sri Lanka, com atenção especial à prioridade dada às mulheres e crianças migrantes.

A terceira macroestratégia, dedicada à evangelização e à coordenação estratégica, destaca a importância de difundir os valores da solidariedade e da compreensão entre as diferentes comunidades envolvidas. Acompanhamos as mulheres e crianças do Sri Lanka, oferecendo apoio durante o processo de evangelização e coordenação, com atenção especial à preparação para o catecismo, celebrações, festas e tradições culturais. Além disso, colaboramos ativamente com as comunidades do Sri Lanka e das Filipinas em Messina para celebrar e preservar suas culturas únicas.

A quarta macroestratégia, focada na priorização de mulheres e crianças migrantes, tem o compromisso de responder especificamente às necessidades exclusivas dessas categorias de população que atravessam situações de vulnerabilidade.

Em resumo, essas macroestratégias delineiam uma estrutura abrangente e orgânica para lidar com o fenômeno da migração, com objetivos definidos e uma visão de médio a longo prazo que reflete o compromisso contínuo das Irmãs Missionárias Scalabrinianas na região.

Contexto

A costa sul do Mediterrâneo, na Sicília, desempenha um papel fundamental como ponto de chegada para milhares de migrantes que atravessam o Mar Mediterrâneo em busca de um futuro melhor.

Os desafios da migração incluem viagens perigosas em barcos superlotados com pessoas que fogem de conflitos e perseguições. A Itália tem o papel de país de trânsito, mas a Sicília se destaca como destino de muitas comunidades étnicas. A coexistência de diferentes culturas acrescenta um elemento único à ilha, tornando-a um local de convergência cultural.

A migração nos últimos anos representa um desafio para a Europa. Siracusa, uma província litorânea no leste da Sicília, de frente para o Mediterrâneo, experimentou um aumento notável na mobilidade humana, servindo como ponto de trânsito nos portos onde milhares de migrantes chegam e são temporariamente abrigados em “centros de recepção”, que claramente precisam de apoio.

Nas dioceses sicilianas de Siracusa e Messina, as Irmãs Scalabrinianas desempenham um papel fundamental na resposta à migração. Apesar de sua proximidade geográfica, as duas dioceses têm dinâmicas migratórias diferentes. As Irmãs Missionárias Scalabrinianas enfrentam esses desafios de forma diferenciada, adaptando seus serviços às especificidades de cada diocese.

Levando em conta o contexto específico das crianças envolvidas, é essencial adotar uma abordagem sensível às suas necessidades exclusivas. Os jovens migrantes, principalmente do Sri Lanka, enfrentam desafios específicos durante o processo de integração. Nossa análise do contexto se concentra em aspectos como acesso à educação, participação em novos ambientes sociais e culturais e a necessidade de apoio linguístico. Para garantir o apoio adequado, propomos a implementação de programas específicos que incluam apoio escolar, cursos de italiano direcionados e atividades culturais, criando assim um ambiente inclusivo propício ao crescimento e ao desenvolvimento das crianças migrantes.

No contexto das mulheres migrantes, nossa análise se concentra nos desafios exclusivos que elas enfrentam durante o processo de adaptação. As mulheres do Sri Lanka geralmente enfrentam responsabilidades familiares, culturais e sociais complexas. O acesso a serviços de saúde, o apoio em questões administrativas e a promoção de oportunidades de emprego são fundamentais. Portanto, propomos iniciativas direcionadas, como cursos de italiano adaptados às necessidades das mulheres, programas de orientação, serviços de aconselhamento específicos e acompanhamento de escuta ativa

para as mulheres. O objetivo é criar um contexto de apoio que responda aos desafios particulares das mulheres migrantes e promova sua autonomia e inclusão na comunidade local. Em particular, oferecemos apoio e escuta às mulheres para ajudá-las a entender e lidar com os desafios da integração de seus filhos adolescentes na cultura e na sociedade europeias.

Descrição da boa prática

Pastoral intercultural em Siracusa: No contexto de Siracusa, a acolhida das irmãs tem sido mais do que um dever; tem sido uma vocação enraizada em nosso carisma, moldada ao longo dos anos por meio de experiências e formações. A Casa Mater Dei (um centro diocesano) se tornou um refúgio não apenas físico, mas também emocional, incorporando a ideia fundadora da missão: tratar cada indivíduo, independentemente de religião, idioma ou origem, como um ser humano com o direito de ser acolhido, olhado nos olhos e apoiado.

A missão foi desenvolvida por meio de várias atividades, incluindo pontos de escuta, serviços sociais, inclusive acompanhamento para documentos e cuidados com a saúde, busca de moradia e ajuda na integração cultural. Um foco especial foi dado às crianças e aos adolescentes, onde o envolvimento foi crucial para facilitar sua inserção nas escolas locais.

A promoção da autonomia foi destacada pela criação da alfaiataria "FREDERIK", uma prática significativa que não apenas ofereceu oportunidades de trabalho, mas também contribuiu para a integração socio laboral, alterando a autorização de residência do Sr. Frederik e regularizando a situação de sua família.

Um aspecto comovente da missão foi a atenção dada à prisão, onde a escuta e o cuidado pastoral permitiram que os migrantes contassem suas histórias e embarcassem em um caminho positivo. A participação em celebrações festivas destacou a alegria de os migrantes se sentirem acolhidos, independentemente de suas crenças religiosas.

Essa análise reflete a essência de uma missão que, ao mesmo tempo em que enfrenta os desafios da integração, tem demonstrado um compromisso consistente com o respeito à dignidade humana e a promoção do acolhimento como um valor fundamental, refletindo o carisma das Irmãs Missionárias Scalabrinianas em Siracusa.

Pastoral intercultural em Messina. A experiência pastoral intercultural das Irmãs Missionárias Scalabrinianas em Messina foi dedicada à assistência e à integração de crianças e adolescentes da comunidade do Sri Lanka e de jovens migrantes, principalmente da Índia, Sri Lanka, Bangladesh,

Paquistão, Nepal, Etiópia e Irã, que chegaram para estudar na universidade. O principal objetivo foi enfrentar os desafios iniciais, concentrando-se na dificuldade de encontrar acomodação e na barreira cultural e de idioma, na exposição frequente a dificuldades e nos riscos de exploração.

A missão progrediu ao oferecer acomodação temporária a mulheres jovens em um estado obviamente traumático, garantindo uma entrada segura e com apoio legal. Na fase inicial, foi necessário improvisar para responder a emergências; nos últimos dois anos, a missão facilitou a moradia para um grupo de meninas, oferecendo simultaneamente apoio espiritual e psicológico.

Os principais atores foram as Irmãs Missionárias Scalabrinianas, os jovens migrantes, a comunidade local e os voluntários. A participação ativa de professores aposentados contribuiu para o desenvolvimento do programa pós-escola, envolvendo crianças e adolescentes de 9 a 16 anos.

A metodologia adotou uma abordagem flexível, adaptando-se às emergências e aos desafios específicos dos jovens migrantes. A oferta de acomodação temporária foi combinada com apoio espiritual e psicológico, ajudando a mitigar o impacto da barreira cultural e de idioma. O programa pós-escola envolveu professores voluntários para lidar com as dificuldades escolares, promovendo um ambiente de desafio, entusiasmo e crescimento pessoal.

Além das atividades mencionadas acima, a missão em Messina envolveu ativamente os jovens da comunidade do Sri Lanka e da comunidade filipina em um processo de catequese em preparação para o sacramento da confirmação. Esse curso intensivo, com reuniões semanais, representou um compromisso significativo com a assistência e a formação religiosa de jovens migrantes. A colaboração com capelães das comunidades étnicas e a participação de professores voluntários contribuíram para tornar essa experiência um momento valioso de crescimento espiritual e integração cultural para os participantes, enfatizando a abordagem personalizada e flexível da missão. A celebração da Confirmação destacou o sucesso desse processo, enfatizando a importância da integração por meio da educação religiosa e da promoção dos valores cristãos na comunidade local. A missão contribuiu positivamente para o bem-estar dos jovens migrantes, para o apoio escolar e para o apoio espiritual e psicológico. Esse programa abordou dificuldades acadêmicas e facilitou um intercâmbio cultural que enriqueceu tanto os jovens migrantes quanto a comunidade local.

A experiência da missão em Messina é de vital importância no contexto local. Ao lidar com os desafios específicos dos jovens migrantes, a missão demonstrou a importância de uma abordagem personalizada e

flexível. A promoção da integração por meio da educação e do apoio social e espiritual contribuiu para criar um ambiente em que a diversidade é vista como um enriquecimento. A missão não só responde às necessidades imediatas, mas também se compromete a ser uma defensora da inclusão social e econômica efetiva, reconhecendo a importância de compartilhar, transmitir e enriquecer-se com a diversidade cultural.

Perspectivas

Considerando as experiências em Siracusa e Messina, as profundas lições aprendidas e as mudanças significativas geradas pela implementação das estratégias propostas são claramente evidentes. Uma das principais lições foi o reconhecimento da importância de uma abordagem personalizada e direcionada às diversas necessidades dos migrantes, especialmente mulheres, crianças e estudantes universitários. A adoção de programas de escuta, cursos de idiomas personalizados e serviços específicos provou ser favorável a uma integração mais eficaz, respeitando a diversidade das comunidades envolvidas.

As estratégias focadas na recepção e na integração levaram a mudanças tangíveis na vida dos migrantes e na percepção da comunidade local. A criação de espaços seguros, como a Casa Mater Dei em Siracusa, ofereceu não apenas abrigo físico, mas também um local de encontro e intercâmbio cultural. A promoção da autonomia, como evidenciado pela alfaiataria 'FREDERIK', demonstrou que a capacitação econômica contribui significativamente para a integração social e laboral.

Entretanto, ficou claro que a integração depende não apenas de estratégias locais, mas também da colaboração com instituições e com o ambiente ao redor. As dificuldades burocráticas no processo de integração, especialmente com relação ao acesso a serviços jurídicos e oportunidades de emprego, exigem um envolvimento contínuo em nível local e nacional.

Em termos de reflexões, está claro que o sucesso de tais estratégias exige monitoramento e adaptação constantes às mudanças na dinâmica da migração. A flexibilidade para responder às necessidades emergentes e adotar novas abordagens é fundamental para manter um impacto positivo no médio prazo.

As recomendações de médio prazo incluem o fortalecimento de redes de colaboração com instituições locais, organizações e outras congregações religiosas. Além disso, é essencial implementar programas de conscientização e treinamento para a comunidade local a fim de combater estereótipos e promover uma compreensão mais profunda dos desafios

enfrentados pelos migrantes. As lições aprendidas indicam a necessidade de uma abordagem holística, incluindo a dimensão social, cultural e burocrática, para promover uma integração eficaz. Com o compromisso contínuo e a adaptação permanente, espera-se que as estratégias delineadas continuem a moldar um futuro inclusivo e solidário para Siracusa e Messina.

Conclusão

O caminho para a integração e a recepção de migrantes em Siracusa e Messina envolveu dez anos de compromisso incansável e aprendizado contínuo. As estratégias delineadas, centradas na escuta, no foco em necessidades específicas e na promoção da autonomia, trouxeram mudanças significativas que vão além do aspecto material. A experiência adquirida com a implementação dessas abordagens reforçou a importância de considerar não apenas os desafios imediatos, mas também o contexto mais amplo no qual a integração ocorre.

É seguro dizer que a acolhida é mais do que um ato formal; é um abraço caloroso que se estende a todos, independentemente de origem, idioma ou credo. As Irmãs Missionárias Scalabrinianas em Siracusa e Messina incorporaram esse princípio, transformando desafios em oportunidades e demonstrando que a inclusão é um processo em evolução. As lições aprendidas não se referem apenas à necessidade de responder às necessidades imediatas dos migrantes, mas também de cultivar uma comunidade mais consciente e atenciosa.

Considerando o caminho percorrido, refletimos sobre o futuro. O caminho a seguir exigirá um compromisso contínuo com a promoção do entendimento e a superação de barreiras burocráticas. A criação de laços mais estreitos com instituições locais, a educação contínua da comunidade local e a adaptação de estratégias à nova dinâmica migratória serão essenciais para manter o impulso positivo.

Em conclusão, o caminho percorrido até agora é o ponto de partida para uma visão mais ampla de acolhimento e integração. As Irmãs Scalabrinianas, com sua dedicação, contribuíram para moldar um futuro mais brilhante, onde a humanidade, a diversidade e a solidariedade são os fundamentos de uma sociedade acolhedora. A esperança é que essa luz continue a irradiar nos corações de Siracusa, Messina e além, inspirando ações concretas e sustentadas para um futuro em que todos possam viver com dignidade e harmonia.

14 ANIMAÇÃO PASTORAL E COORDENAÇÃO ESTRATÉGICA OBSERVAÇÕES

*Ir. Marlene Wildner, mscs**

As comunicações sobre boas práticas que foram apresentadas se referem à atuação de Irmãs no âmbito da Macroestratégia número 3 das Diretrizes Gerais da Missão Apostólica das Irmãs mscs sobre a Animação e coordenação de pastoral junto a migrantes e refugiados e que se subdivide em 3 áreas específicas que são a evangelização e catequese; coordenação estratégica institucional e o serviço itinerante.

Passo então a fazer algumas considerações sobre o que foi apresentado com o intento de nos predispor à reflexão e debate que irá seguir iniciando pela apresentação da Ir. Carla sobre a Comissão Episcopal para Migrantes e Itinerantes de Angola e São Tomé – CEPAMI.

E aqui gostaria de iniciar me permitindo um preambulo sobre a presença MSCS em Angola, e especificamente na CEPAMI, que considero importante para entender o significado e a abrangência atual deste serviço na Igreja de Angola.

A CEPAMI é resultado de um trabalho minucioso de construção de relações institucionais (principalmente com os Bispos), com o intento de abrir o olhar da Igreja local para os migrantes e refugiados presentes em uma sociedade e igreja fragmentada por uma guerra civil de 40 anos. Sociedade que no período dessas articulações, que foi nos anos 2004 a 2006, era composta por 3 milhões de deslocados internos, e meio milhão de retornados, para além dos migrantes/refugiados que sempre estiveram presentes entre os angolanos, mesmo durante a guerra. Na altura, a Igreja ainda não tinha voltado um olhar específico para as necessidades pastorais dessa população.

Então, a COMISSÃO foi construída em um passo a passo minucioso e lento, com um olhar amplo, projetado para um futuro de uma sociedade

* Missionária Scalabriniana brasileira, com quase 20 anos de serviço e experiências em África. Estudou Ciências da Religião, com especialização em catequese. É Diretora Executiva da Associação do Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios, Brasília – Brasil.

que se levantava das cinzas e onde a Igreja, através da Comissão Episcopal para migrantes e refugiados, poderia ser uma ferramenta de integração de comunidades protagonistas de trajetórias tão diversas, capazes de, através da sua fé, ser sinal de esperança e reconstrução de uma sociedade dilacerada.

Foi isto que as Irmãs Scalabrinianas fizeram a partir de 2004. De fato, a CEPAMI é criação das Irmãs MSCS, que os Bispos de Angola e São Tomé acreditaram com o decreto de fundação, emanado em 2006.

A presença scalabriniana em Angola buscou desde o início ser uma ação estratégica que mirava responder ao desafio de como chegar e estruturar uma ação MSCS, que chegasse a muitos, fosse ampla, abrangente e pudesse se multiplicar pela formação de lideranças e estruturação da pastoral, considerando a presença reduzida de Irmãs.

A CEPAMI atual mostra, com seus resultados, que a intenção estratégica do início era pertinente e deu frutos. Fomos capazes de estruturar uma ação que por meio da formação de lideranças multiplicou ações de forma a tornar a atenção a migrantes e refugiados uma atuação orgânica, bem estruturada e abrangente, que tem hoje o reconhecimento e a visibilidade na Igreja Local.

Transparece muito bem ao longo de toda a explanação que as ações da CEPAMI buscam viabilizar condições para que as comunidades estejam abertas a acolher, proteger, promover e integrar migrantes e refugiados. No entanto, me parece que em alguns casos a CEPAMI enquanto órgão nacional (Comissão da Conferência Episcopal) implementa ações que talvez deveriam ficar a cargo das Comissões Diocesanas e paroquiais sendo apenas apoiadas pela CEPAMI, como por exemplo os cursos e formações administradas para as mulheres.

Não poderia deixar de ressaltar a Rede Angolana de Proteção de Migrantes e Refugiados que acredito seja um importante órgão de incidência e defesa para migrantes e refugiados, sobretudo diante dos órgãos públicos e autoridades governamentais. A rede exemplifica bem o modo de atuar da CEPAMI.

Por fim um aspecto que merece atenção é a sustentabilidade da Comissão, que conforme narrativa, depende ainda muito de ajudas internacionais, o que é um elemento que não só para Angola, mas para muitas de nossas presenças missionárias, continua sendo um desafio. A igreja local entrega em nossas mãos a sustentabilidade da missão e, de nossa parte, precisamos investir muito do nosso tempo, preocupações e esforços, na busca de apoio financeiro internacional.

Alemanha – Diocese de Rottenburg-Stuttgart

Diferentemente da apresentação anterior, a Igreja alemã dispõe de recursos humanos e financeiros significativos para o serviço pastoral, inclusive para a pastoral com os migrantes e já tem sua pastoral migratória estruturada capilarmente. A meu ver, a diferença de condição financeira e de recursos humanos é um elemento não irrelevante, pois permite que as pessoas encarregadas possam focar seu tempo e energias exclusivamente ao serviço às pessoas. Isso, lamentavelmente, ainda não é o caso das Igrejas locais em regiões/países como Angola. Me parece importante refletirmos sobre o impacto real de tais situações em âmbito eclesial/pastoral, pois incide nas estratégias de nossa atuação, uma vez que é necessário investir para a superação destas diferenças que afetam também a nós, como Congregação.

Outro elemento significativo que gostaria de relevar neste caso é que são 50 anos de presença entre os migrantes/refugiados na Igreja Alemã e na maior parte deste tempo dedicado no serviço direto com as pessoas migrantes, principalmente migrantes italianos. A ampliação do serviço às diferentes nacionalidades, em conjunto com as comunidades locais, em uma perspectiva intercultural, são uma evolução positiva e estratégica para uma maior abrangência e qualificação de nossa presença.

Pela primeira vez na diocese de Rottenburg-Stuttgart a Igreja local confia a uma mulher e religiosa Scalabriniana a coordenação diocesana da pastoral para migrantes. Esta função de coordenação é uma ação multiplicadora, que chega às mais diversas culturas e nos permite desenvolver ao interno de toda a igreja local uma ação capaz de passar do étnico para o intercultural, em sintonia com o projeto que a igreja local se propõe e que nós MSCS temos potencial especializado para contribuir.

Neste contexto da reflexão, não ficou clara na apresentação, quanto nossa presença nesse nível de coordenação e formação, é capaz de ampliar a tenda da acolhida para pessoas e grupos das novas migrações para aquele país. A atenção específica às necessidades das diferentes gerações de migrantes são uma constante naquela diocese e nos perguntamos quanto podemos somar entre os serviços a nível de coordenação e a atenção direta, e para quais nacionalidades.

Já mencionei, mas quero reforçar que, no caso em análise, o processo de uma ação intercultural é tema e estratégia transversal que nossa ação como Missionárias Scalabrinianas sempre considera e promove, pois faz parte daquele protagonismo que usamos valorizar e promover entre os próprios migrantes e refugiados. No caso da Alemanha, já modelo pastoral adotado. Neste sentido vale ressaltar a importância das conferências anuais

dos agentes pastorais e lideranças das comunidades étnicas atendidas como também as articulações e a comunicação permanente com os delegados nacionais das principais comunidades étnicas para o intercâmbio de ideias, a definição de estratégias pastorais e a planificação das ações, inclusive a longo prazo.

E a Ir. Milva toca em um tema que por vezes esquecemos em nossas decisões, mas que me parece essencial para a qualificação de nossa ação pastoral com os migrantes enquanto Scalabrinianas, que é o perfil apropriado em relação ao tipo de função, ela diz “sou migrante, com experiência intercultural, formação teológica e religiosa”. Qualidades essenciais para a função que ocupa. E na mesma linha vai também o estudo em curso na diocese sobre o perfil dos sacerdotes a serem contratados para servir as comunidades migrantes.

E gostaria de terminar recolocando aqui o desafio que Ir. Milva coloca e que poderíamos também tomar para nossa reflexão: Como ajudar as comunidades que não falam o idioma local, neste caso alemão, a um nível de igualdade em direitos e deveres mantendo sua diversidade? E mais: o que podemos aprender dessa prática para outras realidades onde estamos na função de coordenação em nível local, diocesano ou nacional?

Dioceses de Messina e Siracusa, na Itália

Passamos da Coordenação Nacional de Angola e diocesana na Alemanha, para um atendimento capilar em comunidades interculturais, no sul da Itália. Vale destacar que as Irmãs MSCS desenvolvem um serviço integrado nas comunidades locais, com o apoio de voluntários e leigos comprometidos com a causa; se dá enfoque a serviços personalizados e dirigidos às diversas necessidades dos migrantes e, de acordo com a situação específica de cada diocese, voltados a facilitar e apoiar o processo de integração dos migrantes na sociedade e igreja local, fomentando a convivência harmoniosa. Serviço que se estende também aos estudantes internacionais, incluindo acompanhamento sociocultural e espiritual, assim como suporte para projeto de vida a médio e longo prazo.

Considero importante sublinhar que há uma atenção específica por parte das Irmãs de adaptar a ação às necessidades práticas dos migrantes e do contexto que as envolve, no âmbito de um compromisso por elas assumido de construir uma pastoral intercultural, como modelo há anos adotado naquela diocese. Me parece ser este um aspecto interessante de aprofundamento em nossa reflexão quanto aos estilos e modelos eclesiais que adotamos de fato em nossas práticas pastorais.

As Irmãs se colocam no espaço eclesial e social com o objetivo de garantir apoio essencial a quem se encontra em situação de vulnerabilidade e, desta forma, com sua ação, no conjunto da pastoral orgânica da igreja local, são um sinal de alerta para a Igreja sobre sua responsabilidade de acolhida e promoção de dignidade de seres humanos machucados que o mar joga no território destas igrejas locais, vivos e mortos, como que um grito da desigualdade e da injustiça no mundo inclusive, por vezes, no mundo cristão. Com sua atuação, elas também mostram capacidade de escuta, interação e aportes específicos à igreja que as acolheu como missionárias para os migrantes.

Outro elemento que me parece interessante destacar é que no serviço com os estudantes internacionais as Irmãs buscam não só facilitar o processo de integração, mas melhorar, tornar positiva a experiência migratória dos estudantes para este território. Me parece significativo este aspecto de tornar a experiência da migração uma experiência positiva e não apenas facilitar uma sobrevivência. Elas apontam como um caminho a construção de pontes culturais por meio da integração entre migrantes e comunidades de acolhida e a difusão de valores de solidariedade e compreensão entre diferentes. A acolhida em espaço físico é entendida como oportunidade de encontro e intercâmbio cultural. Queria que nossas paróquias, onde há migrantes e refugiados, tivessem esse tipo de abordagem!

A apresentação destaca também que ao interno do conjunto de ações, mulheres e crianças recebem atenção específica de acordo com suas necessidades e a escuta das histórias de migrantes encarcerados. Nossa prioridade como congregação, transversal ao trabalho que as Irmãs realizam em Messina!

Por fim, de uma pastoral intercultural vale destacar a capacidade que tem de sensibilizar e capacitar a comunidade territorial para a acolhida e a convivência das diversidades que um território é capaz de esconder.

Finalizando, alguns questionamentos:

1. Sobre a coordenação estratégica há tempo nos perguntamos se podemos sair do binário:
 - a. ou os bispos nos querem porque nos delegam tudo, como ainda em alguns casos;
 - b. ou nos suportam por um tempo, mas não nos reconhecem como competência, nem como carisma e menos ainda como mulheres que assumem efetiva liderança eclesial.

E se a isso, somamos nossas carências na capacidade de manter perfis humanos e profissionais adequados, qual nossa perspectiva para esse tipo

de atuação estratégica? Esses questionamentos urgem porque, de fato, deixamos várias coordenações em dioceses e conferências episcopais e não temos uma estratégia específica para a condução das atuais presenças nesse contexto.

Nos perguntamos: como a atuação de uma pastoral intercultural em contextos paroquiais e comunitários como os da Sicília, e a nossa ampla prática socio pastoral em atendimento a pessoas em situação de vulnerabilidade socioeconômica, podem reciprocamente enriquecer-se em processos de abordagem integral ao ser humano que amamos e servimos por vocação?

15 VIDA RELIGIOSA E PASTORAL DA MOBILIDADE HUMANA OBSERVAÇÕES

*Israel Arévalo**

No Relatório Síntese da primeira sessão da Assembleia Sinodal, dos 20 temas, o quarto, intitulado **Os pobres, protagonistas do caminho da Igreja**, começa afirmando: “Os pobres pedem amor à Igreja. Por amor entendemos o respeito, a acolhida e o reconhecimento, sem os quais dar comida, dinheiro ou serviços sociais é uma forma de assistência, certamente importante, mas que não leva em conta a dignidade da pessoa”. Neste V Seminário Congregacional sobre o Cuidado Pastoral dos Migrantes e Refugiados, aprecio e agradeço a apresentação das Melhores Práticas Scalabrinianas pelas Irmãs Carla Frey, Milva Caro e Vijaya Stella John, em relação à animação pastoral e à coordenação estratégica. Elas compartilharam suas experiências de formação: Na Coordenação Nacional da Pastoral da Mobilidade Humana em Angola, com a formação de líderes pastorais de migrantes e agentes da lei. No treinamento e na coordenação de pessoal em tempos de transição, Rumo a uma pastoral intercultural das migrações a nível diocesano, no sul da Alemanha, e na pastoral intercultural nas dioceses de Messina e Siracusa, na Itália.

Na descrição das boas práticas da **Missão CEPAMI em Angola**, destaco o objetivo de conscientizar sobre a importância de acolher migrantes e refugiados em solo angolano, como um espaço de abertura às diferenças e de crescimento no intercâmbio de culturas. E destaco as estratégias que adotaram para cumprir sua missão:

A Formação de Animadores da Pastoral das Migrações como oportunidade de apresentar aos responsáveis das arquidioceses os diferentes

* Colombiano, da Congregação da Missão – Missionários Vicentinos. É profissional em Ciências da Informação e Documentação e em Teologia. Tem uma licenciatura em Teologia Bíblica e é especialista em Gestão de Recursos Humanos. Atualmente é Capelão e Assessor Espiritual em Bogotá e Secretário Adjunto da CLAR.

temas e metodologias da pastoral do migrante para melhor responder aos desafios da missão.

A especificidade dos tópicos: organização e estrutura, metodologia, redes e parcerias, pessoas em situação de mobilidade, magistério da Igreja e pastoral da mobilidade humana, documentos pontifícios, espiritualidade e fundamentos bíblicos, leis de proteção dos direitos humanos no contexto migratório; tráfico humano; diretrizes para um secretariado diocesano/nacional da pastoral da mobilidade humana/planejamento/avaliação e as diretrizes da pastoral migratória intercultural; realidade migratória em Angola (migrantes e refugiados, migração contemporânea); serviço social da igreja e o perfil de liderança do animador da pastoral migratória, ilustram com autoridade todos os presentes e constituem uma experiência de referência para outras Congregações de Vida Religiosa, Conferências Nacionais de Religiosos e/ou comissões nacionais.

A diversidade do público com o qual trabalham nas dioceses e arquidioceses: sacerdotes, religiosos e, sobretudo, leigos comprometidos com a causa dos migrantes e refugiados, nos mostra um serviço interessante em chave sinodal.

O caráter humano, capacitador, de liderança e profissional da formação que oferecem é uma resposta profética, eficaz, ecumênica e inclusiva aos sinais dos tempos, e uma luz segura de esperança.

O treinamento de mulheres refugiadas em tópicos como: prevenção de doenças, questões de gênero, liderança, violência doméstica, gestão de conflitos, tráfico de pessoas, empoderamento das mulheres, empreendedorismo, geração de renda, entre outros, mostra a abordagem prática, oportuna e promocional de seus serviços.

As comemorações do Dia dos Migrantes e Refugiados, com feiras de arte com danças e comidas típicas de cada cultura, e os momentos de convivência para compartilhar as diferentes experiências vividas na jornada como migrantes, favorecem os processos de comunicação, a atenção personalizada e os processos de integração.

O apoio financeiro internacional e o vínculo com as embaixadas, que favorecem a solidariedade sustentável e interinstitucional.

Da experiência de **formação e coordenação do pessoal em tempos de transição** da pastoral migratória da diocese de Rottenburg-Stuttgart, apresentada por Ir. Milva, destaco a existência de comunidades de imigrantes católicos de primeira, segunda e terceira geração, o que representa uma experiência de longa data, muito comprovada, profissionalizada e autorizada a se tornar um eixo fundamental da estrutura diocesana de coordenação da pastoral.

A experiência vocacional, carismática e pastoral de Ir. Milva, no serviço pastoral, social e humano, definida como uma ponte com a comunidade e a sociedade alemã, também é responsável pelo processo de reconfiguração das Irmãs Scalabrinianas, em conformidade com o mandato missionário de São João Batista Scalabrini de “manter viva a fé e a pátria para os migrantes em terras estrangeiras”; e pelo apreço da diocese pelo trabalho missionário das Irmãs. A resposta ao carisma e ao afeto das comunidades torna válida uma longa trajetória missionária e está em processo de permanente atualização da pastoral migratória, condensada nas Orientações e Diretrizes que há muito tempo vêm sendo discernidas.

O objetivo de construir a única família cristã com e em sua diversidade afirma a eclesialidade da Congregação e a catolicidade da Igreja. Aplaudo o esforço de TRABALHAR JUNTOS e de ajudar a igreja local a olhar para uma igreja sempre nova, que está sendo construída com, e não sem, os migrantes, como uma expressão de plena sinodalidade.

O fator determinante do contexto, que é altamente atraente para os migrantes de todo o mundo e de muitas religiões diferentes, é um ambiente multicultural que testa um missionário em sua formação humana, comunitária, teológica, religiosa e intercultural. Trata-se de aprender a ser migrante por vocação e, a partir dessa vocação e condição, desenvolver formadores de comunidades cristãs interculturais e de agentes pastorais e sacerdotes que assistem as comunidades cristãs de imigrantes em vários campos.

A responsabilidade de acompanhar e coordenar os recursos humanos que atendem de dezenas de grupos e comunidades: a gestão de conflitos e problemas de vários tipos; a organização e a realização de encontros, pelo menos três vezes por ano, por idiomas com várias comunidades, a italiana, a croata, a mista, e a do chamado “resto de Israel”, onde se trocam informações sobre a diocese e se discutem questões atuais, se preparam encontros diocesanos e várias outras atividades.

De grande responsabilidade, urgente e inadiável, e até mesmo incerto, é o trabalho da coordenação diocesana de reflexão, avaliação e planejamento para acertar os critérios a serem cumpridos pelos novos padres a serem recrutados para a pastoral da migração, seu nível linguístico, a ativação dos regulamentos diocesanos para a prevenção de abusos com padres estrangeiros que querem vir e não têm toda a documentação, o dilema: deixar uma comunidade sem padre ou admitir o padre sem documentos?

As Boas Práticas de **Pastoral Intercultural nas Dioceses de Messina e Siracusa**, na Itália, favorecem a integração entre migrantes, refugiados e estudantes internacionais com as Irmãs Scalabrinianas, a comunidade

local, voluntários e leigos nas duas dioceses: Messina e Siracusa, levando em conta suas características específicas: Em Messina, assistência a comunidades étnicas consolidadas e estudantes universitários, com serviços personalizados para promover a integração, a assistência social e a convivência harmoniosa. Em Siracusa, com assistência aos refugiados que chegam pelo Mar Mediterrâneo.

Da primeira macroestratégia, focada em Acolhimento e Emergência, destaco o foco de sua intervenção em situações de vulnerabilidade migratória, contribuindo para o bem-estar da comunidade local.

Na segunda macroestratégia, focada em Promoção e Integração, destaco seu compromisso em construir pontes culturais e promover a integração harmoniosa nas comunidades anfitriãs.

A terceira macroestratégia, dedicada à Evangelização e Coordenação Estratégica, destaca a importância de disseminar os valores de solidariedade e compreensão entre as diferentes comunidades envolvidas.

A quarta macroestratégia, com foco na priorização de mulheres e crianças migrantes, responde especificamente aos mais vulneráveis de nosso tempo.

Em diversos contextos, sempre encontramos fatores e situações que desempenham um papel fundamental em relação às condições do local de partida, bem como dos locais de trânsito e chegada, em busca de um futuro melhor; superando jornadas perigosas, barcos ou trens superlotados, fugindo de conflitos e perseguições. Novos locais de convergência cultural e novas comunidades multiétnicas estão sendo estabelecidas. A migração dos últimos anos representa um desafio para todos os continentes, para todos os países e em todas as dimensões e níveis da comunidade humana.

A partir da apresentação da terceira boa prática, destaco a abordagem flexível da metodologia, adaptada às emergências e aos desafios específicos dos jovens migrantes, oferecendo, além de acomodação temporária, apoio espiritual e psicológico, ajudando a mitigar o impacto da barreira cultural e linguística, e envolvendo professores voluntários para lidar com as dificuldades escolares, promovendo um ambiente de desafio, entusiasmo e crescimento pessoal, tornando a experiência da missão em Messina de vital importância no contexto local. Assim, essa missão não apenas responde a necessidades imediatas, mas também se compromete a ser uma defensora da inclusão social e econômica efetiva, reconhecendo a importância de compartilhar, transmitir e enriquecer-se com a diversidade cultural.

Nas perspectivas acima, fomos informados de que, em todas as latitudes do planeta, a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes é um dos serviços proféticos da Igreja Católica hoje. Vale a pena destacar o serviço

voluntário e gratuito com o qual, em muitos lugares, nossas irmãs e irmãos em condições de mobilidade são atendidos. As ações de acolhimento, proteção, promoção e integração trouxeram criatividade, especificidade e eficácia à Pastoral da Mobilidade Humana.

Essa realidade global está desafiando fronteiras, demografia, políticas governamentais, formas de socialização, tradições culturais, coesão familiar, formas de lidar com a vida cotidiana em termos de alimentação, empregabilidade, saúde, educação, transporte, acomodação etc. As mulheres migrantes são as mais vulneráveis.

Estamos presenciando um momento histórico muito especial e único devido às grandes mudanças demográficas, à surpreendente escassez de agentes pastorais e padres, ao ônus econômico dos imóveis, aos custos altíssimos com pessoal, diante de uma renda cada vez menor. Estamos migrando de um conceito e até mesmo de um sonho de uma “Igreja” que não existe mais, para uma que ainda não sabemos como definir e concretizar. Faço eco à pergunta: Como queremos que seja a Igreja de amanhã? Como queremos que seja a Vida Religiosa de amanhã? Como queremos que sejam as nações de amanhã? Como podemos integrar as coisas novas que estão surgindo, como podemos unir a diversidade?

Entre as lições aprendidas, está claro que a integração não depende apenas de estratégias locais, mas também da colaboração com instituições e com o ambiente ao redor.

Sempre há muito a ser feito... Precisamos estar sempre em movimento... em busca de soluções inovadoras e criativas para a vida digna dos migrantes. Uma chave para a remoção de barreiras é o diálogo aberto, fraterno, franco e respeitoso e a apreciação mútua. O caminho para a integração e a acolhida de migrantes envolveu muitos anos de engajamento incansável e aprendizado contínuo.

A recepção é mais do que um ato formal; é um abraço caloroso que se estende a todos, sem distinção de origem, idioma ou credo.

COMPAIXÃO EM FRONTEIRAS GEOGRÁFICAS E EXISTENCIAIS

(Ir. María de los Dolores Palencia Gómez, hsjl)

Como você responde a Deus pela compaixão que Ele lhe traz à vida todos os dias?

Como você aprende a ter compaixão diariamente?

Como a compaixão está mudando sua vida?

A que convicções sua experiência de compaixão o levou?

Qual é a sua experiência de encontro pessoal com o sofredor Jesus Cristo nos migrantes?

Como podemos construir pontes de acolhida e integração por meio das famílias carismáticas de nossas congregações e movimentos eclesiais?

Como desencadear processos de promoção vocacional em jovens migrantes?

Como canalizar a promoção e a produção de sabedoria e inteligência geradas pela experiência da migração?

16 SENSIBILIZAÇÃO, TRABALHO EM REDE E INCIDÊNCIA INCIDÊNCIA E FRATERNIDADE SOCIAL – ADVOCACY MSCS NA DEFESA E AMPLIAÇÃO DOS DIREITOS DOS MIGRANTES E REFUGIADOS

*Adriano Pistorello**

Introdução

A estratégia da MSCS é focada na transformação da realidade dos imigrantes e refugiados no Brasil, concentrando-se em garantir e assegurar direitos fundamentais. Este texto abrange desde a garantia de registro de nascimento para filhos de imigrantes, como também assegurar acesso à justiça, especialmente para aqueles que não podem arcar com os custos de tradução, por exemplo. Além disso, inclui o fomento de redes nacionais de cidades acolhedoras, e a instituição de políticas públicas específicas para a população migrante e refugiada.

Ainda, nas ações estratégicas os objetivos pautam-se em: assegurar direitos trabalhistas e esclarecer os direitos migratórios, por exemplo. Nesse contexto é essencial a estratégia na promoção da participação social ativa de imigrantes e refugiados e a contribuição significativa da sociedade civil na formulação da Política Nacional para a população migrante.

A incidência política, parte integral desta estratégia, é um processo simples, mas impactante, realizável tanto em níveis locais quanto regionais. O foco é a intenção de garantir e assegurar direitos, transformando realidades. As ações de curto prazo, centradas em esclarecimentos e capacitações, complementam as iniciativas de médio e longo prazo, como

* Leigo, pai de um menino de 12 anos. Formado em Direito pela Universidade de Caxias do Sul, com especialização em migração e refúgio, atuou como advogado do CAM e da Província Maria Mãe dos Migrantes na América do Sul e África. É professor da Universidade de Caxias do Sul e professor visitante da Universidade do Vale do Itajaí, colaborador do GAIRE/SAJU - UFRGS e do MIGRAIDH/UFSM, membro da coordenação do Fórum Permanente da Mobilidade Humana/RS e do COMIRAT-RS.

a participação ativa na segunda COMIGRAR – Conferência Nacional de Migrações e o trabalho contínuo na consolidação de políticas nacionais.

Além dos aspectos jurídicos, a estratégia da MSCS também enfatiza a importância do engajamento comunitário e a sensibilização da sociedade. Através da promoção da inclusão social e da coesão comunitária, busca-se melhorar a integração dos migrantes e aumentar a conscientização sobre suas questões. Este esforço é essencial para criar um ambiente acolhedor e inclusivo.

Adicionalmente, a estratégia envolve colaborações com outras organizações e entidades governamentais, buscando ampliar seu alcance e eficácia. Por meio de parcerias estratégicas, as Irmãs MSCS influenciam políticas públicas em diversos níveis, reforçando sua missão de assegurar direitos e melhorar a qualidade de vida de migrantes e refugiados/as.

A médio e longo prazo, nossa atuação inclui participar ativamente nas pré-conferências da COMIGRAR, bem como auxiliar na construção da Política Nacional para a População Migrante- PNPM, conforme estabelecido na nova Lei de Imigração, Lei 13445 de 2017. Essas ações são fundamentais para garantir que as necessidades e os direitos dos migrantes sejam representados e respeitados em todas as esferas de decisão.

Por fim, a estratégia de atuação é dinâmica e adaptável, respondendo às mudanças no cenário político e social. Isso permite uma abordagem proativa e eficaz na defesa dos direitos dos migrantes, garantindo que suas necessidades e desafios sejam adequadamente endereçados e solucionados.

Contexto

A atuação das Irmãs MSCS é contextualizada pela necessidade de intervenção em situações em que são negados registros de nascimento a brasileiros filhos de imigrantes. Em muitos casos, os documentos dos pais estão expirados devido ao fechamento de órgãos de registros, levando à retirada do direito constitucional à nacionalidade, seja por desconhecimento ou discriminação. A necessidade de atuar junto aos registros de pessoas naturais locais tornou-se evidente, especialmente diante do aumento do número de negativas por vários municípios.

Essa situação levou à necessidade de intervenção junto ao controle externo dos cartórios extrajudiciais, como exemplificado no Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul. Esta abordagem tornou-se um modelo para outros estados, como Minas Gerais e Rio de Janeiro.

A eficácia desta boa prática está na prevenção da condição de apatridia, assegurando o direito constitucional à nacionalidade brasileira.

Este contexto exigiu a organização de audiências públicas e a criação de grupos de trabalho para revisar a Consolidação das Normas de Registros Públicos, visando incluir critérios que garantam os direitos constitucionais.

Outro exemplo é a participação em seminários para a construção da Política Pública para a população migrante, que destacou-se como um pilar crucial. Nestes seminários, a congregação atuou ativamente no Grupo de Trabalho de Participação Social, apresentando propostas e critérios para assegurar a inclusão efetiva de imigrantes e refugiados, além de representantes de entidades da sociedade civil. Esta iniciativa permitiu uma abordagem mais holística e representativa, considerando as diversas experiências e necessidades da população migrante.

A contribuição da congregação MSCS nesse cenário foi essencial para moldar as diretrizes de uma política pública mais inclusiva e equitativa. Suas sugestões foram direcionadas para garantir que as vozes dos migrantes e refugiados fossem ouvidas e consideradas nas decisões políticas. Além disso, a congregação enfatizou a importância da colaboração entre o governo e as organizações da sociedade civil, promovendo uma sinergia que beneficia diretamente a população migrante e refugiada, e fortalece o tecido social e a coesão comunitária.

Durante o evento “Rede Nacional de Cidades Acolhedoras: Construindo territórios de cidadania”, a Congregação MSCS desempenhou um papel fundamental. Sua participação envolveu o engajamento ativo em seminários e grupos de trabalho, onde contribuiu significativamente para a formulação de estratégias e políticas públicas destinadas a migrantes e refugiados. A congregação focou em promover a inclusão e garantir os direitos dessas populações, destacando a importância da colaboração entre diferentes setores e níveis de governo para criar ambientes acolhedores e inclusivos.

Além disso, as Irmãs MSCS foram influentes na definição de diretrizes para a participação social de migrantes e refugiados, garantindo que suas vozes e necessidades fossem ouvidas e atendidas. Trabalharam para assegurar que as políticas públicas desenvolvidas refletissem um compromisso com a justiça e a igualdade, ressaltando a necessidade de sinergia entre as organizações da sociedade civil e os governos. Esta abordagem holística contribuiu para a construção de uma base sólida para a política nacional de acolhimento de migrantes e refugiados.

A atuação da congregação MSCS, focada na defesa dos direitos dos migrantes e refugiados, ilustra que não existe um modelo único ou uma regra fixa para intervenções sociais. Esta abordagem multifacetada permite atuar em diversas instâncias, sempre que se identifica violações

ou cerceamentos de direitos. A flexibilidade para adaptar-se a diferentes contextos e situações é fundamental para garantir que as necessidades específicas dessas populações sejam atendidas, dando voz a indivíduos frequentemente marginalizados e discriminados.

O contexto de atuação, seja no âmbito do acesso à cidade ou na ampla questão dos direitos de nacionalidade brasileira, evidencia a importância da luta constante pelos direitos humanos. Respeitando os preceitos da Constituição Brasileira, a congregação esforça-se para garantir que, exceto pelo direito ao voto, os migrantes desfrutem de todos os direitos atribuídos aos cidadãos nativos. Este compromisso reforça a busca por uma sociedade mais justa e igualitária, onde a dignidade de todos é respeitada e valorizada.

Descrição da boa prática

A boa prática em *advocacy* para migrantes e refugiados representa uma abordagem essencial e transformadora diante dos desafios enfrentados por essas populações. Esta prática não apenas remediara violações de direitos já ocorridas, mas também trabalha proativamente na prevenção de futuras injustiças. Envolve uma série de ações estratégicas e colaborações interdisciplinares, visando influenciar políticas, promover a conscientização e garantir uma melhor qualidade de vida para migrantes e refugiados. A seguir, será detalhada a metodologia, os atores envolvidos, as ações realizadas e os resultados alcançados, ilustrando a importância dessa prática no contexto local e mais amplo.

- 1. Identificação de Demandas:** Observar e identificar violações dos direitos de migrantes e refugiados, como negativas de registro de nascimento ou acessos restritos a serviços públicos.
- 2. Análise Detalhada:** Coletar informações detalhadas sobre cada caso, incluindo o contexto legal e social, e identificar as partes envolvidas e os mecanismos legais aplicáveis.
- 3. Mobilização de Recursos:** Formar coalizões com grupos de advocacia, ONGs e entidades governamentais, e mobilizar recursos financeiros, humanos e de informação necessários.
- 4. Construção de Agendas:** Planejar ações estratégicas, incluindo reuniões, audiências públicas e privadas, e campanhas de conscientização.
- 5. Ação Direta:** Realizar atividades como *lobby* junto a tomadores de decisão, participação em audiências, campanhas de mídia e litígios, quando necessário.

6. **Monitoramento e Avaliação:** Monitorar os resultados das ações, avaliar a eficácia e fazer ajustes conforme necessário.
7. **Educação e Sensibilização:** Promover workshops, seminários e outras atividades educativas sobre direitos migratórios e combate à xenofobia.
8. **Feedback e Adaptação:** Coletar feedback das partes envolvidas e adaptar estratégias para atender necessidades emergentes e mudanças no cenário legal e social.
9. **Pesquisa Ativa de Novas Demandas:** Investigar proativamente demandas emergentes entre a população migrante, como a necessidade de mediadores culturais.
10. **Integração Comunitária:** Engajar-se com comunidades locais, associações de bairro, colegiados e conselhos para entender e abordar necessidades específicas.
11. **Desenvolvimento de Parcerias Estratégicas:** Estabelecer colaborações com outras organizações e entidades para ampliar o alcance das ações.
12. **Capacitação e Empoderamento da Comunidade Migrante:** Incentivar a participação ativa dos migrantes na defesa de seus direitos.
13. **Comunicação Eficaz:** Utilizar múltiplas plataformas para comunicar informações, aumentar a conscientização sobre as questões migratórias e mobilizar apoio.
14. **Advocacy nos Espaços de Decisão:** Participar ativamente em conselhos municipais, estaduais e outros espaços de decisão para levar as demandas e casos de violação de direitos.
15. **Luta pelos Direitos Humanos:** Assegurar que, exceto pelo direito ao voto, os migrantes desfrutem de todos os direitos atribuídos aos cidadãos nativos, conforme a Constituição Brasileira.

Esta metodologia detalhada oferece uma abordagem abrangente e prática para ações de *advocacy* em benefício dos migrantes e refugiados, permitindo que qualquer pessoa ou organização possa replicá-la em diferentes contextos e regiões.

Para incluir todos os atores envolvidos em uma metodologia de *advocacy* para ações relacionadas a migrantes e refugiados, considerando o contexto inicial, devemos expandir a abordagem para englobar uma gama ampla de participantes. Isso inclui:

1. **Órgãos Governamentais:** Colaboração com secretarias, entidades governamentais e órgãos públicos para identificar e abordar as necessidades da população migrante.
2. **Judiciário:** Interação com juízes, desembargadores e outras autoridades judiciais para tratar casos de violações de direitos e buscar resoluções legais.
3. **Legislativo:** Engajamento com deputados federais e estaduais, vereadores e outros legisladores para influenciar a criação ou modificação de leis.
4. **Executivo:** Trabalho junto a prefeitos e secretários municipais para implementar políticas públicas locais.
5. **Organizações da Sociedade Civil:** Parceria com ONGs, grupos de advocacia, sindicatos e associações comunitárias para ampliar o alcance e a eficácia das ações.
6. **Comunidade Migrante e Refugiada:** Inclusão ativa dos próprios migrantes e refugiados no processo de advocacia, garantindo que suas vozes sejam ouvidas.
7. **Instituições Acadêmicas e de Pesquisa:** Colaboração para o desenvolvimento de pesquisas e dados que suportem as ações de advocacia.
8. **Mídia e Plataformas de Comunicação:** Uso estratégico da mídia para aumentar a conscientização e mobilizar o apoio público.
9. **Entidades Internacionais e Regionais:** Parceria com organizações internacionais e regionais que atuam na defesa dos direitos dos migrantes e refugiados.

Esta metodologia interdisciplinar e colaborativa garante uma abordagem holística e efetiva na defesa e promoção dos direitos de migrantes e refugiados, adaptável a diferentes contextos e regiões.

Perspectivas

As perspectivas e ensinamentos derivados da estratégia de *advocacy* para migrantes e refugiados revelam várias camadas de impacto. Primeiramente, a abordagem interdisciplinar adotada enfatiza a importância da colaboração entre diferentes setores, incluindo órgãos governamentais, organizações da sociedade civil e a própria comunidade migrante. Esta cooperação permite não apenas responder às violações de direitos, mas também trabalhar proativamente na prevenção de futuros desafios.

Em segundo lugar, a estratégia destaca a necessidade de manter uma vigilância contínua sobre as condições dos migrantes e refugiados, adaptando-se às mudanças nas circunstâncias sociais e legais. Isso inclui a continuidade no monitoramento de políticas públicas e práticas administrativas que possam impactar essas populações. Além disso, a educação e sensibilização contínuas da sociedade em geral são fundamentais para promover uma maior compreensão e aceitação dos migrantes e refugiados.

Terceiro, é crucial que as ações de *advocacy* sejam sustentáveis e tenham um foco a longo prazo. Isto significa construir e manter parcerias estratégicas duradouras, além de desenvolver capacidades nas comunidades migrantes para poderem defender seus próprios direitos eficazmente.

Por fim, recomenda-se a expansão das ações de *advocacy* para abranger não apenas questões legais e administrativas, mas também para incluir o combate à xenofobia e outras formas de discriminação. Esta abordagem holística e inclusiva é vital para garantir que todos os aspectos dos direitos e bem-estar dos migrantes e refugiados sejam adequadamente abordados e protegidos.

Conclusão

A importância do *advocacy* para a proteção dos direitos de migrantes e refugiados não pode ser subestimada. Trata-se de um processo aberto e acessível, onde ações individuais e coletivas convergem para combater violações e abusos. Esta abordagem democratiza a luta por justiça, permitindo que qualquer pessoa, independentemente do seu *background*, possa contribuir para desconstruir barreiras e conceitos discriminatórios.

A essência da *advocacy* reside na sua simplicidade e poder de inclusão. Não é necessário um planejamento complexo ou recursos abundantes; a força motriz é o desejo de criar um mundo mais justo e sem fronteiras. Cada esforço, por menor que seja, contribui significativamente para estabelecer comunidades mais inclusivas e respeitadas.

A *advocacy* eficaz transcende as tradicionais barreiras burocráticas, oferecendo uma plataforma para vozes marginalizadas serem ouvidas. Através dela, é possível questionar normas existentes, influenciar políticas públicas e promover uma mudança social positiva. É um chamado à ação para todos que buscam um mundo onde a dignidade e os direitos de todos são respeitados e valorizados.

Em suma, *advocacy* é um catalisador para a mudança social, uma ferramenta poderosa nas mãos de quem desafiará as coisas como são.

Ele encoraja a participação ativa na construção de uma sociedade mais equitativa, destacando que todos têm um papel vital a desempenhar na luta contra injustiças e na promoção de uma convivência harmoniosa e inclusiva.

17 SENSIBILIZAÇÃO, TRABALHO EM REDE E INCIDÊNCIA CRIAR, FOMENTAR E REFORÇAR AS REDES DE COLABORAÇÃO ATRAVÉS DA PROMOÇÃO DA EDUCAÇÃO INTERNACIONAL

*Ir. Marcedita Placio Saboga-a, mscs**

Esse tema foi escolhido para destacar o importante papel que os parceiros e colaboradores da rede desempenham no fornecimento de um forte apoio para o sucesso do projeto, bem como o poder transformador da educação na vida dos indivíduos e da sociedade em geral.

Seis anos após seu início, o Projeto Itinerante Scalabrini (ISP) - Taiwan demonstrou uma cooperação impressionante entre a equipe de liderança inicial da Delegação MSCS na Ásia e a Minghsin University of Science and Technology (MUST). Essa cooperação criou raízes em Hsinchu, Taiwan, no início do verão de junho de 2018, com as três representantes MSCS: Ir. Maruja S. Padre Juan, MSCS, Ir. Melanie D. Illana, MSCS, e Ir. Roschelle T. Isada, facilitada pelo Reitor do Escritório de Assuntos Internacionais e Transversais do Estreito da Universidade, Dr. Hsin-Te Liao. Esse empreendimento ressalta o poder das parcerias interculturais e multissetoriais para enfrentar os desafios globais de migração, educação e desenvolvimento industrial.

O Projeto Scalabrini Itinerante-Taiwan serve como uma ponte para estudantes filipinos carentes que se formaram no ensino médio com excelente desempenho acadêmico nas áreas de STEM (Ciência, Tecnologia,

* Missionária Scalabriniana, Filipina. Faz parte do conselho da Delegação da Ásia e da Comissão de Apostolado e é coordenadora executiva do Projeto Itinerante Scalabrini-Taiwan da Delegação MSCS da Ásia. Trabalha como assistente de projeto para o Programa de Parceria Academia-Indústria para estudantes internacionais (particularmente filipinos) da New South Bound Policy da Minghsin University of Science and Technology e como professora universitária no Departamento de Engenharia e Gestão Industrial.

Engenharia, Matemática) ou ABM (Contabilidade, Negócios, Gestão). Destina-se a alunos que demonstraram um desempenho acadêmico notável, mantendo uma média de 85 ou mais durante o 11º e 12º anos. A maioria dos alunos vem de diversas origens religiosas (católica, cristã e islâmica) em várias dioceses e outras igrejas nas Filipinas. No momento, 80% dos participantes de nosso programa vêm da Diocese de Tagum, na ilha de Mindanao.

A coordenadora executiva da ISP-Taiwan é a Ir. Marcedita Placio Saboga-a. Seu extensa formação pastoral e sua experiência missionária no exterior (nos EUA, México e Itália) aprimoraram sua capacidade de interagir efetivamente com pessoas de diversas origens culturais. O fato de ter obtido dois mestrados, um em contabilidade pela DePaul University, em Chicago, Illinois, EUA, em 2016, e outro em administração de empresas pela MingHsin University of Science and Technology, em Hsinchu, Taiwan, em 2022, equipou-a com amplo conhecimento e uma base sólida nos aspectos financeiros e de gerenciamento do projeto. Também aprofundou sua compreensão das operações comerciais e proporcionou uma visão dos sistemas educacionais de Taiwan e das Filipinas, diretamente relevantes para o Projeto Itinerante Scalabrini – Taiwan.

Introdução

Lançado em Taiwan no dia 25 de março de 2019, o Itinerant Scalabrini Project (ISP) é um projeto visionário que capacita jovens filipinos, especialmente aqueles com habilidades acadêmicas excepcionais, mas que não têm recursos suficientes para fazer estudos superiores em áreas tecnológicas no exterior. Seu plano educacional consiste em um esquema de trabalho-estudo orientado pela visão-missão das Irmãs MSCS e implementado pela MUST. A universidade anfitriã é onde os alunos cursam o programa acadêmico de quatro anos que leva ao Bacharelado em Engenharia e Gestão Industrial (BSIEM), aprovado pelo Ministério da Educação de Taiwan (MOE) em conexão com o projeto da Nova Política do Sul do Presidente de Taiwan. A proximidade da MUST com centros tecnológicos importantes e relevantes confere vantagens distintas aos nossos alunos para seu treinamento prático, já que eles realizam seu trabalho de estágio com remuneração.

Os objetivos do Projeto são: encontrar fortes redes de apoio de parcerias e colaboradores; garantir a sustentabilidade; criar oportunidades; expandir a missão; atender às diversas necessidades dos estudantes internacionais; estabilizar a presença scalabriniana; introduzir a espiritualidade scalabriniana; formar “Jovens Profissionais para Redes Scalabrinianas”; e

promover a vocação religiosa entre os trabalhadores migrantes estrangeiros, estudantes internacionais e ex-alunos do programa.

Análise do contexto

O cenário da migração em Taiwan tem se caracterizado por uma variedade de opções. Devido ao envelhecimento da população e às baixas taxas de natalidade, o governo taiwanês oferece vários caminhos de migração que atendem a várias categorias de migrantes, seja por meio de habilidades profissionais, estudo, investimento, empreendedorismo, casamento ou relações familiares. Essas medidas proativas visam atrair talentos internacionais e atenuar os impactos das variabilidades demográficas.

Em resposta ao corolário acima, a Política do Novo Sul foi introduzida pelo ex-presidente de Taiwan, Tsai Ing-Wen, como iniciativas estratégicas para promover e fortalecer as relações com os países vizinhos no sul da Ásia, sudeste da Ásia, Austrália e Nova Zelândia, promovendo a colaboração comercial, intercâmbios culturais e educacionais, compartilhamento de recursos e conectividade socioeconômica. O Programa de Parceria Acadêmico-Industrial da Nova Política do Sul para estudantes internacionais foi implementado e ofereceu aos estudantes internacionais melhores opções educacionais, oportunidades de idiomas, generoso auxílio financeiro e bolsas de estudo, aprimoramento da carreira, integração cultural e familiar e políticas bilaterais de apoio. Todos esses fatores contribuíram para tornar Taiwan um destino favorável para estudantes estrangeiros que buscam educação no exterior. Isso abriu as portas para a parceria entre a congregação MSCS e a MUST em relação ao programa de alcance educacional internacional, bem como para cumprir a missão do Projeto Itinerante Scalabrini de serviço e apoio aos migrantes. O ISP-Taiwan exemplifica a eficácia das redes de colaboração no fornecimento de educação internacional e apoio aos alunos. Sua criação e desenvolvimento trouxeram benefícios significativos não apenas para os alunos filipinos e suas respectivas famílias, mas também para a rede de parceiros e colaboradores, instituições educacionais, indústrias locais, igrejas e a sociedade em geral.

Além disso, sua força está em sua capacidade de estabelecer e promover redes fortes entre várias partes interessadas, incluindo instituições educacionais, embaixadas, paróquias locais, dioceses, instituições religiosas, organizações não governamentais e empresas industriais. Essa rede expansiva permite que a congregação MSCS amplie seu alcance,

garantindo um apoio mais abrangente aos migrantes, tanto aos estudantes estrangeiros quanto às famílias.

Portanto, os esforços de defesa desempenharam um papel crucial no aprimoramento das experiências educacionais dos estudantes estrangeiros em Taiwan. Nosso ISP-Taiwan traz benefícios para instituições educacionais como a Minghsin University of Science and Technology (MUST) ao criar um ambiente de apoio inclusivo para sua população de estudantes internacionais. Nosso envolvimento com redes de parceiros e colaboradores, como a Spes Pauperum Foundation, Inc (SPFI), Santa Isabel Community Development Project (SECDEP), Inc, SEDP-Simbag sa Pag-Asenso, Inc, entre outros, enriquece a visão-missão ao trazer perspectivas e experiências diversas para suas respectivas entidades, promovendo um ecossistema robusto de apoio.

Descrição da boa prática e da metodologia utilizada

As Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo, Scalabrinianas (MSCS) e a MingHsin University of Science and Technology (MUST) apresenta uma iniciativa inovadora e estratégica com o objetivo de promover oportunidades educacionais para estudantes filipinos em Taiwan. Essa colaboração focada na missão marca um esforço significativo para o Projeto Itinerante Scalabrini, facilitando o movimento de estudantes filipinos para buscar educação superior no exterior.

Em um contexto universitário de rede, a boa prática pode ser definida como um método que foi produto da experiência de aprendizado do ISP-Taiwan, que produz resultados favoráveis e tem um impacto positivo na vida dos beneficiários do programa. A seguir, apresentamos as boas práticas da ISP-Taiwan.

- a. **Estabelecimento de bom relacionamento**, conexões significativas e relacionamentos bem mantidos. Os relacionamentos são importantes e estão no cerne do trabalho em rede. A construção de relacionamentos sólidos, seja pessoal ou profissionalmente, pode agregar um valor significativo na jornada da vida. Reconectar-se com ex-empregadores, ex-colegas e amigos que pensam da mesma forma, compartilham os mesmos interesses e objetivos; conectar-se com indivíduos e organizações orientados por objetivos; e desenvolver o hábito de se comunicar e ter encontros regulares, como o envio de mensagens diretas, e-mails e telefonemas, são vitais para valorizar os vínculos, aprofundar os relacionamentos e manter relacionamentos genuínos que, muitas

vezes, podem levar a novas colaborações e oportunidades dentro do campo de interesses.

- b. Criar redes de colaboração e ampliar as conexões.** Para promover efetivamente o Projeto Itinerante Scalabrini-Taiwan, é essencial cultivar a colaboração com instituições religiosas locais nas Filipinas. Foram realizadas visitas de cortesia a arcebispos, bispos, padres e outras instituições religiosas em várias dioceses, paróquias e entidades religiosas a fim de obter apoio e promover a conscientização sobre as oportunidades disponíveis para os jovens por meio do programa de estudo e trabalho em Taiwan. Essa rede de parceiros e colaboradores fornecendo serviços de microfinanciamento contribuiu significativamente para tornar a educação no exterior mais acessível a estudantes de diversas origens econômicas e para aliviar a pressão financeira frequentemente enfrentada por estudantes estrangeiros.
- c. Uso do poder das redes sociais e da mídia.** Para o marketing promocional na era digital, o Scalabrini Itinerant Project-Taiwan continua a usar plataformas de mídia social e a criar uma página no Facebook para o programa, a fim de atrair uma variedade de candidatos e atingir um público mais amplo. Esses esforços digitais foram significativamente relevantes, especialmente durante a pandemia, e tiveram resultados favoráveis no interesse dos candidatos e na promoção do programa de trabalho-estudo.
- d. Auxiliar no processo de seleção e triagem de alunos.** O processo de seleção e triagem é uma das funções fundamentais do programa. Trabalhar em estreita colaboração com a MUST, desde a triagem do desempenho acadêmico dos alunos da 11ª e 12ª séries, até a elaboração dos critérios do exame de admissão de qualificação e a participação na seleção final dos candidatos para o programa de classes especiais a cada semestre, tem sido um trabalho árduo, mas gratificante.
- e. Oferecer orientação na preparação e processamento de documentos dos alunos.** Esse é um dos serviços essenciais que o ISP Taiwan tem prestado para garantir que os alunos atendam a todos os requisitos necessários em sua solicitação de visto de estudante.
- f. Transmissão de valores e treinamentos holísticos e distribuição de tarefas.** Enquanto aguardam a emissão do visto de estudante e permanecem em um só lugar, as Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo - Scalabrinianas estão transmitindo valores e

treinamentos holísticos e delegando algumas tarefas como parte do programa do Projeto Itinerante Scalabrini – Taiwan. Essas atividades ajudam os alunos e as Irmãs Scalabrinianas envolvidas em sua integração, desenvolvimento pessoal, bem-estar psicossocial, saúde mental e crescimento espiritual.

- g. Fornecer orientação pré-viagem.** Essa atividade pode preparar melhor os alunos para sua viagem educacional ao exterior. Esse programa abrange dicas práticas de viagem; procedimentos de aeroporto e imigração; perfil geral do país de destino; saúde, segurança e técnicas de adaptação; sensibilidade cultural; programas e serviços governamentais; assimilação e dicas úteis para viver no país anfitrião.
- h. Coordenar e implementar o Programa de Colaboração Acadêmico-Industrial.** A missão central do Projeto Itinerante Scalabrini é coordenar, supervisionar e implementar o estudo conjunto e o programa de trabalho com a MUST e empresas industriais parceiras em Hsinchu, Taiwan. Isso inclui o monitoramento do progresso acadêmico dos alunos e visitas às empresas para ver a integração dos alunos no local de trabalho, onde eles têm empregos de meio período, empregos de verão, empregos de inverno e estágios.
- i. Atender às diversas necessidades, ao desenvolvimento geral e ao bem-estar dos alunos.** Atender às diversas necessidades dos alunos, tais como as dimensões física, psicossocial, mental, emocional e espiritual para seu desenvolvimento e bem-estar geral significa estar disponível para apoiar, aconselhar e intervir quando necessário para seu crescimento e desenvolvimento holístico.
- j. Manter conexões com a família do aluno para responsabilidade compartilhada.** É essencial criar um sistema de comunicação para ajudar a manter as conexões familiares dos alunos. Trata-se de estabelecer parcerias e colaborações com os pais e membros da família, aumentando as interações significativas, o monitoramento e a orientação, o que ajuda profundamente o bem-estar do aluno e o sucesso do programa.
- k. Comunicar o progresso do programa às partes interessadas.** A comunicação contínua sobre o progresso e os marcos do Projeto Itinerante Scalabrini-Taiwan com as partes interessadas nas Filipinas e em Taiwan é vital e cultiva a confiança e a transparência com as redes de parceiros e colaboradores.
- l. Orientação, consultoria e mentoria da missão/apostolado.** Um fator importante que um missionário neófito precisa é ter um bom mentor de missão/apostolado. A comunicação, a consulta,

a orientação e a sabedoria constantes transmitidas pelo mentor proporcionam incentivo e confiança. Isso também aumenta a confiança, aumenta o conhecimento e as habilidades e melhora a autodescoberta.

Perspectiva e conclusão

A colaboração iniciada pelas Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo-Scalabrinianas (MSCS) com a MingHsin University of Science and Technology (MUST), a Spes Pauperum Foundation, Inc. (SPFI) e outras redes de colaboradores oferece recursos valiosos para a parceria internacional, fomentando o crescimento sustentável e promovendo a prosperidade mútua. Ele aprimora as competências interculturais, fortalece os laços entre as nações, abre as portas para a colaboração industrial, desenvolve uma força de trabalho qualificada e estimula o crescimento econômico por meio de níveis mais altos de inovação. Também enfatiza o poder das iniciativas educacionais voltadas para a comunidade e com mentalidade global, que podem levar ao desenvolvimento sustentável, enriquecer vidas e alcançar um futuro mais próspero para todas as partes interessadas envolvidas. As parcerias geralmente resultam em efeitos sinérgicos e sinodalidade, em que a combinação de recursos, conhecimentos e redes pode levar a melhores resultados.

A cooperação promove um ambiente propício para que a congregação MSCS avance em seus objetivos de forma mais eficaz, aproveitando os pontos fortes de cada rede de parceiros dentro dessa colaboração. Com o apoio contínuo da MUST, da SPFI, da SECDEP, da SEDP-Simbag sa Pag-asenso e de outras redes de parceiros em organizações de microfinanças baseadas em igrejas, a congregação MSCS pode realizar sua missão profundamente enraizada no serviço a migrantes, viajantes e pessoas marginalizadas em movimento com mais recursos e alcance internacional.

Considerando tudo isso, o Projeto Itinerante Scalabrini-Taiwan é uma ilustração notável de uma colaboração frutífera em apoio à migração e à defesa da educação internacional. Sua abordagem abrangente para fornecer assistência aos migrantes, aprimorar a experiência educacional dos estudantes internacionais, apoiar as indústrias locais e promover o desenvolvimento da comunidade local e internacional exemplifica o impacto de longo alcance do projeto, criando um efeito cascata positivo. Para concretizar todo o seu potencial, por meio de esforços contínuos de rede e defesa, o Scalabrini Itinerant Project deve, sem dúvida, continuar a produzir ondas positivas de mudança em diversos setores sociais em Taiwan e nas Filipinas.

18 SENSIBILIZAÇÃO, TRABALHO EM REDE E INCIDÊNCIA IDENTIDADE DA EDUCAÇÃO SCALABRINIANA

*Ir. Sandra Maria Pinheiro, mscs**
*Tiago Ubinski***

A “Rede de Educação Scalabriniana Integrada” (Rede ESI) é composta por treze colégios localizados no Brasil, nos estados de Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul, atendendo anualmente uma média de 8.500 estudantes na educação básica, de 1 a 17 anos, além de suas famílias, funcionários e colaboradores e toda a comunidade escolar ao seu entorno. Sua prática evangelizadora na vivência do carisma e do mandato missionário das Irmãs Missionárias Scalabrinianas perpassa os Componentes Curriculares e a rotina educativa através de diferentes programas, estratégias, metodologias ativas e do desenvolvimento de habilidades e competências, trabalhando sobretudo o aspecto da sensibilização dos envolvidos diante da realidade das migrações e do refúgio no Brasil e no mundo.

Embasados nas Sagradas Escrituras, na rica história da espiritualidade Scalabriniana e nos documentos que regem a educação brasileira, o “Projeto Político Pedagógico” (PPP) e as “Diretrizes da Pastoral Escolar Scalabriniana” (DPES) organizam e orientam o fazer educativo pastoral da Rede ESI. Neste relato, serão apresentados alguns dos projetos pedagógicos pastorais que impactam os estudantes, professores, funcionários e famílias sobre a temática das migrações e refúgio. Todos são coordenados pelas equipes da Pastoral Escolar de cada colégio, em articulação com a Direção, coordenação pedagógica e o corpo docente.

* Irmã Missionária Scalabriniana brasileira. Bacharel em Letras; MBA em Gestão Escolar; Especialização em Cultura e Mídia; Mestrado em Teologia. Coordenadora Geral da Rede ESI.

** Leigo, casado e pai de duas filhas. Graduado em Filosofia e Sociologia, com pós-graduações em Gestão de Pessoas, Marketing e Supervisão, Inspeção e Orientação Escolar. Atua na área da educação há 19 anos e há 11 anos é professor e Coordenador de Pastoral Escolar no Colégio ESI Nossa Senhora Auxiliadora em Cascavel, Paraná, Brasil.

Destaca-se neste trabalho: **Projeto 1:** “Coleção Identidade – valores para a vida!”; **Projeto 2:** Semana do Migrante: “Um migrante em minha casa”; **Projeto 3:** “Concurso Cultural: Redação, Música, Poesias e Desenhos”; **Projeto 4:** “Movimento Juventude Scalabriniana” – JUVESC.

Introdução

A Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo – Scalabrinianas assume a educação cristã como um meio para realizar a sua missão, através dos 13 colégios que compõe a **Rede de Educação Scalabriniana Integrada (Rede ESI)**, a fim de possibilitar ao ser humano um crescimento harmônico em todas suas dimensões, que o capacite para dar sua resposta consciente e livre como filho de Deus, ao projeto do Pai sobre si e sobre o mundo, onde está inserido na vida de família e na sociedade (cfr. NC 131).

As Escolas Scalabrinianas são centros geradores de cultura e, em sua dinâmica pedagógica, se caracterizam como espaço privilegiado de evangelização. Para tal, adota a pedagogia de Jesus Cristo e como filosofia própria os princípios evangélicos, as diretrizes da Igreja católica e da Congregação (cfr. NC 132), buscando produzir conhecimento que promova a vida e a dignidade das pessoas, sobretudo, daquelas mais pobres e necessitadas, com atitudes de acolhida, itinerância, respeito às diferenças e solidariedade como pilares à construção da cidadania universal.

Vale destacar que o grande objetivo da educação Scalabriniana é evangelizar a comunidade escolar despertando-a para o conhecimento e o seguimento de Jesus Cristo Peregrino por meio do processo educativo, à luz da evangélica opção preferencial pelos migrantes e refugiados, a fim de buscar a transformação social e a construção do Reino de Deus. Formar nos alunos a consciência sobre a realidade das migrações e sensibilizá-los para que possam dar sua contribuição em favor dos migrantes e se sintam corresponsáveis com esta missão.

Por isso, o currículo escolar scalabriniano é rico em elementos que buscam orientar o educando à solidariedade e ao amor, em relação a Deus, a si mesmo, aos irmãos e à natureza. Sua proposta pedagógica pastoral favorece a formação integral do ser humano e a sua integração no contexto sociocultural, capacitando-o a viver relações fraternas e a ser construtor de uma sociedade mais justa e solidária.

Contexto

Desde sua fundação, em 25 de outubro de 1895 por São João Batista Scalabrini, a Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo – Scalabrinianas assume um papel de protagonista no serviço evangélico, missionário e pastoral aos migrantes e refugiados. Em seu vasto campo de atuação a missão educativa sempre esteve presente, a começar pelos jovens nas colônias italianas, bem como dos órfãos e abandonados a fim de desenvolver a intelectualidade e a fé. Como dimensão específica da missão, a educação Scalabriniana visa aliar o conhecimento acadêmico e científico aos valores cristãos, sobretudo à humanização e sensibilização para o fenômeno migratório e seus desdobramentos (Rede ESI, 2018).

Ao longo da história da Congregação, de acordo com as necessidades locais, diferentes escolas foram surgindo como frentes de missão em diferentes cidades brasileiras, sobretudo, onde se estabeleciam diferentes grupos de imigrantes. De lá para cá, a educação passou a ocupar um espaço cada vez mais importante na missão Scalabriniana, no Brasil. A partir de 1996 as escolas foram organizadas como “Rede de Educação Scalabriniana Integrada” (Rede ESI).

Em 2018, a Rede reformulou o seu Projeto Político Pedagógico, reafirmando sua identidade educativa e estabelecendo os valores da acolhida, da itinerância, do respeito às diferenças, da comunhão na diversidade, da solidariedade, esperança e consciência ecológica, como pilares de todo o trabalho pedagógico realizado pelos educadores junto aos educandos, tendo sempre em vista o compromisso com os migrantes e refugiados. Neste mesmo ano, também foram elaboradas as “Diretrizes da Pastoral Escolar Scalabriniana”, a fim de aprimorar o trabalho de evangelização pastoral em seus aspectos teóricos e práticos.

Religiosas e leigos, pela educação, vivenciam o carisma que aponta para o olhar de Cristo aos migrantes, refugiados e todos aqueles que participam da mobilidade humana com suas vidas. Em Rede, são pensadas, partilhadas, discutidas e avaliadas as estratégias que nortearão a prática pastoral. Os colégios contam com pessoas que capitaneiam a ação evangelizadora, mas que é aplicada e vivenciada por toda a equipe permeando as ações pedagógicas vivenciadas nos espaços educativos. Miram a formação integral de seres humanos conscientes com a realidade sociocultural em que estão, para a transformação e construção de um mundo mais harmônico, justo e fraterno, a fim de que todos tenham vida e a tenham em abundância (Jo 10,10).

Mas como isso acontece na prática?

Nas Diretrizes da Pastoral Escolar Scalabriniana estão contidas as principais estratégias de atuação evangelizadora dentro das unidades escolares. Organizam as ações que são aplicadas e que visam a evangelização e a vivência do carisma. Promovem uma fundamentação teórica ligada diretamente à figura de Cristo e seu projeto de vida e na identidade e espiritualidade própria da missão Scalabriniana. Orientam a prática, a coleta dos resultados e a avaliação permanente.

Se dividem em 3 programas: do anúncio, do serviço solidário e dos momentos de diálogo e celebração. Cada programa aponta para grandes projetos que se efetivam por meio de atividades ligadas ao contexto de cada unidade e compartilhadas em Rede nas reuniões de partilha e avaliação entre todos aqueles que estão ligados diretamente à sua aplicação.

Desta forma a Educação Scalabriniana em pastoral, de orientação cristã e de caráter católico, se alicerça nos princípios do humanismo cristão, do carisma scalabriniano e das contribuições da ciência e da tecnologia. Está em consonância com a legislação vigente do Brasil, comprometida com a formação integral de um ser humano reflexivo, onde todos possam valorizar, reconhecer e respeitar as pessoas em seus diferentes credos, culturas e etnias, através de uma educação intercultural e inclusiva.

A seguir, serão apresentados alguns dos projetos trabalhados nas unidades escolares, como forma de sensibilização em relação ao carisma de serviço aos migrantes e refugiados.

Descrição das boas práticas

Projeto 1: COLEÇÃO IDENTIDADE – VALORES PARA A VIDA!

Participam deste projeto os educandos e suas famílias da Educação Infantil – níveis IV e V (4 – 5 anos) – e do Ensino Fundamental – Anos Iniciais (6 – 10 anos). O projeto é desenvolvido desde o ano de 2015, nos 13 colégios da Rede ESI, durante o decorrer de todo o ano escolar, sob a orientação dos educadores, da Coordenação Pedagógica e da Pastoral Escolar.

Tem o objetivo de contribuir com a divulgação da missão e carisma da Congregação fundamentada nos valores cristãos scalabrinianos promovendo uma educação de excelência, através da sensibilização para o compromisso com os migrantes e refugiados, a vivência evangélica dos valores e o compromisso com a promoção dos direitos humanos, da cidadania universal e do respeito para com os migrantes e refugiados.

O conteúdo da Coleção Identidade está distribuído ao longo de sete volumes, organizados a partir dos seguintes valores: *acolhida*;

solidariedade; respeito às diferenças e itinerância. A proposta é articulada a partir do Fundador e dos Cofundadores e por um grupo de crianças denominada *Turma do Bem*: Luca (Italiano); Kito (Moçambicano), Ajala (Indiana), Yani (Australiana) e Cauã (Brasileiro), representando a história e os valores Scalabrinianos, além da cultura de diferentes países.

Cada volume está dividido por capítulos que são trabalhados semanalmente, em horário na grade de aulas e está articulado a partir de atividades mobilizadoras e lúdicas, com breves textos, histórias, dinâmicas, atividades individuais e colaborativas seguindo um roteiro sequencial a partir da Educação Infantil (04 e 05 anos) seguindo pelo Ensino Fundamental dos anos iniciais (1º; 2º ; 3º; 4º; 5º anos). Se organiza através de uma continuidade progressiva, adequada ao espaço tempo de cada série. Neles se aprofundam o conteúdo sobre os valores, a relação e atitudes que estamos chamados a ter para com os irmãos migrantes e refugiados.

O material conta com um “Guia da Família” que trabalha os valores scalabrinianos que foram explicitados ao longo da coleção possibilitando maior compreensão e acompanhamento, por parte da família, sobre o processo de dinamização do conteúdo do livro do aluno. Também faz parte da coleção o “Manual do Educador”, para orientar o trabalho docente em sala de aula, no desenvolvimento do projeto, apresentando propostas e fornecendo diferentes recursos e estratégias. São confeccionados nas unidades bonecos do Fundador, Cofundadores e da “Turma do Bem”, bem como desenhos, fantoches, totens e outros materiais.

Como resultado prático, observa-se a visível participação e engajamento dos alunos, vivência dos valores na rotina de sala de aula com os professores e colegas, o desenvolvimento das habilidades socioemocionais e dos valores cristãos scalabrinianos.

Como resultados a longo prazo, espera-se que os alunos e famílias vivenciem a missão e os valores decorrentes do carisma Scalabriniano em suas vidas, sensíveis à temática migratória e do refúgio em contexto eclesial e sociocultural, promovendo relações saudáveis e de respeito às pessoas de diferentes credos, culturas e etnias, favorecendo uma educação intercultural. Além de formar líderes que possam incidir e transformar positivamente nossa sociedade, se desenvolvendo científica, tecnológica, humana, espiritual, social e culturalmente na perspectiva da educação integral com responsabilidade e “amor político” (*Fratelli Tutti*, n. 176-197) que impulsiona a construir o Reino de Deus na sociedade em geral.

Projeto 2: SEMANA DO MIGRANTE: “UM MIGRANTE EM MINHA CASA”

Este projeto acontece entre os meses de junho a setembro do ano letivo com os alunos das turmas do Ensino Fundamental dos anos iniciais, com participação das famílias, Coordenação Pedagógica e Coordenação Pastoral Escolar.

A partir da “Semana do Migrante” anualmente celebrada pela Igreja no Brasil e organizada pelo Serviço de Pastoral do Migrante (SPM) setor da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) são desenvolvidas diferentes atividades com o objetivo de sensibilizar os alunos para a acolhida aos migrantes, reconhecendo e respeitando suas diversidades culturais, promovendo atitudes de solidariedade, acolhimento, respeito e diálogo com as pessoas de diferentes culturas, religiões ou nacionalidades”.

Para iniciar o desenvolvimento deste projeto, cada classe recebe um casal de bonecos representando migrantes de um determinado país onde há a presença Scalabriniana. A partir daí, passam a pesquisar sobre a história, cultura, aspectos físicos, políticos, sociais e tudo o que envolve aquele país. Enquanto isso, registram sua pesquisa em um “Diário de Bordo” que acompanha o casal de bonecos migrantes da turma. Cada aluno é convidado a levar para sua casa os bonecos e compartilhar com a família as informações pesquisadas pela turma, além de colher elementos novos sobre a migração naquele país e registrar no Diário de Bordo.

Durante a realização do projeto, os alunos também são convidados a conhecer a diversidade cultural da sociedade brasileira, relacionando aspectos da sua identidade individual, de seus colegas e pessoas conhecidas com as heranças culturais de acordo com o país de origem de suas famílias”. Pesquisam sobre os movimentos migratórios, suas causas e consequências na realidade de sua família e cidade.

Para tanto, os educandos se utilizam de diferentes meios e ferramentas para pesquisa, como: conversa sobre a origem das próprias famílias, entrevistas, pesquisa nas bibliotecas, livros, jornais, fotos, documentos de registro, ilustrações, vídeos, textos informativos e outros. Produzem a “Árvore Genealógica Migratória” da própria família, a fim de perceber que todos somos migrantes. Colaboram com esse trabalho palestrantes que falam sobre as temáticas das migrações históricas e do presente atual. Muitos são os migrantes que neste momento são convidados para vir conversar com os alunos sobre sua história migratória, as dificuldades enfrentadas e seu aporte cultural à sociedade brasileira.

A culminância do projeto acontece com a socialização de tudo que foi pesquisado, discutido e produzido pelos alunos. Cada turma organiza uma

exposição com as informações daquele país, bandeira, culinária, vestimentas e costumes típicos, além de apresentar a história de migração da própria família. Toda comunidade escolar é convidada a visitar a exposição que acontece dentro do Colégio. Como gesto concreto, é feita uma Campanha de Arrecadação de Alimentos que são destinados às famílias de migrantes da cidade.

Projeto 3: CONCURSO CULTURAL: REDAÇÃO, MÚSICA, POESIA E DESENHO

O Concurso Cultural de Redação, Música, Poesia e Desenho objetiva propiciar aos alunos um aprofundamento do conhecimento e reflexão sobre o carisma e a missão de serviço aos migrantes e refugiados, no Brasil e no mundo, de forma crítica, dinâmica e criativa. É dirigido a todos os alunos do Ensino Fundamental e Ensino Médio das escolas que compõem a Rede ESI, acontece durante o ano letivo em um período determinado pela organização.

Inicialmente, é feito um evento com os Diretores, a equipe pedagógica e professores dos 13 colégios da Rede ESI, para a organização e divulgação do projeto. Em seguida, cada unidade passa a trabalhar a temática – sempre ligada à migração – organizando a pesquisa e produção dos alunos da seguinte forma: desenho para os 1º e 2º Anos, poesias para os 3º, 4º e 5º Anos, música para as turmas do 6º ao 9º Ano e redação para as três séries do Ensino Médio.

Os alunos são orientados pelos professores durante suas produções. Após a entrega, uma comissão julgadora de cada Colégio seleciona os três melhores trabalhos de cada modalidade. Após a premiação local, os trabalhos vencedores são encaminhados para a Comissão Central da Rede ESI e à Comissão Julgadora, em formato de texto, áudio, podcasts e vídeos. São avaliadas a originalidade de cada produção, criatividade, senso crítico, adequação e coerência ao tema, coerência das informações e a ligação com o carisma e a espiritualidade Scalabriniana.

A Comissão Julgadora divulga os resultados para os colégios dos 3 primeiros classificados da Rede ESI, em cada categoria. Todos os alunos participantes recebem um certificado de participação como reconhecimento pelos seus trabalhos. Aos ganhadores dos 3 primeiros lugares de cada categoria, são entregues as medalhas de ouro, prata e bronze para cada categoria.

Na conclusão do projeto, é feita uma live na qual apresentamos os primeiros lugares de cada categoria, dos colégios, e fazemos uma fala sobre o tema do ano sobre a realidade das migrações. A Rede ESI prepara

a divulgação e publicação dos textos, áudios e vídeos das Redações, Músicas, Poesias e Desenhos em um livro específico, que é entregue para cada família, e também, dispõe o material com o resultado final nos Sites e nas Redes Sociais dos Colégios e também da Rede ESI.

Projeto 4: “MOVIMENTO JUVENTUDE SCALABRINIANA” – JUVESC

Este projeto foi iniciado no ano de 2022, e acontece durante o decorrer de todo o ano letivo, com encontros quinzenais, que são realizados no contraturno das aulas, para os alunos do Ensino Fundamental Anos Finais e alunos do Ensino Médio, envolvendo além dos alunos, as famílias, Coordenação Pedagógica e Coordenação da Pastoral Escolar.

Tem como objetivo proporcionar aos adolescentes e jovens momentos de encontro, reflexão e ampliação de conhecimento sobre os princípios e valores cristãos e scalabrinianos, com ênfase no desenvolvimento do autoconhecimento, respeito às diferenças e construção da cidadania universal. Além disso, visa desenvolver lideranças participativas e proativas para contribuir na construção de uma sociedade mais justa e solidária, destacando a importância de relações fraternas que respeitem diversas culturas, credos e etnias. O foco inclui a identificação do fenômeno das migrações e das dificuldades enfrentadas por migrantes e refugiados, buscando respostas de apoio e solidariedade, e promovendo ações sociais concretas em favor dessas populações vulneráveis.

Atualmente o Movimento JUVESC conta com a participação de uma média de 280 alunos em diferentes unidades, num crescente e forte movimento de Rede, no aprofundamento da missão e espiritualidade Scalabriniana. No final de 2023 foi realizado o primeiro encontro entre todos os grupos, de forma online, para a troca de experiências e a partilha da missão.

A expectativa é que em 2024 todas as unidades da Rede ESI possam contar com um grupo ativo da JUVESC e que a proposta de roteiro dos encontros articulada pela equipe da Pastoral Escolar seja enriquecida para subsidiar e ser aplicada de forma unificada por todos os grupos.

Perspectivas

Em um olhar apressado, pode-se pensar que a realidade cotidiana dos Colégios da Rede ESI está distante das pessoas que vivem a mobilidade humana já que a maior parte das famílias, alunos e funcionários atendidos não chegou até estes espaços como refugiados ou migrantes. Porém, é fundamental que, em todos os lugares em que alguém chegar, possa

encontrar condições de acolhimento e vida digna. Aí é que estarão os alunos, famílias e colaboradores que vivenciaram e foram impactados pela educação Scalabriniana.

Podemos afirmar que os projetos aqui apresentados são meios de promoção de uma educação de excelência, fundamentada nos valores cristãos scalabrinianos, e contribuem para a formação integral de cada sujeito com o intuito de preparar a sociedade para saber se comportar, com o olhar amoroso de Cristo, diante dos desafios de nosso tempo.

Como ensinamentos e contribuições dos projetos desenvolvidos pela educação Scalabriniana diante dos desafios das migrações a médio e longo prazo, pode-se citar a formação de uma sociedade mais acolhedora, solidária, que comungue das diferenças e tenha capacidade de sair de si mesma. Isso só será possível se seus cidadãos e suas lideranças forem pessoas maduras em suas relações, responsáveis pelo cuidado vigilante da casa comum, detentores de um amor político que transforma realidades de injustiça em locais de comunhão e que possam se reconhecer “migrantes entre os migrantes” sensíveis e conscientes dos valores do Evangelho.

Conclusão

Portanto, reafirma-se o importante papel que cumpre a Rede ESI e suas 13 unidades educativas para a missão Scalabriniana. Se por um lado são importantes centros de captação de recursos financeiros que ajudam a financiar a presença missionária das Irmãs MSCS em outras frentes, por outro, com a educação, concretiza a difusão do carisma para a solidificação dos valores do Reino na sociedade. Como diz Paulo Freire, “a educação transforma as pessoas e as pessoas transformam o mundo”.

Desta forma, pode-se afirmar que os projetos aqui apresentados respondem à sexta macroestratégia das “Diretrizes Gerais da Missão Scalabriniana” que trata da **Formação e Sensibilização**, a qual afirma: “na concretização de sua missão, as Irmãs MSCS, além da atuação direta junto a migrantes e refugiados/as, assim como junto a outras categorias de pessoas e grupos em situação de mobilidade, também contam com competência e ações que concretizam, estrategicamente, seu mandato missionário através da capacitação, da adesão e do envolvimento de muitas pessoas e organizações na causa da mobilidade humana, na Igreja e na sociedade”.

As experiências e projetos também buscam reconhecer e identificar a partir das histórias do Fundador e dos Cofundadores, o carisma e a missão da Congregação, a partir de metodologias ativas desenvolvidas pela Pastoral Escolar, a fim de consolidar a identidade confessional católica e missionária da Instituição.

Em um mundo marcado por divisões, egoísmo e exclusões onde o migrante e refugiado, na maioria das vezes é criminalizado e estigmatizado, a presença educativa Scalabriniana contribui significativamente para a reversão desta realidade. Parte da sensibilização dos educadores e educandos para que estes possam difundir na comunidade os valores da acolhida, solidariedade, do respeito às diferenças, da interculturalidade e da visibilidade cristã do fenômeno migratório em defesa dos direitos humanos em todos os espaços da sociedade.

19 SENSIBILIZAÇÃO, TRABALHO EM REDE E INCIDÊNCIA OBSERVAÇÕES

*Ir. Leticia Gutierrez Valderrama, mscs**

Li com muita atenção as três práticas apresentadas e estou convencida de que a mobilidade humana, em todas as suas categorias “migrantes, refugiados, vítimas de tráfico, estudantes internacionais, pessoas deslocadas, etc.”, pode ser um princípio fundamental para a construção da humanidade que queremos, neste século e nas gerações vindouras.

Mais uma vez corroboramos nossa visão e o compromisso evangélico de ver o ser humano como um todo, de forma holística, hoje, com as três boas práticas, confirmamos que estar ao lado dos migrantes e refugiados não é apenas um discurso, mas uma ação e uma política de nosso trabalho missionário scalabriniano.

Entrar no mundo da educação, seja na educação privada (por meio da rede ESI) ou no mundo dos estudantes estrangeiros (por meio do PSI), é entrar em outros espaços que abrem o horizonte para a compreensão de que a realidade da migração e da mobilidade humana está imersa em muitos eventos da vida cotidiana e, ali, somos chamadas a ouvir os apelos que as realidades nos desafiam.

Quão importante é o sistema educacional que vocês estão desenvolvendo por meio da Rede ESI para se abrir aos valores da acolhida, itinerância, respeito/direito à diferença, comunhão na diversidade, solidariedade, esperança e consciência ecológica. Como eu disse no início, esses são princípios fundamentais que a mobilidade humana vem

* Missionária Scalabriniana, mexicana, é formada em Comércio Internacional pela Universidade de Guadalajara-México e em Filosofia Social, com especialização em Mobilidade Humana, pela Universidade Urbaniana, Roma-Itália, bem como Mestrado em Migração Internacional, pela Pontifícia Universidade de Comillas, Madri, Espanha. Ela atua como Delegada Diocesana para Migração, Diocese de Sigüenza-Guadalajara, Espanha, de 2018 a 2024.

nos ensinando e nos conscientizando de que é aqui que a humanidade pode ser delineada neste momento da história, em que é a nossa vez de ser e estar.

Gostaria que “inchallá”, como dizem os muçulmanos, que esses princípios não fossem ensinados apenas na educação privada, como a desenvolvida por nossas escolas. Penso na oportunidade da incidência que estamos fazendo e imagino que isso poderia ser uma política pública de Estado; isso poderia ser o programa curricular oferecido por qualquer sistema educacional “pensando no Brasil ou em qualquer outro país”, que às vezes esquece a história da sua construção como nação, devido à migração interna ou internacional. Seria uma contribuição à humanidade que as Irmãs Scalabrinianas oferecem para a construção dessa nova humanidade que estamos nos tornando. Isso nos permitiria ter uma incidência mais macro, desprivatizar o olhar humanizador que já estamos oferecendo, porque esse olhar e essa consciência seriam uma práxis humanizadora não só em nossas escolas, mas em todas.

Pensei não apenas na projeção em nível nacional, mas também em nível internacional. Hoje, a humanidade e o sistema educacional global estão interessados na qualificação e na profissionalização dos alunos, na competitividade, mas nesses valores de abertura à diversidade, convivência e coesão social, é difícil. Veja a Europa, apesar de ser um continente rico, muito rico em diversidade cultural, dentro das escolas, embora se trabalhe mais na assimilação do sistema educacional que cada país oferece, em termos de coesão social e convivência há muito o que trabalhar, porque o *bullying* escolar ainda é alto, por isso, ao ler essa experiência de educação específica scalabriniana, implemente-a em nível global, acredito que seria uma grande contribuição para a humanidade.

Quanto à nossa imersão no mundo dos estudantes estrangeiros, é outra realidade que exige uma abordagem holística e crítica mais ampla. E não apenas a partir de uma abordagem de amizade social. As novas formas de migração regularizada por meio da seleção de estudantes internacionais para atender à demanda da iniciativa privada têm outros desafios, de acordo com as necessidades enfrentadas pelos estudantes em sua experiência fora de um contexto familiar e na projeção para uma futura vida profissional.

Da experiência, destaco a presença das irmãs no networking para a seleção de alunos com altíssimo desempenho acadêmico, obrigada por estarem ali, humanizando esses outros espaços.

Fico me perguntando se, dentro do acompanhamento e da proximidade que temos com os alunos estrangeiros, nos abrimos para a projeção do aluno depois que ele termina a especialização que está cursando em Taiwan, ou seja, se ele opta por ficar e procurar ofertas de emprego, nós

o acompanhamos, em toda a questão de documentação, regularização, integração, coesão social?

Se não abordarmos essa realidade, talvez seja uma janela de oportunidade para ouvir os gritos que os estudantes estrangeiros têm quando terminam seus estudos e começam a tomar decisões para o desenvolvimento de sua vida profissional.

As políticas de migração qualificada, embora tenham suas grandes vantagens, por causa da profissionalização dos estudantes, ainda têm muitas lacunas e preconceitos “porque também é considerada uma migração privilegiada”. Em termos de lacunas, os estudantes enfrentam uma série de complexidades quando terminam sua formação profissional, especialmente quando sua qualificação não terá campos de desenvolvimento em seu país de origem, forçando-os a optar por permanecer no país onde estão estudando. Sem uma oferta de trabalho segura, os estudantes internacionais correm o risco de permanecer em situação irregular como o restante da população e viver em condições precárias ou de subemprego, o que gera frustração. Por isso, o campo que se abre para a intervenção com os estudantes internacionais nos leva gradualmente a um conhecimento mais amplo das alegrias, esperanças e clamores que esse setor da mobilidade humana exige.

Com isso, quero dizer que entrar no campo dos estudantes estrangeiros, além de todo o trabalho humano, próximo e sororal que realizamos, exige que os acompanhemos antes, durante e depois de sua profissionalização acadêmica.

Com relação ao trabalho de *Advocacy* na transformação da realidade dos migrantes e refugiados que o Adriano apresentou, acho muito interessante o trabalho que está sendo feito em torno do *lobby* político, antes, durante e depois, muitos parabéns, acho que às vezes estamos atrasados em fazer *advocacy* por políticas migratórias. Essa participação me parece muito interessante, principalmente porque identificou muito bem as necessidades básicas e outras vezes mais complexas que exigem uma mudança de política de Estado para a dignidade do migrante e do refugiado.

Acredito que essa área deveria estar mais em comunhão com a Fundação, bem como com as outras áreas de *advocacy* que as várias Províncias têm, para que se possa propor mudanças em nível internacional, porque estamos apoiados na práxis, na teoria e também na leitura de que as migrações hoje fazem parte dos princípios fundadores da civilização no século XXI.

Conclusões

Continuar sendo mulheres políticas e imersas na política.

Continuar imersas e explorar o mundo dos estudantes estrangeiros, um campo ainda desconhecido e subvalorizado por ser considerado uma migração seletiva.

Compartilhar os princípios de acolhida e do direito à diversidade, à hospitalidade, à comunhão, a se tornar público, a ser uma contribuição para a humanidade em nível global.

A defesa deve ser feita antes, durante e depois dos projetos de migração pessoal e em grupo nas rotas de migração em que estamos presentes. É uma tarefa de curto, médio e longo prazo, em caráter permanente. Se quisermos estar lá, onde as políticas de migração são debatidas, discutidas e decididas.

20 SENSIBILIZAÇÃO, TRABALHO EM REDE E INCIDÊNCIA OBSERVAÇÕES

*Jorge Durand**

Meu comentário será de natureza mais geral, depois de vários dias ouvindo apresentações sobre o trabalho das Irmãs Scalabrinianas, em muitos países e em diferentes contextos. Como comentarista externo e dedicado às ciências sociais, pude confirmar um conhecimento bastante amplo e profundo sobre o tema da migração, tanto pela experiência pessoal de contato direto com os migrantes, quanto pelo manuseio de conceitos e categorias de análise do fenômeno da migração.

Nesse sentido, foi possível perceber que as irmãs, além de refletirem sobre o trabalho pastoral, também têm contribuições relevantes em termos de pesquisa, sistematização e publicação sobre questões migratórias, complementares às questões pastorais, que dialogam diretamente com o mundo acadêmico.

Após mais de 40 anos de trabalho como acadêmico, jornalista e ativista no campo da migração, pude confirmar que o método ideal para trabalhar com o tema é a “observação participante de longo prazo”. E, nesse sentido, as irmãs que estão em missões de contato direto com os migrantes cumprem perfeitamente essas qualidades metodológicas, como observação, no sentido sociológico e antropológico do termo; com participação, por causa de seu compromisso direto de trabalhar com os migrantes e aprender com a própria vida; e com longa duração, por causa dos anos e décadas em que trabalharam e puderam observar, contemplar, analisar e participar das mudanças que ocorrem nesse complexo processo de migração.

* Mexicano, antropólogo e professor-investigador do Departamento de Estudos dos Movimentos Sociais (DESMOS) da Universidade de Guadalajara e codiretor do Projeto Migrações Mexicanas (desde 1987) e do Projeto Migrações Latino-Americanas (desde 1996). É membro do Sistema Nacional de Investigadores (Nível III), da Academia Mexicana de Ciências, da Academia Nacional de Ciências dos Estados Unidos e da American Philosophical Society.

Em particular, gostaria de me referir às irmãs que trabalham na América Central, que detectaram a mudança radical do retorno migratório e decidiram sistematizar essa experiência de trabalho e do próprio fenômeno migratório.

Estou ciente de que é difícil encontrar tempo, na luta diária do trabalho pastoral com os migrantes, para transferir as informações diárias observadas no trabalho e no contato com os migrantes, em um diário de campo, entrevistas em profundidade, histórias de vida e até mesmo a formulação de políticas ou recomendações de políticas públicas.

Em alguns casos, essa possibilidade tem sido dada, mas acredito que as irmãs podem e devem sistematizar suas experiências e informações e entrar no debate acadêmico. O esforço da revista da REMHU deve incorporar o trabalho de campo e a sistematização acadêmica das irmãs, que têm a capacidade, a preocupação e o treinamento adequado para contribuir com o ambiente acadêmico a partir de sua própria fronteira.

Por exemplo, em conversas com as Irmãs, elas me disseram que haviam cuidado do mesmo migrante, primeiro em uma casa no Brasil, depois da mesma pessoa no México e, algum tempo depois, na Itália. Isso faz parte de um circuito migratório, não apenas transnacional, mas de dimensão global, que poderia muito bem ser o tema de um bom artigo acadêmico, que somente as irmãs podem documentar e analisar.

Muitos desses “dados soltos” se perdem nas conversas cotidianas e são muito relevantes para a compreensão do fenômeno, é necessário detectar as mudanças que estão ocorrendo nos diferentes contextos migratórios para entender melhor o que está acontecendo e o que pode ser feito.

O trabalho de assistência é muito importante, mas na equipe ou na região ou província deve haver pessoal especializado ou treinado para poder trabalhar em conjunto com as pessoas em ação direta. Assim como há uma reflexão sobre o cuidado pastoral com pessoal especializado, deve haver uma reflexão sobre a ação diária e o fenômeno social para que se possa dar respostas adequadas e depois socializar outros grupos com suas conclusões.

Não se trata de fornecer dados para um especialista publicar, é um trabalho de equipe e de reflexão, e se houver uma publicação, deve haver crédito para todos os que participaram.

QUARTA PARTE

RAZÕES DAS ESCOLHAS
ESTRATÉGICAS DA MISSÃO
DAS IRMÃS MISSIONÁRIAS
SCALABRINIANAS

RAZÕES DAS ESCOLHAS ESTRATÉGICAS DA MISSÃO MSCS

I PERSPECTIVAS MISSIONÁRIAS DA FAMÍLIA SCALABRINIANA

1 LEIGOS E LEIGAS MISSIONÁRIOS SCALABRINIANOS

*Isaias Pablo Klin Carlotto**

Nossa história recente

O Movimento LMS, “Obra Própria” da Congregação MSCS (Estatuto MLMS – Conclusão), tem seu início oficial registrado a partir do I Encontro Internacional em Fátima, Portugal, onde foram definidos: nome, organização, perfil e a espiritualidade do Movimento. Porém desde o ano 1993 já havia no interno da Congregação os ensaios para o que ali culminou.

Hoje, após 26 anos, 5 Encontros Internacionais e 7 Assembleias Gerais, o Movimento está estruturado em 11 grupos (países), 31 núcleos, com 334 LMS, sendo 115 efetivos (com a promessa).

Os grupos, formados por seus respectivos núcleos, em seus contextos e realidades, através de seus membros, procura formas de realizar sua missão – serviço evangélico ao migrante e refugiado – dentro de suas possibilidades e de acordo com a configuração local da mobilidade humana.

* Brasileiro, é formado em Filosofia, com licenciaturas em Psicologia, Sociologia e Filosofia, especialização em Metodologia e pós-graduação em Direitos Humanos, Ética e Educação. É professor aposentado e Coordenador Geral do Movimento LMS.

Em um momento histórico onde a migração tornou-se efervescente, por diversos motivos, mas principalmente a questão do refúgio muito proeminente devido às guerras e desastres naturais, fez com que este fenômeno alcançasse picos extraordinários. A Igreja, através de Papa Francisco, tem se manifestado continuamente para chamar a atenção e fornecer pistas de como amenizar o sofrimento desta população imensa obrigada a deslocar-se para salvaguardar suas vidas.

Nesta perspectiva, os membros do Movimento Leigos MS, também buscam responder da maneira o mais eficaz possível, dentro do material humano que dispomos, somando forças para “acolher, proteger, promover e integrar” estes inúmeros irmãos e irmãs em mobilidade.

As perspectivas missionárias que trazemos a partir de nossos núcleos/grupos são as seguintes:

Formação

Itinerários formativos que contemplem o previsto no Manual de Formação (três etapas – formação inicial), que se integram com o Estatuto. Buscar fomentar as diretrizes para a formação permanente. Manter a unidade nos processos formativos.

Apenas a existência de material não é garantidor de que se efetive a formação. O ato de entregar, ou mesmo ler ou falar sobre os assuntos não é eficiente. Pensamos em uma metodologia, uma pedagogia em que se possa internalizar, apropriar-se dos elementos concernentes e específicos do carisma scalabriniano.

Espiritualidade Scalabriniana

O Carisma Scalabriniano tem uma espiritualidade riquíssima. Buscar formas de a colocar em evidência. Cantos, orações, simbologias, celebrações, romarias leituras possíveis neste âmbito (biografias) devem ajudar o indivíduo a desenvolver o seu ser ajustado à proposta de caminhada scalabriniana.

É possível que neste campo possamos organizar roteiros que possam ir além das orações, novenas e tríduos circunstanciais por ocasião das datas comemorativas. Pensar em retiros, jornadas que integrem a família scalabriniana.

Promoção vocacional

Na diversidade do mundo que se apresenta em nossa realidade, ainda é válido que a melhor promoção vocacional é sempre o testemunho pessoal e comunitário. Nossas ações e como as empreendemos; o quanto nos empenhamos e como nos entregamos a elas irá despertar em outros o interesse de abraçar a mesma causa.

Superar a ideia de que somente os adolescentes e os jovens devem descobrir a sua vocação. Sentir o chamado de Deus é uma descoberta a ser feita. Há que se criar estratégias para descobrir novas vocações nas diferentes idades, etapas do desenvolvimento humano.

A nossa presença, como poderia se tornar um diferencial com apelo vocacional? No ambiente de trabalho profissional, nas comunidades, nas obras, nos eventos em que nos fazemos presentes, com as pessoas que encontramos, nos muitos encontros que são fomentados na atualidade, há que se ter presente a dimensão vocacional.

Discernimento vocacional

O discernimento vocacional é uma caminhada pessoal e intransferível. A proposta é garantir que a pessoa esteja inserida em um processo que preveja etapas nas dimensões pessoal, comunitária, eclesial e geossocial.

Despertar a vocação, dar condições para que o chamado de Deus se estabeleça na mente e no coração das pessoas é carregado com o compromisso de acompanhar os passos que são dados pela pessoa.

Importante o papel do formador como um mentor e não apenas um repassador de informações.

Missão e diversidade

Estamos em processos de transição de um tempo em que estávamos mais voltados às ações internas das nossas comunidades e paróquias: catequese, ministérios, pastorais e movimentos de igreja, para ações e atuações mais específicas suscitadas pelo carisma scalabriniano. Tempo para compreender e ajustar a percepção e noção da missão.

Levando em consideração este aspecto, devemos estar atentos que temos muitos/as scalabrinianos/as, adiantados em idade ou mesmo em realidades que não tem a latência da questão migratória. Surge sempre ali os questionamentos sobre se não estou na missão, ainda sou scalabriniano/a?

Identidade Scalabriniana

O que define o ser scalabriniano? Seria possível rever o que nos define como scalabrinianos? Para sermos missionários de fato, precisamos estar certos de nós mesmos enquanto ser no mundo, cristão, scalabriniano.

O perfil do LMS foi traçado no primeiro encontro internacional que aconteceu em Fátima no ano da Beatificação de Scalabrini. Resgatar e redimensionar com as percepções atualizadas.

Ser igreja – testemunho na ação

Ser Igreja é estar a serviço dos que mais sofrem. O migrante e refugiado vive a intensidade dos desafios de quem busca a realização de seu potencial humano. O mundo é sua pátria.

Núcleos e grupos são desafiados a terem uma ação específica e efetiva na relação com a causa migratória. Ou que a apoie, de alguma forma.

Comunicação

Em tempos em que as tecnologias favorecem, devemos potencializar nossas ações com comunicação interna mais eficiente, comunicação interorganizações mais pontuais.

Dar retorno ao que é recebido; repassar o que recebeu para quem somos articuladores; acompanhar, retomar, cobrar das lideranças esta dinamicidade que agiliza os processos.

Redes sociais

Multiplicaram-se os grupos, as participações, os envolvimento nas redes sociais. Quase todos temos perfis, páginas, canais... contudo pouca interação. Não descobrimos ainda o potencial do engajamento que pode ser gerado a partir de nós mesmos.

Publicações nossas têm poucas curtidas, quase nada de comentários, interatividade quase nula, visualizações talvez é o que nos salva, e o alcance é imensurável dado o número de pessoas em nossos perfis.

A Inteligência Artificial não está ainda a serviço do que lutamos. Só o maior envolvimento começará a mudar este cenário.

Hoje temos o exemplo da Província Maria, Mãe dos Migrantes com canal próprio. Com um potencial muito grande de conteúdos e que são poucos explorados no que tange visualização e compartilhamento.

Não basta só ter. Há que ser fermento, semente...

Preparação das lideranças

Esperar e identificar lideranças é um desafio. Que bênção quando aparecem pessoas com as habilidades e competências necessárias para a dinamicidade dos núcleos e grupos. Temos que despertar para preparar lideranças. Temos tempo de validade. A renovação das pessoas nos serviços é muito importante e salutar para o processo. Como fomentar lideranças? Como despertar os membros para assumir lideranças?

Um dos caminhos é a atuação das lideranças que no momento estão em seus postos. Encontrar caminho pessoal e comunitário para não cair na cilada de querer ser dono do posto. Querer se perpetuar nesta ou aquela atividade. Seguir o Estatuto que prevê tempo de atuação das lideranças.

Ecumenismo e diálogo religioso

Migrantes e refugiados são de diferentes culturas, tradições, costumes e religiões. Na sua dignidade humana é que são acolhidos. Necessário ter conhecimento sobre as outras igrejas e religiões.

Há um universo a ser acolhido nas vivências protagonizadas pelas pessoas. O outro, o diferente deve ser algo que vem para nos enriquecer.

Contudo, é necessário que estejamos convictos do que somos e, também, com conhecimento do que professamos, para poder partilhar, comungar e provocar crescimento.

Contexto migratório

Saber das causas e das consequências das migrações. Os avanços e as necessárias lutas a serem fomentadas nas diferentes realidades.

Seminários, encontros, congressos, online ou presenciais, fomentam a possibilidade de uma compreensão maior dos processos que passam os migrantes e refugiados.

Colocar no papel, pontuar, reunir informações, dados, gerar informação é hoje uma necessidade. Relatórios contextualizando, colhendo depoimentos. Dar voz aos que mais sofrem. Partilhar as iniciativas.

Estas iniciativas que sejam abertas às lideranças de outros segmentos que possam somar forças para gerar leis, oportunidades no campo do trabalho, habitação, educação e inserção da cultura local.

Acompanhar as comissões parlamentares (direitos humanos, mobilidade humana, educação...).

Missão: Voluntariado, ativismo e militância

Discernir qual o papel do Carisma Scalabriniano no contexto migratório. Não é um terreno/território (fronteira humana) só nosso. Nossas ações são ativismo, militância ou missão? Mesmo que seja voluntariado é necessário um comprometimento mais orgânico, para evitar a utilização do migrante para dizer ao mundo que fazemos alguma coisa.

Atuação em rede

Cada ação empreendida na sua singularidade deve ser compreendida como um complemento a que se está fazendo enquanto família scalabriniana na construção do Reino de Deus.

O carisma é nosso ponto de unidade e a partir dele podemos estabelecer unidade e/ou complementariedade de ações em prol dos migrantes e refugiados.

Assumir a representatividade nos eventos e dar encaminhamento das propostas assumidas nos coletivos aos demais segmentos do Movimento.

Testemunho de vida

Antes de mais nada o protagonismo individual deve ser visto e entendido como testemunho de vida. A missão é um campo de atuação de pessoas capazes de estarem a serviço do outro em suas necessidades.

O chamado de Deus que recebemos no batismo, requer um constante SIM que necessita em cada etapa da existência um redimensionamento. Discernimento que nasce da oração, que se estabelece na formação e encontra na ação a suas evidências.

Vivemos em comunidade, ou nos identificamos como grupos, núcleos, e ali, vivenciamos os valores e as virtudes do carisma scalabriniano, mas não podemos esquecer que tudo começa na adesão pessoal ao carisma.

Isso requer a postura de busca pessoal por formação, o cultivo particular da oração e a intensidade do ser nas ações.

Ser protagonista do seu processo de crescimento. Porque a realização de si mesmo é sempre uma conquista pessoal. A santidade nasce do desejo humano de buscar a perfeição, acolhendo suas imperfeições para transformá-las.

Propostas:

- Grupos e núcleos assumirem uma ação como elemento próprio para “acolher, proteger, promover e integrar” o migrante e refugiado.
- Sonhamos em estender nossa ação missionária buscando dialogar com a REDE ESI – Educação Scalabriniana Integrada – escolas scalabrinianas (Brasil), onde temos 4 Grupos ativos, para trabalho em conjunto com a Pastoral Escolar, objetivando envolver pais de alunos em ações direcionadas aos migrantes, além do que hoje é feito em termos de campanhas de arrecadação de roupas e alimentos e/ou palestras (como por exemplo: possibilidade de pais empresários oferecerem vagas de emprego para migrantes e refugiados; possibilidade de realização de uma feira onde os migrantes e refugiados possam trazer artefatos que produzem para sustento e/ou típicos de seus países de origem, oportunizando uma renda extra para eles).
- Identificar e ter proximidade com as organizações sociais, públicas e acadêmicas que por afinidades tratam sobre questões humanas de vulnerabilidade (crianças, idosos, mulheres, culturais).
- Sugerimos o apoio da Congregação, através do CSEM (ou outro) para que os LMS tenham acesso a material formativo com login e senha que permita avaliar o processo de formação individual de cada LMS, no Movimento.
- O Movimento, como “Obra Própria” da Congregação MSCS e devido às limitações de acompanhamento do Conselho Geral (distâncias, idioma, etc...) depende imensamente do apoio, incentivo e orientação das Irmãs Assistentes de Grupos e Núcleos. Sentimos que é necessário a conscientização do papel da Irmã Assistente e de que o Movimento existe porque foi e é DESEJO da

CONGREGAÇÃO, e portanto, deve ser assumido como projeto vocacional também, sendo divulgado e estimulado nas diversas obras da Congregação. Como promover o MLMS nestes locais (hospitais, escolas, etc?)

- Estratégias de proximidade da família Scalabriniana, partilha, comunhão deve ser planejadas para estreitar os laços que nos colocam a serviço e dão visibilidade ao Carisma Scalabriniano.
- Acompanhar as publicações que se faz sobre nossas ações, manter a interatividade com: curtir, comentar, compartilhar.

Conclusão

Para bem levarmos aos outros a esperança e lutar por condições de realização humana em um contexto de reconhecimento da dignidade de todos os seres, é necessário que estejamos preparados e agindo na unidade que nos faz ser mais eficientes e eficazes nas propostas que assumimos.

A adesão pessoal a este chamado estabelecido através do batismo, possibilita que os núcleos, grupos, comunidades se fortaleçam e possam gerar identificação, engajamento e fidelização.

O Carisma Scalabriniano tem um grande potencial na Igreja e no mundo. Este potencial se evidencia naquilo que fazemos nos diferentes contextos e se vislumbra no aumento constante desta fronteira humana vivenciada pelos migrantes e refugiados.

Os exemplos e testemunho de vida, fé e missão de Scalabrini, Assunta e Pe. Marchetti são as fontes de inspiração que nos aproximam de Jesus Cristo Peregrino através dos migrantes e refugiados.

2 MISSIONÁRIAS SECULARES SCALABRINIANAS

*Luisa Deponti**

A história do Instituto Secular das Missionárias Seculares Scalabrinianas começou 56 anos após a morte de São J. B. Scalabrini: em 1961, em Solothurn (Suíça), com Adelia Firetti, uma jovem professora de Piacenza (Itália), que veio para a Suíça a convite dos Missionários Scalabrinianos para ensinar os filhos dos migrantes e, nesse contexto migratório, descobriu sua vocação de consagração total a Deus em um modo de vida secular e migrante com os migrantes. Outras jovens missionárias se juntaram a ela, e a comunidade recebeu sua primeira aprovação em 1967 pelo bispo da Basileia. Em 1990, a Congregação para a Vida Consagrada em Roma aprovou nossas Constituições e erigiu nossa comunidade como um Instituto Secular de direito diocesano.

Somos o terceiro Instituto de Vida Consagrada da Família Scalabriniana e nos inspiramos em São J. B. Scalabrini e em sua visão profética da migração.

Atualmente, estamos presentes em várias cidades da Suíça, Alemanha, Itália, Brasil, México e Vietnã. Uma missionária está conhecendo a situação dos migrantes no Marrocos. Somos provenientes de oito países diferentes e vivemos em pequenas comunidades de missionárias de diferentes nacionalidades para dar testemunho da comunhão entre as diversidades no contexto da migração.

Como chegamos a escolher esses campos missionários?

Ouvindo os migrantes e suas histórias, as igrejas locais, a Família Scalabriniana, os membros do nosso Instituto, ouvindo o Espírito Santo em

* Missionária Secular Scalabriniana, de nacionalidade italiana. Estudou uma licenciatura em Literatura e Literatura Alemã e Inglesa e um mestrado em Migrações Internacionais. Desde 2018 continua a trabalhar na formação de migrantes e jovens no Centro Missionário Internacional Scalabrini na Cidade do México, também em colaboração com as Casas de Migrantes. Desde 2022 é coordenadora da seção "Estudantes Internacionais" da Dimensão Episcopal da Pastoral da Mobilidade Humana da Conferência Episcopal Mexicana.

todas essas vozes, especialmente tentando ser criativamente fiéis ao nosso carisma específico.

A seguir, apresentarei de forma resumida alguns aspectos que, de modo especial, são relevantes para nossa missão.

Opção preferencial pelos migrantes e refugiados mais pobres

No art. 7 de nossas Constituições, lemos: “Nossa espiritualidade é inspirada pelo Bispo J. B. Scalabrini, Pai e Apóstolo dos migrantes, e atinge sua plenitude na aceitação de Jesus crucificado, o Companheiro indivisível, reconhecido especialmente nos migrantes mais pobres e destituídos: “Eu era um estrangeiro e eles me acolheram” (Mt 25,35), e “Tudo o que fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” (Mt 25,40).

Compartilhando a vida com os migrantes e ouvindo a voz do Espírito Santo nos sinais dos tempos, seguindo o exemplo de Scalabrini, em nossos 63 anos de história, tentamos nos colocar a serviço dos mais pobres e “últimos” entre os migrantes, cujos rostos mudaram ao longo das décadas:

- no início: os trabalhadores do sul da Europa na Suíça e na Alemanha;
- depois, no Brasil, com migrantes internos e refugiados que fugiam das ditaduras na América Latina e, agora, colaborando com a *Missão Paz* entre migrantes e refugiados de vários continentes (venezuelanos, haitianos, afegãos, africanos...);
- na Alemanha, com migrantes turcos muçulmanos e, depois, com cristãos de países árabes fugindo de perseguição religiosa e com estudantes internacionais de países em desenvolvimento;
- na Suíça, entre refugiados e comunidades católicas de diferentes idiomas;
- na Itália, com migrantes irregulares e refugiados de várias partes do mundo; em 2013, alguns meses após a visita do Papa Francisco à ilha de Lampedusa, abrimos uma comunidade em Agrigento (Sicília), colaborando com a diocese à qual pertence essa ilha, um símbolo da tragédia do Mediterrâneo Central, um cemitério de migrantes;
- no México, primeiro com os migrantes detidos na Estação Migratória do CDMX e agora com os migrantes em trânsito, alojados nas Casas del Migrante, e com estudantes refugiados;
- no Vietnã: com migrantes internos e suas famílias;

- no Marrocos: com estudantes estrangeiros (católicos em meio a uma sociedade muçulmana) e migrantes em trânsito, vítimas dos muros que separam a África da Europa.

Ao ir ao encontro dos migrantes que mais sofrem, percebemos que a migração não é um fenômeno isolado: suas feridas nos falam das feridas da humanidade. “Não há uma crise global de refugiados, mas um mundo em crise que produz movimentos de refugiados”, escreveu o importante historiador alemão de migração Klaus Bade (*MiGazin*, 2015), quando milhares de refugiados sírios partiram, muitas vezes a pé, para chegar à Europa. Giovanni Battista Sacchetti (1918-1992), um sociólogo, usou a metáfora eficaz da “lupa” para falar da migração como um fenômeno que destaca os desafios e problemas que já existem nas sociedades e que dizem respeito a todos, não apenas aos migrantes. A migração forçada é um sintoma de injustiça, desigualdade, falta de democracia, violação dos direitos humanos, conflito, violência [...]. É a humanidade que está doente e em crise - e com ela o nosso planeta.

Portanto, é necessário intervir em um nível mais profundo e, ao longo de nossa história, aprendemos que uma das respostas fundamentais para os desafios da migração é priorizar a conscientização e o treinamento das pessoas: migrantes e habitantes locais.

A prioridade da conscientização e do treinamento de pessoas

De fato, é necessário olhar para a migração de uma forma que ajude todos a entendê-la de maneira mais objetiva e profunda e a promover decisões pessoais e comunitárias, intervenções políticas, econômicas, sociais e culturais eficazes e de longo prazo em favor da pessoa e do bem comum. Como escreveu o Papa Francisco: “Não se trata apenas de migrantes: trata-se da nossa humanidade [...]. Não se trata apenas de migrantes: trata-se de não excluir ninguém [...]. Não se trata apenas de migrantes: trata-se da pessoa inteira, de todas as pessoas” (Mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado, 2019).

Esse olhar sobre a migração que estamos tentando aprofundar vai além dos problemas: é o legado que São João Batista Scalabrini nos transmitiu. Scalabrini partiu da consciência de que a migração é frequentemente uma consequência da injustiça e causa grande sofrimento. Por esse motivo, ele interveio em vários níveis, social, político e religioso, em favor dos migrantes. Mas ele percebeu que no caminho da migração há uma novidade, uma semente do futuro. Nesse movimento, pode ser aberto um espaço no

qual indivíduos e povos se encontram e descobrem que pertencem à única família da humanidade. O objetivo final é uma humanidade fraterna, sem muros e migrações forçadas.

O Espírito Santo está trabalhando, mas são necessárias pessoas que estejam dispostas a se abrir para essa fraternidade universal. De fato, parece que quanto mais cresce a migração, mais aumentam os muros e a rejeição. O que é necessário, portanto, é um caminho de conversão, de abertura, acompanhado de conscientização e formação.

Portanto, nosso cuidado especial é fomentar a cultura do encontro e da solidariedade entre migrantes e nativos na igreja e na sociedade, valorizando também a riqueza da experiência de vida e de fé de cada grupo envolvido na mobilidade humana.

Por esse motivo, além das intervenções diretas em favor dos migrantes, também abrimos algumas das casas onde moramos como Centros Internacionais de Formação para promover o encontro entre os migrantes e a população local, em especial os jovens. Os Centros Internacionais não propõem um discurso sobre “migração”, mas um encontro com os migrantes e são como espaços de convivência entre as diversidades, baseados na fé e no amor universal de Deus.

Nessa perspectiva scalabriniana, os migrantes não podem ser considerados apenas como objetos de assistência social ou pastoral. Eles são sujeitos ativos e, se forem capacitados, colaboram para a realização de uma convivência nova e criativa na Igreja e na sociedade.

Missão entre os migrantes a partir da pessoa e de suas relações

Nós, Missionárias Seculares Scalabrinianas, somos reconhecidas como um Instituto Secular na Igreja: professamos os três conselhos evangélicos de castidade, pobreza e obediência em um vínculo estável, em virtude do qual doamos nossas vidas ao seguimento de Cristo na dimensão da secularidade, ou seja, como mulheres leigas no mundo, dando testemunho de dentro da sociedade e permanecendo em constante diálogo com ela.

Nosso carisma não se expressa em obras próprias estáveis, nem em um modo de vida especial que se distingue externamente dos outros. O carisma age por meio da pessoa e de seus relacionamentos nas situações e nos eventos comuns da vida.

Onde quer que vivamos, compartilhamos a vida comum de todos, também por meio de uma profissão em diferentes ambientes e contextos: entre nós há professoras, enfermeiras, médicas, pedagogas, assistentes pastorais, artistas, advogadas, sociólogas, teólogas, etc.

Em nossa jornada missionária, nos deixamos guiar passo a passo pelo coração universal de Scalabrini, pela centralidade apaixonada de Jesus Cristo em sua vida, por sua espiritualidade da encarnação, que nos leva a encontrar sentido na experiência da migração. O Verbo se fez carne para que sua vida pudesse estar o mais próximo possível de nós. Com a encarnação, Jesus assumiu toda a nossa vida humana, libertando-a e enchendo-a de ressurreição.

Sob essa luz, a espiritualidade secular é especificada como um estilo de presença, de estima pela pessoa, de conexão com o mundo, como uma vocação e um carisma de quem assume a vida em suas várias expressões humanas comuns, sociais, culturais, políticas, de dor, de esperança, de opressão, de protagonismo, experimentando já no amor a transformação da morte e da ressurreição de Jesus.

O que move a nossa vida é a vida do batismo, a vida de Jesus Crucificado e Ressuscitado, o mistério pascal do amor, que tem em si o poder de transformar tudo: a morte em vida, o ódio em amor, a dor em alegria, as dificuldades do caminho em oportunidades... para transformar a nós mesmos e as relações ao nosso redor. Scalabrini disse que Jesus Crucificado é o verdadeiro progresso da humanidade.

Scalabrini também enfatiza a centralidade da Eucaristia como fermento que pode penetrar na vida da Igreja, da história, da humanidade, para que ela possa se abrir progressivamente ao plano de Deus que quer nos reunir em um só corpo. Nossa vocação secular, de fato, nos envia como fermento e levedura a ambientes cada vez mais multiculturais, para contribuir, a partir de dentro, para uma mudança na sociedade, de modo que ela se torne mais fraterna, mais inclusiva.

J. B. Scalabrini viveu a Igreja como continuação da encarnação do Filho de Deus que se prolonga na história. Na Igreja, ele estava particularmente atento àquela lei da vida que é a comunhão. De fato, é precisamente a comunhão de todos os diferentes membros no único Corpo que é a beleza que a Igreja pode oferecer ao mundo.

Como escreveu o Superior Geral dos Missionários Scalabrinianos, Pe. Leonir Chiarello, em sua Mensagem para a Solenidade de São João Batista Scalabrini (“O misterioso cálice que se alterna”, 1º de junho de 2023): «As migrações são muitas vezes a revelação da ausência e não da presença de Deus. Para que as migrações manifestem plenamente o Deus que, de longe e inalcançável, se torna nosso próximo, devemos transformar a tristeza da rejeição na alegria da acolhida, o desespero sem futuro na alegria da esperança, o abandono da solidão em uma festa de comunhão, sempre armados de paciência e oração».

Perspectivas com as quais podemos sonhar como Família Scalabriniana

Durante a preparação para a canonização de São J. B. Scalabrini, como Família Scalabriniana, identificamos quatro temas que nos acompanham também neste tempo após a canonização e se tornam perspectivas que podemos sonhar juntos. Essas perspectivas se concentram em quatro aspectos que chamam a atenção para a atualidade da mensagem e da personalidade de São J. B. Scalabrini e que podemos continuar a aprofundar e a realizar em nossa missão com os migrantes:

Compaixão

Na vida de São J. B. Scalabrini, muitas decisões têm sua origem em um encontro. Em particular, diante do drama das pessoas que são obrigadas a deixar seu país em busca de uma vida mais digna, ele não fica indiferente, mas se deixa comover pela dor dos outros. É um convite para continuarmos a lutar contra a “cultura da indiferença”, que pode crescer em nós, na Igreja e na sociedade, e para nos deixarmos desafiar pelo grito dos mais pobres entre os migrantes.

Ação

A emoção de J. B. Scalabrini não é um sentimento estéril: ela gera nele uma ação incansável que o leva a intervir em múltiplos contextos, tornando-se “tudo para todas as pessoas”. Em particular, Scalabrini começou analisando as peripécias dos migrantes, documentando, estudando e conscientizando. Convidou bispos, sacerdotes, leigos, a Santa Sé, o governo e todas as pessoas de boa vontade a colaborar, porque “a caridade... não conhece partidos”. A Família Scalabriniana é chamada a continuar a sensibilizar e a envolver os atores eclesiais, governamentais e sociais, para que todos possam contribuir para a solução das causas das migrações forçadas e para uma gestão sempre mais humana dos movimentos migratórios.

Transmissão da fé

Seguindo o apostolado de Scalabrini e sua preocupação primordialmente pastoral com os migrantes, e em harmonia com os ensinamentos do Papa Francisco (*Evangelii Gaudium*) no caminho sinodal da Igreja em saída, não podemos esquecer que nossa principal tarefa é a evangelização, que

se realiza por meio da promoção humana dos migrantes, mas também anunciando-lhes o Evangelho e acolhendo e valorizando seu testemunho de fé para vivermos juntos a comunhão universal, dom do Espírito Santo, em um Pentecostes que se prolonga na história. Dessa forma, podemos dar uma contribuição fundamental para o caminho da fraternidade universal de toda a humanidade.

Uma visão profética da migração

O plano de Deus para a humanidade passa pelos eventos da história, dando-lhes um significado, uma nova direção. Olhando para a realidade com os olhos da fé, Scalabrini vislumbra essa possibilidade: até mesmo a realidade da migração, com todos os transtornos que ela acarreta, pode se tornar um espaço de encontro entre a ação de Deus e a resposta do homem. Por meio da migração, que une povos diferentes, podemos aprender a reconhecer que todos nós pertencemos à única família humana. Como Família Scalabriniana, temos a missão de anunciar essa visão profética à Igreja e à sociedade, tentando compreendê-la e vivê-la cada vez mais profundamente.

3 CONGREGAÇÃO DOS MISSIONÁRIOS DE SÃO CARLOS SCALABRINIANOS

*Pe. Leonir Chiarello, cs**

Em primeiro lugar, em nome do Governo Geral e de todos os confrades scalabrinianos, gostaria de agradecer a Ir. Neusa pelo convite para participar deste importante seminário congregacional.

Ir. Neusa sugeriu que eu apresentasse a contribuição dos Missionários Scalabrinianos nas perspectivas missionárias da Família Scalabriniana. Apresentarei nossa contribuição na perspectiva de revitalização de nosso carisma e renovação de nossa missão em sintonia com o processo da Igreja Sinodal, em comunhão e participação na missão da Igreja.

A partir dessa perspectiva, em nosso projeto missionário, definido no último Capítulo Geral, estabelecemos um itinerário de reflexão sobre nossa identidade e carisma e um itinerário de ação missionária e de formação inicial e permanente. Inspirados pelo encontro de Jesus ressuscitado com os discípulos de Emaús, os três primeiros anos de nossa jornada de reflexão entre nós, com os migrantes e refugiados e com as organizações eclesiais e sociais foram orientados por três temas: encontro, diálogo e proclamação. No quarto ano, em diálogo com os três Institutos, nos unimos como família na organização do Ano Scalabriniano, que culminou com a organização e a celebração da canonização de nosso Fundador. Considero a organização e a celebração da canonização como um dos momentos mais significativos da nossa comunhão e da partilha do nosso carisma com a missão da Igreja em favor dos migrantes e refugiados. Nas visitas canônicas que se seguiram à canonização, pude ver como a canonização de Scalabrini, bispo, fundador e inspirador, revitalizou a consciência da corresponsabilidade da Igreja no cuidado pastoral dos migrantes de forma integral e articulada entre as organizações eclesiais, as organizações da

* Missionário Scalabriniano brasileiro. Atualmente é o Superior Geral da Congregação Scalabriniana.

sociedade civil e os órgãos governamentais. O tema do quinto ano do itinerário de reflexão foi a espiritualidade scalabriniana, que culminou com o Congresso de Espiritualidade, do qual participaram representantes dos três institutos da Família Scalabriniana. O tema do último ano de nosso itinerário de reflexão é aquele que nos é proposto pelo Jubileu do próximo ano e que anima este seminário: peregrinos da esperança.

Com esse itinerário de reflexão, quisemos recordar (trazer ao coração) as fontes de nossa ação missionária, que é a vocação, o chamado de Deus, por meio de nosso fundador Scalabrini, para comungar e participar da missão da Igreja com nosso carisma e nossa espiritualidade específica. Encorajados pelo convite de São Paulo a Timóteo – “Lembro-te de revitalizar o carisma de Deus que está em ti” (2 Tm 1,6) – estamos embarcando em um processo de retorno às fontes e de revitalização do nosso carisma e da nossa espiritualidade, o que nos está levando a uma renovação da nossa missão junto aos migrantes, refugiados e marítimos e a uma revitalização do processo de formação, incluindo a animação vocacional.

Nesse processo de retorno ao carisma (dom de Deus à Igreja) e à espiritualidade do Bispo Scalabrini, que herdamos como Institutos, redescobrimos seu papel pioneiro na definição e implementação de uma resposta pastoral multifacetada e integral, incluindo ações de conscientização e defesa nas sociedades de origem (a primeira lei de migração da Itália) e de destino (visita a Roosevelt); promovendo uma leitura sociológica da migração; programas de acompanhamento integral dos migrantes, incluindo presença ativa e serviços religiosos e sociais nos locais de origem, no momento do embarque dos migrantes nos navios, acompanhamento durante a travessia oceânica com capelães a bordo, recepção nos portos de desembarque, inserção nas novas sociedades, com várias iniciativas, incluindo a abertura de igrejas, escolas, hospitais, orfanatos, cooperativas e muitas outras obras que os 3 institutos promovem hoje; a articulação eclesial em nível das Igrejas locais de origem (Itália) e de destino dos migrantes, através de frequentes comunicações e visitas aos Bispos dos Estados Unidos, Brasil e Argentina, e em nível da Santa Sé, propondo ao Papa e à Congregação Propaganda Fide a criação de uma Comissão Pontifícia para a coordenação da pastoral dos migrantes em nível mundial e a fundação dos Missionários e das Missionárias de São Carlos; a promoção de uma visão teológica da migração, reconhecida como um instrumento da Providência de Deus, por meio do qual o plano de Deus de unir todos os povos em uma única família humana é realizado.

Essa leitura da migração a partir de uma perspectiva providencial revela a visão clarividente de Scalabrini de um futuro de comunhão entre os povos e uma solicitude pastoral sem fronteiras étnicas e geográficas, o

que implica corresponsabilidade e colaboração ordinária entre as Igrejas locais de origem, trânsito, destino e retorno de migrantes e refugiados, bem como a responsabilidade da Igreja universal no desenvolvimento de um plano orgânico de resposta pastoral ao fenômeno da migração moderna.

Ao convidar seus sacerdotes a “saírem da sacristia” para se colocarem a serviço das diferentes necessidades sociais e pastorais das pessoas, inclusive dos migrantes, Scalabrini foi um precursor da “Igreja em movimento” proposta pelo Papa Francisco e, ao mesmo tempo, envolveu no cuidado pastoral dos migrantes não apenas as diferentes instâncias da Igreja, Scalabrini também é precursor de uma forma “sinodal” de engajamento com as pessoas em movimento, envolvendo não apenas os leigos, os padres, os bispos e o Papa, mas também os diferentes níveis da sociedade civil, o governo e as pessoas de boa vontade para trabalharem juntos.

Essa perspectiva pastoral integral e articulada entre os atores eclesiais, sociais e governamentais que herdamos de nosso santo fundador é o que somos convidados a revitalizar nas perspectivas missionárias de nossa Família Scalabriniana, a partir de uma perspectiva sinodal, em comunhão e participação na missão da Igreja com os migrantes e refugiados.

Partindo da metodologia que orientou a Igreja universal no processo sinodal sobre a sinodalidade, em três momentos de discernimento — convergências, questões a serem abordadas e propostas — podemos identificar as seguintes convergências, desafios e possíveis respostas conjuntas nas perspectivas pastorais de nossa Família Scalabriniana.

Convergências entre os três institutos da Família Scalabriniana

Considerando as sete macroestratégias da ação missionária das Irmãs Missionárias Scalabrinianas de São Carlos:

1. acolhida, assistência e proteção;
2. promoção e integração;
3. animação e coordenação pastoral;
4. atenção prioritária às mulheres e crianças;
5. fortalecimento do protagonismo e liderança dos migrantes e refugiados;
6. formação e sensibilização;
7. advocacy e networking – a presença das Missionárias Seculares como profissionais em diferentes ambientes e contextos das sociedades multiétnicas do nosso tempo para transformar a

partir de dentro, e as quatro áreas e quatro serviços de presença pastoral contemplados no Projeto Missionário dos Missionários Scalabrinianos – 4 áreas (com migrantes, refugiados e marítimos) paróquias e capelanias (182), casas e centros para migrantes (54), centros para marítimos (13) e organismos eclesiais (Santa Sé, 12 nacionais e 36 diocesanos), e outras obras sociais (18 casas de repouso na Austrália e nos Estados Unidos, 15 escolas, 3 orfanatos, 3 clínicas médicas), e quatro serviços, pesquisa (rede de 7 centros de estudo), treinamento (SIMI e ITESP), comunicação (6 centros de comunicação e 6 estações de rádio) e advocacy (local, nacional, regional e internacional, coordenados pelo SIMN), há uma grande convergência e complementaridade em nosso trabalho pastoral com migrantes e refugiados.

Entre as principais convergências entre os três institutos da Família Scalabriniana, podemos destacar as seguintes:

1. Compartilhamos a vocação, o carisma e a espiritualidade que inspiram e animam nossa ação missionária com os migrantes e refugiados em comunhão e participação com as Igrejas locais, com os organismos das Conferências Episcopais em nível nacional e regional e com suas redes de apoio, como a Rede CLAMOR aqui representada, e com o Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral da Santa Sé.
2. Compartilhamos um itinerário de reflexão contínua através da *Traditio*, da qual participam os três institutos da Família Scalabriniana.
3. Acompanhamos os migrantes e refugiados em seus projetos de vida a partir de uma perspectiva integral, incluindo programas e atividades de acolhida, assistência, proteção em situações de emergência e vulnerabilidade, promoção e integração (correspondendo às macroestratégias 1 e 2 das Scalabrinianas, à presença das Missionárias Seculares nos serviços profissionais e à presença dos Scalabrinianos nas Casas e Centros para Migrantes e Marítimos), em colaboração entre nós e de forma articulada com organizações eclesiais, organizações da sociedade civil, órgãos governamentais e organizações internacionais.
4. Compartilhamos o compromisso de animação e coordenação pastoral com as comunidades de migrantes e refugiados na celebração da fé, evangelização, catequese e coordenação estratégica institucional nos organismos eclesiais diocesanos e

nacionais, correspondendo à macroestratégia 3 das Scalabrinianas e à presença pastoral nas Paróquias e organismos eclesiais dos Missionários Scalabrinianos.

5. Compartilhamos o compromisso de fortalecer o protagonismo e a liderança dos migrantes e refugiados, correspondente à macroestratégia 5 das Missionárias e um dos eixos transversais do projeto missionário dos Scalabrinianos e das Missionárias Seculares Scalabrinianas.
6. Promovemos programas de formação e sensibilização, como os que foi partilhado nestes dias, correspondentes à macroestratégia 6 e os programas de formação que promovemos, também com a sua colaboração, através do Instituto Scalabriniano de Migrações Internacionais (SIMI) e do Instituto Teológico de São Paulo (ITESP) e os programas de sensibilização através da nossa Rede de Centros de Comunicação Scalabriniana e Rede de Rádios Scalabrinianas.
7. Dentre os programas de formação e sensibilização, destacamos também os programas de educação formal em escolas de ensino fundamental e médio da Rede de Escolas Scalabrinianas no Brasil e das Escolas Missionárias Scalabrinianas na Colômbia (7), Haiti (3) e Argentina (5).
8. Também estamos comprometidos com programas específicos para o acompanhamento de mulheres, meninas, crianças e grupos vulneráveis de migrantes e refugiados: migrantes irregulares, pessoas deslocadas, deportados, presos e vítimas de contrabando de migrantes e tráfico humano.
9. Promovemos a pesquisa sobre o fenômeno da migração a partir de uma perspectiva interdisciplinar e proativa para mudanças sistêmicas na governança da migração, por meio do CSEM e da Rede de Centros de Estudos de Migração Scalabrinianos.
10. Compartilhamos o compromisso de advocacy ativo (não apenas passivo) para a definição de políticas públicas e programas a partir de uma perspectiva de defesa de direitos, acesso à justiça e participação cidadã em nível local, nacional (Brasil) e internacional, trabalhando em redes com organizações de migrantes e refugiados, organizações da sociedade civil, setor privado, órgãos governamentais e organizações internacionais, correspondendo à macroestratégia scalabriniana 7 e seus eixos estratégicos e ao trabalho de advocacy e networking do SIMN.

11. Nosso carisma e nossa missão são compartilhados por grupos de leigos que estão organizados de diferentes maneiras e atuam em diferentes áreas missionárias.

Questões e desafios a serem enfrentados

1. O aumento significativo da migração nas últimas décadas, especialmente a migração forçada e as situações de refugiados e, ao mesmo tempo, a crescente indiferença e a percepção negativa da situação dramática enfrentada pelos migrantes, refugiados, marítimos e suas famílias e comunidades. Essa situação revela desafios de curto, médio e longo prazo: em curto prazo, a necessidade de salvar a vida das pessoas que tentam cruzar mares e fronteiras durante o processo de migração e protegê-las de novas formas de escravidão, como o Papa Francisco nos convida a fazer; em médio prazo, combater as narrativas negativas sobre migrantes e refugiados e as políticas restritivas de migração; a longo prazo, expandir nossos programas para contribuir com a erradicação ou, pelo menos, com a mitigação das causas endêmicas da migração, como disparidades econômicas, subtração de recursos, pobreza extrema, condições de vida desumanas, crime, corrupção e falta de acesso a direitos, bem como causas situacionais, incluindo guerras, desastres naturais, ditaduras e a crise climática.
2. Políticas migratórias restritivas, falta de canais legais e seguros para a migração e a consequente irregularidade e vulnerabilidade que os migrantes e refugiados são forçados a enfrentar.
3. Corrupção, contrabando de migrantes, tráfico de pessoas e envolvimento do crime organizado no gerenciamento dos fluxos migratórios (sociedade não civil), que exigem maior coordenação entre os atores da sociedade civil, inclusive organizações e comunidades de migrantes e igrejas, e os atores governamentais e internacionais para evitar esses crimes, proteger suas vítimas e denunciar e deter seus autores.
4. Proteção daqueles que protegem (caso Nuevo Laredo e ameaças de morte por posições políticas claras).
5. Com relação aos desafios eclesiais, destaca-se a necessidade de uma maior coordenação da pastoral migratória com a pastoral geral de algumas dioceses e Conferências Episcopais, levando em conta que a pastoral migratória é parte integrante da pastoral ordinária das Igrejas locais e não uma atividade pastoral a ser

delegada a alguns institutos religiosos, divisões internas e tensões entre os diferentes órgãos da Igreja e a falta de consideração do papel de liderança dos migrantes como agentes pastorais.

6. Acompanhamento religioso de pessoas que vivem há anos em campos de refugiados - Provincial Cabriniana em Addis Abeba.
7. Algumas emergências migratórias nas quais somos chamados a intervir.
8. A escassez de recursos financeiros para garantir a sustentabilidade dos programas e das atividades da pastoral dos migrantes.
9. A redução do número de vocações em algumas regiões do mundo e a necessidade de formação permanente das pessoas que compõem nossos institutos.
10. Entre os três institutos, o grande desafio sinodal é passar de um enorme conjunto de ações para maiores ações conjuntas.

Como respostas a esses desafios, especialmente o último, de colaboração sinodal, podemos considerar as seguintes propostas de ações pastorais colaborativas.

Respostas conjuntas

Como respostas a esses desafios, especialmente o último, da colaboração sinodal e de nossas próprias estratégias e planos pastorais, podemos considerar as seguintes respostas conjuntas aos desafios do trabalho pastoral com migrantes e refugiados:

1. Continuar a compartilhar nosso carisma e espiritualidade scalabrinianos, para que possam inspirar e animar nossa ação missionária com migrantes e refugiados e nossa comunhão e participação com as Igrejas locais, com os organismos das Conferências Episcopais em nível nacional e regional e com suas redes de apoio.
2. Continuar a promover os elementos comuns de nossa espiritualidade por meio da *Traditio*.
3. Fortalecer nossa colaboração no acompanhamento integral de migrantes e refugiados em curto prazo, para salvar vidas e proteger o maior número possível de vidas e contribuir para combater a cultura do descarte e a globalização da indiferença, denunciadas pelo Papa Francisco desde sua primeira viagem a Lampedusa; em médio prazo, conjugar na primeira pessoa do singular e na

- primeira pessoa do plural os quatro verbos propostos pelo Papa Francisco para acompanhar migrantes e refugiados: acolher, proteger, promover e integrar; 3) a longo prazo, atuar sobre as causas endêmicas e cíclicas da migração forçada, participando com os atores sociais e políticos locais nos processos de definição e implementação de políticas e programas de desenvolvimento, emprego, acesso à saúde, educação, moradia e seguridade social, denunciando os predadores dos recursos naturais e a corrupção e outros programas que garantam às pessoas o direito de não migrar.
4. Definir respostas conjuntas às solicitações de intervenção em emergências migratórias com grupos itinerantes e missionários de intervenção rápida.
 5. Promover programas coordenados de atenção específica para mulheres, meninas, meninos e grupos vulneráveis de migrantes e refugiados: migrantes irregulares, pessoas deslocadas, deportados, presos, familiares que permanecem no país de origem, vítimas de contrabando e tráfico de pessoas.
 6. Incentivar a comunhão e a participação da pastoral migratória nos planos pastorais das Igrejas locais e das Conferências Episcopais, levando em conta que a pastoral migratória é parte integrante da pastoral ordinária das Igrejas locais.
 7. Acompanhar as comunidades de migrantes, refugiados e marítimos para que possam celebrar sua fé e participar da vida e da missão da Igreja.
 8. Trocar informações e estudos sobre o fenômeno da migração, a pastoral migratória, as políticas públicas de migração promovidas pelo CSEM e a Rede de Centros de Estudos Migratórios.
 9. Promover conjuntamente campanhas de conscientização para a Igreja, a sociedade civil e os atores políticos sobre o fenômeno da migração e as políticas públicas sobre migração.
 10. Expandir nossa colaboração na promoção de programas de formação para agentes pastorais de mobilidade humana.
 11. Facilitar a participação ativa das pessoas em mobilidade como agentes pastorais de comunhão e coexistência intercultural entre as comunidades migrantes e as comunidades locais.
 12. Incentivar espaços de colaboração entre grupos de leigos que compartilham nosso carisma e nossa missão.
 13. Colaborar na definição e implementação de programas de defesa para que os governos assumam a responsabilidade de definir e implementar políticas públicas e programas para o reconhecimento

e a proteção dos direitos dos migrantes, refugiados, pessoas deslocadas, marítimos e pessoas em mobilidade.

14. Participar de espaços de trabalho em rede com grupos da Igreja organizada, como a Rede CLAMOR, e outras redes de organizações da sociedade civil e governos comprometidos com migrantes, refugiados e vítimas de tráfico humano.
15. Retomar as iniciativas de colaboração nas áreas de animação vocacional e formação inicial e permanente, como a EISAL e a CESCAL.

Reiteramos nossa gratidão pelo convite e esperamos que, reconhecendo nossas convergências, nossos desafios e nossas respostas conjuntas, possamos participar dos traços característicos do rosto da Igreja sinodal, onde todos somos discípulos e todos somos missionários, convidados a tecer laços e construir redes para colaborar na construção do Reino de Deus junto aos migrantes e refugiados.

Muito obrigado.

4 IRMÃS MISSIONÁRIAS DE SÃO CARLOS BORROMEO, SCALABRINIANAS

*Ir. Janete Ferreira, mscs**

Introdução

A missão da família scalabriniana entre os migrantes e refugiados no início da terceira década do século XXI é extremamente estimulante. Apesar do progresso inquestionável nos anos anteriores, em nível global, o ressurgimento de conflitos armados, o aumento dos eventos climáticos, o espectro de futuras pandemias, a insegurança alimentar sempre presente e, acima de tudo, o aumento da xenofobia, estão criando obstáculos e retrocessos na ação solidária da sociedade civil e na pastoral. As recentes mudanças legislativas na França e na Itália exemplificam retrocessos na ação solidária da sociedade civil e nas ações pastorais.

A criminalização da migração intensifica a desconfiança em relação à solidariedade e à ajuda humanitária, conforme evidenciado pela perseguição de ONGs no Mediterrâneo, mas também de líderes na França, Itália e México, entre outros. O avanço da causa dos migrantes e refugiados requer um compromisso generalizado com a paz, os direitos humanos e a democracia para superar essa estrutura reacionária.

Além disso, há também desafios relacionados às mudanças na situação migratória: além das migrações tradicionais, como a mudança de residência, típica dos movimentos do final do século XIX, hoje há uma mobilidade mais intensa e constante, motivada pela busca contínua de novas oportunidades ou, mais simplesmente, induzida pelas barreiras encontradas ao longo do caminho, que obrigam as pessoas em movimento a reformular sempre seu projeto migratório, vivendo quase em “trânsito

* Missionária Scalabriniana, brasileira. Socióloga, com pós-graduação em Antropologia pela Universidade Politécnica de São Paulo, Mestrado em Sociologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Mestrado em Migrações, Gênero e Violência de Gênero pela Fundação de Estudos Culturais e Sociais, Valência, Espanha. Atualmente é Conselheira Geral e Animadora do Apostolado da Congregação MSCS.

constante". Sob essa perspectiva, a ação solidária, em vez de apresentar propostas já experimentadas e testadas no passado, deve ser colocada a serviço dos projetos das pessoas em mobilidade, fortalecendo seu protagonismo e suas organizações, bem como suas demandas.

É suficiente uma viagem pelos ricos labirintos do itinerário bíblico, acompanhada pela memória da vida, do trabalho e das obras de Scalabrini, para perceber como os institutos Scalabrinianos se entrelaçam e se complementam. Os sacerdotes, as irmãs, as missionárias seculares e o movimento laico se encontram, se separam e se reencontram nesse terreno, que é o carisma deixado pelo Fundador. A rede se contrai e se expande de acordo com a ação socio pastoral.

Para responder de forma organizada à situação em que vivem os migrantes e refugiados, a Congregação das Irmãs MSCS empreendeu um processo de interação, estudo, partilha e discernimento, realizado ao longo de mais de dois anos, com a colaboração de centenas de Irmãs MSCS, através da participação em seminários e mapeamento do trabalho da Congregação a serviço dos migrantes e refugiados, para elaborar as Diretrizes Gerais da Missão Apostólica Congregacional.

É um documento orientador, que busca motivar, qualificar e também fortalecer nossa prática e nosso modo de ser como mulheres consagradas, missionárias Scalabrinianas, como instituição e como pessoas de fé e ação que se tornam migrantes com os migrantes, no acompanhamento, no serviço, na solidariedade e na atenção à vida e à vida em abundância.

As Diretrizes são um impulso para que o discernimento, o planejamento, a implementação e a avaliação sejam processos de reflexão a partir da experiência, como um laboratório de experiências humanas, espirituais e profissionais que ensinam e forjam conhecimentos e metas que, quando aceitos, sistematizados e integrados ao nosso ser e agir, fortalecem nossas ações com migrantes e refugiados, nas mais diversas esferas da vida e contextos de ação.

A seguir, compartilho com vocês as Sete Macroestratégias que orientam os serviços prestados pelas Irmãs Missionárias Scalabrinianas.

A perspectiva da acolhida e proteção

Vivemos anos em que a migração está presente em todos os países e em todas as comunidades. Acho que poucos podem dizer que vivem longe de pessoas em mobilidade. Nesse contexto, não nos cansamos de dizer que a migração é uma riqueza, uma contribuição positiva, uma riqueza cultural, entre outras expressões positivas que inspiram nossa

sensibilidade, mas, na prática, vivenciamos e sentimos cada vez mais rejeição, discriminação, xenofobia, medidas restritivas, deportações. Há palestras, reuniões, debates, pactos, documentos, declarações e, muitas vezes, parece que todas essas são vozes que clamam no deserto à espera de respostas acolhedoras.

A migração se tornou uma questão política, econômica e menos humana e humanitária. Enquanto isso, há milhares e milhares de pessoas fugindo da fome, das guerras, da perseguição, das ditaduras e da violência. Como Scalabrinianas e Scalabrinianos, devemos refletir, decidir e agir juntos de forma acolhedora e inclusiva. Não podemos mais ser espectadores ou reagir de forma isolada. É aí, nessas situações, emergenciais ou não, que devemos abrir nossos corações, nossos lares, nossa capacidade criativa, nossas instituições, para ACOLHER. Tenhamos certeza de que, onde há um verdadeiro espírito de irmandade, há também uma experiência sincera de acolhida.

Também deve ser enfatizado que não se trata de uma recepção passiva, em que, com nossos recursos ou os de financiadores, podemos apoiar as pessoas, oferecer-lhes um lugar para dormir e, então, podemos também dormir tranquilamente, como aquele homem rico que dá sua esmola e depois segue sua vida normalmente, entendendo que fez sua “boa ação”. Não. Nossa acolhida deve analisar a realidade, denunciar a injustiça, a cobiça, a exploração e ser proativa, destacando-se por sua atenção, cuidado, em uma abordagem que busque e provoque respostas transformadoras e inclusivas para os migrantes e refugiados.

A perspectiva da promoção e integração

A promoção e integração dos migrantes e refugiados estão intrinsecamente ligados e são complementares. Da perspectiva da **promoção**, partimos da compreensão do significado de “desenvolvimento humano integral”. Não é nada novo e surpreendente, o fato de que o desenvolvimento integral é um conceito que se refere ao crescimento e ao progresso do indivíduo em todos os âmbitos da vida, incluindo as dimensões física, mental, emocional, social e espiritual.

O desenvolvimento humano integral implica a garantia de que os migrantes e refugiados sejam tratados com dignidade e respeito, proporcionando o acesso às oportunidades necessárias para reconstruir a sua vida em um novo país. É essencial que eles recebam tratamento igualitário, no mesmo nível dos cidadãos nacionais, em termos de acesso a benefícios, incluindo assistência a pessoas com deficiência, independentemente da

situação migratória. No entanto, esse é um processo contínuo que exige uma busca constante de equilíbrio e harmonia em todas as dimensões, buscando o bem-estar e a realização de cada indivíduo.

Do ponto de vista da *integração*, entendemos que é necessário considerar a dimensão econômica, além da acolhida e da promoção. Gostaria de retomar as recomendações do Papa Francisco quando ele diz que é necessário assegurar o reconhecimento e o desenvolvimento das capacidades dos migrantes e refugiados, garantindo o acesso à educação, cursos de aprimoramento, validação de qualificações acadêmicas, integração socio laboral nas comunidades, garantindo a liberdade de movimento e a escolha do local de residência, oferecendo ferramentas para que eles se sintam atores na reconstrução de suas vidas e não simples espectadores ou beneficiários de nossas ofertas e oportunidades que muitas vezes nos orgulhamos de ter dado.

Nosso papel é criar e defender condições e iniciativas que facilitem o caminho e estabeleçam espaços para que migrantes e refugiados superem os desafios associados à reconstrução de suas vidas e vislumbrem um horizonte de vida digna para seu futuro. Trata-se de implementar ações que valorizem, acima de tudo, as habilidades, a riqueza e os talentos dessas pessoas, que devem ser reconhecidas e totalmente integradas à sociedade anfitriã.

Uma perspectiva que não pode ser vista como secundária ou simplesmente como um complemento de menor valor é a integração cultural. A integração cultural de migrantes e refugiados não deve ser subestimada, pois representa uma oportunidade de enriquecer tanto a comunidade anfitriã quanto os migrantes. Essa interação fortalece a comunidade como um conjunto, promovendo maior participação e enriquecimento para todos os seus membros.

Animação e coordenação pastoral com migrantes/refugiados

“A atividade missionária scalabriniana é caracterizada por um serviço pastoral específico e especializado, dialógico e comunicacional, organicamente integrado ao serviço pastoral ordinário da Igreja local”¹.

Essa perspectiva em nossas Diretrizes da Missão Apostólica é “focada na dimensão especificamente pastoral, que inclui toda a ação MSCS nos diferentes serviços desenvolvidos nas Igrejas Locais, Conferências

¹ NC. N. 123.

Episcopais e organizações da Igreja que aconselham, encorajam, sensibilizam, coordenam e capacitam os atores da Igreja sobre os fenômenos e desafios das diferentes categorias de pessoas e grupos de mobilidade”².

O serviço pastoral para pessoas em mobilidade deve ser concebido de maneira integral, na medida em que se refere a todas as fases da rota migratória: partida, trânsito, chegada e retorno. O objetivo é manifestar a solicitude amorosa e o poder salvador do Deus Trino em relação à pessoa humana e a toda a criação.

Prioridade a mulheres, crianças em situações de maior vulnerabilidade

“A atenção prioritária a mulheres, meninas e meninos em geral prevê como elemento fundamental a capacidade de atender e responder às demandas ou desafios específicos dessas pessoas, o que implica iniciativas de atenção especializada por meio do reconhecimento dos riscos e ameaças que enfrentam, bem como das oportunidades e potencialidades às quais não têm acesso”³.

Destaco nossa atenção à proteção de migrantes e refugiados, com foco especial na proteção de mulheres, crianças, idosos, doentes e a população LGBTQIA+, reconhecida como particularmente vulnerável em contextos de migração. Essa abordagem reflete um compromisso inequívoco com a promoção da inclusão e uma compreensão sensível das diferentes necessidades desses grupos da população migrante.

E, embora existam diferentes maneiras de apoiar a população migrante, todas elas devem estar ancoradas no mesmo carisma, e eu enfatizo a colaboração enriquecedora entre os diferentes institutos. Além do trabalho individual, a convergência de esforços em posições comuns fortalece a unidade como uma família religiosa dedicada ao atendimento de migrantes e refugiados, reforçando que, apesar dos diferentes caminhos, a interconexão entre os institutos é vital para manter uma rede sólida de apoio e assistência aos migrantes e refugiados em busca de acolhimento e solidariedade.

² Diretrizes da Missão Apostólica MSCS, 2023.

³ Diretrizes da Missão Apostólica MSCS, 2023.

A perspectiva de fortalecer o protagonismo e a liderança de migrantes e refugiados

Com frequência, ouvimos de atores sociais, mesmo os mais sensíveis à causa dos migrantes e refugiados, comentários que enfatizam muitas situações de vulnerabilidade que afetam a população em trânsito. Talvez não nos demos conta, mas a insistência em destacar os problemas e as dificuldades vividas por essa população acaba alimentando uma visão já preconceituosa e estereotipada dos migrantes e refugiados como vítimas dependentes, incapazes, “pobres”, passivas e dóceis, quando não são responsabilizados por terem escolhido o caminho da migração em lugar de enfrentar as dificuldades em sua própria terra.

Objetivamente, não estamos exagerando quando falamos em coragem de partir, mesmo no meio de todas as incertezas e dificuldades que podem ser previstas ou imaginadas. O migrante que parte alimenta fortemente a esperança de dias melhores, de ser o protagonista de sua vida, de sua história, de ser capaz de superar tudo o que possa impedi-lo em sua busca pela vida e por melhores condições para si e para sua família, rejeitando a ideia ou a condição de fracassado ou de alguém incapaz de vencer, ao contrário, um sujeito capaz de protagonizar a reconstrução de sua vida, mesmo que esteja ressurgindo das cinzas.

A partir dessa perspectiva, o que queremos enfatizar é que esse não deve ser nosso cenário ideal ou nosso motivo para a missão no mundo. Pelo contrário, nossa perspectiva é reconhecer o protagonismo dos migrantes e refugiados e desenvolver condições, oferecer oportunidades, lutar por políticas públicas que favoreçam o desenvolvimento de talentos, capacidades, coragem e ousadia dessa população que, muito mais do que dependência, tem a capacidade de se reinventar, de se recompor mesmo em uma sociedade adversa e crítica. Mais do que dependentes, eles são especialistas em ensinar e nos estimulam a oferecer respostas socio pastorais coerentes que promovam seu potencial criativo e transformador.

Formação e sensibilização

Em nosso mandato missionário, também desenvolvemos ações por meio da capacitação, participação e envolvimento de muitas pessoas e organizações na causa da mobilidade humana, na igreja e na sociedade. São atividades, programas e projetos, geralmente por meio de parcerias com organizações de migrantes e refugiados, sociedade civil e organizações governamentais, que têm o potencial ou a oportunidade de fazer a diferença na vida e na trajetória de migrantes ou refugiados e na construção de

relações interpessoais mais humanas, interculturais e humanizadoras para todos.

Com a formação e a sensibilização, as pessoas que migram ou buscam refúgio são valorizadas, fortalecidas em suas vidas e projetos futuros, e seu protagonismo é preservado e promovido. As escolas e os hospitais administrados pelo MSCS são atores-chave na formação e na sensibilização, tanto interna como externamente, para a promoção da vida com dignidade para migrantes e refugiados e da coexistência intercultural nos contextos em que atuam.

A importância do trabalho em rede e a incidência

De uma perspectiva scalabriniana, a defesa da causa da migração e do refúgio é uma luta contra o tráfico e a exploração de pessoas que, por várias razões ou como vítimas de injustiça e abuso humano, são forçadas a migrar para buscar segurança e proteção em terras estrangeiras.

Essa ação é caracterizada pela transversalidade, abrangendo as diferentes formas de responder aos desafios a partir das várias perspectivas às quais a missão scalabriniana busca responder. É a ação que, em rede com outras organizações e forças ativas da sociedade, visa contribuir para os processos de formulação de políticas públicas e tem como objetivo definir estratégias e prioridades tanto em nível micro quanto macroestruturais, na sociedade, nos governos e, também, no contexto eclesialístico.

Vale a pena destacar aqui a importância de influenciar os diferentes espaços de formulação de políticas e de tomada de decisões no sentido de que, se por um lado defendemos o direito de migrar, por outro, o direito de não migrar é, ao mesmo tempo, proporcional, um bem, um direito que o Estado é responsável por garantir. Não é exagero dizer que nossa missão, sob a perspectiva scalabriniana, não nos permite, não nos autoriza a prescindir da advocacy no mundo de hoje, onde crescem propostas e atitudes contrárias à proteção do ser humano, atitudes desumanizadoras e violações de direitos.

Atuar em rede, juntamente com os próprios migrantes e refugiados, é, de certa forma, uma estratégia mais promissora para otimizar e responder à missão de influenciar os governos a adotar políticas públicas favoráveis à proteção jurídica e social das pessoas em mobilidade, sua integração e a valorização de seu potencial como uma oportunidade para a humanidade.

Um eixo transversal – Animação Vocacional

Estamos no processo de construir uma cultura vocacional missionária na Congregação e na Igreja, assumindo a animação vocacional como um estilo de vida. Dessa forma, a promoção vocacional se torna um processo vital, baseado no dinamismo que provoca e desperta nas comunidades. Portanto, “sem uma consciência vocacional”, a Congregação “não terá o vigor missionário que necessita”⁴.

A proposta é “incentivar e intensificar a presença scalabriniana entre os jovens, bem como o despertar vocacional, em todas as áreas da missão”⁵. Colocar-se a serviço da vida, por vocação, acompanhando os jovens na construção e solidificação de seu projeto de vida, em dimensões essenciais:

- Inserção com jovens e comunidades abertas para recebê-los
- Participação dos leigos e dos migrantes e refugiados
- Promoção de espaços para encontros por meio de redes sociais
- Organização de uma família scalabriniana para a animação vocacional

Em conclusão – Sonhando como Família Scalabriniana

Gostaria de enfatizar que todas as perspectivas da Missão Scalabriniana devem estar sempre abertas aos desafios de hoje, como as migrações atuais devido a desastres ecológicos, guerras, etc.

Caminhos diferentes, contribuições diferentes, serviços diferentes, dons diferentes, mas dentro do mesmo carisma. Então, além do trabalho de cada instituto, também realizamos um conjunto de posições comuns, em que os esforços convergem, se integram e se complementam. Ambos nunca devem esconder o fato de que fazemos parte da mesma família religiosa. Família constituída em memória de Scalabrini, Madre Assunta, José Marchetti, bem como em favor do trabalho com migrantes e refugiados.

Por outro lado, se é verdade que os caminhos nos levam em direções diferentes, também é verdade que há pontos de encontro, lugares onde diferentes experiências podem ser trocadas. E, de fato, reuniões, seminários, peregrinações, atividades compartilhadas e muitas outras iniciativas nos ajudam a permanecer conectados. O carisma que os leva a responder em diferentes direções é o mesmo carisma que nos chama para nos encontrarmos

⁴ D. Walmor Oliveira de Azevedo, Presidente da CNBB, na abertura do IV Congresso Vocacional Brasileiro.

⁵ Diretrizes da Missão Apostólica n. 77

e nos reencontrarmos e para trocarmos conhecimentos e experiências. De uma forma ou de outra, formamos uma ampla rede que precisa de cabos de conexão para atender às necessidades dos migrantes e refugiados. No entanto, sempre há preocupações:

Como as iniciativas missionárias com migrantes e refugiados podem ser implementadas em conjunto?

O que precisamos fazer para ir além de nossas respostas institucionais?

II CONSTRUIR UMA POLÍTICA MSCS DE VOLUNTARIADO

1 CONTRIBUIÇÃO DO CSEM PARA A ELABORAÇÃO DE POLÍTICAS CONGREGACIONAIS SOBRE VOLUNTARIADO INTERNACIONAL

*Igor Borges Cunha**

*Tuila Botega***

Introdução

Este texto busca apresentar as principais contribuições do estudo sobre o voluntariado internacional que vem sendo desenvolvido pelo Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios – CSEM para o processo de reflexão e construção das políticas congregacionais sobre o tema.

Iniciamos com uma breve contextualização e sistematização dos esforços de pesquisa realizados de 2020 até o momento e como isso tem fornecido elementos importantes para análise e aprendizado a partir das práticas atuais e experiências acumuladas. Sendo esse o ponto de partida para a proposição de ações comuns no âmbito da congregação para o voluntariado internacional.

A segunda seção do texto versa sobre como os voluntários podem ser um ativo importante para as missões MSCS e, também, sobre seu potencial de ser um agente multiplicador dos valores, do carisma e da promoção dos

* Mestrando em Ciências Sociais pela Universidade de Brasília. Atualmente é analista de fortalecimento institucional e colaborador de pesquisa do Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios – CSEM.

** Mestre em Ciências Sociais pela Universidade de Brasília. Atualmente é pesquisadora e coordenadora do Programa de Estudos e Pesquisas do Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios – CSEM.

direitos das pessoas migrantes/refugiadas, mesmo após as experiências de voluntariado.

Em um contexto global de desigualdades de desenvolvimento e oportunidades, o potencial da valorização da colaboração Sul-Sul no Programa de Voluntariado Internacional da Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo - Scalabrinianas – PVIS é destacado na terceira parte do texto.

O texto encerra apresentando uma síntese de elementos provenientes do estudo que podem aportar contribuições e subsidiar a construção das políticas de voluntariado da Congregação MSCS e as nossas considerações finais.

Voluntariado: um estudo em desenvolvimento

O tema do voluntariado internacional entrou no programa do Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios - CSEM em 2020. Nesse primeiro momento, atendendo a uma demanda da Animação Geral do Apostolado do Governo Geral, foi realizada uma consulta virtual, no período de 01 de julho a 31 de agosto de 2020, a 24 unidades MSCS com o objetivo de levantar informações sobre as experiências existentes com voluntariado nacional e internacional – o perfil das missões e dos voluntários - e as demandas e expectativas futuras com relação ao tema - destacando alguns elementos como: a quantidade de voluntários que previam à época solicitar, o perfil das atividades que eles desempenharam, as qualificações requeridas, carga-horária e outras questões.

Participaram do mapeamento unidades localizadas no Brasil (5), México (2), Equador e Paraguai; na República Dominicana, Itália (3), Costa Rica, França, África do Sul e Argentina; e em Moçambique e Honduras. Todas as instituições/missões/projetos eram estruturas próprias da Congregação que realizavam atuação direta com a população migrante e refugiada. Algumas parcerias com instituições de voluntariado foram citadas naquela etapa, tais como: FOCSIV (Federazione degli Organismi Cristiani Servizio Internazionale Volontario) e AGAPE (Itália); Corpo da Paz; KOICA (Agência de Cooperação Internacional da Coreia); Weltwärts e Weltkirche – Diocese de Rottenburg-Stuttgart (Alemanha) (CSEM, 2020).

Essa primeira coleta de informações e experiências das missões sobre o tema do voluntariado trouxe elementos importantes para o início da construção de uma política Congregacional sobre o tema, das quais destacam-se:

1. A importância que os voluntários assumem como recursos humanos nas missões MSCS;

2. A heterogeneidade de perfil das missões/instituições/projetos MSCS; e, conseqüentemente, uma variedade de demandas institucionais e práticas de trabalho relacionadas aos voluntários;
3. Um predomínio de práticas centradas nos capitais pessoais e institucionais das missões MSCS no que se refere à seleção e gestão do trabalho com os voluntários;

Em decorrência dos elementos anteriores, foi possível inferir a importância e a necessidade de estabelecer padrões congregacionais comuns sobre o voluntariado que sejam sensíveis às necessidades e diversidade dos voluntários, assim como das instituições e dos locais em que se encontram.

Esses e outros aspectos reforçaram a necessidade de a Congregação olhar para esta frente de trabalho e pensar estratégias para a implementação de um projeto mais amplo de voluntariado internacional, sendo este o desafio atual ao qual a Congregação quer responder: estabelecer e implementar parâmetros congregacionais comuns para o trabalho com voluntários.

Em 2023, dando continuidade ao processo de assessoramento ao Governo Geral e aprofundando a reflexão, uma nova rodada de coleta de dados e experiências sobre o voluntariado foi realizada. Desta vez, foi realizada uma série de entrevistas qualitativas com instituições/missões/projetos, algumas das quais tinham parcerias com outras instituições de voluntariado e outras que já estavam inscritas no projeto piloto com a Fundação Scalabriniana. O objetivo foi coletar elementos da prática vigente – critérios de seleção, a acolhida aos voluntários e outros aspectos importantes do trabalho – e apreender do histórico de cada missão os elementos que poderiam subsidiar a construção desta política congregacional de voluntariado.

Foram realizadas 10 entrevistas semiestruturadas, durante os meses de julho e agosto de 2023, com instituições MSCS com experiência de trabalho com voluntários nacionais e internacionais dos seguintes países: Brasil (2), República Dominicana, México (2), Honduras, África do Sul, Moçambique, Bolívia e Angola. Além disso, foram conduzidas reuniões com partes interessadas e intervenientes no estudo, incluindo representantes da Fundação Scalabriniana, do Governo Geral da Congregação MSCS e da Weltkirche¹.

¹ Weltkirche – Diocese de Rottenburg-Stuttgart é uma instituição alemã que há muitos anos realiza experiências de voluntariado com missões MSCS, especialmente em países africanos.

As etapas de coleta de dados realizadas em 2020 e em 2023 buscaram compilar elementos, reflexões e dados a partir das experiências concretas, identificando boas práticas replicáveis e desafios importantes de serem pontuados para uma reflexão congregacional diante do processo de construção e de tomadas de decisões sobre o tema do voluntariado. Inclusive, chamando atenção para a especificidade de alguns contextos e realidades em que as missões se inserem e como isso pode influenciar e deve ser considerado no momento da formulação de uma política mais ampla.

Nas próximas seções apresentam-se as principais reflexões e contribuições teóricas e práticas da investigação com vistas a contribuir para a reflexão acerca das políticas congregacionais de voluntariado.

O valor do voluntariado: contribuições significativas para a missão MSCS

É amplamente aceito que o termo “ação voluntária” identifica um determinado tipo de ação social frequentemente caracterizado pela gratuidade, ou seja, sem vínculo empregatício e sem recompensa financeira na forma de salário, prevendo apenas auxílios para despesas de moradia, alimentação, transporte e seguro saúde. Na verdade, esses tipos de contribuições são frequentemente considerados boas práticas, pois tornam as oportunidades de ação voluntária mais acessíveis e inclusivas².

Contudo, o objetivo da ação voluntária é produzir benefícios exclusivos para indivíduos claramente diferentes daqueles que realizam a ação, configurando-se como um serviço ou distribuição de bens para outros, a fim de promover o bem comum. Deve, assim, beneficiar direta ou indiretamente pessoas fora da família ou do domicílio, embora o voluntário geralmente também se beneficie da experiência. Em muitas culturas, um voluntário é frequentemente descrito como alguém que trabalha para o bem-estar da comunidade (Chinman & Wandersman, 1999)³.

Os conceitos de voluntariado e assistência humanitária devem ser refletidos para considerar o voluntário como um ser humano que não apenas se dedica de forma integral e gratuita, mas que também está imerso em uma cultura e costumes muito diferentes dos seus e que tais processos

² Ver IBO ITALIA. Manuale del Volontariato Internazionale, 2017. Disponível em: <<https://www.informagiovani.fe.it/notizie/13163/ibo-italia-evac-manuale-del-volontariato-internazionale.html>>.

³ CHINMAN, M. J., & WANDERSMAN, A. The Benefits and Costs of Volunteering in Community Organizations: Review and Practical Implications. *Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly*, v. 28, n. 1, p. 46-64, 1999.

devem estar atentos às diferentes perspectivas, aspirações e participação de cada voluntário, em seus contextos específicos.

Considerando esse âmbito de atividade laboral não remunerada que busca gerar impactos positivos em comunidades locais, a questão da assistência social e humanitária a migrantes e refugiados se interconectam. Por um lado, os voluntários estão envolvidos e motivados de alguma forma para atuar nessa área e, por outro lado, as missões e projetos MSCS se beneficiam desse aporte de recursos humanos, sem contar a riqueza da troca que essa experiência pode propiciar para ambas as partes e, ainda, para as pessoas atendidas. Nesse sentido, os voluntários internacionais têm a oportunidade de aderir aos valores e carisma da Congregação MSCS.

É importante compreender que os voluntários contribuem significativamente nos projetos desenvolvidos nas missões MSCS. A ênfase está na diversidade que cada voluntário traz, oferecendo perspectivas únicas e diversas que agregam e contribuem para atender às necessidades específicas identificadas por cada instituição. Em diversas entrevistas com instituições MSCS, é destacada a capacidade dos voluntários em fornecer uma abordagem alternativa e inovadora às atividades realizadas.

O voluntariado internacional é uma fonte valiosa de ideias e perspectivas diversas, enriquecendo o trabalho das Irmãs Scalabrinianas. A colaboração com voluntários estrangeiros não se limita apenas a tarefas práticas; muitos deles, por meio de iniciativas próprias, desempenham papel fundamental no incremento das ações, contribuindo para o fortalecimento institucional.

Essa partilha de conhecimento estende-se também à capacidade de oferecer oportunidades de formação aos colaboradores locais, promovendo o desenvolvimento profissional contínuo.

Um exemplo de formação de parceria estratégica ocorreu na instituição MSCS na República Dominicana, ASCALA. A colaboração entre voluntários e uma universidade local resultou na sensibilização de futuros médicos sobre questões da imigração e a prevenção de problemas de saúde nas comunidades. Isso destaca como o voluntariado pode ser aprimorado através de colaborações estratégicas, a partir de um espaço aberto a ideias que têm o potencial inovador de impactar concretamente as vidas de migrantes e refugiados.

Outro aspecto crucial destacado no estudo em curso é a compreensão dos voluntários como agentes que não apenas contribuem, mas que também aprendem, imersos em uma cultura diferente e enfrentando diferentes desafios. Esse processo não só amplia a consciência sobre os problemas sociais enfrentados pelas instituições MSCS e sobre a causa migratória,

mas também leva essas discussões para outros lugares, especialmente seus locais de origem, após a experiência de voluntariado.

Nesse sentido, ao retornarem para seus países, os voluntários têm potencial de permanecer envolvidos no carisma Scalabriniano, sendo valiosa essa continuidade de participação, porque vai além do período de serviço proposto, estabelecendo ligações duradouras e contribuindo para a construção de um movimento laico operacional e comprometido com a missão e carisma MSCS.

Incentivar e promover o envolvimento dos voluntários após o término de suas experiências se destaca, portanto, como uma estratégia relevante que está alinhada com os objetivos da Congregação de ampliar voz e a mobilização de atores em favor das pessoas migrantes e refugiadas. Ao retornarem, os voluntários poderão participar de atividades relacionadas aos temas em que trabalhavam, contribuindo para uma maior conscientização e para ações políticas em seus próprios países e comunidades. Esse compromisso pode gerar frutos duradouros, mobilizando pessoas comprometidas e sensíveis às causas em favor dos direitos das pessoas migrantes.

A dedicação contínua dos voluntários é um ativo valioso para as Irmãs Scalabrinianas, enriquecendo as atividades e permitindo-lhes continuar a oferecer assistência socio pastoral e humanitária a quem mais precisa. O apoio para que permaneçam de alguma forma envolvidos em ações políticas, oficinas e atividades relacionadas à sustentabilidade dos projetos é destacado como forma de mobilizar esses agentes comprometidos para colaborações futuras.

Além disso, esse tipo de contribuição após a experiência de voluntariado internacional promove o contínuo desenvolvimento pessoal e profissional dos voluntários, estimulando a reflexão sobre as suas experiências, os desafios enfrentados e os aprendizados adquiridos. Isso pode ser feito através da participação em projetos locais em favor da causa dos migrantes, relatórios, apresentações e discussões em grupo para sensibilizar a nível local, publicando as ações da missão em que estiveram envolvidos nos meios de comunicação ou divulgando para outras organizações relacionadas com a causa migratória, ou ainda através de outras formas criativas de replicar a consciência que adquiriram a partir das suas experiências práticas no período de voluntariado.

A valorização do trabalho desde e para o Sul Global

A questão da valorização da colaboração Sul-Sul no PVIS é um elemento importante a ser destacado, representando uma oportunidade

significativa para promover o empoderamento e a consciência sobre a causa dos migrantes e refugiados entre os atores e profissionais do Sul Global.

Isso não só diversificaria a participação no PVIS, mas também contribuiria para a equidade e inclusão de países historicamente marginalizados e negligenciados em termos de oportunidades de formação, profissionalização e protagonismo dos seus povos. Ao envolver voluntários do Sul Global nas iniciativas humanitárias, sociais e pastorais da Congregação, o PVIS se converteria em um espaço de colaboração verdadeiramente global, onde diferentes perspectivas, experiências e competências podem ser compartilhadas e valorizadas.

Um exemplo de experiência bem-sucedida na valorização de voluntariado Sul-Sul é a do Centro João Batista Scalabrini, que participa de um projeto que envolve o intercâmbio de jovens moçambicanos para trabalharem como voluntários na Alemanha, e de jovens alemães para trabalharem como voluntários em Moçambique. Essa experiência desmistifica a narrativa de que apenas os países do Norte Global (considerados desenvolvidos) são fornecedores de voluntários para o Sul. Pelo contrário, oferece oportunidades para que os beneficiários moçambicanos do Centro Scalabrini tenham uma experiência de voluntariado internacional.

A colaboração Sul-Sul fortalece não só o PVIS, mas também as comunidades atendidas pelas instituições da Congregação. Ao trazer uma variedade de conhecimentos e experiências para o programa, os voluntários do Sul Global enriquecem práticas e abordagens, promovendo uma compreensão mais holística dos problemas enfrentados pelas populações migrantes e refugiadas.

Além disso, essa colaboração fortalece os laços entre as nações do Sul Global, promovendo o intercâmbio cultural, a partilha de boas práticas e a solidariedade entre países em situações semelhantes. Ao incentivar e facilitar a participação de voluntários de todos os continentes, o PVIS pode se tornar uma plataforma inclusiva e transformadora, onde a verdadeira cooperação global é celebrada e valorizada como um meio essencial para atingir os objetivos do Programa.

Tendo isso em conta, é importante refletir sobre as formas pelas quais o Programa de Voluntariado Internacional das Irmãs Scalabrinianas pode incorporar essa reflexão sobre o Sul Global na definição de políticas internacionais de voluntariado.

Subsídios para a construção de um programa de voluntariado congregacional

Estabelecer um programa ou política de voluntariado internacional é complexo e tem vários desafios, que podem envolver aspectos institucionais e de gestão e de integração de recursos humanos, aspectos relacionados à adaptação cultural e ao contexto local, segurança pessoal, aspectos legais, dependendo da legislação de cada país; e aspectos logísticos em relação à moradia e espaço pessoal, entre outros aspectos.

O estudo mostra que as irmãs reconhecem a complexidade e os desafios envolvidos, mas que prevalece uma visão positiva do programa de voluntariado internacional. Há um compromisso e uma dedicação em trabalhar em conjunto para superar tais desafios, garantindo que o voluntariado internacional seja uma experiência enriquecedora tanto para os voluntários como para as instituições anfitriãs e que contribua eficazmente para a missão Scalabriniana em todo o mundo.

Listamos abaixo as principais recomendações sobre o tema, com base nos dados coletados no estudo em andamento:

- a. A importância de estabelecer claramente a natureza do voluntariado, alinhando as expectativas desde o início do processo. As irmãs reconhecem que as expectativas dos voluntários internacionais podem variar e incluir elementos relacionados à experiência cultural e à vivência em outro país. Surge a preocupação em estabelecer um processo seletivo transparente, com informações e acordos objetivos, diferenciando-se da prática baseada em redes de contatos pessoais.
- b. Entende-se que existe potencial, do ponto de vista estratégico da gestão, na possibilidade de unificação de documentos relativos aos processos de voluntariado internacional, como código de conduta e documentos de admissão. Isso permitiria aos voluntários reconhecer um conjunto comum de diretrizes aplicáveis a todas as missões da Congregação e tal uniformidade simplificaria a formação e a transição de voluntários entre diferentes missões, mantendo um padrão consistente de responsabilidade e compromisso ao longo do seu voluntariado.
- c. É importante, para facilitar o processo de admissão e adaptação, definir claramente o perfil de cada função para os futuros voluntários, bem como a natureza de cada instituição, seja ela social, pastoral ou ambas. Da mesma forma, se a instituição oferece serviços pastorais, sociais e/ou humanitários. Isso auxilia a

- estabelecer a compatibilidade entre as expectativas dos voluntários e as necessidades das instituições.
- d. Nas instituições que tenham perfil pastoral ou socio pastoral, sugere-se fortalecer o diálogo e as práticas ecumênicas para facilitar a integração dos voluntários em atividades com elementos religiosos, especialmente quando a inclusão de momentos de espiritualidade for considerada essencial para fortalecer os laços entre todos (voluntários, colaboradores e beneficiários). As práticas inclusivas surgem como estratégias fundamentais para harmonizar a diversidade religiosa, valorizando a contribuição dos voluntários internacionais nas missões das Irmãs Scalabrinianas.
 - e. Destaca-se também a importância de acolher voluntários internacionais nas suas diversas modalidades desde os momentos iniciais, pois isso influencia positivamente a sua experiência e a motivação. Desde a recepção no aeroporto até às reuniões de boas-vindas, uma integração eficaz é vital para estabelecer um ambiente de trabalho agradável. A gestão das instituições desempenha um papel essencial no apoio à adaptação dos voluntários às condições locais, tendo em conta as diferenças culturais. Uma abordagem flexível poderia garantir uma experiência positiva. O monitoramento constante e a comunicação aberta contribuem igualmente para o sucesso do programa de voluntariado.
 - f. O estudo mostra que o desenvolvimento e a gestão de projetos de voluntariado são aspectos fundamentais do PVIS. A complexidade varia, destacando a necessidade de um processo bem estruturado e planejado, considerando focar em questões como desafios dos locais de atuação, hospedagem, transporte e gestão de recursos, para que cada instituição tenha mais facilidade no desenvolvimento do projeto.
 - g. A discussão sobre alojamento do voluntário destaca a importância de estabelecer limites claros para relacionamentos saudáveis, especialmente quando se partilha espaço com as Irmãs. O estudo sugere incorporar reflexões sobre habitação na formação das instituições do PVIS. As condições de habitação têm um impacto significativo na saúde mental e na autonomia dos voluntários, especialmente daqueles com hábitos religiosos diferentes. É fundamental proporcionar uma logística que permita independência, horários definidos para lazer e moradia fora do local de trabalho.

- h. Com uma avaliação de impacto eficaz, não só durante o voluntariado, mas também aproveitando o momento em que regressam aos seus países de origem, o Programa de Voluntariado também poderá se beneficiar ao identificar áreas que necessitam de melhorias e aquelas que tiveram muito sucesso, adaptando e melhorando continuamente as práticas conforme a necessidade. Ao adotar essas diretrizes, o Programa Internacional de Voluntariado das Irmãs Scalabrinianas pode se tornar uma poderosa fonte de impacto positivo para todos os envolvidos: os voluntários e suas comunidades de origem, as comunidades diretamente atendidas durante o período de voluntariado, e igualmente as missões e a Congregação das Irmãs MSCS.

Considerações finais

O estudo sobre o voluntariado internacional é realizado simultaneamente ao processo de implementação do Projeto Piloto/PVIS e à reflexão e formulação de políticas congregacionais sobre o tema. Isso representa uma oportunidade única para recolher dados e experiências enquanto voluntários e missões estão envolvidos no processo, sendo esse um grande potencial, pois permite que a formulação de políticas e o processo de tomada de decisões se baseiem em práticas e experiências positivas em curso, bem como na consideração dos desafios concretos enfrentados. É, portanto, um processo construtivo em que cada parte envolvida – o CSEM, as missões e projetos MSCS, os voluntários e o Governo Geral – articula e fortalece mutuamente as suas ações.

Na construção das políticas congregacionais de voluntariado é importante considerar as visões e análises da realidade locais, aprender das práticas vigentes e da experiência acumulada a fim de evitar o que Rose Jaji (2022) destaca para o contexto africano, mas que se aplica a várias outras realidades do Sul Global, que é a produção de conhecimento desprovido das próprias perspectivas locais, de modo que as culturas sejam interpretadas fora dos seus próprios quadros de referência e visões de mundo, especialmente à luz da relação da antropologia e o colonialismo (JAJI, 2022).

É fundamental promover uma abordagem colaborativa e de cocriação nas ações de voluntariado nas regiões do Sul Global, o que envolve reconhecer e valorizar as perspectivas e visões de mundo das comunidades locais, bem como incentivar a participação ativa dos membros dessas comunidades na definição de agendas de investigação, concepção de

programas e avaliação de resultados. Além disso, é essencial estabelecer parcerias equitativas com organizações locais e líderes comunitários para garantir que as intervenções sejam culturalmente sensíveis, contextualmente relevantes e que contribuam para o empoderamento das populações migrantes e refugiadas.

2 O VOLUNTARIADO COMO OPÇÃO POLÍTICA EM DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS

Gaia Mormina*

Introdução

O voluntariado nasceu como um gesto espontâneo e altruísta, com o objetivo de ajudar os outros, sem fins lucrativos, um gesto de caridade¹ e generosidade que tem uma história distante, comum a diferentes culturas e épocas. Na cultura judaica, a tzedaká (caridade, hoje usada com diferentes significados) é uma norma moral, uma das três normas que podem salvar a alma anulando um “decreto celestial”². Um dos cinco pilares da cultura islâmica, por outro lado, é o zakāt³ (esmola), ou seja, dar uma parte do que se tem para o bem comum, o que se traduz em uma obrigação ética.

Afirma o Papa Francisco durante a Audiência (21 de agosto de 2019):

Se quiser saber se são bons cristãos, precisa rezar, reconciliar-se, mas o sinal de que seu coração está convertido é quando a conversão chega aos seus bolsos. Lá é possível ver se estamos ajudando os mais pobres. Quando a conversão chega lá, tenha certeza de que é uma conversão verdadeira, mas se ela permanecer em palavras, não é uma boa conversão. A vida eucarística, as orações, a pregação dos apóstolos e a experiência da comunhão fazem dos crentes uma multidão de pessoas que têm um coração e uma alma só e que não consideram o que possuem como sua propriedade, mas têm tudo em comum, para se ajudarem mutuamente a serem generosos e não avarentos.

* Licenciada em Línguas e culturas europeias e não europeias, com um mestrado em Economia e Gestão de Empresas Cooperativas. É Secretária-Geral da Fundação Scalabriniana, responsável pela cooperação internacional e pelos projectos de voluntariado, que opera em 10 países do mundo, apoiando 13 organizações das Irmãs Missionárias Scalabrinianas.

¹ Custode di mio fratello por G. Cracco, Marsilio Venezia.

² Maurizio Picciotto, Shlomo Bekhor (curr.), Tzedakà: Giustizia o Beneficenza?, Mamash, 2009, pp. 23-41 e passim.

³ Revista Africa e Mediterraneo, n. 78.

Acho essa passagem interessante porque, partindo de um conceito de caridade econômica e material, o Santo Padre leva a reflexão para outro conceito: o **altruísmo responsável**.

Há três diferentes experiências de voluntariado organizadas pela Fundação Scalabriniana (2022/2024):

Voluntariado solidário: uma experiência no campo⁴ em que pessoas com 18 anos ou mais dedicam de 2 a 4 horas de seu tempo por semana para ajudar migrantes e refugiados, promovendo a inclusão.

Voluntariado curricular: um programa realizado em colaboração com algumas Universidades⁵ que permite que os alunos façam 50/100 horas de trabalho voluntário.

Serviço Civil Universal (SCU)⁶: um programa do Departamento Italiano de Políticas para a Juventude que oferece um período de serviço voluntário na Itália ou no exterior com duração de 10/12 meses.

Escolha

Estabelecer em poucas entrevistas o grau de motivação de uma pessoa não é fácil. Durante as seleções para a pergunta “por que você escolheu ser voluntário?”, uma resposta recorrente é “quero fazer algo pelos outros”, talvez seguida de uma explicação pessoal sobre seu passado. O altruísmo entre os candidatos é evidente, embora essa resposta muitas vezes provoque dúvidas sinceras nas mentes de quem está do outro lado da cadeira: “Como?”.

O desejo altruísta para trabalhar em contextos vulneráveis é um bom ponto de partida, mas estar pronto para ajudar os outros não é um impulso, mas um exercício que coloca em jogo diferentes sensibilidades, reflexões, habilidades, experiências e objetivos. As pessoas que trabalham com migrantes e refugiados sabem bem disso, portanto, se pensarmos nas palavras do Papa Francisco, ser altruísta é fácil, ser responsável quando somos altruístas é outra coisa. Fazer algo pelos outros é algo sagrado, mas é a maneira de fazê-lo que nos distingue.

Não é possível detectar com precisão até que ponto um jovem voluntário está ciente disso no início de sua experiência.

⁴ Na Casa di Accoglienza di Roma – Chaire Gynai.

⁵ UER(Università Europea di Roma), Luiss Guido Carli. Unint (Università degli Studi Internazionali di Roma).

⁶ Disponível em: <https://www.politichegiovani.gov.it>

A escolha dos voluntários se baseia em vários critérios, de acordo com as diferentes experiências e necessidades dos projetos, mas a avaliação positiva com relação à motivação solidária do(s) voluntário(s) determina o sucesso da escolha. Nosso objetivo é escolher uma pessoa que seja capaz de se colocar em risco, tentando modular o equilíbrio entre sua motivação pessoal e os desafios que encontrará junto com os migrantes e a equipe do projeto.

Comprometimento

Os projetos de voluntariado que ocorrem no país de origem do voluntário podem ser vivenciados com mais flexibilidade e tranquilidade.

O comprometimento da Fundação com os voluntários enviados ao exterior é diferente porque a experiência do Serviço Civil Universal (SCU) envolve vários atores: Instituições, ONG⁷, Fundação, Congregação MSCS, organizações participantes estrangeiras, Embaixadas, fornecedores e profissionais, cada um com políticas de governança distintas, regras e restrições diferentes. Nesse caso, a capacidade de mediar entre os vários atores é tão crucial para o sucesso da experiência quanto a motivação dos jovens escolhidos.

Quando um voluntário diz que ser voluntário no exterior “é abrangente”⁸ ele não está se referindo apenas a viver em outra cultura, mas também à responsabilidade que o programa de voluntariado no exterior exige. Percebemos que a participação é uma boa estratégia de mediação, pois nos permite trabalhar juntos por um objetivo comum: vivenciar experiências comunitárias. O trabalho pré-partida é dinâmico, mas a verdadeira “partida” ocorre no campo.

Das entrevistas de monitoramento (reuniões mensais com jovens, leigos e religiosos) surgiram as seguintes expectativas:

Voluntários

- Viajar: o desejo de conhecer lugares e culturas diferentes é recorrente, embora nem sempre seja compatível com os territórios em que trabalhamos.
- Ter uma experiência em contato direto com migrantes: alguns dos voluntários empregados nunca realizaram uma atividade imersiva

⁷ A Fundação Scalabriniana é associada à Focsiv-Federazione de organismos de voluntariado internacional de inspiração cristã: <<https://www.focsivit>>.

⁸ Adjetivo usado pela voluntária S.S. no exterior.

a serviço de migrantes e refugiados e escolheram a Fundação com a intenção específica de ter essa experiência.

- Experiência de gênero: 90% das candidatas são mulheres, entre as quais uma grande maioria manifesta um interesse em trabalhar na defesa dos direitos das mulheres.
- Trabalhar no campo profissional em que se é especializado: embora nem todos tenham experiência profissional consolidada (muitos são recém-formados), os jovens querem enriquecer seu currículo profissional.
- Crescimento: os jovens esperam que a experiência de desapego enriqueça o crescimento pessoal.

Equipe

- Conhecer pessoas qualificadas: jovens que, movidos por um espírito altruísta, podem desenvolver projetos e atividades colocando seu conhecimento e experiência a serviço de outras pessoas.
- Conhecer pessoas que estejam cientes do contexto cultural e religioso em que trabalharão: jovens que saibam respeitar as regras de um contexto sociocultural específico, muitas vezes crítico, e do ambiente comunitário em que trabalham.
- Conhecer pessoas disponíveis: jovens cuja disponibilidade de tempo não é rígida, que não tenham preferências alimentares rígidas e que já tenham experiência de viver juntos (no exterior).

Dificuldades

Embora todos os voluntários tenham relatado experiências positivas ao serem recebidos pela equipe, também surgiram algumas dificuldades durante as entrevistas, que devem ser mencionadas para enriquecer esta reflexão:

- Discordância entre o projeto e as atividades realizadas: os jovens relatam que também realizam atividades que não estão totalmente de acordo com o que leram ou concordaram.
- Discordância entre experiência de trabalho e serviço: os jovens acham que poderiam ser mais úteis se trabalhassem em atividades coerentes com seu currículo.

- Dificuldades de relacionamento com as comunidades na área em que o projeto é realizado: alguns relatam viver isolados da vida sociocultural da cidade devido à distância de alguns locais dos centros urbanos ou devido a um forte machismo cultural que os restringe na vida social ou devido ao nível de criminalidade na área.
- Dificuldades logísticas: viagem, convivência, alimentação.
- Necessidade de desapego: os jovens expressam a necessidade de se “desapegar” da experiência comunitária e encontrar sua própria rotina, que varia de pessoa para pessoa e é necessária para processar a experiência em seus próprios ritmos e hábitos.

Reflexão

Muitas vezes tenho mediado com voluntários de todo o mundo e, quando os encontro, tenho a sensação de que, por trás de cada pequena dificuldade, há algo mais. Também tive o prazer de conhecer, crescer e trabalhar com voluntários que, como eu, começaram seu caminho com incertezas e agora lideram ONGs, e cheguei à conclusão de que as dificuldades individuais e de relacionamento são um estímulo de crescimento tanto para o voluntário quanto para a equipe que o acolhe, porque constroem a *Koinonia* mencionada de uma maneira completamente nova.

A coincidência entre o projeto e a experiência profissional é uma excelente oportunidade para refletir sobre as expectativas dos voluntários e o forte desejo de crescimento que eles trazem. Um desejo que, às vezes, não consegue esperar, que quer, como eu digo, “ir depressa”, mas que, se bem direcionado, é benéfico para todos.

Se priorizarmos a profissionalização da experiência - procuro voluntários profissionais, procuro um voluntário que seja especialista em sua profissão - eu me pergunto quanto espaço há para aquele bom samaritano “tornar-se próximo”. Um espaço no qual o altruísmo também possibilita a descoberta de outras habilidades cujo potencial altruísta é desconhecido, um espaço no qual também é possível aprimorar as intervenções, tornando-as mais relevantes ou simplesmente mais criativas.

Atender às necessidades de convivência, como alimentação ou disponibilidade de espaços de socialização de acordo com as expectativas de cada pessoa – às vezes até para acelerar o tempo de adaptação – pode resultar em uma oportunidade perdida de crescimento comunitário.

Nosso comprometimento religioso, social e político em favor do respeito pelos direitos humanos é pleno, não apenas para aqueles que fazem uma escolha espiritual, mas também para aqueles que realizam seu trabalho social como leigos, por isso me pergunto até que ponto a necessidade de “desconectar” – relatada por voluntários no exterior -, ou seja, de delimitar espaços e momentos pessoais de vida, é uma escolha enriquecedora e útil para entender a experiência das pessoas em movimento, ou até que ponto é mais uma fuga de um contexto que às vezes é difícil de entender porque é injusto. Respeitando o tempo e o espaço de cada um, é necessário acompanhar os jovens para que saiam de sua zona de conforto e se conheçam, justamente onde os direitos dos outros são negados; ativando assim o altruísmo responsável que torna as comunidades unidas e mais fortes.

A reflexão interna ainda está em curso. A Fundação Scalabriniana deu início a uma área de voluntariado para aprimorar as intervenções e estimular a reflexão sobre o tema. Para a família scalabriniana, a riqueza da diversidade é um desafio constante que aceitamos enfrentar e que se repete em contextos sempre diferentes, mesmo em âmbitos longe da intervenção direta em favor das pessoas em movimento, como o voluntariado.

3 EXPERIÊNCIA DE VOLUNTARIADO INTERNACIONAL

*Cristopher Montenegro**

Bom dia a todos. É uma verdadeira honra estar aqui e compartilhar com vocês minha experiência como voluntário internacional. Antes de começar, é importante destacar a relevância do voluntariado e como cada um de nós pode fazer uma contribuição significativa para a sociedade. Como diz o ditado, “a força está nos números” e, com isso em mente, decidi mergulhar completamente no mundo do voluntariado.

Nasci em Quito e passei parte da minha infância na Itália devido a questões familiares, o que me deu uma perspectiva única do mundo e da importância de servir aos outros.

Meu compromisso com o voluntariado foi fortalecido durante os anos em que morei em Quito, onde me envolvi profundamente no serviço a jovens da minha escola e em outros projetos comunitários. Cada experiência, desde tarefas simples como lavar pratos até levar o Natal para crianças em lugares remotos, foi uma lição de vida. Lembro-me especialmente de uma noite escura durante uma missão de Páscoa, quando, depois de nos perdermos, a generosidade de um estranho nos abrigou em sua casa, lembrando-me da importância de manter a fé em tempos difíceis.

O que realmente me atraiu para o voluntariado foi a profunda satisfação que senti ao ajudar alguém. Aprendi que a verdadeira riqueza não está nos bens materiais, mas nos sorrisos e na alegria compartilhada. E esses valores de amor, empatia e respeito são o que me guiam nesse nobre empreendimento.

Minha primeira experiência de voluntariado internacional foi em 2015, em Mérida, Venezuela, com um projeto da União Europeia. Trabalhei por cinco semanas com crianças de uma favela em um projeto de escola de férias. No início, eu tinha muitas dúvidas sobre o que poderia

* Nasceu em Quito (Equador), vive na Itália, mas este ano está em São Paulo para um ano de voluntariado internacional no Brasil. Tem graduação em Ciências Políticas.

ser minha experiência, mas, no fim das contas, foi uma experiência que me enriqueceu muito e me permitiu conhecer uma nova realidade.

Quero enfatizar a importância de seguirmos nossos princípios e sermos proativos em nossas ações, mesmo que isso signifique ir contra a maré. Todos nós temos o poder de influenciar positivamente a vida dos outros.

Agora, ao abordar minha experiência atual no voluntariado internacional, quero compartilhar como essa nova fase impactou minha vida. De outubro de 2023 até hoje, realizei várias atividades no âmbito do projeto em que estou envolvido com o Servizio Civile Universale. Comecei participando de um treinamento sobre a Bem-aventurada Madre Assunta Marchetti, que me permitiu conhecer mais sobre sua história e missão.

Depois de receber um treinamento específico, comecei a colaborar ativamente com o “Projeto Conviver” da Casa Madre Assunta Marchetti, que apoia 86 crianças da comunidade por meio de alimentação saudável e atividades culturais. Também nos esforçamos para organizar atividades educacionais para as crianças, reconhecendo o valor delas para seu aprendizado e crescimento.

Diariamente, passo o tempo trabalhando com as crianças, ensinando-lhes idiomas e trabalhando em estreita colaboração com outros voluntários e trabalhadores locais para garantir seu bem-estar e o sucesso do programa de voluntariado.

Um dia típico começa às 9:00 da manhã e termina às 16:30, quando as crianças voltam para casa. O dia é dividido em dois grupos: um pela manhã e outro à tarde. As crianças chegam às 8h, tomam seu café da manhã e depois vamos à capela para agradecer ao Senhor e orar para que o dia corra bem.

As atividades na Casa são diversificadas. As crianças participam de oficinas de música, arteterapia, artesanato, mosaico, entre outras. Elas também recebem aulas de italiano, e estamos prestes a introduzir cursos de espanhol para um pequeno grupo de crianças interessadas.

Após as atividades, é hora do almoço, onde as crianças têm a possibilidade de se alimentar de forma saudável com várias opções de alimentos, estudadas em conjunto com uma nutricionista para oferecer a elas uma dieta balanceada.

Para finalizar o grupo da manhã, seus pais chegam ao meio-dia para levá-las às suas escolas. No turno da tarde, as crianças saem das escolas e participam das mesmas atividades. Quando chegam, almoçam e, antes de ir para casa, tomam o café da tarde.

Já se passaram cinco meses e sinto que aprendi muito. Estou bastante satisfeito com todo o trabalho que fiz até agora e acho que vou me lembrar com muito carinho deste ano de Voluntariado Internacional.

A comunidade que foi criada na Casa Madre Assunta é algo único; conheci muitas pessoas e, acima de tudo, aprendi o nome de cada uma das 86 crianças que estão na casa. Passei a gostar muito delas e elas me ensinaram muitas coisas. Quando chegar a hora de encerrar meu ano de voluntariado internacional, sinto que sentirei falta de todos nesta linda casa.

Gostaria de compartilhar uma citação da Madre Assunta Marchetti: “Sem sacrifício, não se pode fazer o bem aos outros”. Essa frase resume a essência do voluntariado: envolve dar tudo pelo bem-estar dos outros.

Acredito que um Voluntário Internacional deve possuir habilidades como flexibilidade, comunicação intercultural e resiliência, pois trabalhar em um contexto estrangeiro pode apresentar desafios únicos e imprevistos. A adaptação ao contexto e o respeito à cultura local são fundamentais para o sucesso do projeto.

Quando me deparo com momentos de dificuldade, busco o apoio de minha rede de voluntários e trabalhadores locais. Além disso, pratico a reflexão pessoal e a atenção plena para encontrar soluções e manter uma atitude positiva.

Concluindo, o voluntariado internacional é uma experiência enriquecedora que nos permite crescer como indivíduos e contribuir positivamente para o mundo ao nosso redor. Eu o convido a aceitar esse desafio de todo o coração e a continuar trabalhando juntos para tornar o mundo um lugar melhor.

Muito obrigado!

III CONSTRUINDO UM MODELO DE SERVIÇO ITINERANTE MSCS

1 SERVIÇO ITINERANTE REFLEXÕES SOBRE ALGUMAS EXPERIÊNCIAS RECENTES

*Roberto Marinucci**

Neste breve espaço de tempo meu objetivo é apresentar alguma reflexão sobre o Serviço Itinerante desenvolvido pelas Irmãs Scalabrinianas nos últimos anos. Mesmo tendo um tempo bastante reduzido, preciso, em primeiro lugar, enfatizar alguns aspectos metodológicos.

1. Trabalhando no CSEM, fui informado há alguns tempos do SI. Ainda assim, tive um conhecimento mais aprofundado apenas quando a diretora me pediu para ajudá-la num trabalho de sistematização da experiência. A atual diretora do CSEM me solicitou de dar continuidade a esse trabalho, junto com a Carmem Lussi. Decidimos dividir nosso trabalho em duas partes: eu me ocuparei mais da sistematização histórica, no sentido de fazer uma memória do que já foi feito, enquanto Carmem se ocupará de, a partir disso e fazendo um trabalho em diálogo com as Irmãs, inclusive a partir dos elementos emersos no debate deste painel, elaborar um conjunto de sugestões para dar continuidade a essa iniciativa.
2. Além disso, é importante frisar que minha reflexão é focada em três experiências do SI: o SI em México (2019), fronteira norte e sul; na Itália, Ventimiglia (2019), fronteira com a França; em Moçambique, diocese de Pemba – Cabo Delgado (2021/2022).

* Leigo italiano, pai de dois filhos. Mestre em Missiologia, trabalha como pesquisador no Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios em Brasília e é editor-chefe da REMHU, a Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana.

Soube que houve também outras experiências, por assim dizer, “menores” (não inferiores). Mas o foco ficou nessas três experiências. Pelo menos por enquanto.

3. Em terceiro lugar, as informações, a partir das quais faço minhas reflexões, decorrem de material que recebemos no CSEM. Cerca de 35 arquivos de texto, alguns, na realidade, repetidos, no sentido de traduções. A experiência com mais material é a do México. Decidimos, junto com irmã Marlene Wildner, diretora do CSEM, fazer contato com algumas das irmãs que participaram dessas experiências para ter mais informações e poder elaborar uma memória mais orgânica e completa. Mas, por enquanto, minhas reflexões se baseiam unicamente no material que recebemos sobre essas três experiências.
4. Finalmente, quero destacar que, nesta apresentação, minha função não é “avaliar” ou “julgar” o SI, tampouco “narrar” a história dessas experiências, mas levantar alguns temas de reflexão.
5. Como não sei se todas as pessoas presentes ao evento estão a par das características essenciais do SI, gostaria de começar apresentando um slide com a FINALIDADE/MISSÃO do SI, seu OBJETIVO GERAL e ESPECÍFICOS.

O SI é apresentado como um SERVIÇO (no nome) e uma PRESENÇA, relacionado com o adjetivo EVANGÉLICA; o contexto como EMERGENCIAL ou de SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE; o público alvo são MIGRANTES E REFUGIADOS, com prioridade para MULHERES E CRIANÇAS; em relação às atividades junto aos migrantes cabe destacar algumas expressões que são utilizadas, como “atenuar o sofrimento”, “defender direitos” (ter a dignidade respeitada), “manter a fé” (favorecer o acompanhamento espiritual), “proteger a vida” (atendimento às necessidades básicas), promover “um futuro melhor”; ademais, para além da ação direta das irmãs junto às pessoas migrantes, há também atividades em nível sistêmico ou estrutural, como “provocar processos de transformação na acolhida e proteção da vida dos migrantes e refugiados” ou “indivíduoar instituições” que possam ser envolvidas, a curto, médio e longo prazo, no atendimento do público-alvo.

6. Após essa longa introdução, em primeiro lugar queria chamar atenção para um aspecto que, talvez, não ficou muito explícito no Regulamento do SI, mas que é muito destacado nos relatos das irmãs: em geral, as irmãs envolvidas relatam que se *sentiram*

profundamente transformadas pela experiência. Fala-se, inclusive, em “conversão pessoal”. Ou seja, um dos principais “resultados” do SI é o *enriquecimento humano e espiritual das irmãs*. Ousaria, neste caso, citar o pedagogo brasileiro Paulo Freire, de acordo com qual todo educador é, ao mesmo tempo, um educando, e todo educando é, ao mesmo tempo, um educador. Na mesma lógica, todo evangelizador é também um evangelizado e todo evangelizado é um evangelizador. Neste sentido, o SI pode ser interpretado não apenas como um “serviço” da congregação para as pessoas migrantes, mas também, se me permitem, como um serviço das pessoas migrantes às irmãs scalabrinianas. Em outros termos, o valor da experiência está também na disponibilidade da congregação em se “aproximar” e se deixar “transformar”, “evangelizar” pelas pessoas migrantes.

Nesse sentido, é importante sublinhar que o SI não é apenas uma “aproximação” à uma emergência – que já é um ato concreto e simbólico de superação de muros e barreiras e construção de pontes, na lógica da “cultura do encontro” de Papa Francisco. No SI a “aproximação” se dá num contexto de “itinerância”, que significa “provisoriamente”, “precariedade” por parte das irmãs: abandono da residência habitual, novo clima, nova moradia, nova alimentação, novo idioma, novas companheiras etc. Vivenciando a itinerância as irmãs acabam partilhando, pelo menos em parte, um pouco daquela precariedade e vulnerabilidade que as pessoas migrantes vivem no dia a dia de forma muito mais intensa e permanente. É a união entre a “aproximação” e a “itinerância” que torna a experiência tão rica, e não apenas para a conversão pessoas das irmãs, mas também para o serviço que oferecem. Como diz uma irmã: “Estar en este SI es una oportunidad para crecer en mi vocación como misionera scalabriniana, el significado de mi llamado y el carisma del fundador es un regalo para la Iglesia”.

7. Agora, no que diz respeito ao Serviço oferecido aos migrantes, gostaria de ressaltar 4 aspectos: a temporalidade, a emergência, as parcerias e as atividades desenvolvidas.

No que diz respeito à **TEMPORALIDADE** os relatos das irmãs manifestam divergências. Há quem diz que o tempo é suficiente e outras que poderia ser maior (“3 meses são poucos”). Este é um assunto que merece um breve aprofundamento, só para alimentar a reflexão: me parece evidente que a eficácia de uma ação de serviço – mesmo levando em conta a especificidade de cada tipo de serviço – implica um conhecimento do idioma (dos idiomas),

da cultura (das culturas) e do contexto social e migratórios, um tipo de conhecimento que apenas em parte pode ser adquirido de longe, sem uma imersão no território. O que quero dizer é que todo serviço, para ser eficaz, precisa de um processo de “inculturação” ou adaptação que se torna difícil quando o prazo de presença é muito curto. Não é por acaso que uma das principais dificuldades relatadas é a “barreira do idioma”. Porém, sempre complexificando a reflexão, precisa levar em conta também um outro fator. Uma irmã escreve: “Sejam mais de 3 meses, [para] a missão é muito pouco, *porém para nós irmãs é suficiente*”. Tento interpretar essa afirmação: o SI implica uma intensa experiência emocional de aproximação e de imersão em uma emergência, que é associada a um estado de itinerância, de provisoriedade, como vimos. Tudo isso gera, inevitavelmente, um “esgotamento” físico e emocional que deve ser levado em conta na hora de determinar a temporalidade (o tempo) do Serviço.

A questão da temporalidade diz respeito também a outro tema: quando começa e termina o compromisso com o SI? Antes da experiência precisa ter um período de formação e preparação (está no Regulamento). Depois da preparação tem a experiência. No entanto, é muito importante também o tempo depois da experiência. Biblicamente falando, é o tempo do sábado na criação. É o tempo que deveria ser utilizado para reelaborar a experiência, para partilhá-la (“dar visibilidade”, diz o Regulamento) dentro e fora da congregação e, inclusive, para “individualizar instituições” (diz o Regulamento), entidades solidárias ou financiadores que possam ser envolvidos, o que permitiria uma “continuidade” da ação para além do período das experiências. Como falei anteriormente, o serviço efetivo às pessoas migrantes, num prazo de tempo tão curto e com todas as dificuldades de adaptação, é inevitavelmente limitado. No entanto, esse serviço pode ser muito mais eficaz depois da experiência. Antes falei que o SI gera uma “conversão humana e espiritual” por parte das irmãs. Mas, além disso, permite um “conhecimento” efetivo e extremamente precioso da realidade humana e migratória do lugar em questão. Várias irmãs, em seus testemunhos, fazem quase que um “diagnóstico” da situação. O desafio é: como explorar esse “conhecimento” tão aprofundado dessas emergências?

8. A **EMERGÊNCIA**. O Regulamento e os relatos das irmãs falam com ênfase na emergência e vulnerabilidade dos sujeitos encontrados. As três experiências de SI sobre as quais estamos refletindo

proporcionaram a imersão em diferentes tipos de emergência: Ventimiglia, na Itália, é um lugar de trânsito de pessoas oriundas sobretudo da África e Oriente Médio, pessoas que não querem ficar na Itália; uma realidade apenas análoga à de México, as fronteiras norte e sul, com a presença, aqui também, de muitos migrantes em trânsito, inclusive em “caravanas”, mas oriundos de vários continentes, residindo temporariamente em albergues e, sobretudo, sempre sujeitos a formas radicais de violência e abuso; finalmente, em Moçambique o contato foi com um reassentamento de deslocados internos, sobretudo crianças e mulheres, vítimas do conflito, que tentam reconstruir suas vidas na total precariedade e, sobretudo, provisoriamente. O que quero dizer é que existem vários tipos de emergências, e não apenas porque existem vários tipos de migrantes. De fato, a emergência pode decorrer: a) do grande número de pessoas em situação de vulnerabilidade (emergência migratória), mas também b) da escassa capacidade das estruturas de acolhimento em lidar com uma situação (neste caso, a emergência é do sistema de acolhimento). Ou seja, pode ter lugares com um grande número de pessoas em situação de vulnerabilidade, mas com estruturas de acolhimento e proteção bastante sólidas, e outros lugares onde, apesar do menor número de pessoas vulneráveis, devido à ausência ou precariedade das estruturas de acolhimento a vulnerabilidade é muito mais desafiadora. Existem realidades emergenciais pouco mediáticas e pouco conhecidas que a SI poderia visibilizar, conforme as próprias diretrizes: “dar visibilidade” a emergências. Enfim: como escolher as realidades emergenciais? Se poderia considerar situação emergencial, como uma área de trânsito ou pessoas em situação emergencial, mesmo em contextos de pouco fluxo?

9. A questão das **PARCERIAS**. A decisão de enviar irmãs para uma determinada emergência depende, também, do estabelecimento de parcerias com instituições ou entidades já presentes no lugar. No caso específico, no México e em Ventimiglia as irmãs se depararam com um expressivo número de organizações formais e informais, governamentais e não governamentais envolvidas. Inclusive com a Igreja católica e a Pastoral do Migrantes, com suas potencialidades e limites. Em Moçambique também, além da Igreja Católica e outras organizações internacionais, houve também o diálogo e a parceria com as lideranças comunitárias, por vezes, até com algumas dificuldades iniciais. Seja como for, esta colaboração com outras entidades é, com certeza,

fundamental, sobretudo por uma questão de logística. No entanto, é uma colaboração que traz também desafios, sobretudo quando os parceiros, embora comprometidos com a promoção dos direitos humanos, não necessariamente desenvolvem o tipo de serviço que as irmãs costumam desenvolver. O que quero dizer é que pode ter uma diversidade de prioridades entre as irmãs e as instituições parceiras que pode gerar algum tipo de atrito ou até um sentimento de frustração por parte das irmãs. Por outro lado, achei interessante o comentário de uma irmã: *“em primeiro lugar estão as necessidades do contexto e não apenas nossos objetivos como congregação”*. Pessoalmente concordo. Mas aqui voltamos ao tema da temporalidade: apenas com o tempo podemos detectar as reais e prioritárias necessidades do contexto. E, além disso, qual o espaço para atividades mais especificamente relacionadas ao carisma scalabriniano quando a presença se dá no interior das atividades de um parceiro que já tem suas prioridades? Um exemplo disso é a importância dada ao atendimento religioso que está presente no Objetivo e na Missão do SI (“manter a fé” e “acompanhamento espiritual”). Isso pode esbarrar, entre outros aspectos, com a “não-confessionalidade” das organizações parceiras ou até de outros grupos locais.

Ademais, cabe sempre se perguntar, na construção de uma parceria, o que a Congregação pode oferecer, de fato, aos parceiros? Quais parcerias priorizar, se os organismos internacionais ou os grupos e as comunidades locais? Qual a relação com as pastorais e as dioceses da Igreja católica?

10. Finalmente, uma última observação acerca das **ATIVIDADES DESENVOLVIDAS** no SI. A pergunta é: qual serviço, de fato, vamos oferecer numa emergência? Ou seja, como concretamente “defender direitos” ou “atenuar os sofrimentos”? Já falamos que há serviços que podem e devem ser oferecidos depois da experiência (dar visibilidade, denunciar violações, individualizar instituições que podem ser envolvidas em algum tipo de trabalho, individualizar financiadores de projetos, voluntários etc.). Porém, durante a presença das irmãs, que tipo de serviço oferecer? Entendo que a resposta só pode ser contextual, ou seja, relacionada às características de cada caso. Como já falamos, as três experiências em tela são muito diferentes. Moçambique, por exemplo, é o lugar onde as irmãs estiveram junto a um público-alvo mais “estável” e tiveram mais autonomia para determinar uma pauta de ação, incluindo atividades como projeto de autossustento, microcrédito,

alfabetização, higiene, documentação, atividades específicas com crianças e mulheres, etc. Por outro lado, em Ventimiglia, na Itália, as irmãs se depararam com uma ampla e sólida rede de instituições e associações, formais e informais, que atuam *in loco*, sendo o grau de autonomia para determinar uma pauta de ação muito menor, além da dificuldade de lidar com pessoas em trânsito. Pelo que entendi, neste caso as irmãs na maioria das vezes tiveram que se encaixar nas atividades dos parceiros.

De qualquer forma, em termo gerais, me parece que há dois focos:

I) potencializar as atividades de acolhimento e proteção desenvolvidas *in loco*, oferecendo e partilhando as habilidades pessoais e as competências congregacionais (neste caso é uma ação junto aos grupos solidários, sobretudo às pastorais);

II) ser presença solidária junto às pessoas migrantes encontradas durante a experiência. Neste caso, têm vários problemas, como o idioma, a cultura, a religião etc. Mas há uma certa unanimidade nas irmãs em destacar o tema da “presença” ou da “proximidade”, que se encarnam sobretudo na “escuta empática e solidária”, tida como caminho privilegiado para fortalecer a autoestima e atenuar, em parte, os sofrimentos das pessoas migrantes.

Relacionado a isso, um último desafio é constituído em como **AVALIAR OS RESULTADOS** de um SI nos lugares de presença. Valeu a pena? Conseguimos mudar algo? Podemos estabelecer alguns parâmetros objetivos, alguns critérios avaliativos? É um desafio sobre o qual refletir, sempre levando em conta que não há como contabilizar em números o que significou um sorriso, um abraço ou um olhar tenro para pessoas em situação de extrema vulnerabilidade.

2 SERVIÇO ITINERANTE TESTEMUNHO PESSOAL

*Ir. Nyzelle Juliana Dondé, mscs**

Olhando para trás, para a experiência vivida durante o tempo do Serviço Itinerante (fevereiro a março de 2019), sinto-me muito entusiasmada por ter participado de uma maneira tão intensa e esperançosa o “ser” uma Missionária Scalabriniana. Tentarei transcrever e compartilhar com todos e cada um de vocês em três parâmetros: revisar a história inicial, como tudo começou; a presença de Deus na resposta ao chamado pessoal e congregacional e, finalmente, como conclusão, apresentarei alguns pontos críticos.

Revisitando os primórdios do Serviço Itinerante (SI-MSCS)

A Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo Scalabrinianas, depois de anos sonhando em concretizar uma iniciativa que teve, ao longo de sua história, várias tentativas em algum momento, a equipe volante, o projeto Mediterrâneo... e finalmente o Serviço Itinerante. Essas iniciativas tinham o mesmo objetivo: estar presente com e para os migrantes e refugiados em situações de emergência. Essa ação é um Serviço, como resposta evangélica aos constantes e diversos desafios das realidades migratórias presentes desde o início da humanidade.

A questão migratória é cada vez mais afetada por diversas causas e consequências que aumentam a violação dos direitos humanos, o endurecimento das políticas migratórias, onde os migrantes estão cada vez mais expostos a uma infinidade de riscos. O Serviço Itinerante quer ser um

* Brasileira, Missionária Scalabriniana. Bacharel em Filosofia e Comunicação Social – Jornalismo, Mestre em Política Migratória e Desenvolvimento no Caribe. Foi Coordenadora Nacional da Pastoral da Mobilidade Humana de 2020-2023, atualmente é Coordenadora da Missão Apostólica e Comunicação da Província Nossa Senhora de Fátima, com sede em Chicago.

sinal da escuta amorosa de Deus que não abandona os estrangeiros e age em favor deles, os favoritos de Deus.

As primeiras experiências ocorreram quase ao mesmo tempo que os grandes fluxos migratórios em diferentes lugares. O norte do Brasil com a chegada dos venezuelanos, o norte e o sul do México no ano seguinte à grande caravana (2018) de centro-americanos que partiram em direção aos Estados Unidos, o norte da Itália e, finalmente, Moçambique - África. A principal atividade foi em favor da vida, ajudando a manter a dignidade de muitos irmãos e irmãs migrantes.

Em fevereiro de 2019, fomos para Ciudad Juárez, no norte do México, na fronteira com El Paso, Texas, perto do Rio Bravo, cenário de tantas mortes, tentando atravessar, rumo aos Estados Unidos. Juárez foi considerada a cidade mais perigosa do mundo em 2012 e forma uma das fronteiras mais movimentadas do território mexicano. Moramos por três meses na Casa del Migrante, fundada pelos Missionários Scalabrinianos e coordenada pela Diocese de Ciudad Juárez.

Convivemos diariamente com um perfil de pessoas bastante jovens. Havia alguns adultos mais velhos. Eram homens, mulheres - algumas grávidas, crianças e adolescentes desacompanhados, a maioria da América Central. Ouvi histórias de vida realmente perturbadoras, sobre as causas que os forçaram a deixar suas casas, vítimas de violência, abandonando tudo o que haviam construído, por causa de diferentes tipos de ameaças, em alguns casos por causa da perda de um membro da família. Além disso, ao longo do caminho, sofreram todos os tipos de estupros, abusos físicos e psicológicos, roubos, sequestros e maus-tratos por parte das autoridades migratórias, da polícia, dos coiotes, dos *polleros* que exigiam cerca de 10.000 dólares para cruzar a fronteira, sem qualquer tipo de garantia.

Durante os meses em que estivemos lá, a Casa del Migrante recebeu aproximadamente 400 migrantes. Em outros momentos, havia até mil pessoas, levando em conta que essa cidade tinha outros 12 abrigos, em condições muito precárias para receber migrantes.

Em um contexto político, socioeconômico e cultural sob o mandato do governo de Donald Trump, que de uma forma ou de outra afeta os países mesoamericanos. Suas posições antimigrantes criminalizam, rejeitam e desconsideram a tão necessária participação dos migrantes na geopolítica norte-americana.

Os outros três meses da experiência no SI foram passados em Tapachula, no sul do México, na fronteira com a Guatemala.

Como uma constante nas fronteiras, os migrantes foram e são vítimas de discriminação por parte das autoridades locais. No parque central

de Tapachula, vimos inúmeras vezes a polícia destruir os documentos, os salvo-condutos confirmando que estavam de passagem e registrados pela Comissão Mexicana de Ajuda aos Refugiados (COMAR). Eles eram rejeitados, os insultos eram constantes, eram agarrados à força para colocá-los nos carros oficiais, principalmente à noite, para detê-los e deportá-los.

Tivemos a experiência da comunidade intercongregacional com as Irmãs Filhas de Maria Imaculada de Guadalupe. Durante o dia, convivíamos com os migrantes no Abrigo Diocesano de Belén, coordenado pela Diocese de Tapachula. Enquanto isso, organizávamos reuniões com outras organizações da sociedade civil que trabalham com migrantes, com o Centro de Direitos Fray Matias, com as Irmãs Missionárias Combonianas, outros abrigos e organizações internacionais.

Hoje, posso ler que Deus estava me aproximando das pessoas que, em um dia não tão distante, seriam aquelas com quem eu compartilharia minha vida e caminharia junto. Depois de viver no México, Honduras foi meu destino, oficialmente transferido em 12 de dezembro de 2019, na Basílica da Virgem de Guadalupe. Assim, quando chegamos da peregrinação do Albergue Casa Mambré até a Casa da “Morenita”, com os migrantes, senti-me confirmada em minha vocação.

Do chamado vocacional a um projeto congregacional

Com quase 20 anos de vida consagrada na Congregação das Irmãs Missionárias Scalabrinianas, eu desejava viver um lema tão frequentemente repetido entre nós, scalabrinianas: “ser migrante com os migrantes”. Durante anos, estive envolvida na formação de jovens, tanto no despertar quanto no processo de formação inicial na congregação, e desejei ardentemente me lançar mais radicalmente no campo da migração e, como o profeta: ver a aflição, ouvir o clamor, pois conheci sua angústia e desci para livrá-los das mãos dos egípcios (Ex 3,7-8).

Tivemos um tempo considerável de preparação, com treinamentos, cursos, reuniões presenciais e virtuais. Isso facilitou o conhecimento de diferentes aspectos da migração, do contexto e da terra sagrada onde estávamos pisando. Foram dias intensos de aprendizado.

Vivenciamos o SI com livre decisão e convencidas de que seria uma oportunidade única de encarnar a radicalidade do carisma scalabriniano, percorrendo itinerários, realizando nossa própria missão com foco em uma ação mais integrada no cuidado da fé e na defesa dos direitos dos migrantes e refugiados (cf. Documento Final do XIII Capítulo Geral, página 5). Ao

mesmo tempo, foi uma confirmação de que “a vida consagrada, dom do Espírito à Igreja para o mundo, exprime nossa pertença a Deus e requer total doação de si mesma ao serviço do Reino, em fidelidade ao carisma scalabriniano” (NC n.15).

Nesta Norma Constitucional da Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo Scalabrinianas, está expresso, de modo intrínseco, o desejo de doar-se e viver integralmente a adesão pessoal e comunitária à vocação e ajudar a concretizar o projeto congregacional.

É viver a mística da caminhada, onde se contemplam muitos rostos: tristes, desesperados, cansados de sofrer, inseguros, desconfiados... Homens e mulheres, com um profundo desejo de realizar o sonho de «estar do outro lado». Nessas mesmas fisionomias, manifesta-se uma fé profunda que move montanhas e foi um dos aspectos que me tocou profundamente durante os meses compartilhados com os migrantes, convencido de que a fé os faz chegar ao seu destino e bem acompanhados.

Místico é aquele que não pára de caminhar. Todos os dias, os migrantes nos ensinam a mística da peregrinação. Com eles, aqueles que consagram suas vidas para viver o carisma do serviço, aprendemos a itinerar, buscando viver com abertura e profunda atenção a experiência do migrante, para nos colocarmos a caminho com humildade, rezando a realidade vivida.

Fazer parte do compartilhamento das cruzes desses filhos e filhas de Deus torna perceptível o grito emaranhado de um profundo desejo de uma vida digna, de um futuro melhor e mais seguro. O anseio pela vida bate em todo coração humano. É esse migrante que revela a face de Cristo e a certeza de que não caminhamos sozinhos e que, muitas vezes, as fragilidades dos migrantes se encontram com nossas próprias fraquezas. Além disso, ao olharmos com os olhos de Deus, podemos sentir a mão gentil de Deus, guiando as histórias deles e as nossas.

A experiência do Serviço Itinerante nos permite compreender que Deus é cúmplice do desejo mais profundo de viver o carisma scalabriniano com intensidade no mundo de hoje. Com isso, percebe-se sua atualidade, em consonância com a proposta de uma Igreja peregrina, que retoma seu olhar e ação em favor das pessoas com necessidades urgentes.

O Serviço Itinerante é uma expressão da ação comum de toda a Congregação, desafiada a viver provisoriamente na realidade mutável, dinâmica e complexa dos atuais contextos migratórios. Pude experimentar uma nova maneira de ser “migrante com os migrantes”. É uma resposta a uma realidade de migração que nos desafia e “um desejo específico da Congregação” que visa garantir uma presença MSCS concreta em emergências ao lado de migrantes e refugiados.

Foi um exercício de flexibilidade, de adaptabilidade, assegurado “com base nas exigências apostólicas” do tempo presente e adaptado à atividade pastoral itinerante (cf. Proposta de reorganização interna da Congregação).

Deus se revelou a mim de modo muito amoroso durante esta rica experiência e sinto-me confirmada pelas palavras do Santo dos Migrantes, São João Batista Scalabrini, quando, em uma carta a Dom F. Satolli, em 14 de setembro de 1893 escreveu: “fundar uma casa para os missionários itinerantes, que não teriam outro compromisso senão o de ir a todos os lugares onde existem colônias de italianos”, e hoje a todas as trincheiras por onde passam os migrantes de todo o mundo, para ser um sinal de bênção (G. Battistela, O Santo dos Migrantes João Batista Scalabrini, pg. 246).

Interpretação crítica

É de suma importância enfatizar que os objetivos dos seis meses foram alcançados, embora os aspectos subjetivos da experiência devam ser destacados em primeiro plano. Em particular, foi um laboratório e um impulso para o que eu viria a fazer mais tarde, em Catracha.

No início, foram identificados certos tipos de tensões ou contradições que marcaram a experiência e foram registrados como indicadores de aprendizagem em diferentes níveis. Na dimensão pessoal, foi um desafio: a capacidade de viver provisoriamente, o espírito de itinerância e adaptação a diferentes situações e culturas, a disposição de enfrentar qualquer situação com sabedoria, discernimento em um ambiente de insegurança... Isso é essencial: disposição para viver a incerteza e plena confiança de que Deus está tecendo minha história. Então, para ter hoje uma identificação com a causa. É necessário oferecer uma preparação adequada e qualificada.

Em nível organizacional: certeza de que foi uma primeira experiência, e por isso a criação de uma ferramenta de orientação pragmática teria sido eficaz para o desenvolvimento do trabalho. Definir o tempo de permanência do Serviço Itinerante em uma determinada emergência migratória sem conhecer o contexto é arriscado e compromete a credibilidade da implementação do SI, envolvendo fatores de inculturação, processos de articulação e monitoramento das diretrizes pastorais da Igreja Local. É fundamental a formação de uma equipe de coordenação para todo o processo de planejamento, monitoramento e acompanhamento. É importante pensar e estruturar a sustentabilidade durante o período de implementação e a longo prazo para que seja possível gerenciar as atividades. Considere as necessidades dos migrantes em seu contexto, em

primeiro lugar, e não apenas os objetivos como Congregação. É necessário prever espaços sistemáticos para planejamento e compartilhamento de experiências dentro da equipe. Também é necessário consolidar um plano constante e dinâmico do Serviço Itinerante, a fim de implementar uma presença efetiva em locais de emergência, dando o verdadeiro valor de um Serviço em favor dos migrantes e refugiados.

E, finalmente...

A missão do SI-MSCS foi um chamado para atuar como missionárias “da primeira hora”: mulheres das fronteiras, prontas para ir, abandonando-se para assumir a causa em favor desses irmãos e irmãs. A presença silenciosa e a escuta atenta das histórias de vida dos migrantes foram notáveis durante os seis meses de atividade. Foi, sem dúvida, um estímulo para a conversão pessoal e congregacional.

Em situações de emergência, são necessários recursos. Além da disposição pessoal de cada irmã, é importante prever e alocar recursos financeiros para apoiar e, assim, ajudar a salvar vidas o máximo possível. Os migrantes estão com fome, precisam de roupas, precisam de remédios, e isso não pode esperar. Para fazer o bem, você precisa de bens. O atendimento psicossocial exige a disponibilidade de materiais educacionais e de treinamento para trabalhar com mulheres e crianças migrantes em situações de emergência.

Assim como os migrantes fazem uma longa peregrinação para chegar ao seu “destino”, o Serviço Itinerante também precisa fazer uma viagem. Este é o início de um longo processo e, aos poucos, entenderemos como fazê-lo, tendo em mente que a dinâmica da migração está em constante mudança. Ainda é muito cedo para dizer qual é a nossa identidade, qual é a nossa diferença em relação a outras organizações que trabalham com migrantes, qual é a contribuição que o Serviço Itinerante da Congregação MSCS deixa para trás. Pouco a pouco, a maneira como agimos e qual será nossa especificidade no SI está sendo construída.

Sou muito grata a Deus e à Congregação pela oportunidade de cumprir essa missão, vivenciando os valores scalabrinianos de acolhida, itinerância e comunhão com os diversos desafios. São Scalabrini, a Bem-aventurada Assunta e José Marchetti foram os intercessores constantes. E que eles continuem confirmando com audácia e profecia esse serviço tão esperado pelas irmãs, migrantes e refugiados.

3 COMUNIDADE INTERCONGREGACIONAL MISSIONÁRIA CIM – HAITI

*Ir. María del Carmen Santoyo González**

Localização da comunidade e dos membros da CIM-Haiti

Somos a Comunidade Missionária Intercongregacional (CIM) no Haiti. A CIM está localizada em Anse-a-Pitres, uma cidade fronteiriça no extremo sudeste da costa do Mar do Caribe, na fronteira com Pedernales, na República Dominicana, e a cerca de 140 quilômetros da capital Porto Príncipe. Etimologicamente, Anse-a-Pitres significa bela vista do mar em uma terra de cactos. Anse-a-Pitres é uma das quatro passagens de fronteira do Haiti e é considerada a mais pobre e negligenciada do país.

Atualmente, o CIM é composto pelas seguintes irmãs: Clemencia Rodríguez Hidalgo, equatoriana; Irmã Missionária Mercedária de Barcelona, espanhola; Luigina Coccia, italiana, Irmã Missionária Comboniana e María del Carmen Santoyo González, mexicana, Professora Católica do Sagrado Coração de Jesus.

Um breve histórico do CIM no Haiti

O CIM está no Haiti desde 2010, graças à iniciativa da CER que, após o terremoto que devastou o Haiti e chocou o mundo, procurou responder ao CHAMADO DE DEUS nas situações de maior pobreza e injustiça. Ao longo desses 13 anos e conscientes de que é o Espírito que guia nossa jornada missionária, 10 Congregações e 18 irmãs participaram dessa experiência. Até 2013, trabalhamos em coordenação com o JRS em Porto Príncipe, acompanhando as pessoas que perderam tudo no terremoto nos acampamentos que foram montados. A partir deste ano, nos mudamos

* Religiosa mexicana, professora católica do Sagrado Coração de Jesus. Integra a comunidade missionária intercongregacional no Haiti.

para Kwadeboukè para trabalhar com o JRS na fronteira do Fonds Parisyen-Jimani. Desde agosto de 2021, estamos em Anse-a-Pitre, na fronteira sul do Haiti, buscando ser uma resposta ao sofrimento dos haitianos deportados da RD e aos grandes desafios que a mesma realidade nos apresenta.

Minha contribuição como professora católica do Sagrado Coração

Gostaria de começar com uma pergunta: É POSSÍVEL FAZER COMUNIDADE ENTRE DIFERENTES CONGREGAÇÕES E DIFERENTES CARISMAS?

De acordo com minha experiência missionária intercongregacional no Haiti, É POSSÍVEL, porque somos chamadas, convocadas e convidadas por Jesus de Nazaré a servir nossos irmãos e irmãs mais pobres para continuar a construir seu Reino na diversidade, sendo testemunhas de esperança.

Tem sido uma dádiva e um grande sinal da presença do Espírito que inspira, move e recria o ressurgimento de um novo estilo de vida religiosa.

É uma grande riqueza compartilhar nossos carismas como um presente, a mesma vida com suas ilusões, esperanças, conquistas e dificuldades. O fato de sermos de diferentes nacionalidades e de diferentes culturas, em vez de ser um obstáculo, torna-se uma possibilidade de viver um processo de caminhar juntos. A comunidade também tem sido um espaço para respeitar e aceitar nossas diferenças, tentando não perder nossa identidade e vivendo em liberdade.

A Palavra de Deus, a partir da fé, é o centro de nosso ser e fazer. Tentamos vivê-la todos os dias nas realidades concretas deste povo. É isso que nos encoraja e nos leva a ser uma pequena luz de esperança.

Ter um projeto comunitário nos faz caminhar em direção ao mesmo horizonte, sem perder de vista o ideal dessa missão intercongregacional.

Vivemos e optamos por uma economia comum e, dentro de nossas possibilidades, compartilhamos com algumas pessoas necessitadas.

Viver a intercongregacionalidade é um DOM DO ESPÍRITO PARA A IGREJA.

Contribuição de Ir. Clemencia Rodriguez Hidalgo – Missionária Mercedária de Barcelona

A experiência de intercongregacionalidade vivida ao longo desses 13 anos me serviu para revitalizar minha paixão em seguir Jesus a partir de

condições de maior simplicidade e pobreza e por meio de uma abordagem simples do sofrimento, da dor e das expectativas e esperanças do povo haitiano. Também de seus medos e incertezas, pois vivemos em um país onde reina a violência, a insegurança e a ausência de um governo que zele pela integridade de seus cidadãos.

Senti-me enviada por um Deus Libertador que “vê e escuta a dor de seu povo” e que aguarda minha resposta, limitada e pequena, mas que pode ser útil para encontrar caminhos de libertação e ser um canal de sua misericórdia. Dessa forma, será possível continuar construindo um projeto de humanidade, seu Reino, a partir dos pequenos e proféticos gestos que dão vida ao Evangelho de Jesus.

Estou convencida de que o critério orientador em uma comunidade intercongregacional é tentar viver sempre guiada pelo Evangelho de Jesus e enriquecida pela diversidade de carismas. Somos buscadoras de Deus, caminhando perto dos pobres, seus favoritos. A verdadeira proximidade com os pobres não nos deixou indiferentes.

Viver uma experiência intercongregacional é uma forma de ILUMINAR ESTRUTURAS. Não há interesse em manter a todo custo as obras próprias de cada Congregação, mas em tornar possível que a vida consagrada se aproxime profeticamente dos mais pobres para contribuir com a transformação da realidade.

A experiência intercongregacional me ajudou a compreender que esse novo estilo de vida consagrada é impulsionado e sustentado pelo Espírito que sempre buscará a unidade na diversidade e que, apesar de pertencermos a famílias religiosas diferentes, o que nos une e enriquece é a busca em comunidade de uma resposta ao Evangelho, pequena e simples, mas que constrói o projeto de humanidade, caminhando também com um povo simples e pobre como o povo haitiano.

Contribuição de Ir. Luigina Coccia – Irmã Missionária Comboniana

Sou Irmã Luigina, Missionária Comboniana de nacionalidade italiana. Como missionária, vivi em Camarões, na República Democrática do Congo, na Itália e, há apenas dois meses, cheguei ao Haiti. Depois de alguns anos vivendo em Roma para servir à minha congregação, senti o desejo de voltar a viver nas periferias existenciais do nosso tempo, em contato direto com as realidades humanas deixadas à margem da história, onde o sofrimento de povos inteiros é esquecido pelo resto do mundo. O Haiti é uma dessas realidades.

Também escolhi o Haiti por causa da possibilidade que me foi oferecida de fazer uma experiência em uma comunidade intercongregacional que sempre considereei uma iniciativa profética: de fato, acredito que essa experiência pode trazer uma nova luz à vida religiosa que está passando por grandes mudanças e está buscando novos estilos. Tendo acabado de chegar, só posso compartilhar algumas primeiras impressões. A palavra que mais ressoou durante essa primeira experiência, sem dúvida, FRONTEIRA. Vivemos a 10 minutos da fronteira com a República Dominicana, que aplica políticas migratórias cada vez mais restritivas aos haitianos que estão acostumados a viver, trabalhar e pertencer a esses dois países.

Estando aqui, entendo melhor que, apesar das políticas migratórias definidas pelos países, as pessoas que vivem perto de uma fronteira sentem que pertencem aos dois mundos e organizam suas vidas entre essas duas realidades: idiomas, culturas, moedas se interpenetram continuamente e, acima de tudo, as relações que surgem entre os povos dos dois países criam um pertencimento mútuo e dão vida a um novo povo. Parece que a vida cresce além das fronteiras políticas. E quando as restrições atuais nos impedem de circular e viver entre esses dois mundos, cada uma das duas realidades perde uma parte importante de si mesma e sente que seu direito à vida está sendo usurpado. Estando aqui, sentimos, mais do que em qualquer outro lugar, a necessidade de humanizar as fronteiras, para que elas permitam a circulação da vida, para que se tornem uma função da vida que é alimentada por encontros e não por divisões.

A fronteira é uma imagem que também fala da experiência intercongregacional que estou começando a viver: criar comunidades intercongregacionais exige cruzar fronteiras, é ir além dos próprios limites congregacionais para criar uma nova experiência de vida missionária consagrada. Quando entramos em comunidades intercongregacionais, cada uma chega com limites bem definidos: do próprio carisma, de pertencer a um estilo de missão e comunidade próprio de cada congregação.

Criar a pertença a uma comunidade intercongregacional requer aprender a cruzar os limites da própria experiência congregacional para entrar em uma nova terra e criar algo novo juntos. Não cancelamos as particularidades e os limites de nossas identidades carismáticas e congregacionais, mas aprendemos a ir além delas para criar novas experiências de comunhão na vida religiosa e na igreja.

Em uma realidade geográfica como a que vivemos, caracterizada por fronteiras que tendem a se fechar e a se tornar rígidas, nossa comunidade intercongregacional pode ser uma pequena luz que ajuda a superar os medos de viver sem fronteiras, sem a necessidade de afirmar nossos próprios “nacionalismos”, para nos alegrarmos em uma fraternidade universal.

IV INCIDÊNCIA PARA A DEFENSA E PROMOÇÃO DE DIREITOS

1 ESTRATÉGIAS PARA PROTEGER OS MIGRANTES EM TRÂNSITO LIÇÕES DA SELVA DO DARÉN

*Andreas E. Feldmann**

É uma grande honra para mim estar aqui. Há muito tempo admiro o trabalho inspirador e dedicado das Scalabrinianas, que há muitas décadas ajudam incansavelmente migrantes, refugiados e pessoas em movimento. É realmente inspirador e edificante ouvir os testemunhos e a ênfase singular de seu trabalho. Nesse sentido, fiquei particularmente impressionado ontem com as discussões sobre espiritualidade. A espiritualidade acrescenta uma dimensão vital ao trabalho da Ordem Scalabrini, que é crucial para lidar com a complexa dinâmica da migração. Destacarei esse aspecto em minha apresentação.

Pediram-me para falar sobre estratégias de advocacy. Para isso, vou me concentrar nos desafios enfrentados pelos migrantes em trânsito, refletindo sobre uma recente viagem de campo à Selva do Darien como parte da pesquisa que realizei para o State of the Nation, um influente *think tank* costarriquenho, em dezembro passado. Dividirei minha apresentação em duas partes. Primeiro, apresentarei uma visão geral da proteção, concentrando minha análise nas dificuldades e nos desafios de proteger as pessoas em trânsito. Em segundo lugar, descreverei brevemente algumas possíveis estratégias provisórias para advogar em seu nome.

* Chileno, Professor Associado de Ciência Política e Estudos Latino-Americanos e Investigador Sênior no Global Migration Research Core da Universidade de Illinois, Chicago. Tem doutorado em Ciência Política pela Universidade de Notre Dame e uma bolsa de pós-doutoramento no Centro de Estudos Internacionais da Universidade de Chicago.

Como vocês provavelmente sabem, o Darién e a rota que atravessa a fronteira entre a Colômbia e o Panamá se tornaram o epicentro da migração nas Américas nos últimos dois anos. No ano passado, as autoridades panamenhas informaram que mais de meio milhão de pessoas cruzaram o passo de Darién. Embora esse movimento tenha sido histórico, houve um aumento acentuado desde que as restrições ao movimento foram suspensas após o fim da pandemia de Covid-19. Como Jorge Durand, aqui presente, enfatizou em seu trabalho seminal (Durand 2019; 2022), esse fenômeno surge devido à integração dos sistemas de migração nas Américas (consulte também Feldmann, Bada e Schutze 2019; Feldmann et al. 2022). Historicamente, os sistemas de migração nas Américas (América do Sul, América Central e Caribe e América do Norte) funcionavam em silos sem muita conexão, cada um com uma lógica relativamente independente (Massey 2022; Feldmann, Bada e Durand 2021). Entretanto, vimos como esses três sistemas de migração se entrelaçaram nos últimos anos. Contra o pano de fundo dos crescentes problemas socioeconômicos, políticos e ambientais que forçam as pessoas a deixar suas comunidades, os sistemas de migração se integraram rapidamente e transformaram a América Central em uma espécie de conector onde centenas de milhares de pessoas da região e de fora dela (extracontinental) se deslocam para chegar aos Estados Unidos (Álvarez Velasco e Cielo 2023; Herrera 2023).

Essa situação fica evidente quando se observam as nacionalidades das pessoas que cruzam a região e passam pela América Central: no ano passado, a maioria era de venezuelanos, seguidos por haitianos. Uma questão notável é o aumento do número de equatorianos em trânsito. Como vocês provavelmente já ouviram falar, o Equador está passando por uma grave crise de segurança que logo se refletirá nos números. Desde janeiro, um número mais significativo de argentinos também começou a atravessar o Panamá. Em uma tendência que remonta a pelo menos duas décadas, mas que também parece estar aumentando, é possível observar um aumento de migrantes extrarregionais chegando à América do Sul e à Nicarágua e iniciando sua jornada rumo ao norte. Nesse sentido, houve um aumento notável na migração chinesa através do Darien, um esquema sobre o qual entendemos muito pouco. A migração mexicana também parece estar em ascensão (Feldmann, Sturino, 2024; Gandini, 2022).

Durante meu recente trabalho de campo, vi com meus próprios olhos os muitos e importantes desafios de proteger as pessoas em trânsito. Tenho certeza de que muitos de vocês sabem disso de cor, devido à sua longa presença no campo. Obviamente, o ponto central para entender essa dinâmica é a vulnerabilidade: os migrantes em trânsito enfrentam ameaças significativas que colocam suas vidas e seu bem-estar em uma situação

muito mais perigosa. Eles estão sujeitos a abusos, agressões e exploração, muitas vezes com consequências fatais, infelizmente. Os depoimentos destacaram muitos desses problemas, especialmente para mulheres, crianças e adolescentes.

Em uma situação grave, incidentes após uma discussão levaram à destruição parcial da Estação de Acolhida de Migrantes, San Vicente, nos arredores de Meteti, onde o governo panamenho, com a ajuda de organizações humanitárias (ONU, MSF, Conselho Norueguês de Refugiados e Cruz Vermelha Panamenha, entre outras), ofereceu abrigo e assistência às pessoas em movimento. Em circunstâncias que agora não estão claras, um confronto levou ao fechamento do centro e forçou todos os migrantes a serem alojados em Lajas Blancas, outro centro de abrigamento. No entanto, um centro com níveis mais baixos de infraestrutura está agora operando acima de sua capacidade. Além disso, temo que o incidente possa influenciar negativamente a predisposição e a postura das autoridades em relação aos migrantes e levar a uma abordagem mais restritiva. Ontem, os Médicos Sem Fronteiras, por exemplo, anunciaram que seu mandato não havia sido renovado no Panamá, sinalizando o fechamento do espaço humanitário.

Como contei, a vulnerabilidade das pessoas em trânsito é particularmente intensa e indiscutivelmente pior do que a das pessoas dos países receptores que pretendem se estabelecer. Vários fatores explicam isso. Primeiro, as pessoas que se deslocam de um lugar para outro caem em um estado liminar, indo de um lugar para outro em uma condição transitória que piora sua situação. Muitas vezes, elas estão viajando de um país para outro há meses e até anos. A natureza transitória de sua condição cria desincentivos para os governos, que parecem relutantes em gastar recursos para proteger e ajudar uma população que eles sabem que não tem intenção de permanecer em seus territórios. Mas talvez o pior de tudo seja que, muitas vezes, são os próprios migrantes que não demonstram interesse em acessar os poucos mecanismos de proteção existentes, pois seu principal objetivo é seguir para o destino preferido o mais rápido possível. Os trabalhadores humanitários e os defensores dos direitos humanos que entrevistei recentemente me disseram que os migrantes vítimas de violência, inclusive violência sexual, raramente apresentam queixas às autoridades, não apenas porque não sabem da existência desses mecanismos, mas, o que é mais importante, porque não querem ser retidos ou atrasados no trânsito.

Em segundo lugar, essa população muitas vezes enfrenta a indiferença e até mesmo a hostilidade das comunidades nas sociedades receptoras. Isso contribui para sua vulnerabilidade e sensação de isolamento. As

comunidades das sociedades receptoras, especialmente as empobrecidas, com extrema necessidade de recursos e, muitas vezes, privadas de serviços, ficam ressentidas com a assistência que os governos podem oferecer aos migrantes. Além disso, elas geralmente veem a chegada de um grande número de migrantes como uma oportunidade econômica, na medida em que podem oferecer-lhes serviços (acomodação, alimentação, orientação). Infelizmente, algumas pessoas muitas vezes se aproveitam deles por meio de golpes, trapaças ou oferecendo serviços a preços exorbitantes, sabendo que as pessoas estão desesperadas. Isso foi discutido ontem e é um grande desafio na elaboração de mecanismos de defesa.

Em terceiro lugar, a vulnerabilidade decorre dos altos níveis de desinformação que circulam nas mídias sociais e que incentivam uma visão distorcida dos perigos ao longo da rota, incluindo controles de migração, procedimentos e condições nos países de trânsito e de chegada. Um elemento que me chamou a atenção foi como essas visões e a influência geral da cultura popular inculcaram nos migrantes e refugiados uma esperança cega no “sonho americano”. Muitos contaram como sua sorte melhoraria quando chegassem aos EUA, onde os serviços estão prontamente disponíveis, há bons empregos disponíveis e o acesso a bens de consumo seria aberto. Nos dias em que estive no Panamá entrevistando migrantes, essa dinâmica, e espero que perdoem a metáfora religiosa, as pessoas expressavam com uma convicção quase religiosa que suas vidas mudariam quando chegassem aos EUA e que todos os obstáculos e problemas ao longo do caminho eram simplesmente testes que Deus havia colocado em seu caminho. É claro que essa convicção firme contrasta com a realidade local, pois centenas de milhares de imigrantes recém-chegados enfrentam enormes dificuldades para sobreviver economicamente, sem falar na integração à sociedade norte-americana.

Em quarto lugar, a presença de organizações criminosas nas zonas de trânsito complica ainda mais os esforços de proteção. Esses grupos geralmente controlam ou exploram as rotas dos migrantes, dificultando a garantia de sua segurança. Eles geralmente operam com impunidade e em conluio com as autoridades no que os pesquisadores chamam de governança criminal (a regulamentação da ordem social, incluindo economias informais ou ilegais por meio do estabelecimento de instituições formais e informais que substituem, complementam ou competem com o Estado e distribuem bens públicos (por exemplo, serviços sociais, justiça e segurança) (Mantilla e Feldmann 2021; Lessing, 2021; Feldmann, Luna, 2023).

O enfrentamento desses e de muitos outros desafios (mudanças climáticas) e a elaboração de uma estratégia de defesa eficaz exigem uma abordagem multifacetada. O trabalho nessa área é particularmente difícil

devido ao endurecimento da opinião pública sobre migração e ao surgimento de políticos oportunistas que propagam o discurso anti-imigração para obter ganhos eleitorais (De Haas, Castles, Miller, 2020).

Em minhas observações finais, apresento algumas estratégias provisórias que podem ajudar a melhorar a proteção das pessoas que se deslocam. Primeiro, os esforços devem se concentrar na melhoria das condições nos países de origem dos migrantes. O que sabemos é que a maioria das pessoas não quer migrar. Se houvesse condições de desenvolver uma vida digna para elas e suas famílias, elas prefeririam ficar em suas comunidades e países. Isso significa enfrentar de frente muitos problemas sociais estruturais espinhosos e trabalhar com os governos e a sociedade civil para melhorar os níveis de governança. É claro que esse é um trabalho monumental, mas podemos fazer muito melhor e devemos exigir muito mais daqueles que ocupam cargos públicos.

Em segundo lugar, é imperativo fortalecer os procedimentos de denúncia que facilitam a investigação e a sanção de supostos crimes. O ideal é que esses mecanismos sejam simplificados de maneiras criativas que não exijam que os migrantes passem longos períodos de tempo e, portanto, não atrapalhem sua viagem. As informações devem ser divulgadas por meio de campanhas públicas, alertando as pessoas sobre os perigos persistentes e explicando em linguagem acessível os mecanismos que as pessoas podem usar para denunciar suspeitas de crimes. O fortalecimento do trabalho de proteção consular é outro elemento essencial. Os governos têm interesse em reduzir as atividades criminosas que afetam os migrantes e, portanto, têm um incentivo para progredir nessa área.

Em terceiro lugar, as organizações da sociedade civil devem desempenhar um papel mais importante na assistência e proteção dos migrantes. Embora elas não possam e não devam substituir os Estados, a realidade é que, no contexto atual, os governos estão sobrecarregados, precisam de mais recursos e não têm o conhecimento necessário para fazer bem o seu trabalho. A sociedade civil pode ajudar a aliviar a carga dos recursos governamentais sobrecarregados e fornecer o apoio tão necessário a essas populações. Embora a sociedade civil tenha razão em exigir ações do Estado e denunciar abusos ou negligência, ao mesmo tempo ela deve ser inteligente para calibrar suas críticas de modo que sejam construtivas e ofereçam soluções. A colaboração com os governos parece ser fundamental para qualquer estratégia de proteção eficaz. Podemos incentivar uma maior cooperação e apoio demonstrando que os esforços da sociedade civil complementam, e não se opõem, às iniciativas do governo. Em outras palavras, equilibrar a defesa e o diálogo construtivo é essencial para garantir que os esforços de proteção permaneçam eficazes.

Em quarto lugar, as estratégias de proteção devem considerar seriamente como lidar com os esquemas de governança criminal. Sabemos de fato que muitos dos espaços pelos quais os migrantes transitam são governados pelo crime organizado ou, pior, são governados em uma espécie de conluio entre autoridades e grupos criminosos. Isso significa que qualquer estratégia de proteção deve necessariamente passar por um acordo, por meio de diálogo, com essas estruturas obscuras que têm um conjunto de incentivos completamente diferente (Feldmann, Luna 2023) dos convencionais que usamos no caso dos Estados. Em outras palavras, devemos ter cuidado para não estigmatizar esses grupos e estabelecer um diálogo, pois essa é a melhor maneira de proteger as pessoas.

Por fim, destaco a importância da espiritualidade, que desempenha um papel significativo na compreensão da migração e na orientação de migrantes e formuladores de políticas em suas decisões. Ao enfatizar valores que vão além das aspirações materiais, como a família e a comunidade, podemos promover práticas e políticas de migração mais significativas e sustentáveis, com base em uma compreensão mais humana e empática desse fenômeno crítico.

Concluindo, embora enfrentemos desafios monumentais na migração, há espaço para melhorias na maneira como todos os atores relevantes gerenciam esse fenômeno social. Elogio as Irmãs Scalabrinianas por sua dedicação inabalável no apoio aos migrantes e refugiados. Seu trabalho é inestimável, e eu os exorto a continuar seus esforços com determinação. Obrigado pela oportunidade de compartilhar essas reflexões.

Referências bibliográficas

- VELASCO, Álvarez; CIELO, Soledad y Cristina. "Circulations and Solidarities in the Darién." *NACLA Report on the Americas*, v. 55, n. 4, p. 345-49, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/10714839.2023.2280318>.
- DE HAAS, Hein, CASTLES, Stephen; MILLER, Mark. *The Age of Migration: International Population Movements in the Modern World*. London: The Guilford Press, 2020.
- DURAND, Jorge. "México y Centroamérica. Circuitos, Procesos y Patrones Migratorios." In: *México y CentroAmérica: Encuentro Postergado*, edited by Consejo Mexicano de Asuntos Internacionales, 22-29. Ciudad de México: Consejo Mexicano de Asuntos Internacionales, 2019.
- DURAND, Jorge. "The Mesoamerican Migration System." In: *The Routledge History of Latin American Migration*, edited by Andreas E Feldmann, Xóchitl

Bada, Jorge Durand, and Stephanie Schutze, 33-48. New York: Routledge, 2022.

FELDMANN, Andreas E.; BADA, Xóchitl Bada; DURAND, Jorge. *Centroamérica En El Contexto de Los Flujos Internacionales de Migración*. San José de Costa Rica: Programa Estado de la Nación, 2021.

FELDMANN, Andreas E.; BADA, Xóchitl; DURAND, Jorge; SCHUTTZE, Stephanie. "Introduction." In *The Routledge History of Modern Latin American Migration*, edited by Andreas E Feldmann, Xóchitl Bada, Jorge Durand, and Stephanie Schutze, 1-10. Routledge, 2022.

FELDMANN, Andreas E.; BADA, Xochitl; SCHUTZE, Stephanie. *New Migrations Patterns in the Americas: Challenges for the 21st Century*. New York: Palgrave, 2019.

FELDMANN, Andreas E, and Juan Pablo Luna. *Criminal Politics and Botched Development in Contemporary Latin America*. Cambridge: Cambridge University Press, 2023.

FELDMANN, Andreas E; STURINO, Anthony. "La Evolución de Los Flujos Internacionales de Migración En Centro América." Séptimo Reporte Estado de La Región. San José de Costa Rica: Estado de la Nación, 2024.

GANDINI, Luciana. "Between Closure and Openness: Migration Governance and the Venezuelan Exodus." In *The Routledge History of Modern Latin American Migration*, edited by Andreas E Feldmann, Xóchitl Bada, Jorge Durand, and Stephanie Schutze, 456-71. New York: Routledge, 2022.

HERRERA, Gioconda. Migraciones En Pandemia: Nuevas y Viejas Formas de Desigualdad. *Nueva Sociedad*, v. 293, p. 105-115, 2023.

LESSING, Benjamin. Conceptualizing Criminal Governance. *Perspectives on Politics*, v. 19, n. 3, p. 854-873, 2021.

MANTILLA, Jorge, FELDMANN, Andreas. "Criminal Governance in Latin America." In *The Oxford Encyclopedia of International Criminology*, edited by Edna Eretz and Peter Ibarra, 212-232. Oxford: Oxford University Press, 2021.

MASSEY, Douglas. Migration Studies in Latin America: AN Interdisciplinary Account. In: *The Routledge History of Latin American Migration*, edited by Andreas E Feldmann, Xóchitl Bada, Jorge Durand, and Stephanie Schutze, 11-30. New York: Routledge, 2022.

2 DEFESA DE CAUSAS RELACIONADAS COM A MIGRAÇÃO E OS REFUGIADOS

*Helena Olea**

Sinto-me profundamente honrada com este convite e agradeço por permitir que eu esteja com vocês, compartilhando com pessoas que tive a oportunidade de conhecer em diferentes espaços. Quero compartilhar com vocês um pouco do trabalho de defesa que faço, pensando também em como vocês podem fazer isso a partir dessa posição única e extremamente valiosa em que se encontram, a partir dessa autoridade moral única que vocês têm.

Trabalho na Alianza Américas, que é uma rede de organizações de migrantes, latino-americanos e caribenhos que vivem nos Estados Unidos. O que tentamos fazer é realizar esse trabalho de defesa a partir das vozes dos migrantes. Apresentando o que queremos contribuir com nossa experiência, as soluções e ideias sobre políticas de migração, a criação de condições de equidade e nossa relação com o planeta. Preparei esta apresentação que tem cinco elementos.

Contextos e narrativas

O primeiro é o contexto. Acho que o desafio mais importante que enfrentamos no momento são as narrativas anti-imigração, a demonização da migração, a percepção de que as pessoas que estão buscando segurança e dignidade são uma ameaça na rota de migração e no destino, o que exige uma abordagem de segurança nacional que precisa ser interrompida, que termos como invasão são usados, o que não é apenas um termo de números, mas tem uma conotação diferente. A migração é vista como uma ameaça. Portanto, temos um desafio adicional, que é trabalhar em contra-narrativas.

* É colombiana, migrante há quase 25 anos. Advogada com mestrado em Direitos Humanos, trabalha na Universidade e na sociedade civil para pessoas deslocadas internamente, migrantes e refugiados.

Todos os dias, mostramos com exemplos, com fatos, falamos para mostrar que as migrações não são uma ameaça, que elas são uma contribuição para a sociedade, que os migrantes tornam as sociedades melhores, mais ricas e mais diversificadas. E isso me parece ser absolutamente fundamental. A segunda coisa é ilustrar quais são as condições e os fatores que forçam as pessoas a sair. Temos de insistir que a migração não é uma aventura, mas uma estratégia de sobrevivência. Não se trata de viagens de turismo, não é um espírito aventureiro que leva as pessoas a irem embora. Há fatores que as estão empurrando e isso me parece ser central e perdido nas narrativas sobre migração.

Abordar a xenofobia também é absolutamente fundamental, é preciso entendê-la e trabalhar nela o tempo todo. Essa aversão ao estrangeiro é fundamental. É claro, também a questão do racismo. Nem todos os migrantes são vistos da mesma forma, nem todos nós somos tratados da mesma maneira. E nas Américas vivenciamos isso. E, às vezes, temos de usar esses exemplos que confirmam o racismo também como uma oportunidade de dizer: se conseguimos fazer isso aqui, por que não podemos fazer de outra maneira? Se foi possível dar as boas-vindas, se foi possível encontrar uma porta para o povo ucraniano, por que essa porta não pode ser aberta para outras pessoas? É a cor da pele? São as condições de pobreza que vêm? É claro que a situação de crise econômica cada vez mais profunda na América Latina e em outras regiões do mundo está no centro dos motivos da migração, assim como o impacto da crise climática sobre as oportunidades de moradia e subsistência, e não a morte como resultado de um evento repentino.

Compreender e comunicar essas situações é fundamental. As situações de violências, e uso violência no plural, não apenas por atores armados tradicionais, não apenas pelo Estado, não apenas pelo crime organizado, mas também sabemos que muitas mulheres estão fugindo da violência dentro de suas casas, da violência nas mãos de seus parceiros, e isso também é outro fator. Vamos falar e entender a complexa rede de violência que afeta a vida das pessoas nos lugares de onde elas saem, nos lugares por onde transitam e em seus destinos. É necessário insistir em todos esses elementos, tanto nos fatores de pressão quanto naqueles que são vivenciados ao longo da rota migratória, que fazem parte dos grandes desafios. Entendê-los e enfatizá-los para tentar descrever o significado da migração é absolutamente fundamental.

O lugar de onde a defesa é feita

Sua experiência direta com os migrantes. Há pessoas que estão advogando com base no que leem em documentos, no que ouvem. Vocês conhecem íntima e pessoalmente a dor, o sofrimento da migração, mas também a esperança, os sonhos pelos quais as pessoas migram e com os quais elas migram. Esses elementos são importantes. O mesmo acontece com a itinerância de suas próprias missões. Muitos de vocês já deixaram seu país de origem, já migraram. Vocês também sabem o que significa a dor da separação familiar. Vocês também conhecem, em nível pessoal, os desafios de se integrar em outra sociedade, de entender outra cultura.

Esses são elementos muito valiosos que fazem com que sua voz seja profundamente importante. Além disso, é claro, e foi aqui que comecei esta apresentação, sua autoridade moral. Você tem autoridade moral porque dedica sua vida, é sua missão pessoal, o trabalho pastoral, esse trabalho que você está fazendo. É um compromisso pessoal que você assumiu. E acredito que esses elementos vos capacitam de uma forma absolutamente única para falar, para falar com todos os atores, para dizer e identificar as soluções e as mudanças que podem ser feitas. Não é a mesma coisa falar com base no que li ou no que outra pessoa me disse. Você sempre pode começar um esforço de defesa com uma história pessoal, não uma história que lhe contaram, mas uma história que você viu diretamente, uma pessoa que você acompanhou naquele momento doloroso, como você falou antes. Esse é um elemento muito poderoso e você não está fazendo isso porque tem algum outro interesse que não seja a dignidade e o bem-estar dos migrantes. Não há outra agenda aqui. É isso que torna sua voz tremendamente poderosa e necessária para os migrantes. E, é claro, eles estão fazendo isso com base na solidariedade e na irmandade, que também são dois elementos fundamentais que acho importante ter em mente.

Espaços

Onde podemos advogar? Em vários espaços. Em nível local, estadual, departamental, federal ou nacional, e também, é claro, em nível regional e global. Com atores públicos e privados, com líderes comunitários e sociais.

A negociação com as autoridades é o primeiro espaço em que você está trabalhando. O que você pode fazer melhor? Como você pode tentar humanizar essa pessoa, mostrar a ela o que você está vendo e tentar mudar essas atitudes?

Outro ator importante é o setor privado. Temos que entender a importância do poder econômico para construir e manter narrativas, mas também para nos ajudar a mudar o contexto. Não é apenas o apoio econômico que eles podem efetivamente dar ao seu trabalho, o que é importante. É claro que você também precisa pedir a eles que façam doações, porque você precisa desses recursos. Mas é também que eles tomem uma atitude, que se perguntem se podem contratar migrantes para trabalhar, como podem fazer pequenos gestos de inclusão a partir do poder econômico que têm, o que pode ser realmente transformador? Tanto para a acolhida das pessoas em trânsito quanto para a integração.

Os líderes comunitários e sociais também são atores importantes que precisam ser envolvidos. Temos de trazê-los para o nosso lado. Alguns estão lá e temos de mantê-los, outros não. E temos de tentar trabalhar com os líderes sociais, com os líderes sindicais, com os líderes sindicais para que eles estejam conosco, para que possam nos ajudar e para que, às vezes, possamos fazer gestos conjuntos. Para que, por exemplo, diante de um crime, não sejam apenas as organizações de migrantes que levantem suas vozes, que também levantem suas vozes, que também expressem seu repúdio, que também expressem seu apoio a nós.

Um gesto de segurança de realizar um evento e que as pessoas-chave vão até a casa e dizem: «Aqui estamos com as irmãs porque reconhecemos seu trabalho, porque valorizamos seu trabalho, porque queremos reconhecê-las», também é importante. Além disso, é claro, o outro nível é com as autoridades nacionais ou federais. E aqui temos de ser ambiciosos. Que mudanças queremos ver na legislação? Que mudanças precisamos ver nas políticas? O que um governo pode fazer apenas com vontade política? Nem tudo precisa passar pelo difícil Congresso. Muitas coisas podem ser resolvidas com a vontade do executivo. E aí temos que ver quem são os tomadores de decisão, como apresentar propostas. Não vamos apenas apresentar um problema, mas a ideia de como resolvê-lo.

Por fim, há um espaço no qual todos nós nos movemos hoje: as redes sociais. É um espaço que você conhece e gerencia, a questão é como podemos alcançar os principais atores. É fundamental identificar em qual rede compartilhamos e em qual rede influenciados. Twitter ou X não é o mesmo que Instagram, Facebook ou TikTok. São públicos diferentes, populações diferentes de gerações diferentes e temos que alcançar todos eles. Temos que aprender mais sobre comunicação digital e nos especializar para cobrir diferentes plataformas e diferentes públicos, não apenas mostrando o que eles fazem, mas também ajudando com essas histórias e também com as propostas que eles têm. Esse espaço virtual é

muito importante. É para lá que a comunicação está caminhando. Hoje em dia, é tão importante quanto falar na televisão ou no rádio.

Estamos recebendo cada vez mais informações por meio desse bendito dispositivo. Portanto, o convite é para que pensemos nisso e o entendamos como uma estratégia de defesa. Também é uma ferramenta de financiamento, mas é uma estratégia de defesa. Há outros espaços, você pode defender não apenas no espaço local e nacional, mas também no espaço internacional. Concentrei-me nas Américas, porque a maioria de vocês está trabalhando nesse espaço. Há coisas a serem feitas em nível da OEA e, em especial, no sistema interamericano de direitos humanos. Há muito trabalho em rede hoje em dia. Vocês podem participar de uma audiência com outras organizações da sociedade civil, na qual podem, em três minutos, mas três minutos muito valiosos, que hoje em dia também são transmitidos pelo YouTube, falando sobre redes sociais, contar o que viram e propor as mudanças necessárias.

Há também a defesa de direitos nas Nações Unidas. Há espaços importantes para fazer sua presença ser sentida. Eu gostaria de listar os espaços formais de direitos humanos e também outros espaços paralelos que foram criados desde a resolução de Nova York sobre migração e refúgio. Alguns em torno do Pacto Global sobre Migração e outros em torno do Pacto Global sobre Refugiados. Esses são espaços nos quais as agências do sistema das Nações Unidas estão trabalhando. São espaços em que você pode participar, em que pode contribuir para tentar identificar o que está acontecendo em nível local, como os pactos estão sendo implementados e em que você pode tentar estabelecer outros diálogos, diálogos que são fundamentais com os atores estaduais e locais e com as agências da ONU.

Há também outros espaços, como o Fórum Global sobre Migração e Desenvolvimento, que foi realizado em janeiro em Genebra e será realizado no próximo ano na Colômbia. Portanto, esse é um espaço muito acessível que eu gostaria de convidá-los a incluir na agenda.

Estratégias

É essencial definir o objetivo: o que você quer fazer? quem? quem tem o poder de realizar essa mudança? E nem sempre, como eu disse, tudo passa pelo legislativo. Você precisa ter clareza sobre a mudança que deseja propor. Às vezes, não se trata de uma mudança do Estado, mas de outros atores. Explicar o que se está propondo, por que se está propondo e apelar para o impacto que a mudança que se está propondo terá. Não basta

denunciar. É preciso propor. Diante desse problema, isso é o que precisa ser feito e essa é a solução que queremos promover.

É essencial desenvolver pontos de discurso. A unidade e a consistência da mensagem são essenciais. Você precisa ser muito claro na mensagem e disciplinado na mensagem. Isso também é muito importante: O quê? Por quê?

E, é claro, você também precisa refletir sobre como essa mensagem está sendo recebida. Esse é um exercício de tentativa e erro. Às vezes dá certo, às vezes dá errado. E é fundamental ter em mente que não estamos buscando agradar a nós mesmos, mas ser eficazes, mudar pontos de vista e consciências para que se transformem em ações. Às vezes, por exemplo, gostaríamos de dizer algo a uma autoridade ou outra, a uma pessoa ou outra. Mas o que precisamos é atingir o alvo. Portanto, isso é absolutamente fundamental.

E você precisa insistir, insistir, insistir e insistir. Por fim, é preciso identificar aliados. Há organizações da sociedade civil que são aliadas importantes, onde podemos compartilhar informações. Há espaços existentes aos quais você pode se juntar. Há lugares importantes para aprender sobre como fazer advocacy, para ver o que os outros estão fazendo e como podemos convidá-los.

Deixe claro que esse é um caminho para a mudança. A mudança não ocorrerá amanhã. Temos de tomar medidas intermediárias. Esse é um processo passo a passo. Há atos simbólicos que são fundamentais. Temos de buscar esses avanços significativos. Mas também teremos retrocessos. Infelizmente, esse não é apenas um caminho no qual estamos sempre avançando. Também é necessário revisar a estratégia: o que aconteceu conosco, o que funcionou dessa vez, como funcionou, por que perdemos essa, por que perdemos essa? Revisar e continuar, persistir.

Não temos escolha.

Mas também, de tempos em tempos, precisamos rever nossas conquistas, que estão se tornando cada vez menores. E precisamos delas para manter nosso ânimo. Sinceramente, acho que sua persistência, sua fé e seu senso de humanidade são a força que nos permite seguir em frente e continuar as rotas da advocacia que, acredito, têm muito, muito a fazer.

3 TRABALHO EM REDE EXPERIÊNCIA DA REDE CLAMOR

*Elvy Monzant**

Bom dia a todas e todos¹

Chegou a hora de compartilhar com vocês sobre a Red Clamor. Antes de me aprofundar nas questões de advocacy, achei que seria bom compartilhar o que é a Rede Clamor, a jornada em que estivemos, porque sei que muitos de vocês, especialmente aqueles que não vivem na América Latina, sabem muito pouco ou nada sobre a Rede Clamor, e é por isso que vou compartilhar com vocês.

Em 2016, em Honduras, realizamos o Congresso Latino-Americano sobre a pastoral da mobilidade humana, convocado pelo CELAM - o Conselho Episcopal Latino-Americano. Eu estava servindo a igreja latino-americana como diretor da Pastoral Social para a América Latina, que incluía a pastoral da mobilidade humana. Tínhamos tido uma experiência aqui no CELAM, com a irmã Ligia Ruiz, que vinha trabalhando arduamente para o reconhecimento do dinamismo da pastoral da mobilidade humana no continente. Nesse congresso, percebemos várias coisas: a primeira foi que a migração estava se tornando cada vez mais complexa, cada vez mais difícil, multifatorial, que estava ocorrendo em contextos de maior vulnerabilidade e, portanto, para a Igreja, a migração era um dos grandes desafios.

Em segundo lugar, percebemos que havia muita ação da igreja, que a igreja na América Latina tinha muito trabalho a fazer com os migrantes, mas o que nos preocupou foi a terceira constatação, que era o fato de estarmos desarticulados, de não nos conhecermos. Tínhamos diferentes trabalhos de igrejas que não conseguiam se articular, que faziam trabalhos paralelos, que duplicavam esforços, que não tínhamos um espaço para nos encontrar,

* É secretário executivo da Rede CLAMOR, uma rede eclesial da América Latina e das Caraíbas que se ocupa da migração, da deslocação, do refúgio e do tráfico de seres humanos. É também diretor pastoral de CARITAS Venezuela.

¹ Transcrição do áudio da apresentação feita no V Seminário MSCS, sem revisão do autor.

para nos acompanhar. Então, em uma mesa almoçando, a irmã Rosita Milesi, o padre Leonir Chiarello, o padre Mauricio García, dos jesuítas, a irmã Roselei Bertoldo, da rede Un Grito por la Vida, e eu... Enquanto almoçávamos, surgiu a pergunta: por que não promovemos uma rede... por que, como fruto dessa reunião, não apenas publicamos um livro, como sempre foi o caso em todas as reuniões, mas também saímos e construímos uma rede que nos permite articular as diferentes realidades em que nós, na Igreja Católica, trabalhamos com migrantes, refugiados, vítimas de tráfico, pessoas deslocadas internamente, pessoas deslocadas pelo clima?

A primeira impressão foi que a rede não seria para todas as realidades do cuidado pastoral da mobilidade humana, mas especificamente para a realidade da mobilidade forçada. A partir daí, o padre, a irmã Rosita e eu começamos a ligar para as pessoas, a contatar as pessoas uma a uma, a vender a ideia para os jesuítas, para os franciscanos, para os bispos, para todos. Cinco ou seis meses depois, em maio de 2017, decidimos! A partir de uma convicção que está no centro da eclesiologia do Concílio Vaticano, da espiritualidade da comunhão - quando o Senhor Jesus pede que sejamos todos um para que o mundo creia; e a sabedoria popular também diz: juntos somos mais fortes, na unidade há força. Sem dúvida, a unidade é o fruto do espírito, onde o espírito santo habita, há comunhão. Queremos ser uma expressão de unidade, a palavra sinodalidade ainda não era usada, mas queremos ser uma expressão concreta de sinodalidade no mundo da migração e, portanto, com base nesse desejo, que também é o desejo do Papa Francisco, queremos deixar de ser muitos. Individualmente, inclusive nós, a cada dia mais e mais vamos construir esse "nós": foi isso que decidimos com essas organizações para formar a Rede Clamor e assim nasceu como uma rede, escrita para o Conselho Episcopal Latino-Americano, CELAM.

É o trabalho pastoral das organizações da Igreja Católica na América Latina e no Caribe que acolhem, protegem, promovem e integram migrantes, pessoas deslocadas, refugiados e vítimas de seres humanos. Este é o artigo número 1, o documento de identidade e o estatuto aprovado pela assembleia do Clamor Vermelho, ratificado pelos bispos do CELAM e também ratificado pelo Dicastério a Serviço do Desenvolvimento Humano Integral. Somos uma rede que articula as organizações; todas as organizações da igreja na América Latina que trabalham nesse campo, que foi fundada na República Dominicana em 2017. Existem várias organizações, mas esse foi o dia em que levantamos nossas mãos e aprovamos a criação da Rede. A partir desse dia, começamos essa jornada da Rede Clamor.

Na América Latina, as conferências episcopais têm duas formas de incentivar o trabalho com os migrantes: por um lado, as conferências criaram seus departamentos, seções da pastoral da mobilidade humana, e

confiaram a eles a tarefa de incentivar o trabalho da igreja com os migrantes. Assim, na Rede Clamor há departamentos para a pastoral da mobilidade. As conferências episcopais do México, Guatemala, Costa Rica, Honduras, República Dominicana, Peru, Paraguai, Chile e Argentina, a maioria delas confiadas à família scalabriniana, criaram seus próprios departamentos para a pastoral dos migrantes. Os bispos criaram seus departamentos, suas seções de mobilidade humana como conferências episcopais e todos eles pertencem à Rede Clamor. Por outro lado, os bispos pediram às Caritas que incentivassem o trabalho com os migrantes e, assim, as Caritas nacionais responsáveis pela migração em El Salvador, Nicarágua, Panamá, Colômbia, Venezuela, Equador, Bolívia, Uruguai, Brasil e Antilhas participam da Rede Clamor. Nesses casos, foi à Cáritas que os bispos confiaram a tarefa de animar, em nível nacional, a questão da migração.

Hoje temos a representação de 19 das 22 conferências episcopais latino-americanas na Rede Clamor. Além disso, há as congregações religiosas: uma de nossas intuições desde o início foi que não deveríamos nos limitar aos órgãos episcopais, mas que deveríamos ir àqueles que realmente estão nas fronteiras, que estão atendendo aos migrantes, que estão nas comunidades, que são fundamentalmente a grande maioria das congregações religiosas. E uma dessas congregações são os e as Scalabrinianos/as; e a Rede Scalabrini, a Rede Jesuíta com os migrantes, o Serviço Jesuíta aos Refugiados, as organizações para os migrantes, a Ordem Mercedária, a Redemptora, os Salesianos, as Adoradoras, as Irmãs do Bom Pastor, as Irmãs Juanitas, que são quase todas as que trabalham com a questão da migração. Há também outras organizações, como o Instituto de Migração e Direitos Humanos no Brasil, dirigido pela Irmã Rosita, e há o SIMI em Nova York com essa rede de organizações; em outras palavras, são organizações que têm algum trabalho a fazer sobre a questão da migração.

Fizemos um mapeamento. A primeira coisa que queríamos fazer na Rede Clamor era contar a nós mesmos e temos um mapeamento sistematizado de 635 trabalhos, em 5 zonas, em 22 países, em 345 cidades da América Latina. Se um migrante está no Peru, mas está pensando em ir para o Chile, nosso mapeamento pode descobrir quais obras a igreja tem no Chile e seus endereços, os serviços que prestam, etc. Isso está em nossa página da web: há 635 obras que a igreja tem, que estão vinculadas à Rede Clamor.

Para nós, sem dúvida, o passo que nos qualificou, o passo mais importante, é que começamos a criar as Redes Clamor nacionais, porque embora a articulação latino-americana fizesse sentido, fazia mais sentido que em cada um dos países se reunissem os agentes pastorais que estão respondendo à questão migratória. Atualmente, temos redes nacionais

da Rede Clamor na Argentina, Brasil, Bolívia, Colômbia, Chile, Costa Rica, Equador, El Salvador, Guatemala, Honduras, México, República Dominicana, Peru, Panamá, Paraguai e Venezuela. Em outras palavras, temos a Rede Clamor em 80% dos países da América Latina e essas redes articulam 186 organizações nacionais, o que nos torna uma das maiores redes eclesiais do mundo.

A Rede Clamor atualmente articula um número muito importante de organizações eclesiais. Os quatro verbos são o nosso norte: acolher, proteger, promover, integrar, porque em todos os processos de defesa que estão acontecendo, nós estamos participando. Fomos escolhidos pelas Nações Unidas como representantes da sociedade civil no processo de organização e realização do Fórum Mundial de Refugiados de 2023; participamos ativamente, estivemos em Genebra e organizamos dois eventos paralelos; apresentamos um documento de Propostas. Também estamos participando como um processo de defesa no processo de Quito, liderado pela irmã Rosita Milesi; estamos participando da estrutura regional integral para proteção e soluções, que é fundamentalmente para os estados da América Central. E este ano estamos muito comprometidos com o tema Cartagena + 40, o 40º aniversário da Declaração de Cartagena, e, juntamente com a valiosa equipe de advocacy que temos, estamos participando para contribuir com toda a reflexão sobre a proteção de pessoas que precisam de proteção internacional no mundo dos refugiados. Estamos participando ativamente de todos esses espaços. O ACNUR e a OIM nos reconhecem como seus interlocutores quando conversam com a sociedade civil e organizações religiosas na América Latina.

Tudo isso é o que nos encoraja. O que nos motiva é o sonho de poder construir uma cultura do encontro diante da cultura da indiferença, diante da cultura do descarte. Essa é a igreja com a qual sonhamos na Rede Clamor, a igreja que é representada.

No terno abraço de solidariedade do Papa Francisco com um migrante, todos os migrantes se sentem cuidados, acolhidos, protegidos pela ternura de um abraço da Mãe Igreja, a ternura da solidariedade com a capacidade de transformá-lo em um protagonista e não apenas em um objeto.

Não é da esmola ou da assistência, mas dos migrantes em um companheiro de caminho, com quem sonhamos um mundo onde podemos chamar Deus de pai, com a certeza de que vivemos como irmãos e irmãs, um mundo onde derrubamos muros e podemos construir pontes de justiça, paz, solidariedade, pontes de amor, pontes de fraternidade e sororidade, que nos fazem descobrir como irmãos e irmãs, e caminhar juntos rumo ao Reino.

Muito obrigado.

4 TRABALHO EM REDE PELA VIDA, A DIGNIDADE E OS DIREITOS HUMANOS A EXPERIÊNCIA DE VIVAT INTERNACIONAL

*Ir. Clarice Barp, mscs**

A VIVAT International é uma organização não governamental composta por 12 congregações religiosas que trabalham para a promoção dos direitos humanos em nível internacional e local. Ela tem status consultivo especial no Conselho Econômico e Social das Nações Unidas. Esse Conselho de Direitos Humanos supervisiona dois importantes mecanismos de monitoramento cíclico de situações de direitos humanos:

- Revisão Periódica Universal (UPR)
- Procedimentos especiais.

O nome VIVAT é derivado do verbo latino “VIVERE” e expressa o profundo desejo: “que todos vivam, que todas as pessoas vivam, que toda a criação viva”, ou seja, que tudo o que existe viva.

O logotipo retrata três pessoas se abraçando, acolhendo e apoiando umas às outras, enquanto olham para além de seu próprio círculo, para um mundo maior lá fora que anseia por unidade e comunhão. As três plantas de oliveira que emergem da segunda letra de VIVAT representam a esperança e a transformação que a Organização prevê para o mundo.

As Congregações que fundaram a VIVAT Internacional em novembro de 2000 foram: a Sociedade do Verbo Divino (SVD) e as Missionárias Servas do Espírito Santo (SSpS).

A VIVAT assumiu uma missão dupla: por um lado, o trabalho direto com as pessoas e, por outro, a defesa de direitos nas Nações Unidas, devido ao reconhecimento que tem na defesa global. Além do trabalho de defesa na ONU, ela procura trabalhar com outras agências e ONGs.

* Missionária Scalabriniana, brasileira, assistente social e mestre em serviço social, estado de bem-estar e metodologias de intervenção social. Atualmente é coordenadora da ação social da Caritas Diocesana Sigüenza Guadálajara, representante da Congregação em Vivat Espanha e membro do Conselho de Administração da Confer Guadálajara, Espanha.

A VIVAT International atua em quatro áreas de direitos humanos, com foco especial em

- Erradicação da pobreza: busca melhorar o padrão de vida e a dignidade humana de todas as pessoas empobrecidas e abordar os múltiplos efeitos da pobreza. É dada ênfase especial à migração.
- Mulheres: trabalha para eliminar a violência contra as mulheres, uma das formas mais difundidas e brutais de discriminação que as mulheres sofrem;
- Desenvolvimento sustentável: acredita na sustentabilidade ecológica, na proteção da biodiversidade e na preservação da riqueza do planeta para as gerações futuras; e
- Cultura de Paz: promove a vida, a dignidade e os direitos humanos com uma forte mensagem de paz e não-violência em todos os grupos e iniciativas.

Rede Vivat Espanha

A Vivat Espanha optou por trabalhar exclusivamente em tudo relacionado à defesa dos direitos dos migrantes e refugiados.

Os membros da Vivat Espanha são nove congregações religiosas (Missionários do Verbo Divino, Missionários Servos do Espírito Santo, Missionários Espiritanos, Adoradoras do Sangue de Cristo, Irmãs da Assunção, Religiosas da Assunção e Missionárias Scalabrinianas; duas congregações são membros associados: Reparadores Dehonianos e Missionários Combonianos).

O objetivo geral é realizar ações conjuntas para aumentar a conscientização, defender e denunciar violações dos direitos humanos de migrantes e refugiados, e se concretiza em:

- Visitas e acompanhamento nos Centros de Detenção para Estrangeiros (CIEs)¹ e coleta de casos de violação e infração dos direitos dos migrantes internos nos CIEs e ex-internos.
- Conscientização e defesa de direitos por meio dos Círculos de Silêncio, que são realizados mensalmente em nível nacional.

Metas: elaborar e apresentar o relatório UPR 2025 (4º ciclo, 49ª sessão) com relação a: Fechamento de CIEs na Espanha.

¹ Os CIES são centros de detenção para migrantes, embora eufemisticamente o termo internação seja usado.

Contexto

A VIVAT Espanha tem priorizado, há vários anos, a defesa dos direitos dos migrantes e, em particular, concentrou sua ação e conscientização na denúncia da violação dos direitos dos migrantes nos Centros de Detenção de Imigrantes.² A detenção criminaliza e priva os migrantes de sua liberdade de forma arbitrária e abusiva, sem uma expulsão definitiva. O Estado acaba liberando uma porcentagem muito alta das pessoas detidas após 60 dias de detenção.

Em 2021, havia 1.841 migrantes internados, dos quais 811 foram deportados; em 2022, de 2.280 migrantes internos, 1.276 foram deportados e 1.072 foram liberados, o que significa que 44,62% cumpriram a finalidade da internação. Isso mostra como é infrutífera a detenção de migrantes cujo retorno efetivo é altamente improvável e também não permite alternativas à detenção.³ Em 2020, devido à pandemia, quase todos os CIEs fecharam e liberaram todas as pessoas detidas, permitindo que continuassem com seu projeto migratório em liberdade, o que mostra que esses centros são inúteis e causam sofrimento abusivo e desnecessário aos migrantes.

VIVAT España continua insistindo que esses centros são desnecessários, além de violarem os direitos humanos dos migrantes e, portanto, está trabalhando para apresentar o segundo relatório no 4º ciclo, 49ª sessão da RPU 2025, que, além da inação do Estado “em resposta às recomendações dos Estados-Membros no relatório anterior”, inclui uma série de testemunhos que mostram a continuidade das violações de forma sistêmica. Evidências que nos permitem pedir o fechamento das CIEs na Espanha.

Nesse contexto e próximo à realidade das pessoas que nos questionam, VIVAT Espanha apresentou o relatório anterior na RPU 2020 na seção 35. E devido à continuidade da mesma violação, decidiu continuar trabalhando na conscientização e coleta de casos para este novo Relatório.

Para apresentar o relatório na RPU 2025, há um longo caminho a percorrer. A VIVAT Espanha está comprometida com o treinamento e, em outubro de 2022, organizou um dia de treinamento presencial sobre os mecanismos e instrumentos da ONU para a defesa dos direitos humanos no campo da migração, incluindo o UPR e a declaração oral, com o representante da VIVAT em Genebra.

O UPR é o mecanismo pelo qual o Conselho de RH avalia a situação dos direitos humanos em cada Estado Membro, bem como um diálogo interativo baseado em informações fornecidas por agências da ONU, sociedade civil e recomendações dos Estados Membros. Em seguida, é

² Na Espanha, há 7 CIEs: Madri, Barcelona, Múrcia, Valência, Algeciras, Tenerife e Las Palmas.

³ Os números são do relatório CIE 2022.

redigido um documento final que inclui recomendações dadas ao Estado sob análise.

É um mecanismo que a VIVAT Espanha escolheu para pressionar o governo a cumprir suas obrigações e compromissos e seguir as recomendações dadas na RPU 2020. Portanto, é um trabalho de monitoramento contínuo que é realizado em rede, além das Congregações Religiosas que compõem a VIVAT, estamos procurando parceiros, aliados com ideias semelhantes, como associações que trabalham diretamente com migrantes afetados para coletar testemunhos.

Desde 2021, os depoimentos estão sendo coletados, com base em critérios de proteção de dados de testemunhas, quanto mais casos forem coletados, mais argumentação haverá para o Relatório. Nesta fase, estamos contando com a assessoria dos responsáveis em Nova York e Genebra.

Outra forma de defesa e denúncia em nível local e estadual para a VIVAT Espanha é por meio do “Círculo de Silêncio”. É uma forma de denúncia não violenta da violação dos direitos dos migrantes. Um gesto que é feito em praças públicas e periodicamente, “uma vez por mês”. O tempo é de cerca de 10 ou 15 minutos em silêncio para conscientizar e chamar a atenção de quem está passando. A denúncia é feita com mensagens ou geralmente com faixas “O Imigrante é Cidadão, Nenhum Ser Humano é Ilegal, direitos trabalhistas para todos [...]”, e são lidos depoimentos, manifestos ou notícias que denunciam uma situação de violação.

Tudo isso serve para nos aproximar da precariedade e da desvantagem em que se encontra a população migrante, para nos abirmos à realidade das migrações e é um gesto que apela à consciência e à solidariedade com os migrantes, e também denuncia leis que vão contra os direitos humanos mais elementares.

Cada um dos membros da VIVAT o faz a partir de suas localidades, alguns o fazem integrando outras entidades ou plataformas.

Nossa perspectiva é continuar a conscientizar e treinar os membros do grupo VIVAT, a ampliar os parceiros e aliados para dar mais credibilidade ao relatório e, o mais importante, apresentar o Relatório UPR 2025 pedindo o fechamento dos CIEs.

Com base no direito humano mencionado no nº 9 da Declaração Universal dos Direitos Humanos: “Ninguém será submetido a prisão, detenção ou exílio arbitrários”, reiteramos que as detenções que ocorrem desnecessariamente devido à impossibilidade de executar a expulsão violam flagrantemente o direito à liberdade e forçam os migrantes a suportar uma detenção que não deveriam ter que suportar.

Por fim, a VIVAT Espanha insiste na inutilidade das CIEs e propõe como alternativa à detenção cautelar de migrantes irregulares a sua acomodação temporária em recursos abertos de recepção humanitária durante o tempo em que seu caso estiver sendo processado. O alto custo de manutenção dos CIEs poderia ser investido em programas de recepção e inserção social e trabalhista, tão necessários para os migrantes.

A base documental do relatório da UPR é a Carta das Nações Unidas e a Declaração Universal dos Direitos Humanos.

ANEXOS

1 ASPECTO ECLESIAL OBSERVAÇÕES

*Elvy Monzant**

Pediram-me para ser um observador¹. Portanto, durante esses dias, eu me concentrei mais no coração do que no cérebro. Fiz um grande esforço para fazê-lo dessa forma; acho que foi, vi que foi melhor. Algumas coisas que vi, algumas palavras que ouvi, algumas reflexões, escrevi textualmente o que aconteceu. Depois, coloquei-as em uma ordem e tentei encontrar uma citação bíblica, especialmente do Evangelho, com a qual pudesse me apoiar para compartilhar com vocês o que veio do meu coração com o profundo afeto que tenho pelas Irmãs Scalabrinianas.

É o olhar de um homem de fé que compartilha a jornada com vocês. Não é o olhar de um técnico, mas de um irmão que celebra o dom de Deus de ter compartilhado esses dias com vocês.

O primeiro, para onde devo apontar? Bem, o primeiro texto que quero compartilhar com vocês é um texto que vocês conhecem. O anjo vem até Madalena e lhe pergunta: “Mulher, por que você está chorando? E ela responde: Porque levaram o meu Senhor e não sei onde o puseram. Acho que todos nós sabemos que uma mulher judia só chamava Deus de senhor. E Madalena tornou-se digna de ser a primeira testemunha da ressurreição. Uma mulher. Não foi sobre Pedro que a igreja foi construída, a pedra, o príncipe, os apóstolos. Foi Madalena quem foi o primeiro arauto do triunfo da vida sobre a morte. Madalena não precisou ver o ressuscitado para continuar a acreditar que ele era o Senhor. Ele era o cuspidor, o fracassado, o crucificado.

Ele era o mestre da Galileia, aquele que continuava sendo o seu senhor. Durante dias, eu vi em vocês, mulheres da madrugada. Vi em vocês, e tenho visto isso nesses sete anos de jornada com muitas de vocês na Rede

* É secretário executivo da Rede CLAMOR, uma rede eclesial da América Latina e das Caraíbas que se ocupa da migração, da deslocação, do refúgio e do tráfico de seres humanos. É também diretor pastoral de CARITAS Venezuela.

¹ Transcrição do áudio da apresentação feita no IV Seminário MSCS, sem revisão do autor.

Clamor. Vi mulheres cuja vocação nasce de um profundo encontro com o Ressuscitado, porque essa é a única maneira de entender a vida consagrada hoje. Se não são mulheres que tiveram em suas vidas uma profunda experiência de encontro com o Ressuscitado, não podem ser semeadoras de vida. Não podem ser doadoras de vida.

Acho que as scalabrinianas têm uma marca distintiva. Ou seja, há uma maneira de ser scalabrinianas. Uma coisa que as distingue e que se pode perceber. E é um selo que foi legado a Scalabrini, mas que também foi transmitido aos migrantes com os quais vocês convivem. Quase posso dizer que, se eu vir uma pessoa na rua, posso dizer que ela é scalabriniana. Porque há um modo de ser scalabriniana, um modo de viver a vida religiosa como scalabrinianas que as torna diferente. E eu percebi isso fortemente durante esses dias. Que vocês são mulheres do amanhecer. Vocês são testemunhas da vida que se opõe a tanta cultura de morte, à cultura do descarte, ao empobrecimento, à violência que enfrentam todos os dias.

Um segundo elemento que encontrei foi, é claro, o texto de que eu era um estrangeiro e vocês me receberam. Isso me conecta. Eu adoraria poder argumentar mais [...]. mas acho que esta congregação tem muito claro que ela e a pessoa migrante são um lugar teológico. Não se trata apenas de um lugar sociológico. Acredito que essa é a principal maneira de ser fiel ao carisma fundamental: descobrir Cristo no migrante, Cristo no migrante. E isso faz com que vocês tenham uma contribuição distinta para a igreja, assim como os Padres Scalabrinianos. Se uma congregação decide abandonar, por exemplo, sua área de educação, nada acontece. Porque há milhares de congregações que frequentam escolas. Mas se as scalabrinianas pararem de trabalhar com os migrantes, quem na igreja fará isso com a mesma paixão, com a mesma agudeza, com a mesma aparência que o Espírito lhes deu, em um carisma que lhes foi dado para compartilhar com a igreja? Vejo que vocês têm um foco especial nas mulheres. Dentro da população migrante, uma atenção muito especial às mulheres, crianças e pessoas em extrema vulnerabilidade. E acho que isso é ótimo, porque elas estão respondendo aos sinais dos tempos. E que estão inquietos, porque ainda não encontraram [...]. Acho que a questão do acompanhamento de migrantes, mulheres e crianças é muito clara. Mas eu as vejo inquietos com a questão dos jovens e da pastoral vocacional. Ou seja, como ser fiel a esse carisma, como, a partir da identidade do que elas são, entrar na questão dos jovens e das mulheres jovens. Os jovens nas paróquias, os jovens nas comunidades de fé e, é claro, também os jovens migrantes.

E esse é um desafio para toda a igreja, mas para um carisma tão específico como o vosso, é um forte chamado. Porque eu me pergunto:

como despertar o interesse de uma jovem de hoje em se consagrar, em se tornar uma religiosa para cuidar dos migrantes? Não vejo isso como uma tarefa fácil. Para nenhuma congregação hoje, as vocações são fáceis, mas para um carisma tão específico como o seu, acredito que o tema dos jovens é um grande desafio e percebo que vocês ainda estão procurando como entender, como responder a esse desafio.

Um terceiro texto: Por que não? Por que não? Bem, por que escolhi esse texto? Porque é o encontro de Jesus com o cego. Jesus tem diante de si uma pessoa que não enxerga, que é cega. Mas ele tem a delicadeza de respeitar tanto o ser humano que ainda lhe pergunta: “O que você quer que eu faça por você? Ele não decide por ele, nem mesmo o óbvio, que é que ele vai querer um homem cego, mas ele para na frente desse homem que não pode ver e diz a ele: “O que você quer que eu faça por você? Ele não decide por ele. Quando o cego lhe diz: “Quero ver meu senhor”, então o milagre é realizado.

Nesse sentido, assim como para vocês, Ele e a pessoa migrante são um lugar teológico, vocês também estão entendendo o migrante como um sujeito, não como um objeto passivo que recebe ações de caridade, mas como um sujeito. E, portanto, nada sobre migrantes sem migrantes.

Acredito que vocês também sejam muito claras quanto a isso. Que aqui não se trata de trabalhar para os migrantes, mas com os migrantes, para percorrer um caminho de construção coletiva, de possibilidades para que a vida floresça, para que a vida seja plena, para que os direitos sejam exercidos. Todo esse caminho de construção participativa com os migrantes também está ajudando a priorizar o acompanhamento das organizações dos próprios migrantes.

Aymara, que é de uma organização de migrantes, falará a seguir. Vi isso em Honduras, vi isso no Brasil e vi isso em vários países, onde não se acompanha os migrantes isoladamente, mas se incentiva a organização comunitária para que os migrantes sejam realmente sujeitos, protagonistas de seus próprios processos. Gostaria muito de falar mais sobre isso... Bem, a parábola do Bom Samaritano. Todos nós sabemos em que ela consiste e termina quando Jesus lhe diz: “Bem, vai e faz o mesmo”. E como foi o olhar eclesial, vi em vocês o que o Papa Francisco nos convida a fazer na igreja, que é ser uma igreja samaritana. Em outras palavras, acredito que vocês são rostos dessa igreja samaritana que o Senhor quer que sua igreja seja, porque vocês são mulheres que participam com amor, e repito, com amor.

Vocês destacaram a importância do amor, daquele amor que é a única força capaz de transformar, a única força autenticamente revolucionária é

o amor, porque Deus é amor. Agora, quem disser que aquele que ama a Deus aqui e não ama o próximo é um mentiroso. Portanto, vejo mulheres que cuidam com amor dos feridos na estrada, em contraste com tantos fariseus hoje na igreja que continuam a colocar o sábado acima do homem. Muitos fariseus na igreja hoje estão fortalecendo os grupos de extrema direita, os grupos que se opõem ao Papa Francisco, aqueles que acreditam que a salvação é encontrada no templo e nos ritos e negligenciam o templo sagrado e autêntico que é o irmão e a irmã. E acredito que vocês são essa igreja samaritana.

E copiei literalmente essa expressão que considero muito desafiadora, que é o fato de o serviço pastoral ser o espaço de expressão do carisma na defesa e no cuidado da vida. Vocês expressam seu carisma no serviço pastoral. E o cuidado pastoral faz de vocês samaritanas, de cuidar dos feridos na estrada, aquela igreja samaritana para a qual o Senhor nos convida. Pedro, após a ressurreição, encontra um paralítico que, por causa de sua condição, tinha de pedir esmolas e vivia de esmolas. Se ele tivesse lhe dado esmolas, talvez naquele dia o paralítico pudesse comprar comida. Mas ele continuava sendo um paralítico, um pária, um excluído. E Pedro disse ao paralítico: Não tenho ouro nem prata, mas em nome de Jesus lhe dou o que tenho. Em nome de Jesus, levante-se e ande. E esse texto, como vejo isso em você? Vocês são, é claro, missionárias. Vocês são missionárias de Scalabrini. Não é uma vida religiosa qualquer. Vocês são missionárias. E, portanto, isso nos conecta com outra noção importante do pontificado do Papa Francisco, que é a igreja em saída. Vocês são evangelizadoras que animam comunidades de fé e vida, que, como resultado do encontro com Jesus, o Migrante, caminham com seus próprios pés. Quando Pedro lhe contou o dom, qual era o dom? Que o paralítico pudesse andar com seus próprios pés. E acredito que vocês também têm muita clareza sobre isso. Portanto, há uma tensão em vocês para superar o olhar assistencialista, que é uma grande tentação no trabalho com os migrantes.

Não ficar apenas com uma abordagem assistencialista, porque a situação é grave, porque eles estão de passagem, porque hoje eles são alguns, hoje são outros. E acho que é por isso que vocês estão entrando na questão dos meios de subsistência, da economia solidária, do atendimento psicossocial. Vocês estão preocupados com o treinamento de agentes pastorais, com a educação, com a defesa política. E são muito claras sobre os quatro verbos do Papa Francisco: acolher, proteger, promover e integrar.

Próximo texto: Havia uma mulher lá que, por causa de um demônio, estava doente há 18 anos. Ela estava curvada e não conseguia se endireitar de jeito nenhum. Em seu encontro com Jesus, ela conseguiu se endireitar. Como vejo isso em vocês, scalabrinianas? Vejo uma igreja profética a

serviço daqueles que estão curvados e dobrados por esse sistema, pela cultura do descarte, da indiferença e da inclusão. Vejo mulheres religiosas que estão determinadas a reivindicar o direito de não serem forçadas a migrar. Mulheres religiosas que denunciam as causas estruturais da migração forçada, ou seja, mulheres religiosas que têm uma visão política.

E isso é algo que eu saúdo e pelo qual sou grato.

E eu aplaudo, porque nem todas as congregações o fazem. Vocês são como samaritanas que atendem aos feridos na estrada, mas também têm uma visão política, denunciando as causas estruturais da migração forçada, entendendo o que o Papa Francisco diz na *Fratelli Tutti*, que assim como defendemos o direito de migrar, também devemos defender o direito de não sermos forçados a migrar, para que todos em seu próprio país possam ter condições de viver com dignidade. Vocês também estão trabalhando para resolver as causas estruturais.

O texto dos discípulos de Emaús, aproximou-se e caminhou com eles. Dois verbos importantes para a vida e a missão das scalabrinianas: aproximou-se e caminhou com eles. Então, como eu vejo isso, como eu vi isso nesse encontro? Vi uma expressão clara do coração do Concílio Vaticano II na *Lumen Gentium* e na eclesiologia do Papa Francisco, que é a noção de igreja, o povo de Deus. Aquela igreja que se aproxima e caminha com os viajantes em direção ao Reino. E vocês caminham em direção ao Reino a partir da estação de Milão. Esse é o ponto de partida, que descobri, experimentei, como, a partir da estação de Milão, caminhar como o povo de Deus em direção ao Reino, aquele povo que está peregrinando em direção ao Reino.

Portanto, uma congregação que reconhece que o *sensus fidei* reside nas pessoas e não apenas na hierarquia da igreja. O *sensus fidei* do qual tanto se falou no sínodo e que, portanto, é claro quanto à importância de ouvir hoje.

Está claro no texto de João 17, 21, que todos sejam um para que o mundo possa crer. A outra noção importante é a da igreja, da eclesiologia do Vaticano II, a igreja é o sacramento da comunhão. Vocês, em si mesmas, são uma experiência sinodal, porque todo ser e fazer é feito em comunidade. Vocês são comunidades de vida a serviço das comunidades. Enfatizo o tema da família scalabriniana, que vocês estão a serviço de vários níveis, das conferências episcopais, das dioceses, das paróquias, animando especialmente o tema da pastoral da mobilidade humana.

Que vocês trabalhem em conjunto com bispos, padres e leigos, que estejam cientes da importância do trabalho em rede e de que não se trata de um conjunto de ações, mas de ações conjuntas, como foi dito no texto.

Bem, eu olho para o futuro porque sou um homem de fé e estou abrindo meus olhos e meus sentidos para perceber o clamor dos empobrecidos e excluídos, dos que passam fome, da miséria, de um sistema que mata, dos poucos que acumulam o capital que deveria ser distribuído entre todos para que a felicidade chegasse a todos, para que a possibilidade de uma vida digna chegasse a todos, daqueles que provocam a migração forçada, daqueles que depredam a casa comum e provocam secas ou enchentes para deslocar comunidades inteiras de suas comunidades, de suas terras, daqueles que matam de fome, de doenças e de medo. Embora escute com meu coração e com meus ouvidos esses clamores, também sou um homem de esperança que acredita que isso é possível, que na América Latina e no mundo este texto do Apocalipse é possível: “Vi um novo céu, uma nova terra e ouvi uma voz que clamava do trono: Esta é a morada de Deus com os homens, ele habitará entre eles, enxugará as lágrimas de seus olhos, não haverá mais morte, nem luto, nem choro, nem dor, pois tudo o que existia antes passou”. E por acreditar que vocês são semeadoras dessa esperança, dessa utopia, que a palavra de Deus começa com Deus criando e termina com Deus recriando, com Deus prometendo que a morte será vencida e que haverá um novo céu e uma nova terra, ratifico com alegria que vocês são peregrinos da esperança.

Muito obrigado.

2. ASPECTO MIGRATÓRIO OBSERVAÇÕES

*Aimara Sanchez Martinez**

Ter espaços que nos aproximem de Deus é sempre um desafio quando se é migrante, quando a fé é compartilhada, mas se torna viva quando adquire o idioma, as tradições e as necessidades do povo de Deus. Em minha experiência de vida em mobilidade, mudando de país por motivos de proteção e na formação de fé que tive, houve oportunidades em meu país de origem, a Venezuela, de estar perto de espaços onde a universalidade da Igreja que caminha e denuncia profeticamente as injustiças está presente. No entanto, isso não foi possível neste novo país que me acolhe, Colômbia porque, embora compartilhemos a língua e muitos costumes, o novo é estranho e o estranho é estigmatizado como responsável pelos males sociais que afligem esses países anfitriões.

É por isso que ter a experiência de participar do Seminário Congregacional da Pastoral dos Migrantes e Refugiados é uma lufada de ar fresco; além de nos permitir descobrir e desenvolver ideias em favor das pessoas em torno do respeito à sua dignidade humana e identificar o migrante como um lugar teológico, reconhecendo nele a presença divina de nosso Senhor. “Tudo sobre nós, sem nós” não é algo que seja sentido dentro da congregação, onde, devido à dinâmica da vida religiosa, cada um de vocês é naturalmente também um migrante, com diferentes motivações, mas acolhendo cristocentricamente aqueles que mais precisam.

Gostaria de destacar alguns aspectos do seminário que me chamaram a atenção e que, de fato, nos permitem identificar marcos importantes no processo que ocorreu durante esta semana.

* Geóloga. Mestre em Gestão de Riscos Geológicos em Contextos Humanitários. Presidente da Fundação Fraternidade Venezuelana, coordenadora de comunicação da Rede Los Buenos Somos Más. Delegada do Bureau para a ligação entre as organizações da sociedade civil e as agências da ONU. Migrante venezuelana filha de refugiados colombianos. Directora Nacional da Pastoral Juvenil na Venezuela, trabalhando sobre a Doutrina Social da Igreja. Animadora da Laudato Si.

Em primeiro lugar, retomo a ideia de **Universalidade** que esteve presente neste seminário através da presença de irmãs da congregação vindas de todos os cantos do mundo, com línguas diferentes, mas com a mesma fé e o mesmo carisma, que é o que começa a diferenciar a ação da Igreja viva daquela das organizações sociais, das ONGs ou da Cooperação Internacional. A acolhida que vocês oferecem é aberta a partir da própria presença, saudação, alegria e vitalidade que cada um de vocês transmite com sua presença e a paixão pelo trabalho que realizam.

Essa diversidade cultural sempre enriquece os espaços e não permite que ninguém se sinta mal por ser diferente, pelo contrário, sente-se a paz de espírito de saber que, por mais diferentes que sejam, todos são bem-vindos à vinha e que, inevitavelmente, fazem com que seus locais de trabalho estejam presentes, olhando para os migrantes e refugiados, pessoas deslocadas como pessoas que são conhecidas, reconhecidas e dignificadas por meio de todas as ações que colocam em prática.

Os espaços de mística, assim como as eucaristias, permitiram que o trabalho não fosse meramente acadêmico, mas que nos deixássemos guiar pelo Espírito, que em sua infinita sabedoria capacita os escolhidos, a consciência dessa **espiritualidade** que se torna empática com as pessoas que são a razão de sua vocação trouxe para o espaço muitos daqueles que passaram por suas vidas e tiveram o privilégio e a bênção de serem Bíblias vivas para suas vidas. Ouvi atentamente as histórias de todos os que puderam me contar, desde os acontecimentos em que a imaginação fica aquém até os sorrisos das crianças, meu coração se dilatou e se amassou um pouco quando a reflexão me levou a pensar que sempre podemos fazer mais, não por causa de nossa própria força, mas por causa de Cristo que vive em nós.

É importante que a Igreja, que tem sido uma migrante desde seus primórdios, que a congregação, ao viver seu carisma, não se deixe alienar pelo mundo e suas agendas, mas que saiba como mostrar a presença de Jesus e sua mensagem no meio das sociedades. Que possamos nos diferenciar para não nos identificarmos ou simpatizarmos com qualquer ideologia, mas com a nossa fé como bandeira, mesmo que acolhamos e recebamos todos, independentemente de seu foco.

Fiquei agradavelmente surpresa com as **experiências** e com a forma como são contadas, com o alcance que têm e, mesmo que não sejam reconhecidas, fazem um grande bem à humanidade. É necessário que as histórias sejam contadas não para nos vangloriarmos das conquistas, mas para motivar mudanças nos outros, para ajudar a formar leigos que tenham a mesma vocação e que, ao compartilhar essas boas práticas, possamos criar um núcleo maior que se dedique a priorizar aqueles que, por causa

de suas condições de vida, decidiram sair de seus lugares de origem com a esperança de encontrar oportunidades, para que não se tornem um medo de voltar ou do que possa lhes acontecer no caminho, sem saber que há mãos fraternas que os ajudam a caminhar.

Também é importante que essas histórias sejam contadas com o reconhecimento de todo o conhecimento acadêmico acumulado não só pelos estudos, mas também pela prática de sua vocação. Muitas vezes de especialistas em migração não falam de valores cristãos, não falam de acolhimento ou fraternidade e, é claro, não falam de Deus. E, idealmente, como leiga, fiquei agradavelmente surpresa ao ouvir que a Igreja tem essa sabedoria, que a congregação a usa em favor de seu carisma de acolher migrantes e refugiados e que tem *autoridade* para dar voz àqueles que não a têm.

Também sinto que os **tempos** foram muito precisos, com uma agenda muito bem administrada, embora eu diria reduzida, para todas as reflexões e necessidades de cada um dos tópicos discutidos, e talvez isso esteja colocando uma camisa de força no Espírito que nos renova na comunidade eclesial que somos e cuja ação sempre depende de sermos fiéis ao chamado. Faltam espaços para a articulação entre países de uma mesma região, para falar de temas específicos e, ao mesmo tempo, gerar ações que mostrem que a congregação é uma só e que, em qualquer parte do mundo, sempre encontrará espaços de acolhida e programas que enriqueçam a caminhada de quem está em mobilidade. Para que o urgente não tire o tempo do importante. Deve haver uma área unificada de resposta às emergências geradas pela mobilidade humana, para unir forças, para que as pessoas saibam onde procurar ajuda e não sejam vítimas de mais abusos, para promover a dignidade humana.

As **respostas** que eles encontraram são humildes e múltiplas, o que lhes permite ter um banco de iniciativas que podem ser replicadas de uma região para outra, adaptando-as à sua própria realidade. O convite é não se apaixonar pela solução e viver buscando soluções baseadas nas necessidades dos migrantes e refugiados e não no que acreditamos ser adequado para suas vidas. Dignificar para reeducar, integrar e tudo a partir da perspectiva do amor ao próximo. Sem deixar de lado a importância dos instrumentos de regularização e validação dos estudos, bem como as oportunidades de emprego com dignidade.

A **perspectiva** com a qual vocês olham para a migração, para os refugiados, para as necessidades das populações é única, porque é feita a partir de sua alegria, de sua ação incansável, de seus princípios e convicções, mas acima de tudo da fé, que sem obras não é nada e que vocês, irmãs, transformaram cada uma de suas ações em uma oração, é

uma vocação de vida que está presente e que é necessária para mostrar ao mundo que está cada vez mais convulsionado, muitas vezes esquecendo o que é realmente importante.

Acabo sendo imensamente grata à Congregação, a todos os presentes e convidados que, a partir de suas áreas de fé em ação, acolhem, protegem e promovem a integração de migrantes e refugiados, o que para muitos significou uma mudança em uma vida cheia de dificuldades e realidades em que a imaginação fica aquém. Há uma necessidade de proteção do humano e do divino, e isso também conta com organizações como a minha, Fraternidad Venezolana, liderada por migrantes e refugiados que, sendo poucos, trabalham com poucos ou nenhum recurso e que também se refletem nessa ação de nossa Igreja Católica, de sua congregação.

Se como Igreja somos todos evangelizadores, esse carisma scalabriniano deve contar com o uso de tecnologias, redes e recursos como inteligência artificial, podcasts que levem um passo adiante a presença digital de Jesus no mundo real. Tornar-se literalmente evangelizadores digitais, com a esperança de poder conectar em tempo real as regiões que têm para mostrar não só o alcance, mas para inspirar as pessoas que querem fazer e não encontram um sentido de vida e que poderiam encontrá-lo aqui na Congregação como religiosos, religiosas ou leigos, e para aqueles que continuam em peregrinação permanente para ter em mente que eles não estão sozinhos, que há pegadas na Arena.

Vocês são Irmãs Scalabrinianas “administradoras da dor” e gestoras da esperança! Obrigada a vocês.

Com Maria é mais fácil caminhar, somos UM em Jesus.

3 ELEMENTOS DE CONFIGURAÇÃO INSTITUCIONAL OBSERVAÇÕES

*Anabela Belo**

Antes de mais obrigada pelo convite, pelas vossas apresentações, as quais mostraram os vários níveis que o vosso trabalho abrange, ou seja, é diverso, vai desde a ajuda humanitária/de emergência, passando pela educação, pela assistência à saúde física e mental, à justiça, até ao trabalho de advocacy tanto a nível local, como a nível nacional e aspirando intervir também a nível internacional.

Percebi que existe consciência da diversidade cultural, religiosa, dos interesses e motivações etc. que caracterizam os diversos grupos de migrantes, assim como há um reconhecimento da necessidade de criar pontes e fortalecer o trabalho em rede para que as atividades tenham um impacto mais forte.

Eu observei e tentei, desde fora, compreender os vossos objetivos, as vossas estratégias e formas de atuar. Certamente que muito ficou por dizer sobre este tema complexo, e acredito que algumas das minhas observações já foram discutidas por vocês e levadas em conta nas vossas planificações.

Mas o meu papel como observadora externa é relatar sobre o que entendi à base das vossas apresentações, assim vou mencionar os três pontos mais relevantes:

O vosso trabalho é muito espiritual; é motivado pela fé, pela solidariedade, pela empatia e pelo amor ao próximo [...].

Declarações como: “Trabalhamos muito, estamos lá e vemos a dor...” etc. são muito emocionais e podem significar que não sentem que o vosso trabalho é suficientemente valorizado e apreciado.

* Cidadã de Portugal, vive na Alemanha. Trabalhou em MISEREOR durante 31 anos, sendo que durante quase 15 anos foi responsável por projetos em Angola e Moçambique, incluindo projetos de investigação. Trabalhou também em projetos globais, consultorias e iniciativas no campo eclesial.

O que é que isso faz com vocês? Como está a vossa resiliência? Tem um espaço de proteção para vocês mesmas? O Roberto foi muito oportuno em focar este aspecto na manhã de hoje.

Ao mesmo tempo vocês estão sentindo as mudanças que estão acontecendo e tentam adaptar-se e encontrar respostas para os novos desafios, por exemplo fortalecendo o trabalho de incidência política. Mostra que vocês vão com o tempo.

Vou falar sobre 3 pontos: Migrantes, Inclusão e Advocacy.

- **Os Migrantes:** Normalmente descreve-se o migrante como um grupo homogêneo que necessita de ajuda. O migrante traumatizado, violentado [...]. Também se falou muito daquilo que se faz pelos migrantes, mas falou-se menos – pelo menos na minha percepção – sobre os potenciais dos migrantes (nem como avaliam as prioridades dos diferentes grupos.) Isso não significa que não considerem esse aspecto, mas se lhes derem mais atenção, isso torna-se mais presente no vosso trabalho, na vossa forma de agir e vai fortalecer o protagonismo dos migrantes, transformando-os de beneficiários em atores/agentes do seu próprio desenvolvimento – e também para que fique claro que “não decidimos por eles, mas com ele”, como disse o Hermel Mendoza).

Sugestão: por ex. formação de líderes migrantes com conhecimentos sobre os seus direitos e sobre as entidades onde os podem reclamar (com o vosso acompanhamento, sempre que necessário) poderia dar-lhes mais protagonismo.

- **A Inclusão:** A inclusão de “estranhos”, que recebem apoio, numa comunidade que também tem necessidades, é a causa de muitos conflitos. Não entendi bem como trabalham este aspecto e como iniciam as vossas atividades conjuntas. Como é feita a inclusão dos migrantes nas comunidades de acolhimento? Como analisam os possíveis conflitos? Como incluem os residentes neste processo e como eles podem ter também vantagens? (Por exemplo: existe uma grande falta de pessoal no mercado de trabalho a vários níveis, e por outro lado há muitos migrantes esperando ser introduzidos no mercado de trabalho; sistemas extremamente burocratizados, falta de pessoal para atender as demandas são alguns dos fatores que impedem uma boa e célere inclusão).

Sugestão: Recolher dados sobre boas práticas e bons exemplos de inclusão que trazem vantagens para a comunidade e para o país acolhedor. A realização de pesquisas participativas em ação com envolvimento de migrantes e residentes. Levar em consideração o número de migrantes em relação ao número de residentes. Envolver residentes e entidades locais no processo de inclusão. Comunidades informadas e envolvidas nos processos de inclusão não são tão receptíveis aos discursos dos partidos de direita e não vão votar neles. A sua prontidão e disposição para se engajar na defesa dos direitos dos migrantes cresce (p. ex. manifestações na Alemanha). Assim, os atores locais têm um papel muito importante na influência e pressão que exercem junto aos respetivos governos para a criação de sistemas de ajuda para migrantes. As possibilidades de inclusão, no entanto, variam de país para país, pois cada um tem o seu sistema de atendimento. Ao mesmo tempo é importante e necessário observar como o contexto pode mudar, seja por influências externas, como por influências internas (vários fatores, como perigo de uma guerra na Europa, por ex., estão a dificultar a angariação de fundos para migração e há a intenção de reduzir o número de migrantes no país). Estas situações podem levar ao retrocesso de avanços já alcançados, por isso devemos sempre pensar em alternativas para poder reagir com prontidão. Os atuais discursos de partidos da direita, como “reimigração”, põem severamente em risco a segurança de migrantes e de estrangeiros.

- **A Advocacy:** Aqui é preciso ter claro: A quem me dirijo, a quem apresso, de quem reclamo os meus direitos? Os diferentes grupos de pessoas em movimento têm direitos diferentes. Para alguns grupos aqui presentes parece ser clara a importância da recolha e sistematização de dados sobre boas práticas como um instrumento fundamental para poder influenciar as políticas locais e ou nacionais. Outros grupos não dão tanto peso à sistematização de aprendizagens e concentram a maior parte da sua atenção na ajuda humanitária, pois esta está mais próxima da sua vocação e compromisso. No entanto, ambos os aspectos são importantes – os migrantes precisam primeiro de “projetos de ajuda de emergência”; mas sem um trabalho orientado para os processos, que possam dar exemplos de êxitos, será difícil conseguir mudanças nas políticas de migração. Para poder influenciar políticas de migração em qualquer nível, seja ele local, nacional ou internacional, é preciso

ter uma boa estratégia e um bom sistema de sistematização de dados.

Sugestão: A recolha e sistematização de boas práticas é fundamental para demonstrar os efeitos positivos resultantes do trabalho com os migrantes e assim poder influenciar as políticas de migração. Isto implica ter bons sistemas de monitoria e avaliação. Um bom exemplo da importância de um trabalho bem coordenado entre os diferentes grupos envolvidos é o resultado do trabalho do MST apresentado esta manhã.

Alguns pontos que podem levar em consideração:

- a. A elaboração de um plano estratégico poderia ajudar a compreender o papel de cada um e, assim, a definir os objetivos, e as estratégias e atividades necessárias para os alcançar.
- b. Uma análise do contexto/análise da realidade onde se está inserido poderia ajudar a entender os desafios e a que nível temos capacidade de intervir de acordo com os instrumentos e capacidades de que dispomos, e então definir os objetivos e as ações a realizar em conformidade (análise que deve ser feita regularmente, pois o contexto hoje em dia muda frequentemente).
- c. Quando o objetivo estiver claro, pode então elaborar-se um mapeamento que inclua os vários atores com os quais poderemos interagir, de forma a poder fazer ouvir as nossas demandas a vários níveis: local, nacional, internacional (“pensar globalmente, agir localmente” como mencionou a Irmã Carmem Bandedo). Para tal, é necessário sistematizar o trabalho e avaliar regularmente os avanços constatados/as mudanças alcançadas, pois a situação/o contexto em que nos inserimos muda muito rapidamente; uma avaliação regular do grau de alcance dos meus objetivos ajuda-me a compreender se os mesmos são realistas, se as minhas atividades estão a dar certo e permite-me a adaptar em tempo as ações à nova situação.
- d. É fundamental pensar numa estratégia para a disseminação de boas práticas entre as diversas organizações, não só como forma de aprendizagem, como também para poder vivenciar os sucessos do trabalho.
- e. É muito importante assumir um discurso que contraponha o discurso dos partidos de extrema-direita, e isso passa também por

identificar e descrever as vantagens da migração, paralelamente ao trabalho de inclusão, como já falei acima.

- f. Também seria aconselhável discutir uma estratégia para reagir de forma adequada aos espaços cada vez mais restritivos que os governos impõem – sem pensar nos riscos que corremos em países com governos de extrema-direita e declaradamente racistas (novo discurso de “Reimigration” - “deportação” na Alemanha).
- g. Finalmente queria voltar sobre dois pontos que a Ir. Marlene mencionou: A Distância: eu também senti esta distância entre os grupos, considerando que todos trabalham para o mesmo fim - e perguntei-me: O que eles sabem uns dos outros? Como coordenam as suas atividades? Como comunicam e trocam experiências e aprendizagens? Estão seguros de que compartilhem todos a mesma visão?

A sustentabilidade

Representa deveras um desafio. A extrema-direita argumenta que se fizermos muito pelos migrantes, ou seja, se respeitarmos a lei de migração e reconhecermos os direitos dos distintos grupos de migrantes, mais pessoas quererão vir. Alguém comentou aqui que são migalhas aquilo que os migrantes recebem, mas isso encoraja mais pessoas a migrar. Aqui é preciso ter cuidado – a argumentação de que a ajuda dada a migrantes encoraja mais pessoas a migrar, está a ser assumido na Alemanha pela extrema-direita. Assim, sustentabilidade não é apenas uma questão financeira – é uma questão política que só podemos abordar se apresentarmos experiências positivas. Os governos da Europa estão a adotar cada vez mais o discurso dos partidos de direita e estão a tornar-se cada vez mais restritivos no que diz respeito à migração. Os recursos financeiros para a ajuda ao desenvolvimento estão a tornar-se cada vez mais escassos porque a ameaça de guerra na Europa é cada vez maior e mais presente - assim, são necessários recursos para o exército.

Por isso, é importante:

- a. Tornar o trabalho mais político, mudar o discurso sobre migração;
- b. Dar mais visibilidade aos efeitos positivos e alcances do trabalho;
- c. Tornar-se mais resiliente e ser flexível, uma vez que a situação atual muda rápida e frequentemente.
- d. De uma forma um pouco mais esquemática, podem talvez refletir à base dos seguintes pontos:

- e. Há uma visão comum de como a organização/instituição: se configura em relação à sua missão (divisão do trabalho); se percebe a si mesma, procura ser e o que pode aprender da atuação e do ardor missionário, assim como do perfil de seus membros (introdução de exemplos práticos e das experiências dos seus membros)
- f. A minha missão está clara? Para que fim existimos (Quais são as minhas prioridades)? O que fazemos e para quem (Quem quero alcançar com as minhas atividades)? Prestar ajuda humanitária aos migrantes necessitados? E/ou Contribuir à elaboração de leis justas que protejam migrantes e os seus direitos? Qual é a minha estratégia e que competências tenho para a executar? Tenho à disposição as ferramentas necessárias para atingir os meus objetivos (conhecimentos, contatos)? Tenho claro o que é a quem devo incluir nas minhas atividades para atingir os meus objetivos?
- g. E, finalmente, gostei muito de ouvir as experiências dos estagiários em Moçambique – o intercâmbio sul-sul foi um tema em que eu pus muito ênfase!

Obrigada, bom descanso e bom regresso às vossas casas!

4 PROGRAMA DO V SEMINÁRIO
CONGREGACIONAL DA PASTORAL DOS
MIGRANTES E REFUGIADOS/A
BOGOTÁ, 05-08 DE MARÇO 2024

Irmãs Missionárias Scalabrinianas

SEGUNDA-FEIRA – 04/03/2024

- 14h00** Acesso aos quartos
- 16h00** Credenciamento
- 19h00** Jantar
- 21h00** Reunião com os Facilitadores dos Painéis

TERÇA-FEIRA - 05/03/2024 - ANÁLISE DA SITUAÇÃO MIGRATÓRIA E AS RESPOSTAS DAS IRMÃS MISSIONÁRIAS SCALABRINIANAS HOJE

- 07H00** Celebração Eucarística - Província de Maria, Mãe dos Migrantes
- 08h00** Café da manhã
- 08h30** Credenciamento
- 09h15** Comunicações
- 09h30** Mística
- 10h00** Discurso de abertura do V Seminário MSCS - Irmã Neusa de Fátima Mariano

10h20 Painel 1: A REALIDADE EM QUE A CONGREGAÇÃO ATUA
Apresentação dos relatórios dos 7 Encontros Regionais sobre o tema

Facilitadora: Ir. Carolina de França, mscs

Palestrantes responsáveis por cada Região

11h50 Refrescos

12h00 Pannel 2: ANÁLISE DA REALIDADE DA MIGRAÇÃO

Facilitadora: Renata Dubini

Palestrante: Ir. Carmem Elisa Bando UISG (Espanha)

13h00 Almoço

14h20 *Vídeo 1*

14h30 Pannel 3: RESPOSTAS DA CONGREGAÇÃO AOS DESAFIOS DA MOBILIDADE HUMANA – Apresentação dos relatórios dos 7 Encontros Regionais sobre o tema

Facilitadora: Ir. Ana Paula Rocha, mscs

Palestrantes responsáveis por cada Região

16h00 Refrescos

16h20 Pannel 4: ANÁLISE DA AÇÃO ESTRATÉGICA CONGREGACIONAL

Facilitadora: Ir. Carmem Elisa Bando

Observador: Renata Dubini (Itália)

Observador: Hermel Mendoza (Equador)

Observadora: Ir. Luiza Dal Moro, mscs (Brasil/EUA)

18h00 *Vídeo 2*

18h10 Lançamento do livro da Editora CSEM

19h00 Jantar

QUARTA-FEIRA 06/03/2024 – PRINCIPAIS ESTRATÉGIAS DA ATIVIDADE MISSIONÁRIA DOS MSCS

07h00 Celebração Eucarística – Província São José

08h00 Café da manhã

08h45 Comunicações

09h00 Mística

09h30 Pannel 5: ACOLHIDA E PROTEÇÃO DA VIDA

Facilitadora: Ir. Marivane Chiesa, mscs

Boas práticas:

Ir. Shirley Anibale Guerra, mscs (Brasil)

Ir. Albertina Pauletti, mscs (Brasil/México)

Ir. Odila Roman Ross, mscs (Brasil)

Moderadora: Ir. Rosita Milesi, mscs (Brasil)

Moderador: Jaime Ruiz de Santiago (México)

11h00 Lanche

11h20 Painel 6: PROMOÇÃO, INTEGRAÇÃO E PROTAGONISMO

Facilitadora: Irmã Claudete Lodi Rissini, mscs (Brasil)

Boas práticas:

Ir. Ligia Ruiz, mscs (Colômbia/Honduras)

Ir. Leda dos Reis, mscs (Equador)

Ir. Valdete Willeman, MSCS (Colômbia)

Moderadora: Ir. Valdiza Carvalho, mscs (Brasil/Honduras)

Moderador: Handerson Joseph (Haiti/Brasil)

12h50 Foto do grupo

13h00 Almoço

14h30 Vídeo 3

14h40 Painel 7: ANIMAÇÃO PASTORAL E COORDENAÇÃO ESTRATÉGICA

Facilitadora: Ir. Ana Silvia Zamin, mscs

Boas práticas:

Ir. Carla Frey Bamberg, mscs (Brasil/Angola)

Ir. Milva Caro, mscs (Itália/Alemanha)

Ir. Vijaya Stella John Joseph (Índia/Itália)

Moderadora: Ir. Marlene Wildner, mscs (CSEM)

Moderador: Israel Arevalo (CLAR)

16h10 Lanche

16h30 Painel 8: CONSCIENTIZAÇÃO, REDES E ADVOCACIA

Facilitadora: Ir. María Eugenia Vazquez, mscs

Boas práticas:

Adriano Pistorello (Brasil)

Ir. Marcedita P. Saboga-a, mscs (Filipinas/Taiwan)

Thiago Ubinski (Brasil)

Moderador: Ir. Leticia G. Valdarrama (México/Espanha)

Moderador: Jorge Durand (México)

18h00 Apresentação de dança folclórica – Crianças da Fundação San Antonio – Bogotá

19h00 Jantar

20h00 Mística

20h30 Noite cultural

QUINTA-FEIRA – 07/03/2024 – RAZÕES PARA AS ESCOLHAS ESTRATÉGICAS DA MISSÃO MSCS

07h00 Celebração Eucarística – Delegação Ásia

08h00 Café da manhã

08h45 Comunicações

09h00 Mística

9h30 Painel 9: PERSPECTIVAS MISSIONÁRIAS DA FAMÍLIA ESCALABRINIANA

Facilitadora: Ir. Elizangela Chaves Dias, mscs

Movimento Leigo Missionário Scalabriniano: Pablo Karloto

Missionária Secular: Luiza Deponti

Missionários Scalabrinianos: Pe. Leonir Chiarello

Irmãs Missionárias Scalabrinianas: Ir. Janete Ferreira

11h00 Lanche

11h20 Painel 10: CONSTRUINDO UMA POLÍTICA DE VOLUNTARIADO MSCS

Facilitadora: Ir. Marlene E. Wildner, mscs

CSEM: Tuila Botega e Igor Cunha (Brasil)

Fundação Scalabriniana: Gaia Mormina (Itália)

Testemunho: Brenda Ribeiro (Brasil/Moçambique)

Testemunho: Christofer Montenegro (Equador/Itália)

12h50 Vídeo 4

13h00 Almoço

14h00 Visita à Missão MSCS em Bogotá

19h00 Jantar

SEXTA-FEIRA – 08/03/2024 – PERSPECTIVAS DA ESPERANÇA

07h00 Celebração Eucarística – Província de Nossa Senhora de Fátima

08h00 Café da manhã

8h40 Vídeo 5

9h00 Mística

9h30 Painel 11: RUMO A UM MODELO DE SERVIÇO ITINERANTE MSCS

Facilitadora: Ir. Juliana Rodrigues, mscs

CSEM: Roberto Marinucci (Itália/Brasil)

CSEM: Carmem Lussi (Brasil)

Experiência intercongregacional: Ir. Carmelita CMI (Haiti)

Testemunho: Ir. Nyzelle J. Dondé, mscs (Brasil/República Dominicana)

11h00 Refrescos

11h20 Painel 12: ADVOCACIA PARA A ADVOCACIA E PROMOÇÃO DE DIREITOS

Facilitadora: Ir. Luiza Dal Moro, mscs

Andreas Feldmann: Advocacy e os desafios da migração em trânsito (Chile/EUA)

Helena Olea: Advocacy relacionado a questões de migração e refugiados (Colômbia/EUA)

Depoimento: Rede CLAMOR: Trabalho em rede e defesa de direitos – Elvy Monzant

Testemunho: Rede VIVAT – Ir. Clarice Barp, mscs (Brasil/Espanha)

12h50 Vídeo 6

13h00 Almoço

14h30 Vídeo 7

14h40 Grupos de trabalho:

PERSPECTIVAS: O que levamos deste evento? Que perspectivas e compromissos ele nos sugere para a nossa realidade regional?

Facilitadora: Ir. Clarice Barp, mscs

Coordenação e secretaria do grupo:

Grupo 1 – Inglês: Ir. Marcedita P. Saboga-a e Ir. Elizabeth Pedernal

Grupo 2 – Italiano: Ir. Eleia Scariot e Ir. Analita Candaten

Grupo 3 – Espanhol: Ir. Juliana Rodrigues e Ir. Zenaide Ziliotto

Grupo 4 – Português: Ir. Thiago Ubinski e Ir. Vicentina Roque dos Santos

Grupo 5 – Português: Ir. Osani B. da Silva e Ir. Shirley Anibale Guerra

16h10 Lanche

16h30 Vídeo 8

16h40 Painel 8: MESA DE ENCERRAMENTO DOS TRABALHOS

Facilitadora: Ir. Janete Ferreira, mscs

Resultados do trabalho em grupo

Palavras dos observadores:

Aspecto Eclesiológico – Elvy Monzant – Rede CLAMOR

Aspecto migratório – Aimara Sánchez – Fraternidade Venezuelana

Aspecto institucional – Ana Bela – Ex-MISEREOR

Avaliação final

18h00 Mística e conclusão dos trabalhos

19h00 Jantar



Scalabriniane.org



missionariescalabriniane



csem.org.br



csembrasilia